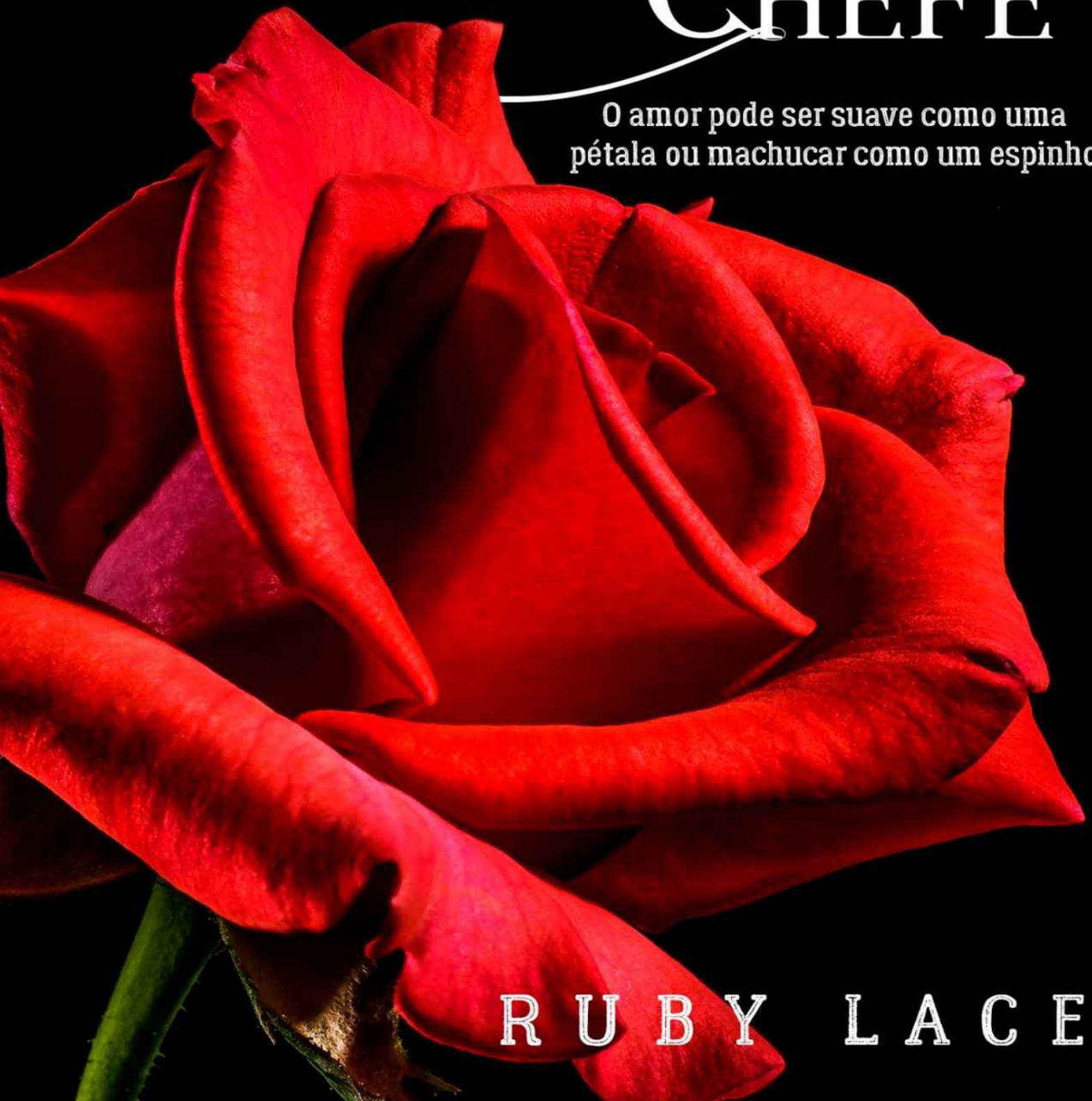
A Bela e o Chefe

O amor pode ser suave como uma pétala ou machucar como um espinho



RUBY LACE

A Bela e o Chefe

RUBY LACE

Copyright © 2017 Ruby Lace.
Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte desta obra pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem a autorização das autoras. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei n° 9.610/98, punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Capa: Camille Etwas
Imagem: © Pixabay
Diagramação Digital: Ana Testahy
Revisão: Cristiane Castro

Esta é uma obra de ficção. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Sinopse

O primeiro trabalho de Nora Maia está longe de ser a dos seus sonhos, e ainda mais longe da área profissional a qual ela almeja seguir e lutou com unhas e dentes para ingressar na faculdade, a de medicina. Em vez disso, Nora sacrificou tudo para trabalhar como governanta de um dos homens mais ricos e cobiçados do país, Átila Douglass. Mas todo sacrifício é válido para ajudar àqueles a quem ama.

Átila Douglass nasceu em berço de ouro, é um grande apreciador de bebidas e mulheres, vantagens de ser herdeiro de uma grande rede de cervejaria. Seu nome é mundialmente conhecido pela marca de qualidade Douglass. No entanto, por trás do sorriso galanteador e do bom status, se encontra um homem grosseiro e com um temperamento difícil de lidar. Nenhuma pessoa foi capaz de suportar sua personalidade tempestuosa por muito tempo, com exceção dela.

Isolados em uma ilha, segredos sombrios vem à tona, assim como o sentimento que desperta entre os dois. Porém, diante de um momento difícil e perturbador, o maior sacrifício ainda será feito, tudo em nome, é claro, do amor.

Sumário

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33
Capítulo 34
Capítulo 35
Capítulo 36
Capítulo 37
Capítulo 38
Capítulo 39
Capítulo 40
Epílogo
Sobre a autora

"É loucura odiar todas as rosas porque uma te espetou."

Antoine de Saint-Exupéry, *O pequeno príncipe*.

Capítulo 1



Sacrifícios.

Era tudo o que eu conseguia pensar naquele momento.

Desde os pequeninos e inofensivos, como oferecer o último biscoito do pacote só para ver o sorriso brotar no rosto do seu irmãozinho, até os imensos capazes de alterar para sempre o rumo de nossas vidas. Alguns sacrifícios pesam na alma e chegam a doer, outros nos presenteiam com uma sensação de leveza e paz de espírito.

Contudo, existia outra categoria, uma a qual estava vivenciando naquele instante. Aquele tipo de sacrifício era uma mistura dos dois lados, o bom e o ruim, pois, por mais que eu quisesse ajudar a minha família a se manter e cuidar da minha adoecida mãe, o fato de eu precisar abdicar dos meus estudos e de um futuro promissor estava me matando por dentro.

Entreguei o bilhete para o funcionário e saí arrastando minha mala de rodinhas atrás de mim em direção à velha barca. Inspirei fundo, preparando-me para duas longas e entediantes horas que levaria para fazer a travessia de Mangaratiba até a Ilha Grande. Uma pessoa esbarrou em mim enquanto se apressava para entrar na velharia à procura de um assento.

Parecia uma competição, e na verdade era. Ninguém queria ficar em pé durante horas, ainda mais num barco lento e oscilante. Aquilo me despertou da minha autocomiseração e meu lado competitivo apareceu com força total. Eu nunca fui de ficar por último, sempre gostei de tentar ser a melhor em tudo o que fazia, e naquela hora não seria diferente!

Segurei com mais força a bagagem e coloquei as minhas longas pernas para trabalhar, empurrando as pessoas ao meu lado e atropelando aquelas à minha frente, fui desviando de tudo e de todos como se minha vida dependesse daquilo. Sentia-me como a própria Katness Everdeen em *Jogos Vorazes*.

Avistei um lugar vago em uma fileira bem no meio e corri em sua direção, infelizmente uma mulher fez o mesmo. Enquanto ela adentrava a fileira de um lado eu me embrenhava do outro, a adrenalina tomou conta do meu corpo e, quando dei por mim, estava pulando por cima das pernas das pessoas sentadas e, num ímpeto, me joguei toda destrambelhada na cadeira em exatos dois segundos antes da outra chegar.

— Lei da sobrevivência, cheguei primeiro! — Lancei meu melhor sorriso e encolhi os ombros.

A mulher bufou e revirou os olhos, mas foi embora sem reclamar.

Ponto para mim.

Ajeitei-me numa posição confortável, quero dizer, o mais confortável que se podia sentar em um assento duro e pequeno. Abri o meu livro na página marcada e esperei. Esperei muito mesmo que as palavras de *Orgulho e Preconceito* me levassem para longe da minha realidade. Pelo menos por mais duas horas.

O vento batia forte, deixando meus longos cabelos castanhos revoltos e me pondo com frio. Era verão e o sol queimava minha pele alva se eu não

tivesse o cuidado de aplicar protetor solar, porém, a brisa vinda do mar açoitava meu corpo, arrepiando os braços desnudos. Encolhi-me, esfregando meus membros gelados e busquei pelo meu cardigan na bolsa, mas, tão logo senti o tecido enroscando nos dedos, a barca diminuiu de velocidade.

Levantei o rosto e espiei o horizonte, percebendo estarmos prestes a atracar no Porto da Vila do Abraão. Removi a mão de dentro da bolsa e desisti de me aquecer, pois logo estaria exposta aos raios solares novamente e o gelo que sentia se derreteria em questão de segundos.

Mal pisei em terra firme e meu coração afundou no estômago, ali, mais à frente me aguardava um homem com uma placa contendo meu nome. Seria cômico se eu não estivesse tão nervosa e um pouco chateada com a reviravolta do meu destino. Não estávamos em um aeroporto, pelo amor dos deuses!

E o senhor à minha espera calçava chinelos, bermuda e uma camiseta branca, deixando à mostra seus braços excessivamente bronzeados. Em seu boné li "TaxiBoat", ele era o encarregado a me levar até a mansão do outro lado da ilha.

— Bom dia! Eu sou a Nora. — Sorri educadamente, mascarando a inquietude em meu peito.

— Bom dia, Nora! Essa é a sua única bagagem? — Ele apontou para a enorme mala rosa ao meu lado, abarrotado com meus pertences e livros.

— Sim, isso é tudo. — Assenti, murmurando um obrigado ao que ele pegou a mala e levou em direção ao seu barco.

Tentei domar minhas madeixas e as prendi em um coque antes da lancha zarpar. Havia escolhido a roupa mais sóbria e de bom gosto que eu possuía no armário, mas percebi que não conseguiria manter o aspecto que desejava para o meu primeiro dia, pois o vento forte me despenteava e o calor me fazia suar,

desmanchando a pouca maquiagem que tinha aplicado.

— É o seu primeiro dia na mansão Douglass? — o senhor questiona com uma expressão de dó, ou seria dor? De qualquer maneira, nenhuma delas parecia coisa boa!

— Sim, você o conhece? — Forcei a voz num tom alto o bastante para que me escutasse através do barulho do motor e da ventania.

Segurei-me na borda da lancha quando o barco começou a pegar velocidade aos solavancos, passando por sobre as pequenas ondas. Sorvi uma lufada de ar, sentindo o gosto salgado na garganta e admirei, por um milésimo de segundo, as nuances de azul profundo da água ao nosso redor. A voz do homem, no entanto, tirou minha atenção do mar e por isso, pude ver o repuxar dos cantos da sua boca para baixo e o franzir de sua testa. Aquilo me preocupou.

— O conheço o suficiente para dizer que sinto muito. — Balançou a cabeça e voltou o foco para a condução.

Ah não! Ele não podia dizer aquilo e me deixar no escuro.

— O que você quis dizer com “sente muito”? — Aproximei-me dele, agarrando na borda por toda a extensão enquanto quicávamos sobre o mar.

Não pude ouvi-lo, mas sei que pelo elevar de seu peito ele suspirou.

— Senhor Douglass é conhecido nessa região como a fera, não trata muito bem as pessoas e vive na libertinagem.

Libertinagem? Eu precisei morder o interior da bochecha para não rir. Quem usava essa palavra hoje em dia?

— Já perdi as contas de quantas pessoas trabalharam para ele nesses sete anos que vive aqui. Ninguém aguenta por muito tempo, o recorde, pelo

que ouvi, foi de dois meses.

Enguli em seco. Minha mãe arranjou esse emprego para mim, se não fosse pelo reumatismo, doença que a obrigou parar de trabalhar, ela mesma o faria pelo salário. No entanto, a vida nem sempre é justa e, sem ter com quem mais contar para pôr comida dentro de casa e pagar as contas, precisei trancar a faculdade e aceitar o primeiro emprego que me apareceu.

— Eu preciso de mais tempo do que isso... — sussurrei, sentindo um nó se instalando na garganta.

O homem, o qual ainda não sabia o nome, me olhou com piedade e, com um pequeno sorriso torto no rosto, disse:

— Então boa sorte, Nora. Irá precisar. Mas, acima de tudo, tenha paciência. Ou então, sairá correndo para as montanhas ainda hoje.

De repente, todos os meus pensamentos de antes dominaram minha mente. Eu precisava fazer aquilo, não tinha outra saída. O salário era mais do que eu poderia imaginar trabalhando como secretária do lar.

Ri por dentro em escárnio.

A quem eu queria enganar com esse título? Eu seria governanta de um homem rico e, pelo que tinha acabado de descobrir, uma fera libertina.

Não.

Na verdade, seria empregada doméstica, essa era a forma mais precisa de se falar. E não, eu não estava fazendo pouco caso, minha mãe trabalhou a vida toda como empregada para sustentar à mim e meu irmão. Desde que me entendia por gente, me lembrava de ver dona Leide sair de casa de madrugada para só voltar então tarde da noite, exausta após duas jornadas de trabalho diário. Como mãe solteira, ela fez questão de nos proporcionar toda oportunidade a qual ela mesmo fora desprovida. Agora, seria a minha vez de

retribuir por todo o altruísmo dela.

Até então, eu não fazia ideia do que me aguardava, um sacrifício ainda maior e muito, *muito* mais difícil eu viria a fazer.

Capítulo 2



Estávamos navegando por volta de vinte minutos e eu não parava de suspirar com as belezas naturais que nos cercava, no entanto, naquele exato momento, fui dominada por uma sensação plena de deslumbramento. A tonalidade do mar mudara completamente, as águas ficaram tão cristalinas que eu podia ver cardumes passeando ao nosso redor! Estávamos percorrendo o que eu poderia imaginar ser uma enorme piscina natural, com as nuances azul turquesa e o cristalino esverdeado mesclando com algumas rochas e o tom pastel do fundo arenoso. Observando outros barcos, a impressão que tinha era de estarem flutuando, não sobre as águas, mas no ar! Pousei a palma da mão sobre o peito, e inspirei fundo, emocionada por estar presenciando tal paisagem.

— Onde estamos? — desviei o olhar do horizonte, voltando-me para o meu condutor.

— Na Lagoa Azul, mais alguns minutos e chegaremos lá. — A lancha navegava calmamente pelas águas rasas, ou era o que parecia, talvez dessem essa sensação por serem tão claras que nos permitiam ver tudo através delas.

Há muito deixamos a parte povoada da ilha, por todo lado só o que eu via eram ilhotas e a costa repleta de árvores e natureza. Por isso, quando o

barco contornou a orla alguns minutos após eu ter perguntado do nosso paradeiro, arfei com a visão inesperada. Primeiro eu avistei o amplo deck em madeira e o cais de atracação para onde a lancha se direcionava. Mas o que me arrancou o fôlego mesmo, foi encontrar a extensa casa. Pelo modo como ela foi construída, todos os cômodos principais tinham a vista para o mar, parecia.

E aquilo ali era uma praia particular? Nossa, era mesmo!

Tentei não me intimidar pela grandeza da propriedade, afinal eu já sabia que se tratava de uma mansão, só não esperava *tanto*.

— Precisa de ajuda para sair? — O homem, eu realmente precisava perguntar pelo seu nome, já desligara o motor e subia pela rampa, levando consigo a minha mala.

— Acho que consigo sozinha, obrigada!

Elevei-me e, tentando me equilibrar sobre o chão oscilante da lancha, passei uma perna para fora, saltando em seguida com pouca destreza no cais. Porém, ao pisar em terra firme, empertiguei-me, fingindo uma graça e sutileza que por um fio não foram por água abaixo. Literalmente!

No entanto, por dentro eu me sentia em meio ao mar revolto. Afogando-me em sensações turbulentas de ansiedade, melancolia e determinação em fazer o que era necessário. Por vezes me faltava o ar e precisava inspirar fundo para controlar as emoções.

— Aqui estamos. — Ele parou próximo da entrada e analisou meu rosto atentamente por alguns instantes antes de esticar o braço. — Preciso ir agora, mas fique com isso.

Percebi estar me oferecendo um cartão de visita, peguei-o de sua mão e li.

“Brando Táxi. Táxi marítimo de Ilha Grande.” Atrás havia o seu contato.

— Caso precise sair, pode me ligar que venho te buscar. — Ele tocou na aba do seu boné e sorriu. — Sua condução para o retorno neste sábado já foi agendado pelo Douglass. Mas se decidir reagendar... — Levantou as sobrancelhas e eu entendi o significado de seu gesto.

— Muito obrigada... — Olhei de relance para o cartão para confirmar o nome. — Brando!

— Sem problemas. Suba direto e procure por Marta, ela deve estar te esperando.

Assenti murmurando um "Aye aye, capitão!" ao que ele me entregou a bagagem rindo.

Caminhei a passos longos e firmes. Eu precisava parecer decidida, e não insegura. Tentei não me deslumbrar muito com a enorme piscina com borda infinita e todas as maravilhas da mansão. Ao chegar na varanda, uma senhora parada de pé à porta me fitava com as mãos na altura dos olhos, fazendo sombra. Quando finalmente me aproximei, ela as abaixou e inclinou a cabeça para trás, mantendo contato visual. Com os meus um metro e setenta e cinco, eu era bem mais alta, talvez por uns vinte centímetros.

— Olá, é a senhora Marta? — disse incerta, imaginei que Marta fosse a esposa ou talvez alguém da família. A pessoa na minha frente está usando avental e rede de cabelos.

— Sim, criança. — Balançou a cabeça e soltou o ar que estivera preso em seus pulmões. — Venha, preciso lhe mostrar a casa e suas tarefas antes que dê minha hora. — Gesticulou as mãos rechonchudas e virou as costas.

— Tudo bem... — A segui para dentro e precisei usar de muita força de vontade para não sair arfando e suspirando pelos cômodos.

A casa era ainda mais bonita por dentro do que por fora. Amplas janelas de vidro corriam do chão ao teto, iluminando naturalmente todo o ambiente da sala e nos presenteando com uma visão espetacular. A cozinha toda em inox era enorme, uma bancada em mármore dividia o ambiente da copa onde uma mesa retangular jazia em frente à janela vítrea de correr com vista para o jardim. Aprendi que ela era responsabilidade apenas de Marta, a cozinheira da mansão. Todos os outros cômodos internos eram de meu encargo e, portanto, minha jornada de trabalho seria mais longa.

— Você parece ser uma menina esperta, acho que vai pegar rápido... — Exalou o ar ao final da frase, frustrada com alguma coisa.

Não sei o porquê, mas a forma como ela vinha me chamando me incomodava. Eu não era criança, era adulta e estava ali para trabalhar tanto quanto ela! Marta deve ter percebido o leve enrugar do meu nariz e parou de falar por um segundo, semicerrando os olhos para mim.

— Acha que eu gosto disso? Você é a terceira pessoa nesse mês a quem tenho que passar todas essas informações, menina! Não me venha fazendo caretas porque quem as deveria estar fazendo era eu!

— Vejo que me interpretou mal, senhora. Se você espera por meu respeito, também deveria mostrar um pouco dele por mim. Meu nome é Nora, não me chamo criança, tampouco menina. — Aprumei os ombros e escondi as mãos atrás do corpo, estalando os dedos sem que Marta notasse. Não queria que ela percebesse meu nervosismo.

A senhora levantou uma sobrancelha negra e me fitou em silêncio antes de soltar um riso abafado.

— Talvez eu tenha me precipitado... sim. — Ela continuou me analisando de cima abaixo com uma expressão de surpresa. — Acho que com essa sua personalidade você pode durar mais do que a última. Seu rostinho

meigo engana, Nora.

Os cantos de sua boca repuxaram para cima, mas no instante seguinte Marta estava séria novamente.

— O que eu falava? Ah, sim! — Puxou uma folha de dentro de um bolso do avental. — Esta é a planta da mansão. Tanto a parte interna como a externa. A propriedade pode ser grande, mas não há nada de complicado nela.

— Tudo bem, obrigada. — Peguei a planta, passando os olhos rapidamente por ela.

— Como pode ver, no andar térreo estão três suítes, sala de musculação, sala de estar, sala de jantar, a copa-cozinha, dois banheiros e as dependências para empregados.

Assenti, embora eu estivesse mesmo distraída com a parte externa. Caramba, aqui tem até heliponto!

— No segundo andar está a suíte master e o escritório. Preste bem atenção, Nora. Senhor Douglass não permite que entrem em seu escritório sem a permissão dele.

Levantei os olhos da folha, fazendo uma nota mental sobre isso.

— Ok. — Prendi os lábios. Mais uma coisa para complicar meu trabalho!

— A limpeza da copa-cozinha é feita por mim. Quanto aos outros cômodos, você os manterá limpos e organizados, bem como a troca das roupas de cama e de banho. Não se preocupe com a lavagem e secagem das roupas comuns, elas são feitas por mim cinco vezes por semana.

Marta me mostrou as outras dependências e, ao chegarmos na suíte principal, franzi a testa. O quarto era completamente nu, com exceção da cama

king size, das mesas de cabeceira e do enorme frigobar abarrotado de bebidas, não havia nada que indicasse que uma pessoa dormia ali todos os dias. Parecia mesmo outro quarto de hóspedes há muito tempo sem uso, porém, com o dobro de tamanho. Girei o rosto, avistando a ampla porta do closet aberta e logo ao lado, o luxuoso banheiro todo em mármore.

Que vontade de experimentar aquela banheira! Imaginei-me banhando com espuma enquanto o chefe estivesse fora, fingindo por um momento ser a dona daquela mansão! No entanto, eu não faria nada antiético que pudesse me colocar no olho da rua, eu sabia. Além do mais, quem garantia que não havia câmeras escondidas por ali?

Em seguida ela me levou até o meu quarto, muito menor do que os cômodos principais, porém, bem maior do que estava acostumada. É claro, as dependências dos empregados ficavam na parte de trás da mansão, minha janela tinha a vista para a Mata Atlântica, em vez do mar. E, ao inspirar fundo, senti aroma de flores.

— Obrigada, por onde devo começar hoje? — Virei-me para a entrada do quarto, encontrando a Marta prestes a sair.

Ela estacou no lugar e olhou para o relógio digital na mesinha de cabeceira.

— Hoje nada, só verifique se o senhor Douglass precisa de algo quando chegar. Seu primeiro dia começará amanhã cedo, espero que não se assuste quando for arrumar a suíte master. — Bufou baixinho.

Franzi o cenho, sem entender como arrumar aquela suíte seria uma tarefa difícil, visto que não havia muita coisa nela.

— Os uniformes estão no armário e sua jornada de trabalho é de nove às oito, com duas horas de intervalo. Uma para o almoço e a outra para a janta.

— Se afastou em direção ao corredor antes de falar — Já é meio dia, sua refeição será servida na cozinha.

— Ok, já vou. Preciso tomar um banho primeiro.

— Estou indo embora, deixe a louça suja na pia quando terminar.

— Sem problemas...

Esperei ela sair para apanhar meu celular na bolsa, engoli o nó na garganta e forcei um sorriso para que ele soasse na voz.

— Filha, é você? — Minha mãe atendeu rápido, esperando por notícias.

— Sim, estou ligando para dizer que cheguei bem. — Andei para trás até que as pernas esbarrassem na cama e me sentei, tocando distraidamente o pingente do colar com as pontas dos dedos de uma mão enquanto a outra segurava firme o aparelho contra a orelha.

— Que bom, minha filha. E como é o ambiente? Estão de tratando bem? Já comeu? — Dona Leide não parava de fazer uma pergunta atrás da outra, preocupada comigo como toda mãe estaria.

Omiti a fama que o patrão tinha pelas redondezas e disse somente as verdades que ela gostaria de escutar. Para que tirar a paz dela à toa? Além do mais, nem o conhecia ainda para afirmar se era mesmo tão ruim assim!

— Nico já foi para a escola? — perguntei, pois quando sai ele ainda dormia e não pude me despedir.

— Sim, se você ligasse cinco minutinhos antes o encontraria aqui! Pediu para te mandar um beijo e dizer que o dente mole finalmente caiu. — Sorri ao imaginar ele banguelinha e lindo. Com seis anos os dentes de leite começaram a amolecer.

— Depois me envia uma foto dele! Não vou aguentar esperar até sábado

para ver.

— Quando ele voltar eu envio. — Suspirou e a imaginei franzindo os lábios como de costume. — Se cuida, Nora. Não deixe de se alimentar bem e beber bastante água! Está muito calor. Seja discreta e tente fazer tudo com calma...

— Pode deixar, mãe. Está tudo bem, de verdade. — A interrompi, ou então ficaríamos na linha por mais de uma hora. — Preciso ir antes que a comida esfrie.

— Se precisar de alguma coisa ligue, ok? Beijo.

— Beijo!

Após um longo banho frio, para refrescar a pele queimada do sol, almocei tranquilamente, murmurando de prazer ao me deliciar com a moqueca de camarão. Assim que terminei de bater o meu prato e pensava em repetir, porque sou gulosa mesmo, ouvi um barulho altíssimo de hélices e corri até a janela, vendo o momento exato em que o helicóptero pousou. Meu estômago deu um nó e repentinamente a minha calma se esvaiu.

Finalmente iria conhecer o meu chefe.

Levantei-me da bancada e alisei o vestido, preparando-me como o possível. Inspirei fundo, a fim de controlar os batimentos cardíacos e caminhei lentamente até a sala de estar no instante em que uma figura alta e musculosa adentrava o ambiente.

Meu queixo caiu e juro que alguma baba escorreu pelo canto da boca. Quem era aquele homem dos deuses? Onde estava o senhor velho e barrigudo o qual eu imaginara todo esse tempo?

Ele se aproximava da porta de vidro enquanto abria a camisa prestes a retirá-la do corpo suado. Finalmente notou minha presença no canto da sala e

os olhos azuis dele se fixaram aos meus, os pés pararam de se mover, estacando abruptamente. Pareceu confuso por um instante, me observando de cima abaixo até que um pequeno sorriso sedutor se formou naqueles lábios maravilhosos. Os braços dele se flexionaram ao subirem até a cabeça, soltando os longos cabelos loiros escuros do coque e, pelos deuses, ele parecia ter saído de algum filme de Hollywood ou algum ensaio fotográfico da Vogue!

Pisquei algumas vezes, pensando que talvez eu estivesse tendo uma alucinação, talvez Marta tivesse colocado algum alucinógeno na comida.

— Quem é você e o que está fazendo aqui? — Sua voz grave e puramente masculina me tirou do transe. Abri a boca para responder, mas o seu olhar passeando pelo meu corpo me deixou sem jeito, fazendo-me hesitar por um momento.

— Eu sou Nora, sua nova empregada.

O rosto dele se elevou bruscamente, alternando o olhar que estivera fixo em meu pequeno decote para os meus olhos.

— Não é possível. — Balançou levemente a cabeça, como se não acreditasse.

Uni as sobrancelhas sem saber como responder quando ele voltou a falar.

— Por que está vestida desse modo? — Praticamente rosnou, e se aproximou, fazendo-me dar um passo em falso para trás. Ele não foi rápido o suficiente para impedir minha queda, pois suas mãos tinham acabado de se enterrar nas longas madeixas novamente.

Cai de bunda e com as pernas levemente abertas, meu vestido subiu até os quadris, revelando minha calcinha branca de algodão. Não era nada

revelador e nem sexy, mas, pelo modo como ele ofegou ao vê-la, parecia até que eu estava usando uma tanga de renda. Murmurou um xingamento em inglês e me ajudou a levantar. Contive meu rubor o máximo que pude e me empertiguei, levantando o queixo.

Bela maneira de ser discreta, Nora!

— Estou vestida assim porque está um calor de rachar e eu não começo o meu trabalho até amanhã. Por quê? Há algum problema com meu vestido? — Levantei uma sobrancelha e cruzei os braços, o movimento atraiu o olhar do chefe para o decote. De novo.

— Sim. — Ele respondeu com a voz sussurrada. — Eu queria que ele estivesse fora do seu corpo. — Semicerrou os olhos e suas narinas expandiram. — Mas isso não seria ético, não é mesmo? Então não me tente com essas pernas longas e esse decote, a não ser que me queira dentro de você! — Rugiu. Sim, como um animal. Seu apelido fazia todo o sentido, ele realmente era uma fera.

Marchou para longe de mim em direção ao seu quarto e bateu a porta com força, deixando-me ali bufando de raiva. Que babaca!

Capítulo 3



O verão havia chegado e com ele os dias quentes, eu não via a maldita hora de chegar em casa e tomar um banho frio. A camisa grudada ao corpo me incomodava e os cabelos de Thor, como chamavam, mesmo presos em um coque masculino colavam na nuca suada. Agitava as pernas, sentindo-me claustrofóbico dentro do helicóptero, normalmente não tinha problemas quanto a lugares pequenos, mas aquele dia era difefente. Estava chegando o Natal, a data que eu mais detestava e evitava no ano. Meus pais já começaram a me infernizar com ligações diárias, perguntando se passarei o feriado com eles, mesmo sabendo a resposta. Eles não desistiam nunca.

Avistei a mansão do alto e soltei o ar dos pulmões. Começamos a descer e, a cada metro que ficávamos mais próximos de casa, minha vontade aumentava. Precisava me desligar um pouco, esquecer dos problemas, me anestesiar. Se eu não tivesse bebido tanto no evento da empresa, poderia ter pilotado sem problemas, mas não foi o caso. Por isso Ricardo, meu melhor amigo e sócio, me trouxe. Ele estava puto comigo, eu sabia, mas foda-se ele. Rick sabia muito bem como me sinto em relação a essa data.

— Valeu, cara. — disse assim que as hélices pararam totalmente. Pulando para fora, virei o rosto para olhar o idiota do meu amigo que ainda

não desceu do helicóptero. — Não vai entrar, então? Vai ficar com essa cara de cu a semana toda para cima de mim?

Ricardo esfregou as mãos no rosto e suspirou antes de me encarar. *Shit.* Ele nunca ficou tanto tempo sem falar comigo como agora, e olha que já fiz merdas maiores.

— Porra, Átila! Não complica. Preciso voltar, a Carol tá me esperando. Tive que deixar ela sozinha para bancar de chofer.

Inspirei fundo sentindo as narinas expandirem e mordi a língua para não estragar ainda mais a nossa amizade falando coisas que não devia. Mas não consegui controlar.

— Não pedi por ajuda nenhuma! Problema seu se quis me trazer e pagar de piloto particular.

— Na próxima vez vou deixar você caindo pelos cantos e passar vergonha na frente de toda equipe. Era o que eu deveria ter feito, mas sou otário, né? — Balançou a cabeça e ligou o motor, terminando com a conversa.

Porra, eu não estava tão bêbado assim! Ele estava exagerando. E como não beber sendo o dono da fábrica de cerveja, caralho? Tinha que provar dos produtos e testar a qualidade!

Afastei-me do heliponto e caminhei apressado até a casa, descartando a roupa ensopada do corpo que já me sufocava. Estava abrindo o último botão quando pisei na sala prestes a correr escada acima para tomar uma chuveirada e foi quando a vi. Ela era linda, com um vestido branco curto deixando à mostra pernas que não acabavam nunca, o tecido se ajustava perfeitamente na cintura fina e o pequeno decote aguçava minha imaginação, eu podia ver o suficiente para saber que caberiam perfeitamente nas minhas mãos. Subi o olhar para o rosto delicado, os olhos castanhos me fitavam de volta e percebi

que ela também estivera me secando.

Damn...

Quem era essa mulher? Quem a trouxe até aqui? Caralho, será que eu já comi e agora ela queria repetir a dose? Sempre fui claro com todas, elas sabiamm que é só por uma noite, sem amarras, sem números, sem repetições.

— Quem é você e o que está fazendo aqui? — perguntei já que ela não disse nada até agora. Se achou que eu me lembraria ou que era alguém especial estava enganada.

Se bem que... Algo nela era diferente. Parecia tão jovem e inocente, não fazia o estilo das mulheres que eu costumava trazer pra casa.

— Eu sou Nora, sua nova empregada.

O que ela disse? Empregada?

Voltei a olhar seu rosto para ver se estava brincando, mas ela me encarava séria.

— Não é possível. — De quem foi a maldita ideia de contratá-la para trabalhar comigo? Como eu iria me controlar com uma mulher tão gostosa dentro de casa?

Gostosa parecia errado. Ela era mais que gostosa, era linda. Estonteante de uma maneira natural. Não usava aquelas merdas de maquiagem na cara. Porra! E ela naquele vestidinho estava me deixando duro!

— Por que está vestida desse modo? — Enterrei os dedos nos cabelos, minha respiração já estava ficando descontrolada. Dei um passo em sua direção para conversar melhor, mas ela se assustou com algo e tropeçou.

Caiu antes que eu pudesse ajudar e não pude evitar de olhar para o meio de suas pernas quando o vestido subiu revelando a calcinha.

— *Fuck me!* — murmurei. Ela estava me matando!

Segurei suas mãos e a levantei, não parecia pesar nada apesar de ser alta.

— Estou vestida assim porque está um calor de rachar e eu não começo o meu trabalho até amanhã. Por quê? Há algum problema com meu vestido?

A voz era suave, porém, firme. Parecia me desafiar e eu adorei isso, na verdade meu corpo adorou reagindo dolorosamente dentro do jeans. Os braços dela cruzaram em frente ao corpo, deixando ainda mais evidente os seios empinados.

Quem contratou ela, damn it[1]*?*

— Sim. — a garganta ficou seca de repente, precisava ficar longe dela o mais rápido possível antes de fazer outra merda. Eu estava ficando louco! *Fuck*, eu só queria passar a tarde trancado na minha sala, esquecer de tudo e relaxar. Agora tenho mais essa! Uma empregada gostosa para me torturar quase todos os dias!

Os grandes olhos castanhos estavam arregalados e aquilo me desarmou um pouco, eu a estava assustando. Muito bem, melhor que tenha medo de mim mesmo! Assim se manterá afastada!

— Eu queria que ele estivesse fora do seu corpo. — inspirei fundo pelas narinas e tentei controlar a ereção — Mas isso não seria ético, não é mesmo? Então não me tente com essas pernas longas e esse decote, a não ser que me queira dentro de você!

Sentia o corpo começar a tremer e antes que ela pudesse perceber saí de perto, correndo até o banheiro da suíte e me afundando debaixo da torrente gelada do chuveiro.

Capítulo 4



Deitada na pequena, porém confortável cama de solteiro, deixei a refrescante brisa lamber minha pele que antes parecia estar em chamas. Os trinta minutos que fiquei exposta ao sol na lancha enquanto vinha para a mansão castigaram meu rosto e principalmente meus ombros. Abri a janela, que ficava logo acima da cabeceira, por completo e inspirei fundo em busca do ar puro, daquele que só era possível encontrar em meio à natureza.

A tela mosqueteira não me permitia ver muito o lado de fora, mas naquele momento eu só queria desabar na cama. Pensei que estivesse cansada, porém, tão logo apoiei a cabeça no travesseiro, minha mente não se calava. A todo momento os pensamentos iam do homem o qual eu precisava chamar de chefe e como eu deveria ter me preparado mais para aquele encontro. Brando me alertou, até mesmo a Marta me avisou sutilmente, lançando alguns comentários no ar, mas eu não levei tão a sério. E eu deveria! Agora estava ali, me revirando no colchão enquanto reprimia uma cólera que teimava em corromper minha calma.

O cretino quase me enganou com aquele corpo dos deuses. Os olhos azuis cristalinos como a própria Lagoa Azul me instigavam a mergulhar em suas profundezas. Sorriso leve e tão sexy por baixo da barba por fazer. E, oh

céus, para que ele tinha que ter aqueles cabelos que são minha perdição? Adoro homens de cabelos longos, mas os dele eram tão perfeitos que chegavam a dar um pouco de inveja.

Foco! Eu precisava de foco! Não podia deixar a beleza daquele homem ofuscar meus objetivos. Até porque, eu amo um desafio, e o senhor Douglass iria descobrir que provocou a pessoa errada!

Peguei meu celular e liguei para a minha melhor amiga, precisava me desabafar. No segundo toque ela atendeu.

— Larissa! Você não vai acreditar, eu imaginei que fosse uma coisa, mas daí ele apareceu e...

— Calma, Nora! Pare pra respirar. Agora rebobine a fita e comece de novo. — Ela riu ao final da frase e eu fiquei grata por isso, por ela ter colocado um sorriso nos meus lábios também.

— Lari, como é que eu não sabia que o Átila Douglass era...

— Gostoso? — perguntou com a voz risonha.

— Você sabia? Como? Por que *eu* nunca soube? Por que você não me falou nada, vadia? Por que...

— Amiga, você está falando sério?

— Tão sério quanto um ataque cardíaco!

Dessa vez Larissa explodiu em risos no outro lado da linha, podia até imaginar os olhos com lágrimas de tanto que ria.

— Meu Jesus amado! Nora, você vai me matar de tanto rir um dia desses! — Puxou o ar com força antes de continuar. — Você me pergunta o motivo de não saber sobre ele? Talvez seja porque não assiste à TV ou lê revistas e colunas sociais. Só vive com o nariz enfiado em algum livro ou

então estudando para a faculdade.

Sorvi o ar num silvo, sentindo uma pontada de dor no peito com o seu comentário.

— Amiga, me desculpa! Eu não falei por mal...

— Eu sei, Larissa. Está tudo bem. É só que, lembrar o quanto eu amava estudar e agora... agora eu não posso mais, ainda dói um pouquinho.

— Então, o que iria me falar do gostosão? — Ela mudou de assunto, sabendo como a conversa estava caminhando para uma direção triste.

— Larissa do céu! Eu imaginava que encontraria um homem bem mais velho, muito menos atraente e barrigudo de tanto beber. Adivinhe minha surpresa a dar de cara com um...

— Gostosão. — Novamente me interrompeu, me arrancando risos.

— E cabeludo ainda por cima! Lari, você sabe que amo homem de cabelos longos... Mas tudo foi por água abaixo quando o babaca abriu a boca para falar comigo! Ai que ódio!

— Como assim amiga? O que aconteceu?

Suspirei resignada. Uma pena aquele ser tão lindo como um deus grego, não, estava mais para um deus nórdico ou um rei viking, ser na verdade um capeta! Mas não queria preocupar minha amiga, porque seria capaz dela falar algo com minha mãe.

— Nada demais, ele só foi um pouco rude. Mas agora que sei como é, estou preparada. — E realmente estaria preparada para lidar com a fera. — Amiga, você vai passar lá em casa amanhã e ver se está tudo bem com mamãe e Nico?

— Claro! Eu prometi, não foi? Fique tranquila, Nora.

Agradeci mil vezes antes de encerrar a ligação. Larissa é minha amiga desde que me entendo por gente, sendo minha vizinha parecíamos mais irmãs do que outra coisa. Só nos afastamos um pouco depois que ingressei na faculdade, mas nossa amizade continuou firme e forte. Podia contar com ela para tudo e ela sabe que eu faria o mesmo. Então fiquei mais calma por saber que Lari estaria sempre por perto para ajudar minha mãe e irmão quando fosse preciso.

Meu estômago protestou de fome e foi tão forte que quase confundi o barulho do motor do barco como sendo o do ronco da barriga. Sentei-me, apoiando os pés descalços no chão, e me impulsionei para fora da cama. Estive me escondendo no quarto durante toda a tarde e agora o sol já havia se posto, notando esse detalhe busquei pelas horas no relógio e percebi que já passava das sete. Precisava comer algo, urgente.

Caminhei silenciosamente, passando pelo corredor que ligava o meu aposento com a cozinha. No entanto, o silêncio da casa foi quebrado por risadas não de uma, mas de duas mulheres. Mantive minha atenção focada na geladeira, retirando dali minha porção da janta e a coloquei no microondas. O barulho de passos me deixou com o corpo tenso, mas continuei de costas para a entrada e fingi não notar.

— Quem é ela, Átila? — Uma voz enjoada e aguda soou atrás de mim.

Virei-me com o queixo erguido e com os braços cruzados, encostando o quadril na ilha. Fiquei aguardando o alarme do microondas avisar que a comida estaria pronta e a resposta que o *gostos*... que o senhor Douglass daria.

Átila estava com os braços em volta da cintura das duas, uma loira platinada com os cabelos estilo *pixie* e uma morena linda com as madeixas ondulando até a metade das costas. Senti-me estranha, e me peguei comparando a beleza das duas com a minha. Mas lembrei-me que essas

pessoas tinham dinheiro, com certeza aqueles dentes alinhados e brancos sofreram clareamento a laser e os cabelos eram tratados semanalmente em algum salão de alta classe. Sem perceber, levantei a mão e passei os dedos pelas minhas mechas castanhas.

— Ninguém com quem *você* deva se preocupar. — A voz grossa dele reverberou pelo ambiente e me atingiu em cheio, *bem na boca do estômago*.

Inclinei-me sutilmente e desviei o olhar para o microondas que acabara de apitar, fui salva pelo congo, assim não puderam ver minha expressão de mágoa. Não daria esse gostinho para eles. Não deixaria que soubessem o quanto é humilhante para um empregado ser chamado de *ninguém.*

Átila se aproximou ainda mais, deixando as duas mercenárias para trás e passou por mim, seu braço resvalando no meu parecia queimar minha pele. Inspirei fundo e esperei que ele abrisse o refrigerador, retirando dali algumas garrafas de cerveja artesanais Douglass. Seus olhos azuis encontraram com os meus pela segunda vez nesse dia, e passaram por meu corpo rapidamente antes de desviar o olhar para as duas pessoas atrás de mim.

— Vamos, gatas. Mal posso esperar para saboreá-las. — O modo como disse aquilo fez meus olhos revirarem, mas não pude deixar de notar como meu corpo reagiu à sua voz grave e sexy.

Esfreguei as mãos nos braços arrepiados e xinguei baixinho, colocando o prato de comida e me refugiando novamente em meu quarto. Minha mente estava confusa, sentia-me imersa em uma nuvem carregada sem esperar muito do futuro outrora vibrante e colorido. Tudo o que eu conseguia enxergar naquele momento era cinza. No entanto, ao receber uma mensagem da minha mãe um pequeno sorriso brotou nos lábios e pela primeira vez no dia vislumbrei as cores do arco-íris, ali no meu celular estava o sorriso sem vergonha e lindo do meu irmãozinho banguela.

Capítulo 5



A droga do banho gelado não funcionou, ainda sentia o corpo tenso e tremia de vontade. Não havia nada que eu poderia fazer, sabia disso, eu precisava dela. Urrei dentro do Box e o som reverberou de forma acústica dentro banheiro, com a água fria derramando em torrente acima da cabeça eu levantei o rosto e esperei. No entanto, aquela sensação não ia embora, era inútil tentar me controlar.

Saí deixando rastros de água pelo chão de mármore, não me importei em me secar, as gotas que escorriam dos cabelos molhados pelas minhas costas eram uma breve distração. Enrolei uma toalha nos quadris e caminhei apressado até o quarto, colocando a primeira coisa que encontrei no closet, que foi uma bermuda de moletom preta. Nem me preocupei em usar cueca, não precisaria dela para o que tinha em mente.

O coração batia forte contra as costelas, podia até ver através do tecido da camisa como ele estava acelerado, saltando a cada batida.

SHIT!

— Já faz um tempo, estou precisando muito... — murmurei para mim mesmo, passando os dedos pelas mechas úmidas e embaraçadas enquanto saía

do quarto e adentrava o escritório.

Meu refúgio. Meu inferno. Meu esconderijo. Meu paraíso.

Percorri os olhos para a estante de livros que se estendia por toda a extremidade da parede do fundo. Fechei os olhos e inspirei fundo antes de me aproximar dela e esticar o braço, alcançando a primeira fileira e retirando de lá um livro de capa dura desgastada. Lendo o título pela milésima vez na vida, ou mais, "A ilha do tesouro" trazia boas lembranças da infância manchadas por algumas da vida adulta. Quando criança por vezes não conseguia dormir por ansiedade ou medo, só me acalmava quando lia e me aventurava nessa história.

E ainda hoje eu buscava nessas mesmas páginas a fonte do meu torpor.

Abri o livro na página marcada e me sentei de frente à mesa, afundando-me no esquecimento temporário.

Não sabia quanto tempo havia passado, mas não foi mais do que trinta minutos. Aquilo já não era o bastante para mim, ainda podia sentir os músculos tensos, almejando por alívio. Tranquei a porta atrás de mim e corri para o quarto calçando rapidamente os sapatos de corça azul antes de partir com meu barco em direção à Angra.

— *Fuck!* — disse sozinho enquanto conduzia a lancha *offshore*, minhas palavras sendo engolidas pelo som do motor e do vento. — Aquela menina me deixou duro só de olhar para ela, e estava vestida.

Balancei a cabeça, confuso com minha reação mais cedo, e deslizei uma das mãos para baixo a fim de ajeitar a ereção que insistia em aparecer ao pensar nela.

Atraquei no Clube com uma única intenção: Encontrar minha presa.

Havia muitas mulheres que eram sócias e outras que acompanhavam

amigos ou família. O dia quente me dizia que eu poderia encontrá-la nas áreas das piscinas, mas eu preferi conferir o SPA, as mulheres adoravam as hidromassagens. Eu me destacava de todos ali, muitos homens se arrumavam para ir ao Clube e só ficavam mais a vontade na piscina. Eu, por outro lado, estava pouco me fodendo com código de roupa. Exibia com certo orgulho meu abdome definido e os braços fortes, trabalhava muito para manter o corpo em forma e sabia que era uma isca perfeita para conseguir o que eu queria naquele instante.

Cabeças viravam na minha direção, eu poderia escolher quem eu quisesse. Avistei algumas as quais já provei, mas como eu disse, não repito o prato. Isso era raro de acontecer, somente quando não tinha mais opção, mas naquela tarde o mar estava para peixe.

— Oi, Átila... — Uma morena gostosa se aproximou por trás, puxando meu braço para encará-la.

Ela usava um biquíni minúsculo, quase deixando à mostra os enormes seios que pareciam apetitosos. Varri meus olhos por toda ela e aprovei internamente, ela era deliciosa e tinha quase certeza de que nunca transamos antes.

Class[2]... Ela seria boa para o que eu queria essa noite.

— Oi, gata. Já nos conhecemos? — Segurei sua cintura e a puxei para perto, arrancando dela um arfar de surpresa seguido por um sorriso.

— Não oficialmente... Sou Bruna, já te vi por aqui antes. — Passou a língua pelos lábios e minha reação foi fazer o mesmo.

O foda é que tê-la seminua em meus braços não me deixou tão louco quanto deveria. Eu precisava de mais...

— Você está com alguém? Veio com alguma amiga? — Os lábios dela

frisaram sutilmente, mas eu percebi. Não gostou muito do meu comentário, mas se ela realmente me queria teria de seguir meus termos.

— Sim... Mas eu queria você só para mim. — Passou a ponta dos dedos pelo meu peitoral antes de colar seus peitos em mim.

Segurei seus longos cabelos escuros e puxei sua cabeça para trás, para ela ver meu rosto sério.

— Eu não sou de ninguém — murmurei perto de sua boca entreaberta. — Se quiser o que eu tenho a oferecer, saiba que não vai se repetir. Prometo que uma vez só valerá muito a pena, me sentirá dentro de você por semanas...

Arquejou e seus olhos se arregalaram, arrancando-me um sorriso.

— Você quer isso? — perguntei, descendo o rosto ao dela e resvalando de leve minha língua em seus lábios. Incitando e dando uma pequena prova do meu gosto.

— Muito... — gemeu contra minha boca.

— Então busque sua amiga, se ela for gata como você. — Virei seu corpo e bati em sua bunda deliciosa. — Estarei esperando aqui, mas não demore.

A vi correndo até o outro lado, parando em frente á uma loira platinada. As duas me olharam ao mesmo tempo e sorriram. Finalmente senti a ereção despontar na bermuda. Estava quase achando que Nora havia me quebrado.

As duas não paravam de rir e me tocar enquanto eu conduzia a lancha, eu já não aguentava mais esperar. Fui idiota, poderia ter comido elas por lá mesmo, mas hoje precisava de mais tempo para gastar toda minha energia, o suficiente para me deixar tão exausto que eu apagaria no final da sessão.

Ajudei as meninas a saírem da embarcação e enlacei a cintura das duas,

querendo sentir melhor as curvas dos seus corpos. Ao passar pela sala percebi movimentação na cozinha e fui até lá, sabia que seria melhor ter ido direto ao quarto, mas não me contive.

Damn it!

Que porra estava acontecendo comigo? Estaquei no lugar ao ver Nora com os pés descalços e ainda usando o vestido. Ela era a visão mais sexy que já vi na vida, mesmo com os cabelos um pouco bagunçados, o rosto sem vestígios nenhum daquelas merdas de maquiagem e vestida de modo simples. Eu achava que já estava duro, mas só de vê-la senti meu músculo enrijecer ainda mais e dobrar de tamanho.

Fuck![3]

— Quem é ela, Átila? — A morena me tirou do topor, sua pergunta soando como uma explosão nos meus ouvidos e me deixando nervoso.

Fui bem claro quanto ao nosso arranjo. Sem perguntas pessoais, sem amarras, sem esperanças de uma segunda vez. Porra! Sabia que ela me causaria dor de cabeça, mas era gostosa demais para deixar passar. Precisava dar uma cortada agora antes que piorasse.

— Ninguém com quem *você* deva se preocupar. — Desviei os olhos de Nora para a Bianca... ou seria Barbara? Pouco me importava, não precisaria me lembrar de seu nome no dia seguinte mesmo. Ela percebeu minha insinuação e o sorriso vacilou ao notar minha expressão séria.

Soltei as mulheres e andei até o refrigerador, que por “coincidência” era bem perto de onde Nora estava. Estiquei o braço, encostando deliberadamente no dela, e a sensação de sua pele morna em contato com a minha despertou meu corpo em dobro. Eu já não cabia mais dentro da bermuda, e no fundo queria que ela notasse, mas Nora mal me olhou. Soltei o ar dos pulmões e

peguei algumas garrafas de cerveja da geladeira, algo desnecessário já que meu frigobar estava abarrotado delas. Estava louco para me aproximar dela, só isso.

Essa noção me deixou desesperado. *SHIT*. Eu não podia me descontrolar até aquele ponto! Ela era a droga da minha empregada, e eu estava com duas gatas esperando para serem comidas! Precisava me afastar e colocar um ponto final nisso antes que eu ficasse louco.

— Vamos, gatas. Mal posso esperar para saboreá-las. — Voltei minha atenção para as minhas duas presas e fiz questão de deixar Nora desconfortável. Tinha de assustá-la para que não se aproximasse ou se sentisse atraída, porque se dependesse de mim não manteria distância.

Capítulo 6



O despertador tocou às sete e meia, me dando tempo o suficiente para me arrumar tranquilamente e tomar o café da manhã antes de começar a trabalhar. Tomei um banho morno, pois, mesmo no verão, a manhã amanhecia com aquela brisa fria. Vesti meu uniforme que consistia em um vestidinho preto de manga curta com detalhe em viés branco e o avental preto. Como eu sou alta e tenho pernas que não acabam nunca, a saia batia um pouco mais de um palmo acima dos joelhos, exatamente igual ao vestido de verão o qual meu chefe, tão indelicadamente, disse que era curto.

Eu queria ver a reação dele ao perceber esse detalhe.

Ai dele se reclamasse! Não iria trabalhar que nem uma freira num dia quente desse. Por mais que precisasse do emprego, não me sujeitaria a isso. Conseguiria outra coisa, o salário seria muito pior, eu sabia, mas eu não era obrigada à tortura! *Tá*, eu estava exagerando, só um pouco. Acordei de mal humor.

— Bom dia. — cumprimentei Marta que já estava na cozinha às oito horas. Devia chegar mais cedo para preparar o café da manhã do chefe. Marta, que estivera cortando fatias de queijos e enrolando igual às de peito de peru postas na travessa, parou o que estava fazendo e me inspecionou da cabeça

aos pés.

— Bom dia, Nora! — Seu tom de voz parecia mais suave e em seus olhos notei aprovação. — Se alimente bem, pois o dia começa cedo e não é mole não!

Por fora eu sorria, por dentro eu estava agitada e não via a hora da semana passar para voltar para casa.

Apoiei-me na grande ilha da cozinha e olhando para toda aquela opção de comida fiquei com água na boca e meu humor melhorou exponencialmente. Normalmente não tenho muita fome quando acordo, mas com tanta coisa gostosa para escolher, meu apetite se abriu. Como um buraco negro.

— Obrigada, Marta. — Peguei um prato e saí colocando fatias de bolos, uma torrada quentinha junto com as fatias de queijo e *blanket* de peru, passando *cream cheese* para completar. Preferi beber suco de melancia, do que leite ou café, e me sentei pronta para começar com a comilança.

— Marta? — Esperei ter sua atenção para continuar a falar com a boca um pouco cheia, escondendo educadamente com a mão. — O senhor Douglass já saiu para o trabalho?

Vi os lábios dela se reprimindo enquanto negou com a cabeça.

— Provavelmente não, mas não tenho certeza. Você terá que confirmar por si mesma. Só... — hesitou, largando a faca na tábua, soltou um suspiro quase inaudível. — tenha cuidado, Nora. Bata na porta antes.

— Claro! — Uni as sobrancelhas, bebericando o suco para ajudar a engolir o pedaço do bolo que entalara na garganta. — É claro que irei me anunciar, Marta.

— Faz bem, faz bem... Agora termine seu café, Nora. — Encerrou o assunto e voltou aos seus afazeres.

Não sabia o motivo, mas meu coração estava a mil por hora. Talvez fosse a ideia de poder encontrar Átila adormecido nu em sua cama, ou então, encontrá-lo desperto e com a língua afiada para me atormentar. Ele poderia dormir vestido, é claro, mas a primeira coisa que me veio à cabeça foi ele sem roupas. Quase me dei um peteleco na testa para deixar de ser boba.

Acabei de comer e escovei os dentes antes de buscar por meus utensílios de limpeza. Organizei tudo no carrinho e o levei até a outra ala da mansão, onde se encontravam os quartos. Deixaria as salas e banheiros por último. Estava passando pela sala de estar e adentrando o corredor que levaria às suítes quando me deparei com a escada em granito que dava para a suíte master e o escritório. Ponderei se seria uma boa ideia começar de cima e seguir para os demais aposentos no andar de baixo, e para mim parecia que sim. Até porque seria difícil carregar o carrinho escada acima, então melhor que fosse quando estivesse com os braços e pernas firmes no início do dia, do que cansados depois de arrumar os outros quartos.

Como diziam: “Quem canta seus males espanta”, e a cena em que eu me deparava parecia mais como um conto de fadas às avessas. Eu me sentia como a Cinderela, mas estava na mansão da Fera. No entanto, ele não era nenhum príncipe enrustido, só havia o ogro mesmo. Talvez só pela beleza ele poderia ser comparado a um. Então, comecei a cantarolar para ver se minha situação melhorava.

Arrastei o carrinho com muito custo e meio atrapalhada, estava com medo de deixar cair os utensílios e, quando finalmente cheguei ao segundo andar, senti um frio no estômago. Havia uma energia estranha naquele lugar, algo que deixava minha pele formigando, como se eu estivesse sendo atraída. Como se eu fosse um ímã. Inspirando fundo, aprumei meu uniforme e caminhei até a grande e pesada porta de madeira que dava acesso ao quarto do gostosão

insuportável.

Eu não sabia naquele momento, mas já estava ferrada. Porque, vocês bem sabem, eu havia me preparado psicologicamente para lidar com a fera libertina, mas me esqueci do essencial. Esqueci de preparar o coração.

— Com licença, tem alguém aí? — disse contra a porta e bati três vezes consecutivas. Apurei os ouvidos, mas não podia ouvir nada do outro lado.

Tentei pela segunda vez e, novamente, silêncio absoluto. Girei a maçaneta, minhas mãos inesperadamente trêmulas e o coração martelando contra as costelas. A porta estava destrancada, então suspirei em alívio. Ele não dormiria com ela aberta...

Dei o primeiro passo e, assim que meus olhos se acostumaram com a pouca claridade devido às cortinas fechadas, engoli um grito de espanto. Sobre a cama havia três corpos nus, duas mulheres em cada ponta e um deus nórdico no meio. Não sei o que me deixou mais horrorizada, o fato dele ter transado com duas ao mesmo tempo, de eu ter visto as partes íntimas expostas daquelas mulheres, ou de estar hipnotizada pelo corpo escultural dele. Meu rosto estava pegando fogo e meu coração descompassado estava prestes a subir pela garganta. Não conseguia me controlar, parecia que um ser estranho havia tomado conta do meu corpo e eu era, naquele estante, uma *voyeur*.

Meu olhar percorreu o rosto adormecido dele, os cabelos espalhados por sobre o travesseiro me dava vontade de ir até lá e passar os dedos pelas mechas sedosas. Seus lábios estavam entreabertos e a expressão tranquila lhe atribuía uma áurea jovem. Desci minha atenção até o peitoral musculoso e os bíceps flexionados acima da cabeça...

Cruzei as pernas involuntariamente quando cheguei naquele delicioso V nos quadris apontando para o que havia entre as pernas, pena estar coberto pelo lençol, ou então eu teria uma visão privilegiada do seu pacote, o qual

tinha certeza que era proporcional ao resto do seu corpo. Grande...

— Está gostando da visão?

Juro por tudo o que é mais sagrado que eu morri por um segundo ao ouvir aquela voz. Minha alma pulou de dentro de mim e meu coração parou de bater, podia sentir até a falta do chão sob os meus pés. Tropecei para trás, esticando a mão até a batente da porta em busca de equilíbrio e respirei pela primeira vez, renascendo das cinzas do fogo que consumiu meu rosto. Mesmo no escuro, era impossível não notar meu rubor. Estava morta de vergonha por ter sido flagrada. E me sentindo uma idiota por ter me deixado levar brevemente pela atração.

— Eu não... você não... eu bati, mas você não respondeu... — gaguejei, ficando ainda mais nervosa ao vê-lo sentando na cama, fazendo o lençol deslizar mais para baixo. Tentei muito não desviar os olhos de sua face, mas foi mais forte do que eu e tive que morder o lábio inferior para não ofegar. Eu nunca estive tão certa em toda a minha vida, gabaritei a questão do seu tamanho. Ele realmente era grande, e pelos deuses, estava ereto!

— O que foi? O gato comeu sua língua? — Havia algo de diferente nele, sua voz estava mais rouca do que o normal, mesmo para alguém que acabara de acordar. O sorriso era forçado e as pálpebras dos olhos pareciam pesadas demais para continuarem abertas. A cabeça dele pendia de lado, com cascatas de cabelos dourados caindo sobre a metade do rosto. Os pelos dos meus braços se eriçaram com aquela visão.

Balancei a cabeça e engoli em seco. Não tinha notado, mas estava praticamente imprensada à parede de tanto que caminhei para trás querendo fugir dali. Ainda mais quando notei uma das mulheres se remexendo na cama.

— Eu já disse, bati à porta, mas não ouvi nada então pensei que não tivesse ninguém... me desculpe.

Virei-me de supetão, prestes a sair para o corredor, mas suas palavras me fizeram congelar no lugar.

— Então bata mais forte da próxima vez! E tenha certeza de que não estarei aqui, ou então... — Girei o rosto em sua direção, fitando-o por cima do ombro. — entenderei como um convite.

— Não vai acontecer — murmurei com a garganta seca e corri às pressas para bem longe dali.

Capítulo 7



Como havia prometido a mim mesmo, repeti a rodada com as gostosas até cair em exaustão. Chegando ao meu limite. No decorrer das duas primeiras horas elas suplicavam por mais, entoando meu nome como em uma prece. Eu era o deus delas, e minha cama o templo. No meio da madrugada, quando as pernas delas tremiam e os corpos suados desfaleciam contra o colchão, eu ainda não tinha esgotado todas as minhas energias. Era vital que eu o fizesse, caso o contrário não cairia em um sono profundo. Por isso, continuamos, ainda que eu fizesse todo o trabalho no fim das contas, enquanto elas só gemiam de prazer.

Nem me lembrava de como dormi, apaguei depois do último orgasmo. No entanto, sei exatamente como acordei. Eu podia sentir a presença dela, seu olhar percorrendo por meu corpo queimava minha pele e aos poucos abri as pálpebras pesadas. Não era um sonho como havia imaginado, ela realmente estava ali. Tentei ordenar meus pensamentos, a cabeça doía como esperado depois de beber tudo o que tinha direito e a garganta arranhava, mas consegui dizer a primeira coisa que veio na mente ao flagrar Nora apreciando minha figura. Despertei de todas as maneiras ao encontrar seu olhar fixo no meu membro que se erguia firme como o próprio martelo do Thor.

— Está gostando da visão?

Controlei a expressão para não sorrir ao assistir a reação dela, o rosto corou absurdamente de forma adorável e deu um passo em falso para trás. Os olhos de avelã ficaram grandes e os seios subiam e desciam frenéticos por baixo do uniforme a cada respiração. E as pernas vacilantes... continuavam à mostra no vestido formal.

Damn! Assim fica difícil resistir!

— Eu não... você não... eu bati, mas você não respondeu... — titubeou, e adorei saber que a afetava dessa forma. Porque ela também me afetava e não sabia mais o que fazer sobre isso.

Ajeitei-me na cama, deixando o lençol deslizar propositalmente. A sensação de tê-la observando cada movimento meu foi o suficiente para me excitar e dessa vez mandei a razão se foder. Como esperado a sua atenção voltou para a minha ereção despontando para fora do tecido e contive a vontade de me tocar quando fisgou os lábios enquanto conferia o meu tamanho.

Aquilo era tortura, e por mais que eu a quisesse, não podia. Além disso, havia duas mulheres nuas na cama comigo e o momento não poderia ser pior. Estava tudo errado, a minha cabeça estava prestes a explodir e tinha um gosto amargo na boca, mas clareei a mente e percebi a oportunidade perfeita para afugentar de vez essa menina. O que mais eu poderia fazer? Ela parecia estar pregada no lugar sem conseguir desviar os olhos de mim e isso era perigoso.

Eu era perigoso.

— O que foi? O gato comeu sua língua? — com a voz ainda rouca soei mais sinistro do que imaginara. Perfeito. Forcei o sorriso e observei sua reação.

Tenha medo de mim, Nora. Fuja.

— Eu já disse, bati à porta, mas não ouvi nada então pensei que não tivesse ninguém... me desculpe — disse balançando a cabeça e ficando cada vez mais pálida.

Meu plano estava dando certo afinal... mas ainda não era o suficiente.

Nora finalmente moveu as pernas e se voltou em direção à porta, antes que ela sumisse de vista decidi arrematar.

— Então bata mais forte da próxima vez! E tenha certeza de que não estarei aqui, ou então... — Esperei ter sua total atenção novamente para continuar — entenderei como um convite.

Os olhos castanhos arregalados foram minha resposta, antes mesmo das palavras saírem de sua boca. Agarrei o lençol com força sem que ela percebesse e controlei a respiração. Ela precisava me odiar, mas não esperava sentir ódio de mim mesmo ao fazer isso com ela.

— Não vai acontecer — sussurrou antes de desaparecer no segundo seguinte.

— *Fuck!* — Soquei o colchão ao passo que dois corpos se agitaram ao meu lado.

Não estava com cabeça para lidar com elas, precisavam sumir da minha vista.

— O que foi? — A loira se sentou num sobressalto enquanto a morena se espreguiçava sem pressa alguma.

— Vocês estão indo embora, se arrumem. — Passei as mãos nos cabelos, prendendo-os em um coque.

Senti os dedos de uma delas enroscarem em meu braço e precisei de muito controle para não empurrá-la para fora da cama. Meu corpo começou a

tremer e trinquei o maxilar ao me levantar. Respirei fundo, acalmando os batimentos cardíacos e me apoiei na parede de costas para as mulheres. Não queria que vissem o meu estado.

— Mas já, Átila? Ainda está cedo...

Virei a cabeça e encarei as duas, engoliram em seco e assentiram derrotadas.

— Podem usar esse banheiro para tomar banho. Sairemos em trinta minutos.

Peguei uma muda de roupa do closet e as deixei sozinhas na suíte, trancando-me no meu escritório a tempo de aplacar minha aflição e me acalmar. Só saí dali para tomar uma ducha rápida em um dos banheiros no andar de baixo e levar a dupla até a lancha. Ao passarmos pela sala senti a presença *dela*, mas não consegui vê-la em lugar nenhum. Eu devia estar louco. Algo comum nesses últimos dias...

***

Retirei a rede de cabelos e soltei o coque ao sair do laboratório onde as amostras das matérias-primas são cautelosamente analisadas e as degustações são feitas, uma coisa que minha família manteve durante as gerações foi o selo de qualidade da marca e eu fiz questão de reforçar isso quando assumi os negócios. Subi alguns lances de escada e passei pelo corredor de onde tinha a visão da área de fabricação. As paredes de vidro me possibilitavam observar o andamento da produção na área de brassagem[4]. Logo à frente eu podia ver a porta que dava para a sala de controle, sabendo que Rick estava ali dentro eu passei direto por ela. Eu tinha plena confiança nele, o meu melhor amigo e sócio, portanto, segui o caminho até o meu escritório e suspirei ao entrar nele.

Eu precisava esfriar um pouco a cabeça. Hoje o dia foi tenso com a

pauta da próxima reunião, odeio fazer cortes, mas não tolerava deslizes na minha empresa!

— Shit! Preciso de uma bebida... — Deslizei os dedos na cabeça, massageando o couro cabeludo e bagunçando um pouco os fios.

Andei até parar em frente à estante, meus olhos pousaram no porta-retratos e o segurei, aproximando a imagem até o rosto precisei engolir um nó estranho que brotou na garganta. Eram os meus pais ainda jovens, D. Blenda sorria em puro êxtase para a câmera enquanto Sr. Otto admirava a esposa com a mão tocando sua barriga volumosa já perceptível por baixo do vestido. Estavam felizes e já me amavam antes mesmo de eu ter nascido, antes de descobrirem o filho difícil e problemático que teriam. Ainda assim, continuaram me amando incondicionalmente. Eu sei que estava sendo um babaca por não retornar as ligações deles, mas simplesmente não conseguia. Não podia mais ouvir suas súplicas para eu voltar a ser o cara que era antes. Aquele homem não existia mais...

— Átila, precisamos resolver... — Rick para de falar quando me vê e eu coloco a foto rapidamente de volta ao seu lugar — quem vai para o festival esse ano. — Termina a frase com uma sobrancelha levantada. Ele finalmente me pegou em um momento vulnerável e no fundo gostou disso, pois lhe dava a oportunidade de abrir minha ferida.

— Eu posso ir. — Quebrei o contato visual e peguei o copo na estante, preenchendo-o de uísque, outra paixão além da cerveja. — Pode avisar a Carol para não se preocupar, sei que ela não gosta quando você faz essas viagens.

Ouvi meu amigo bufar e voltei minha atenção para ele, já me sentindo mais calmo depois de alguns goles do líquido da cor de âmbar. Ricardo estava balançando a cabeça, parecia exausto e pude notar as olheiras abaixo dos seus

olhos castanhos. Ele era o meu irmão de consideração e eu já estava ficando cansado das nossas brigas, já passou da hora de voltarmos a nos falar direito, mas era sempre ele que tomava a iniciativa.

— Não fale dela assim, Átila — suspirou, esfregando o rosto com as mãos para logo deslizá-los nos longos cabelos negros. — Não sei por que está de implicância com a Carol ultimamente, mas pare já com essa merda.

Fitou o copo em minha mão e não tentou esconder a careta de desagrado.

— Quer um pouco? — perguntei de sacanagem, sabia que ele não gostava de beber enquanto trabalhava. No máximo ele degustava quando necessário ou bebia socialmente em eventos na empresa.

— Cara, o que deu em você? — ignorou minha pergunta retrucando com outra. Cruzou os braços e se aproximou com a expressão séria. — Está mais babaca do que o normal.

Ele quer falar disso agora...

— Você sabe o que. — Engoli todo o conteúdo e forcei um sorriso. — É só a época do ano, depois melhoro.

— Não é só isso, eu sei. Está diferente, tratando as pessoas como lixo sem razão. Carol está chateada e eu também para falar a verdade. Achei que fossemos todos amigos.

Senti uma agitação no peito que se alastrou pelo corpo em forma de tremor, uma sensação atípica tomou conta de mim e tudo o que eu mais queria era ir para casa. Nunca, em todos esses anos, odiei o fato de estar no trabalho.

A cervejaria era familiar, quando eu assumi os negócios decidi implantar uma postura mais agressiva. Eu queria oferecer algo diferenciado no mercado, queria o tipo de cerveja que *eu* gostaria de consumir. Isso aqui era a minha paixão, minha arte, mas acima de tudo era o meu negócio. Portanto, a

sensação de desânimo e claustrofobia por estar ali me deixava em pânico. E eu descontei minhas frustrações nos meus amigos.

— Só estava reagindo pela forma como vocês dois têm me tratado! Acha que não percebi o distanciamento? As trocas de olhares quando estão perto de mim? — Minhas narinas expandiram e o peito arfava com a força pela qual eu puxava o ar.

— Irmão... — Rick se aproximou segurando meus ombros com firmeza. Ele era quase tão alto como eu com os seus 1,93 cm de altura. — você entendeu tudo errado.

Éramos tão parecidos quanto diferentes. Tínhamos o mesmo porte físico e na adolescência decidimos deixar nossos cabelos crescerem. Mas enquanto eu era todo dourado com minha pele branca bronzeada e fios loiros na cabeça, o Ricardo era todo bronze com a pele naturalmente morena e cabelos castanhos escuros. Naquele momento os olhos negros dele buscavam preocupados pelos meus.

— Carol e eu queríamos conversar com você sobre algo, mas não sabíamos por onde começar... — Soltou-me e se afastou com os lábios frisados. Parecia mesmo apreensivo.

— Por que não me contam logo, *damn it*? — Comecei a prender minhas mechas em um coque para logo soltá-las novamente. Um hábito que tenho quando estou nervoso. — O que foi, vai desistir da sociedade? Vão se mudar? Fala logo, porra!

— Não! Átila, é claro que não desistirei da sociedade! — Respirou fundo e tampou o rosto com as mãos por um segundo antes de voltar a falar. — Eu e a Carol queremos te dar uma notícia, é uma boa notícia, Átila.

— Então para que todo o drama?

Rick sorriu fracamente encolhendo os ombros, primeira vez que o vejo sem palavras.

— Passem lá em casa nessa sexta, posso fazer um churrasco e a gente aproveita a piscina e conversa como costumávamos a fazer.

Bati em seus ombros e ele confirmou a presença antes de sair da minha sala. Verifiquei as horas e decidi voltar para a mansão, eu já tinha feito bastante por hoje. Meus lábios se inclinaram para cima antes que eu pudesse sequer perceber que estava sorrindo e isso me assustou, pois, a imagem que conjurou essa reação era a bela mulher a qual eu encontraria em casa.

— *Damn it!* — Saí batendo a porta, me recriminando por dentro.

Capítulo 8



Passei o resto do dia com os nervos à flor da pele, a qualquer barulho eu me assustava, achando que poderia ser o Átila. Não tinha medo dele, mas medo pelo o que eu sentia ao vê-lo.

— Pare de pensar nele, Nora! Preste atenção no que está fazendo! — disse para mim mesma quando deixei cair pela segunda vez o espanador.

Porcaria...

Por mais que eu tentasse raciocinar normalmente, meu cérebro me traía com pensamentos inoportunos. Não adiantava, eu não conseguia controlar o rumo que eles levavam. E pelos deuses, aquele sentimento me consumia de forma estranha, um furor queimava meu corpo ao mesmo tempo em que me excitava, eu era uma desordem ambulante, um redemoinho de sensações, um paradoxo. Devia estar ficando louca de pedra! E isso me deixava ainda mais revoltada, por ele me fazer sentir como se estivesse perdendo o juízo.

Sabia que o meu chefe tinha saído, mas isso não impedia minha paranoia, aguçava meus ouvidos para detectar o som do seu barco chegando. Fiquei aliviada mais cedo quando o vi levando as duas mulheres para fora, fingi não ter notado seus olhos me procurando pelo recinto.

No entanto, antes que ele pudesse me ver, adentrei o banheiro do térreo o qual tinha acabado de limpar e esperei até ter certeza de que estava sozinha na mansão. Só então tive a coragem de voltar até o quarto dele e arrumar aquela bagunça.

Havia dezenas de garrafas de bebidas jogadas ao chão. Enruguei o nariz ao olhar para o lençol amarrotado, pedindo ajuda aos deuses do Olimpo, nórdicos, e todos os que eu conhecia para conseguir prosseguir com o meu trabalho sem sentir nojo, inveja e raiva. Inveja? Sim... a idiota aqui estava tão confusa que por um instante se imaginou no lugar das duas mercenárias.

Como seria estar debaixo daquele corpo grande e tonificado? Ser sua presa por uma noite e usufruir de cada centímetro daquele pedaço de mal caminho?

Balancei a cabeça e continuei a arrumar tudo, franzindo os lábios ao trocar as roupas de cama e retirar os pacotinhos das camisinhas rasgados e arremessados sem cerimônias no chão. Ao menos ele se preveniu... Passei o lixo do banheiro para a sacola enorme e tentei não olhar o conteúdo, mas falhei miseravelmente ao ver de relance os tais preservativos usados e com nó ali dentro. Senti-me como faxineira de um motel, mas engoli os xingamentos e segui adiante. É lógico que um homem solteiro e lindo como ele teria uma vida sexual ativa, só não esperava dar de cara com as provas dos atos!

Enxuguei a testa com as costas da mão e verifiquei as horas no relógio de pulso. Um presente maravilhoso que ganhei da minha melhor amiga quando passei no vestibular, é um relógio pulseira em couro trançado, com dois pingentes em ouro envelhecido, um é o símbolo das *Relíquias da Morte* e o outro o símbolo do *Tordo.* Referências aos meus livros prediletos.

Notei já ser quase o horário do meu segundo intervalo e a fome crescente fazendo meu estômago rugir em protesto. Porém, preferi terminar o

trabalho antes e só restava um cômodo, o escritório de Átila. Atravessei o pequeno corredor e fechei os meus longos dedos ao redor da maçaneta redonda, ao tentar girá-la percebi estar trancada.

— Mas que ótimo! — objetei para ninguém em particular. — Bom, se ele reclamar da sujeira eu vou jogar naquela cara perfeita que a culpa foi dele!

Dei um passo para trás tropeçando nos meus próprios pés e, ao tentar me apoiar na primeira coisa na minha frente, quase virei todo o carrinho para o lado, derrubando algumas coisas no piso impecavelmente limpo.

Merda! Como disse o Forrest Gump: Acontece.

Percebendo o estrago que fiz, um lamaçal tremendo por derramar o balde com água suja, agachei-me ficando de quatro e xingando tudo o que tinha direito enquanto enxugava o chão com um pano limpo.

— Damn!

Senti o meu rosto perder a cor ao escutar a voz grossa atrás de mim. Fechei os olhos com força e fiz uma prece pra que tivesse sido uma alucinação, mas ao virar a cabeça encontrei meu chefe parado nos últimos degraus que dão para o segundo andar. O olhar dele estava fixo na minha bunda e as duas mãos deslizavam eroticamente pelos cabelos soltos, puxando-os para trás num ato que parecia desespero.

— O que... que porra é essa? — murmurou com a voz atipicamente estrangulada. Parecia estar sofrendo quando na verdade era eu quem deveria estar!

Percebendo a minha posição nada decente, ainda por cima por estar usando um vestido, tentei me levantar, mas meus sapatos escorregaram na superfície molhada e fiquei cambaleante lutando para não cair. Dois braços fortes enroscaram firmes em minha cintura e meu corpo foi pressionado a um

muro quente, cheiroso e duro. Senti-me uma tola quando inspirei fundo com a cabeça enterrada no peitoral largo, sorvendo a fragrância amadeirada, máscula, e perturbadoramente sexy.

Pelos deuses!

— O-obrigada. — Minhas palavras foram abafadas, por isso afastei o rosto e levantei os olhos em busca dos dele.

Aquele foi meu primeiro erro.

Átila me observava quieto, o olhar cálido me quebrou completamente, deixando-me ainda mais confusa e inquieta. Contorci-me em seus braços, tentando me afastar.

Aquele foi meu segundo erro.

Senti o tamanho dele em toda sua glória resvalando em meu ventre e um pequeno gemido saiu da garganta dele, já eu queimei de vergonha. Passei o meu franjão atrás das orelhas e dei um passo para o lado, desprendendo-me das garras da fera libertina.

Parecendo sair de um transe, Átila blasfemou em inglês um sonoro *FUCK* me assustando com sua mudança de humor repentina, e passou por mim como um raio. Abrindo a porta do escritório com uma chave se trancou no cômodo misterioso, deixando-me embasbacada do lado de fora.

— O que foi que acabou de acontecer aqui? — Instintivamente levei as mãos até a cintura, ainda sentindo o contado das dele queimando minha pele. Perguntando-me se vestida ele me abalou dessa maneira, como seria então o seu toque na minha pele desnuda?

— Trabalho. Volte ao trabalho! — murmurei ao voltar a secar o chão úmido.

Por que eu não conseguia manter minha compostura? Jurei a mim mesma estar preparada para enfrentá-lo, mas estava sendo difícil colocar minha promessa em prática. Eu era humana, não estava imune a nada...

Terminando a tarefa chata, culpa minha por ser tão estabanada, caminhei em direção à escada com o cuidado em dobro. Com o carrinho pesado, não queria dar chance de outro desastre acontecer! Mas antes de pisar no primeiro degrau, voltei minha atenção para o fim do corredor, imaginando o que o Átila fazia ali e por que mantinha a sala trancada. Deixei a curiosidade em segundo plano quando minha barriga roncou, precisava comer urgentemente, porém, o que eu mais necessitava era de um banho.

***

Com o horário de verão o sol estava se pondo por volta das oito horas, eu achava maravilhoso poder apreciar um pouquinho do que restava do dia após o meu longo expediente. Sentia-me satisfeita com o delicioso jantar preparado por Marta, um estrogonofe de camarão e arroz de forno com bacalhau que me levaram às nuvens. Só comia bacalhau na ceia de Natal, que por acaso será daqui a duas semanas, por isso me esbaldei. Repeti o prato mesmo, dane-se! Depois de tanta ralação merecia me alimentar bem! Até porque sobrou o bastante para o senhor Douglass... Era tão estranho chamá-lo de senhor. Parecia ser jovem, no máximo dos máximos tinha trinta anos. E se ele resolvesse trazer companhia, ou companhias, também teria o suficiente!

— Aquelas duas mercenárias pareciam mais duas palitos com silicone, se caíssem em alto mar iriam boiar tranquilamente com as duas bóias como comissão de frente! — debochei ao me lembrar das mulheres de ontem. — Com certeza não são tão boas de prato quanto eu. Nem iriam sentir falta da comida mesmo. — Encolhi os ombros antes de abrir a geladeira em busca da jarra de suco.

— Está falando sozinha?

— Peloamordosdeuses! — Pela segunda vez no dia derramei algo, dessa vez foi na minha blusa. — Você me deu um baita susto!

Virei toda ensopada para o dono da voz, com a regata branca manchada de amarelo pelo suco de laranja, e encontrei o meu chefe rindo com os cotovelos apoiados no balcão. Uma das mãos deslizava em sua barba por fazer enquanto me examinava.

— Não me ouviu chegar? Eu com certeza te ouvi, sinto sua presença a metros de distância... — Me examinava, passando as mãos pelas madeixas sedosas e brilhantes, prendendo-os num coque. — a quilômetros até...

Percebi certa agitação em seu modo de falar, os olhos outrora translúcidos, estavam completamente escuros e passeavam pelo meu corpo demoradamente. Eu não sabia o que fazer além de engolir em seco e torcer para ele não escutar as batidas desenfreadas do meu coração, e não estavam daquele jeito por causa do susto... era a presença dele. Eu também podia sentilo de longe. Porém, o safado era tão silencioso, eu nunca escutava quando se aproximava! Aquela foi a segunda vez que me pegou desprevenida.

— Eu... estava distraída. Precisa de algo, senhor Douglass? — Forcei meu tom profissional e desviei os olhos para o copo à minha frente enquanto o enchia. Ainda assim podia sentir o peso do seu olhar.

Ele era um ímã e eu constantemente me sentia atraída por ele, parecia impossível romper aquele magnetismo, por mais que eu tentasse, o meu olhar sempre retornava para o seu. E a intensidade dele roubava meu ar.

— Preciso... Porra! Preciso! — Se afastou abruptamente com o rosto contorcido, parecia com dor ou algo do tipo, e sumiu de vista correndo escada acima.

— Ele deve ter algum problema! Onde fui me meter? — Caminhei para os fundos da mansão, em direção ao jardim aos pés da mata no fim do terreno, e me aconcheguei em uma cadeira de vime degustando do meu suco e da brisa do início da noite carregando o perfume de rosas.

Rosas?

O sol estava quase sumindo e eu mal conseguia enxergar o horizonte na penumbra, também não liguei as luzes externas porque não demoraria ali fora, mas me arrependi por isso. Queria me aventurar por terras ainda desconhecidas, não tive tempo de conhecer toda a mansão. Talvez no dia seguinte eu fizesse exatamente isso...

E foi ali, de repente, quando eu menos esperava e por causa de um simples pensamento, que encontrei-me solitária. Em uma vastidão de incertezas, conversas soltas no ar e a falta de uma pessoa para me escutar, o desânimo de acordar cedo no dia seguinte para fazer tudo de novo, a saudade e o medo. Medo de passar as horas de cada dia sem poder compartilhar pérolas e momentos com alguém. Eu só queria não me sentir tão *sozinha*. Mas como bem sabem, aquela era a minha vez de me doar, o problema é que eu estava acostumada a receber.

— Amadureça, Nora. Pode doer agora, mas é o necessário — sussurrei para o vento.

Capítulo 9



O celular tocava incessantemente no bolso da minha calça, não poderia atender nem se eu quisesse, pois, estava conduzindo a lancha. Deveriam ser os meus pais, ao sentir o aparelho vibrando me dei conta de como eu mesmo estava tremendo. As bebidas e as noites de sexo interruptos não eram capazes de me conduzir ao sono profundo como havia planejado, não agora quando as lembranças me assombravam de forma avassaladora. Eu estava esgotado e há muito não dormia direito. Tudo o que eu mais queria era paz, e só conhecia uma forma de tê-la, ainda que por um breve momento.

Desliguei o motor, respirando com mais facilidade ao finalmente chegar em casa e me apressei até o meu refúgio. E por mais que eu quisesse ficar sozinho, não pude evitar, meus olhos a buscaram pelos arredores antes de eu subir as escadas. Ri de mim mesmo, eu estava sendo ridículo. Meu ouvido zumbia e a cabeça doía, por isso acelerei os passos subindo dois lances de cada vez, mas minhas pernas pararam de funcionar quando vi aquela cena.

— Damn! — vocalizei meu pensamento sem perceber.

Por que o destino vivia insistindo em me mostrar o quanto aquelas pernas eram maravilhosas e me provocando com o vislumbre da calcinha marcando perfeitamente o corpo da Nora? Se eu já estava agitado antes, vê-la

de quatro daquele modo me desequilibrou ainda mais. O coração batia descompassando no peito enquanto eu tentava formular alguma frase para não parecer estúpido. Pervertido eu já era, mas ser flagrado por ela enquanto eu checava a sua bunda me pareceu estranhamente errado. Talvez fosse o seu rosto meigo e seu ar de inocência, ou talvez eu estivesse mais quebrado do que imaginava.

— O que... que porra é essa? — Puxei os cabelos para trás tentando me recompor. Eu com certeza estava quebrado.

Meu olhar se desviou para os seus lindos olhos avelãs que me fitavam em alarme, e fui pego desprevenido ao imaginar como seria a minha imagem através deles. Nora não respondeu à minha pergunta retórica, mas parou o que estava fazendo e se levantou num rompante. Seus sapatos deslizaram pela superfície molhada e quando dei por mim estava correndo até ela antes que caísse no chão e se machucasse.

Enlacei sua cintura e a segurei firme de encontro ao meu corpo, os cabelos cheirosos me deixavam louco e não pude conter a vontade de sorver o seu perfume doce. Pressionei os dedos em sua pele macia e mergulhei levemente o rosto nas suas madeixas sedosas enquanto me sentia enrijecer em um misto de prazer e tortura.

— O-obrigada — disse com o rosto pressionado em meu peitoral, sua respiração morna atravessou o tecido da camisa e meus pelos eriçaram em reação.

Aquela proximidade inebriava meus sentidos de tal forma como nenhuma bebida ou qualquer entorpecente que já experimentei na vida.

Nora levantou a cabeça e nossos olhares se encontraram, suas íris da cor de avelã brilhavam e suas faces coradas me diziam que ela estava tão excitada quanto eu. No entanto, tentou fugir de mim serpenteando o corpo em meus

braços. Em meio ao movimento minha ereção roçou em seu ventre arrancando um gemido meu. A sensação foi tão gostosa e provocante que precisei fechar os olhos e inspirar fundo para manter o controle. Foi somente quando ela se afastou que minha razão finalmente voltou à tona.

Que merda eu estou fazendo? Preciso sair de perto dessa mulher. Agora!

Meus ouvidos voltaram a zumbir e mal pude escutar minha própria voz enquanto praguejava, escapando de uma tentação e correndo para os braços de outra, adentrei o meu escritório e me tranquei ali. Eu precisava mais do que uma bebida, precisava esquecer isso tudo!

Perdi a noção de quanto tempo esperei, mas eu estava com a boca seca e precisava beber água gelada. Tossi sentindo a garganta arranhada e esfreguei o nariz antes de destrancar a porta, ainda estava agitado, mas pelo horário achei que não esbarraria com ela novamente. Estava enganado.

Uma voz suave vinha da cozinha e, por mais que eu quisesse me manter longe, o meu corpo foi impulsionado a avançar naquela direção. Ao ver Nora murmurando algo sobre mulheres mercenárias com peitos falsos eu não consegui conter um sorriso. Ela estava com ciúmes? Isso seria ridículo considerando que ela era linda. Talvez não soubesse e isso sim era uma loucura, alguém deveria dizer o quão bela é. Mas porra, eu não era o homem certo para dizer aquilo!

— Está falando sozinha?

— Peloamordosdeuses! — Vi seu corpo ficar tenso e as mãos tremeluzirem, derramando um pouco do suco na própria blusa — Você me deu um baita susto!

Precisei de todas as minhas forças para não agarrá-la quando se virou e olhou para mim, a camisa branca estava molhada me permitindo ver

perfeitamente o formato dos seios contra o tecido. Minha boca se abriu em um sorriso espontâneo, imaginando mil e uma formas de degustá-la e o doce sabor que Nora devia ter. Ela estava me levando à loucura e não fazia ideia!

— Não me ouviu chegar? Eu com certeza te ouvi, sinto sua presença a metros de distância... — inspirei fundo, prendendo os cabelos para me acalmar — a quilômetros até...

Enquanto eu a observava de perto, cada pedaço de mim gritava por mais. Eu precisava de mais uma prova do seu toque, do seu cheiro inebriante, da sensação de sua respiração morna contra minha pele...

— Eu... estava distraída. Precisa de algo, senhor Douglass? — O seu tom profissional foi um balde de água fria, mas que não esfriou em nada o fogo que estava me consumindo.

Ah, *damn it*... se ela soubesse do que eu precisava não teria me perguntado!

— Preciso... Porra! Preciso! — Saí de perto antes de fazer alguma merda. Sabia que ela não merecia alguém como eu, parecia doce demais, inocente demais. E eu... eu era um animal pronto para devorá-la.

***

Naquela noite eu não dormi, continuei deitado na cama olhando para o teto até a visão borrar e as pálpebras pesarem de sono. No entanto, tão logo a escuridão vinha eu não mergulhava nela com medo do que a acompanharia. Eu estava tão exausto, mas a aflição e o terror noturno venciam o cansaço. Não tinha mais forças para combater as lembranças, e elas me machucavam mais do que eu poderia admitir, já haviam criado raízes na memória e cresciam como erva daninha. Elas brotavam quando eu menos esperava, porém, ainda que eu soubesse quando, nunca estaria realmente pronto para elas.

Antes do sol nascer eu já estava de pé, não havia comido nada desde o almoço do dia anterior, mas a fome não me incomodou. Por isso, pulei o café da manhã e fui direto para a minha academia particular. Exercitei-me até os músculos clamarem por descanso e o suor escorrer quente na pele, mas a dor era bem-vinda. Ela me fazia esquecer de qualquer outra coisa, ela me dava foco. E naquele momento não havia nada além de uma pura e deliciosa dor por toda extremidade do corpo.

— Só... Mais... Uma... Série... ARGH! — Com o braço vacilante eu deixei cair o peso no chão em um baque estrondoso.

Meus olhos se voltaram até a janela de vidro com vista para o quintal, pensei ter visto algum movimento, mas a mansão ainda estava deserta e Marta só chegaria em uma hora. Ainda sem fôlego e com o peito arfante, levantei-me da posição que estava e andei cambaleante até a porta. Segurando-me na batente, esperei alguns segundos até o coração desacelerar e a visão voltar ao normal depois da vertigem, inspirando fundo pelo nariz consegui controlar a fraqueza e segui até a cozinha em busca de algo para comer.

— Bom dia — Sua voz doce surgiu ao meu lado e me fez estremecer.

Eu não esperava encontrá-la assim tão cedo! Com a surpresa, o café desceu errado pela garganta e comecei a tossir sem conseguir tirar os olhos dela que andava apressada até mim.

— Desculpa! Você está bem? — Nora se aproximou dando algumas batidas de leve nas minhas costas enquanto eu continuava em uma crise de tosse.

Eu estava todo suado e provavelmente fedendo, porra! E ainda assim ela estava me tocando.

— Se... afasta! — Consegui dizer, mas senti uma pontada no coração ao

ver mágoa nos seus olhos de avelã.

— Me desculpe, eu só queria ajudar. — Desviou o olhar e deu alguns passos para trás, prestes a ir embora.

— Espere! — Consegui ter sua atenção de volta. Nora me observava com cautela e talvez um pouco de medo. — Eu estou todo sujo, não queria que me tocasse por isso.

Deixei a caneca de café no balcão e me girei na banqueta, ficando de frente a ela. Abriu os lábios para dizer algo, mas assentiu somente e continuou calada. Quando eu estava prestes a perguntar o que ela iria me dizer, Nora suspirou e disse:

— Você está febril, senhor...

— Me chame de Átila — a interrompi odiando o tratamento formal vindo dela e ignorando seu comentário sobre minha temperatura.

Seus lábios se abriram novamente e os seios se elevaram quando puxou o ar com força. Eu tive de me segurar para não levantar e beijá-la naquele instante.

— Isso seria inapropriado, você é meu chefe e...

— Exatamente. Eu sou seu chefe e estou pedindo que se dirija a mim pelo primeiro nome. Entendido?

Nora assentiu com as faces em rosas, era tão delicada como uma pétala. E eu, por ser somente espinhos, mantive minha distância com medo de despedaçá-la.

Capítulo 10



— Mas você tem que voltar logo! Quero te mostrar a moeda que a fada do dente deixou para mim!

Meu irmão acreditava na fada do dente, assim como no Papai Noel e no coelhinho da páscoa. Tanto eu como mamãe quisemos que ele tivesse uma infância normal, sem perder sua inocência com preocupações e as dificuldades que habitavam em nossas vidas. Aos olhos dele o mundo era repleto de magia e possibilidades.

— Sim, meu amor! Volto essa noite especialmente para te ver, estou morrendo de saudades! — Meu sorriso se fez ouvir na voz quando respondi. — Vamos brincar e passear bastante amanhã e no domingo!

— *Tá* bom... — Nico soou cabisbaixo e isso cortou meu coração.

— O que foi? — perguntei grudando o celular na orelha, como se daquela forma eu pudesse senti-lo mais perto.

— Mamãe disse que você vai embora segunda... Se... se eu faltar a escola você podia faltar também e ficar comigo?

Fechei os olhos e balancei a cabeça reprimindo a chegada das lágrimas. Eu passei dois anos fora morando em uma república enquanto estava na

faculdade e, quando finalmente retornei para casa, não foi para ficar. Isso mexeu muito com meu irmão. Quando ele imaginou que eu ficaria, precisei ir embora de novo. Ao menos agora estou perto e posso vê-lo todo fim de semana, ele teria de se acostumar com a nova rotina.

— Não, querido. Você tem que estudar, não pode faltar à toa. Lembra do que eu disse?

Esperei por sua vozinha do outro lado da linha.

— Sim — suspirou morosamente, fazendo os meus lábios se elevarem ao imaginá-lo com o rostinho lindo emburrado. — você disse que eu poderia ser quem eu quisesse se eu me esforçasse e estudasse bastante.

— E você pode! Por isso nada de faltar se não estiver doente, okey?

— Okey, Nora.

— E o que você quer ser quando crescer? — perguntei mordendo os lábios, curiosa pela resposta.

— Médico, igual você!

Tampei a boca com a mão e abafei um pequeno soluço, encolhendo-me mais na cadeira olhei ao redor para ver se alguém me notara, mas as pessoas continuavam a conversar e comer suas refeições tranquilamente. Havia decidido tirar meu horário de almoço para sair da mansão e perambular pela Vila do Abraão, o centro comercial e turístico da ilha. Naquele momento eu estava sentada na principal padaria e confeitaria, bebericando minha soda e mordicando um croissant de peito de peru. Finalmente estava rodeada de pessoas e não sozinha naquela imensa e vazia mansão. Na verdade não estava realmente vazia, o Átila estava lá. No entanto, desde quarta-feira estivemos nos evitando, acho que foi um acordo mútuo e silencioso o qual eu estava muito grata.

— Então você será o melhor médico de todos os tempos! — forcei uma voz animada, incentivando e apoiando como podia.

Despedimo-nos com a promessa de que ele ficará acordado me esperando. Apesar da minha relutância, Nico estava muito agitado com a minha visita. Ele não conseguiria dormir até que eu chegasse em casa.

Peguei um guardanapo e passei sobre os lábios antes de me levantar conferindo o relógio de pulso, eu precisava voltar ao trabalho. Minha hora do sossego acabou. Percorri a rua principal de frente à praia em busca de um rosto familiar, mas Brando não se encontrava no costumeiro lugar, deveria estar à serviço levando alguns turistas para passeio de barco. No entanto, me deparei com alguns homens usando o mesmo boné que ele com a logomarca da agência a qual ele trabalha.

— Com licença, eu preciso de um taxi *boat* até a Mansão Douglass...

— Ah! A senhorita é a cliente do Brando! Pode vir comigo, dona, ele avisou que você precisaria de condução.

— Obrigada. — Segui o homem moreno e com marcas de idade acentuadas na pele queimada de sol até a sua lancha.

O vento carregava o delicioso aroma do mar enquanto navegávamos. Mantivemos o silêncio durante o trajeto e ao nos aproximarmos do meu destino o frio na barriga aumentava. Pelos deuses, como eu era boba! Por mais que a minha razão brigasse, o coração era teimoso e continuava a disparar no peito. O motivo eu nem sabia... Mentira, eu sabia sim e seu nome era Átila.

— Quanto o senhor cobra? — disse tentando pescar minha carteira da mochila, o franjão caindo sobre os olhos me atrapalhava de enxergar a bagunça dentro dela.

— Não precisa pagar, dona! Já está tudo acertado com o senhor

Douglass. — Bateu com o dedo na aba do boné e voltou para a direção do barco.

Soltei o ar dos pulmões me sentindo aliviada, eu só receberia na próxima semana, portanto, foi bom poupar o pouco dinheiro que eu tinha. Pendurando a mochila de volta em um dos ombros, subi a rampa e os golpes ensurdecedores do coração aumentavam a cada passo dado. Eu podia ouvir vozes alegres na área da piscina e, assim que me aproximava da casa eu dei de cara com uma linda mulher de cabelos castanhos claros e olhos verdes brilhantes que me observavam.

— Olá, tudo bem? — Sorriu para mim e eu, por instinto, sorri de volta.

Fiquei sem reação por um instante, surpresa com a simpatia dela e a clara diferença que tinha das outras duas visitas que o Átila teve. Como eu demorei a respondê-la, a sua atenção se voltou para o lado, para o local que eu tentava a todo custo não olhar.

— Átila, não vai nos apresentar?

Meu sorriso congelou no rosto e fiz uma força tremenda para não fechar os olhos, pude sentir a minha espinha dorsal se retesar à espera da resposta do meu chefe. Se ele me chamasse de “ninguém” novamente, não sei como eu reagiria. Tinha de manter o controle das emoções!

Percebi a confusão no rosto dela enquanto alternava o olhar de mim para ele. Não aguentei a curiosidade, portanto, espiei rapidamente a área da piscina e tive de engolir em seco com a cena na minha frente. Átila estava dentro d’água ainda vestido, sua camiseta branca colada no corpo atlético me deixava com uma inexplicável falta de ar, os olhos azuis cristalinos estavam fixos em mim, observando cada movimento meu!

Logo na beirada estava um homem alto e moreno, com traços fortes e

bonitos e cabelos longos escuros. Ele sorria com a cabeça inclinada para o lado, como se tentasse desvendar um quebra-cabeça.

— Carol, essa é a Nora. Ela trabalha aqui. — Ele finalmente encontrou a voz. — Nora, esses sãos meus amigos, Carol e Rick.

Entrelacei meus dedos em frente ao corpo para não estalá-los de nervoso e meneei a cabeça como cumprimento, deixando minha longa franja deslizar pelo rosto a fim de esconder o rubor.

— Foi um prazer conhecê-los. Com licença...

— O prazer foi nosso, Nora! — gritou Rick atrás de mim e logo em seguida ouvi um grande *splash*.

Tanto eu quanto a Carol nos voltamos para a piscina, encontrando o moreno todo ensopado e ainda vestido.

— Estamos quites agora, seu trouxa! — Átila riu, o som era gostoso de ouvir, baixo e rouco. Arrepiando os pelos dos meus braços.

Antes de sumir para dentro da casa eu notei a troca de olhares do casal de amigos acompanhados de sorrisos cúmplices. Aproveitei que ninguém estava me olhando e fui embora. Mas eu estava enganada, os olhos da fera seguiam a sua presa a todo instante.

Terminando de escovar os dentes, vesti o meu uniforme e me preparei para limpar o andar de cima e a área externa. Depois daquele fatídico dia nunca mais arrumei o quarto do chefe logo pela manhã. Passei a esperar por sua saída ou então, como hoje, esperava para ter certeza de que ele estivesse ocupado com outras coisas.

— *Seja rápida, Nora* — sussurrei enquanto adentrava o amplo espaço escuro pelas cortinas fechadas. O peito arfava e as mãos tremulavam enquanto eu colocava as luvas de látex.

Troquei ligeiramente os lençóis da cama e varri e passei pano no chão como se o mundo fosse acabar no próximo segundo. Conferindo se não esqueci nenhum canto para limpar, fui em direção ao banheiro e lavei tudo, deixando os mármores lustrosos.

A porta do banheiro se abriu e meu coração pulou até a garganta.

— Peloamordosdeuses!

Um riso sonoro escapuliu dos lábios bem desenhados do Átila e ele continuou a retirar a camisa molhada do corpo como se aquilo não fosse nada demais. Como se ele não soubesse o dano que faz ao meu raciocínio quando fica seminu na minha frente.

— Estive te procurando por toda a mansão, só não imaginei que te encontraria aqui.

— Só faltava limpar o seu quarto, desculpe pela intromissão, eu...

Ele me interrompeu balançando a cabeça e se aproximou arrancando o ar dos meus pulmões.

— Já almoçou? — perguntou passando por mim e jogando a camisa embolada dentro da cesta de roupas sujas.

Minha cabeça deu um nó com a sua pergunta fora de contexto.

— Eu lanchei fora hoje, tive de passar na Vila.

— Tem bastante churrasco lá em baixo, quando terminar aqui passe lá e coma alguma coisa.

— Não precisa, de verdade! Já estou satisfeita... — Podia sentir meu rosto corar com ele me olhando sério tão de perto.

Átila percorreu os olhos por meu corpo e prendeu os lábios em uma linha fina.

— Se eu não te ver lá em vinte minutos, virei atrás de você, quer você queira ou não.

Ele não me deu tempo de responder, virou as costas e sumiu pelo corredor.

Capítulo 11



— Átila, me diga que não está maltratando a pobre garota. — Carol sentou-se na beirada com os pés para dentro da piscina e levantou uma sobrancelha para mim.

— Por que acha que eu faria isso? Sou quase um santo! — Tanto Rick como Carol jogaram a cabeça para trás, rindo alto com o meu comentário irônico.

Minha amiga empurrou com os pés um punhado de água na direção do meu rosto, mas eu mergulhei antes e nadei para longe dela. Quando emergi, tornei a olhá-la e fingi estar puto da vida, reprimindo um riso eu disse:

— Você está pedindo para ser jogada aqui dentro, uma pena ainda não ter colocado o biquíni...

— Não, Átila! Não se atreva, eu não posso... Meu vestido é novo!

Não percebi Rick se aproximando, quando menos esperava seus braços estavam me empurrando para baixo e eu prendi a respiração no último segundo antes de afundar. Lutei com ele e me soltei, indo a braçadas até sua esposa que tentava inutilmente fugir de mim.

— Cara, não faça isso... — Ignorei o pedido do meu amigo e continuei

indo atrás dela que, percebendo minha intenção, arregalou os olhos.

Ao se levantar e começar a correr pelo quintal, segui Carol e a peguei no colo pulando na piscina com ela ainda em meus braços. Seus gritos diretamente no meu ouvido quase me deixaram surdo e então o barulho cessou quando submergimos.

— Tudo bem aí, amor? — Foi a primeira coisa que escutamos ao insurgirmos em busca de ar.

— Seu filho da mãe! Rick, por que deixou que ele fizesse isso? — ela reclamou ofegante ao retirar os cabelos molhados do rosto.

Parecendo aliviado com a reação enfurecida da esposa, pois parecia bem o bastante para reclamar, Ricardo começou a rir e encolheu os ombros num pedido de desculpas.

— Seu marido que começou com essa babaquice, então não reclame.

— Ei, só estava relembrando os velhos tempos! — Rick foi para a churrasqueira verificar as carnes, retirando algumas linguiças e cortando na tábua — E vai dizer que não gostou? Está um calor dos infernos, só quis te refrescar. — Piscou pegando um pedaço da carne e jogando pra dentro da boca.

Carol beliscou meu braço antes de sair da água atrás do Rick, segurando uma toalha que estava estirada em uma das espreguiçadeiras. Ela começou a se secar enquanto verificava as opções de comida.

— Átila, venha aqui! — chamou ao longe.

— Já está tudo pronto? — perguntei ao que Rick assentiu, deixando de lado as coisas na mesa para segurar a cintura da esposa e beijá-la demoradamente.

Virei para a outra direção, sentindo um mal estar estranho no peito pela troca de carinho dos meus amigos. Franzindo o cenho eu me perguntei se não deveria ser a carência de sexo, talvez isso estivesse me fazendo sentir dessa forma. Passando pela sala em direção a cozinha averiguei os arredores e não encontrei ninguém. Marta havia ido embora pouco antes dos meus amigos chegarem, portanto, sim, eu estava procurando por Nora.

Damn it, tentei evitar que nos esbarrássemos durante a semana, mas depois do que aconteceu mais cedo eu não poderia mais fingir não notar a sua presença! Não saberia dizer o momento exato quando aconteceu, mas estou fodidamente atraído por ela. E isso estava me arruinando, pois, meu instinto primacial era de consumi-la, mas a porra da consciência berrava para me manter longe dela. Eu soava como uma mulherzinha, estava precisando mesmo de sexo! Só não seria com a mulher para a qual eu estive *batendo uma* nos últimos dias.

Debrucei-me no balcão da cozinha e demorei alguns minutos a mais do que eu deveria para encontrar as vasilhas contendo as guarnições, esperando o volume dentro das minhas calças esmaecer.

— Trouxe o resto da comida... — Arrumei os pratos na longa mesa de jardim — *bora* comer!

— Átila?

Girei o rosto para o lado, levantando uma sobrancelha para a Carol. Pelo modo como ela falou meu nome eu sabia que nada de bom sairia de sua boca.

— A Nora já comeu? — Fui pego de surpresa pela pergunta e não consegui pensar em uma resposta rápido o bastante antes dela falar novamente — Sabe, a gente não deve tratar os funcionários de forma diferente e já que temos o suficiente para umas dez pessoas, seria legal convidar ela para o

almoço.

Inspirei fundo, sentindo-me perdido. Carol costumava ser a conciliadora dentre nós três, mas desta vez era nítido sua pretensão. Ela deveria ter percebido a tensão sexual que emanava de mim e a forma como prendi meu olhar em Nora mais cedo, e agora testava a minha reação! Cerrei os olhos para ela e encarei seu marido que a abraçava por trás, sorrindo de deboche da minha cara.

— Tem razão — Encolhi os ombros do mesmo jeito que o Rick fazia, as vezes absorvíamos as manias um do outro pela convivência — já volto — disse de forma despretensiosa, mas por dentro o coração batia agitado contra o tórax. Eu devia estar doente, porque aquilo não era normal.

Procurei por todos os cômodos no primeiro andar, até mesmo em seu quarto, mas após bater na porta e não obter resposta soube que não estava lá. Meu jeans estava molhado e pesava nas pernas a cada passo que eu dava, a camiseta começara a secar, mas ainda grudava contra a pele. Pensando em retirar tudo e colocar uma sunga, subi as escadas até a minha suíte. Estava prestes a abrir o botão da calça quando reparei no carrinho de limpeza no canto do quarto, próximo ao banheiro. Ela estava aqui esse tempo todo...

.Caminhei lentamente e, sem me pronunciar, girei a maçaneta. Aquele era o meu banheiro, afinal.

— Peloamordosdeuses!

Nora pulou quando finalmente me viu, pousando uma mão sobre o peito. Um riso borbulhou da minha garganta sem que eu pudesse controlar. Eu achava tão engraçado quando ela se assustava dessa maneira, era adorável. No entanto, eu gostava ainda mais quando ela corava, por isso, deslizei lentamente a camiseta para fora do corpo. Como esperado, seus olhos se fixaram em meu peitoral ao passo que suas faces ficaram rosadas.

— Estive te procurando por toda a mansão, só não imaginei que te encontraria aqui. — Reprimi outro sorriso e desisti de arrancar o resto da roupa, mas não pude deixar de imaginar qual seria a sua reação ao notar o meu músculo que crescia e pulsava por ela.

— Só faltava limpar o seu quarto, desculpe pela intromissão, eu...

Ela estava pedindo desculpas por fazer o trabalho dela? Balancei a cabeça antes que pudesse completar a frase absurda e minhas pernas se moveram sem que eu percebesse, aproximando-me dela.

— Já almoçou? — Arremessei a camisa dentro da cesta de roupas sujas e tentei não ser tão óbvio quando inspirei fundo ao passar por ela.

Damn! Ela cheirava tão bem!

Nora franziu o cenho, como se não entendesse minha pergunta, mas respondeu:

— Eu lanchei fora hoje, tive de passar na Vila.

Enfiei as mãos nos bolsos para não enterrá-las nos cabelos e me incriminar. Eu estava nervoso, caralho.

— Tem bastante churrasco lá em baixo, quando terminar aqui passe lá e coma alguma coisa.

— Não precisa, de verdade! Já estou satisfeita... — Estava mentindo, eu podia ver. Aliás, ela mesma disse que só havia lanchado.

Deslizei o olhar por sua forma esbelta, perdendo-me nas suas curvas graciosas e femininas. Seu corpo foi desenhado para ser admirado, venerado, amado... Eu não poderia deixar que ela se negligenciasse dessa forma, precisava se alimentar direito.

— Se eu não te ver lá em vinte minutos, virei atrás de você, quer você

queira ou não.

Tive de sair de perto dela como a porra de um foguete, ou então perderia o meu autocontrole.

***

— E então? Cadê ela?

Trinquei a mandíbula para não mandar Carol ir à merda, ou então eu levaria um soco bem dado do Rick.

— Amor... — Meu amigo tentou chamar atenção de sua esposa ao que ela revirou os olhos, mas ficou quieta.

Segui até a mesa posta e comecei a montar o meu prato, olhando de soslaio por cima do ombro comprimi os lábios quando não encontrei nenhum sinal de Nora.

Havia um silêncio incômodo enquanto comíamos e minha paciência já estava no limite. Eu sabia que algo estava errado e, por mais que meus amigos e eu estivéssemos nos divertindo mais cedo, não me esqueci do propósito da visita deles.

— Vocês dois decidiram se vão me contar ainda hoje o que queriam tanto me dizer? — perguntei um pouco mais ríspido do que necessário.

Meu humor estava piorando a cada minuto que se passava, junto com a certeza de que Nora não viria.

Ricardo parou o garfo no meio do caminho e olhou para a esposa, a troca de olhares foi tão rápido que se eu não tivesse observando os dois eu não teria percebido.

— Com licença...

A voz tímida tirou minha atenção do casal e me fez levantar da cadeira

em um rompante, assim como o meu coração, que passou a batucar contra as costelas. Antes que eu percebesse meus lábios se rasgaram em um largo sorriso, mas ao notar a forma como ela estalava os dedos e a sua expressão constrangida comprimi a boca e uni as sobrancelhas.

— Acho melhor eu voltar ao trabalho, senhor. Não quero incomodar você e seus amigos. — Reparando o meu olhar ela escondeu as mãos atrás do corpo e esticou a coluna.

— Besteira! — Carol gritou antes que eu pudesse formular uma resposta. — Não seria incômodo nenhum!

Nora arregalou os olhos e pareceu mais nervosa do que já estava, lutando por palavras que não apareciam.

Antes de pensar no que eu estava fazendo andei até ela e toquei em seus ombros, deslizando os dedos num gesto calmo e roubando sua atenção.

— Se eu te convidei foi porque eu quis, mas se você preferir... — Precisei inspirar fundo para conter minha frustração — pode almoçar lá dentro. — Acenei em direção a cozinha.

Seu suspiro acariciou meus lábios e senti um delicioso aroma mentolado, fechei os olhos por um segundo e passei a ponta da língua no contorno da minha boca imaginando como seria o sabor do seu beijo. Afastei-me abruptamente, prendendo os cabelos e desviando o olhar eu disse:

— Só não deixe de comer alguma coisa, você precisa se alimentar bem. Ok?

— Obrigada, senhor... — Voltei meus olhos para ela, levantando uma sobrancelha. — Obrigada, Átila — se corrigiu e deu um passo para trás.

— Para onde está indo? — perguntei e ouvi alguém atrás de mim conter um riso e se engasgar com a comida. Nora também deve ter escutado, pois

ficou corada de vergonha.

— Estou indo para a cozinha... — Balancei a cabeça e peguei em seu braço, puxando-a delicadamente.

— Não irá encontrar nada lá, trouxe toda a comida para o jardim. Venha, vou te mostrar.

Ignorei o arrepio que se espalhou em meu corpo ao tocar em sua pele e a levei até a mesa posta em frente a churrasqueira. Observei atento enquanto Nora timidamente preparava seu prato e soltei o ar dos pulmões quando ela agradeceu pela última vez antes de ir embora.

— Cara, o que foi ... — Rick começou a dizer tão logo sentei trazendo mais uma porção de carne, mas o impedi que terminasse a frase.

— Deixe isso pra lá. — Voltei a comer em silêncio, mas toda vez que Rick e Carol me olhavam de esguelha eu perdia a porra da compostura.

Empurrei o prato para longe e me levantei da cadeira, meus amigos devem ter percebido minha intenção, pois pararam de comer e se levantaram também.

— E então? Que merda está acontecendo?

— Átila... — Carolina segurou a mão do marido. Ela buscou por seu olhar e, ao receber um leve aceno dele, inspirou fundo antes de soltar o ar dos pulmões. Como se estivesse se preparando para algo difícil.

No entanto, quando Rick beijou sua testa carinhosamente e os dois sorriram transbordando em alegria, eu soube antes mesmo de ouvir as palavras.

— Carol está grávida, eu vou ser pai, amigo. — A voz dele soou longe com as batidas ensurdecedoras do meu coração pulsando no ouvido.

Pisquei algumas vezes para clarear a visão borrada e engoli em seco sentindo a garganta se fechar. Meus olhos se encontraram com os escuros e cautelosos do Rick e então fiz o que eu deveria fazer.

— Meus parabéns, cara — Senti o rosto rígido e forcei um sorriso, o mais sincero que eu consegui plantar — Vocês merecem toda a felicidade do mundo.

Virei de costas para eles e rumei para dentro de casa sem me despedir. Com o peito pesado e com os olhos ardendo eu corri escada acima, trancando-me no escritório com um baque alto ao fechar a porta. Ali eu me permiti sentir. Por alguns minutos apenas, eu *senti*, mas quando a dor venceu consumindo cada pedaço de mim eu afundei o rosto na página do livro, fugindo como um covarde para uma outra dimensão.

Capítulo 12



Confesso que o lanche na rua não encheu minha barriga e eu estava sim com fome, mas quando Átila me convidou para comer com ele e seus amigos eu fiquei tão nervosa, mas tão nervosa que mal consegui engolir a comida com o estômago embrulhado. Eu odiava quando isso acontecia, era um desperdício! As mãos suavam e estavam trêmulas, tanto que ao pegar o copo de suco quase derramei a bebida no balcão da cozinha. Mas as coisas ficaram piores quando, ao terminar minha refeição, escutei os passos pesados do meu chefe seguidos por um baque estrondoso no andar de cima. Pensei sentir o meu coração parar com o susto que levei pelo barulho alto e inesperado da porta batendo.

Sussurros no jardim chamaram minha atenção e espiando pela janela de vidro encontrei o casal de amigos abraçados, a mulher parecia estar chorando com seus ombros sacudindo de leve e o rosto enterrado no peito do moreno. Eu não sabia o que havia acontecido, mas tinha uma certeza, iria sobrar para mim. Esse era o meu trabalho afinal, limpar as sujeiras dos outros...

Esperei até que o Rick e a Carol fossem embora, saindo para o jardim somente quando não conseguia mais ouvir o som do motor do barco o qual eles usaram. Seguindo até a churrasqueira eu recolhi as louças usadas, jogando fora restos de comida e preservando os que estavam nas vasilhas. Já tinha

terminado o trabalho quando observei admirada os tons dourado e violeta pincelarem o céu em um lindo por do sol que refletia nas águas cristalinas do mar.

— Um brinde para aqueles que apreciam a vida... — sussurrei, levantando o último copo recém lavado em direção ao horizonte visto da janela, antes de guardá-lo em seu devido lugar.

Saindo do quarto de banho tomado e com minha mochila nas costas, verifiquei novamente as horas no meu relógio de pulso. Brando já devia estar lá fora me aguardando na lancha, por isso andava com certa urgência e, estabanada como eu era, quase tropecei nos meus próprios pés ao sair do corredor em direção a sala. Foi só então que eu escutei, ao parar por um segundo tentando ganhar equilíbrio com uma mão na parede, os sons estrangulados vindos do segundo andar. Os pelos da minha nuca se arrepiaram e uma sensação de peso surgiu no peito, engolindo em seco eu levantei os olhos até o topo da escada por alguns segundos antes de conseguir mover as pernas novamente. Respirei fundo e saí dali com o coração batendo feito as asas de um beija flor. Eu deveria me sentir finalmente livre por estar indo para casa, mas os meus pensamentos, teimosos como eram, ficaram presos naquela mansão.

***

— Nora! — Nico gritou risonho ao me ver entrando pela porta.

Mal tive tempo de me agachar quando ele se jogou em meus braços circundando seus bracinhos em meu pescoço. Ele estava mais pesado e maior do que eu me lembrava, fazendo-me cair de cócoras no chão. Minha bunda doía com o impacto, e provavelmente eu teria um hematoma, mas o sorriso no meu rosto não poderia ser melhor!

— Garoto, vai machucar sua irmã assim! Sai de cima dela — Mamãe disse do sofá, se levantando com dificuldade para vir até mim.

— Está tudo bem, mãe! — Esfreguei meu nariz no do Nico em um beijo de esquimó antes de afastar a cabeça para vê-lo melhor. — Cadê? Deixa eu ver o banguela.

Nico hesitou por um momento, sorrindo apenas com os lábios fechados enquanto eu inspecionava seu rosto levado. Soltando os braços ao meu redor ele deu um passo para trás e olhou para baixo envergonhado.

— Que isso, Nico? Sorri para mim de verdade! — Afundei meus dedos nas suas costelas fazendo cócegas nele, seu corpinho estremeceu e se remexeu antes dele explodir em risos.

Se ele soubesse como fica lindinho com a janelinha nos dentes não deixaria de rir nunca, mas eu me lembro bem que na idade dele também tive vergonha. Soltei meu irmão que já arfava com falta de ar e me levantei, dando um beijo estalado naquela carinha de sapeca dele.

— Boa noite, mãe. — Fui envolvida em um abraço frouxo, bem diferente dos que ela costumava me dar quando não estava doente.

Ela está com muita dor, eu posso ver. Segurei suas mãos delicadamente nas minhas e olhei minuciosamente para elas, descendo os olhos até suas pernas cansadas e os tornozelos inchados.

— Você foi no hospital essa semana? Pediu por uma dose de *corticóide* como eu te falei?

Só de vê-la desviar os olhos eu soube da verdade, ela não tem se tratado direito!

— Mãe! — sussurrei alto para Nico não escutar a discussão — Estou pagando o plano de saúde para você se cuidar e tratar disso!

— Eu não consegui sair de casa, filha. — Virou-se de costas, fugindo da briga merecida. — Mas tenho tomado o antiflamatório e feito compressas quando sinto dor.

Balancei a cabeça reprimindo um grito de frustração. Do que adianta eu querer ajudá-la se ela mesma não quer ficar boa? Eu não entendo!

Esfreguei a testa já sentindo princípios de enxaqueca e observei dona Leide caminhar lentamente até a cozinha.

— Nico, vai pro quarto e separa alguns jogos para a gente brincar daqui a pouco. Já vou pra lá ficar com você! — Forcei uma voz alegre e esperei ele sair da sala para ir atrás da mamãe.

A casa era pequena, portanto, mesmo estando em outro cômodo eu precisei abaixar o tom para que meu irmão não nos escutasse. Percorri os poucos metros de distância até a pia abarrotada de louças e comecei a lavar tudo enquanto minha mãe esquentava a sobra da janta para mim. Se ela achava que eu deixaria a conversa de lado estava muito enganada!

— Como está sendo a fisioterapia? — perguntei e mordi o interior das bochechas à espera de uma resposta.

Seu suspiro falou mais do que palavras, eu tive de reprimir as lágrimas e engolir a saliva tentando melhorar o nó na garganta. Quando as palavras saíram da minha boca eu fiquei feliz de soarem firmes.

— Por que não está se tratando? Eu já expliquei que artrite reumatóide é coisa séria, mãe! Quer ficar aleijada? Como vai cuidar do Nico quando eu estiver fora?

Ela se virou para mim com as feições contorcidas, os lábios grossos tremiam e lágrimas brotavam em seus olhos de jabuticaba.

— Eu não consigo mais sair de casa... Dói demais — murmurou antes de

soluçar.

Pelos deuses!

— Por que não me disse antes? Nos falamos tanto por telefone, mãe! — Repousei a palma da mão em seu ombro e a puxei para outro abraço — Se eu soubesse pediria para a Lari te levar. Ela mesmo avisou para você chamar ela caso precisasse de qualquer coisa...

— Eu não quero ser nenhuma inconveniência!

Argh! Como ela é cabeça dura! Que os deuses me deem força...

— Pode parando com isso, parece até criança! — Ri de encontro ao seus cabelos escuros e ondulados — Já foi acertado, a partir de hoje liga e peça ajuda, ok? Estou falando sério, se não achar que merece ajuda ao menos pense em Nico... você precisa ficar bem por ele.

Mamãe assentiu beijando minha testa antes de desligar o fogão.

— Deus te abençoe, filha.

Eu já estava exausta naquela noite e só consegui jogar uma partida de *cara a cara* com meu irmão antes de bocejar pela milésima vez e me deitar na parte de baixo da beliche.

— Nora... — ouvi Nico me chamar num sussurro — *tá* acordada?

— Estou sim, amor. — Elevei um braço, apalpando o colchão de cima até sentir dedos pequenos entrelaçando nos meus.

— Eu gosto quando você está aqui — disse com a voz carregada de sono para logo eu ouvir a sua respiração calma e rítmica. Já estava dormindo.

Sábado amanheceu com risinhos reverberando pela casa e cheiro de café. Não foi difícil levantar naquele dia, tomei um banho rápido e tomei o café da manhã sem pressa.

— Mãe, tudo bem se eu levar Nico na praia agora?

— *Tá* falando sério? Mãe, deixa! — O pequeno olhou de mim para mamãe em expectativa.

— Vão se divertir, só não cheguem tarde pro almoço...

— Sem problemas, eu volto antes e posso preparar eu mesma. — Pisquei para ela ao que Nico pulou da cadeira e correu em direção ao quarto.

— Vamos, Nora! Não há tempo a perder! — Ele reapareceu levantando a bermuda por cima da sunga azul. Não contive um riso alto, às vezes me surpreendia com as coisas que saia de sua boca!

Morávamos em Mangaratiba, um município no estado do Rio de Janeiro. Nossa humilde casa ficava a quatro quadras da praia e era a coisa que eu mais amava por crescer naquele lugar. Apesar dos pesares, minha pele era branca demais e eu nunca conseguia pegar um bronzeado, por isso me encharcava de protetor solar para não ficar que nem um camarão no espeto.

Tive o mesmo cuidado com Nico, mas, diferente de mim, ele esbanjava um tom lindo de oliva que dourava facilmente e não queimava. Ele herdou muito da nossa mãe e pouquíssimo do seu pai. Já eu, herdei muito do meu pai e pouco da mamãe. Não sei bem quem é o progenitor do Nico, tenho quase certeza de que mamãe engravidou de um dos seus antigos patrões, mas não comentei na época porque eu só tinha quatorze anos e o modo como ela não disse nada durante toda a gravidez foi um pacto silencioso para não conversarmos sobre o assunto.

— Não vá pro fundo, ok? — pedi para ele enquanto estendia a canga sobre a areia, sentando-me logo em seguida para observar meu irmão ao longe.

Acenava para Nico quando ele olhava para trás em minha busca, como

se tivesse medo de me perder na multidão. Na última vez que ele fez isso eu o chamei para beber água e se hidratar, estava calor demais e precisava reaplicar o protetor em sua pele.

— Vamos dar um mergulho juntos e voltar pra casa?

Seus ombros se curvaram, mas assentiu. Se dependesse dele ficaríamos até de noite.

— Tudo bem — disse ao recolher as coisas comigo e pedi para uma família que estava ao nosso lado ficar de olho na minha bolsa antes de caminharmos até o mar tranquilo.

— Nico, por acaso você se enterrou vivo? Tem areia por todo o lado, menino!

Estávamos voltando quando percebi um montinho de areia fazendo volume dentro da sunga molhada do meu irmão, sem contar o cabelo que estava todo sujo. Passei a mão nele, tentando retirar os grãos grudados em sua pele enquanto ele mesmo coçava a cabeleira escura espalhando ainda mais areia pelo rosto. Dando de ombros ele sorriu aquele sorriso sem vergonha.

— Vou tomar banho mesmo!

Antes de entrarmos em casa lavamos os chinelos e os nossos pés com a mangueira na varanda e fiz o Nico ir direto pro banho, como só havia um banheiro eu entrei junto com ele e ajudei a se limpar direito. Ele aceitou a contragosto o que eu achei engraçado, pois até alguns meses atrás ele não ligava para isso. Droga, ele está crescendo rápido demais!

— Nora, ainda tem areia! *Tá* coçando — reclamou enquanto se secava com a toalha, arrastando os dedos pelo couro cabeludo.

Eu já estava vestida e terminando de me pentear, pronta para preparar a comida quando percebi que ele estava falando sério. Pelos deuses do Olimpo,

eu quase gastei todo o *shampoo* só com ele!

— Então entre de volta no banho, mas não demora muito, hein! Senão vai acabar com a água!

Naquela noite eu senti o meu colchão afundar com o peso de um corpinho pequeno e, mesmo sendo estreita a beliche, dei espaço para um serzinho dengoso dormir abraçadinho comigo. Às vezes a saudade é tanta que, mesmo estando perto da pessoa que amamos, sentimos a necessidade do contato físico para nos dizer que sim, realmente estávamos ali.

— Bom dia, mãe! — Beijei seu rosto e servi o café. — Como está se sentindo? Quer que eu a leve no hospital hoje?

— Não precisa, falei com a Larissa mais cedo, eu vou com ela amanhã de manhã no fisioterapeuta e aproveito para passar no médico.

— Ok. — Deslizei os dedos distraidamente na cabeça enquanto pensava no que fazer na manhã de domingo.

Nicolas apareceu com os olhos ainda pesados de sono e com as mãos enterradas nos cabelos.

— Mamãe, o shampoo acabou e eu preciso tomar banho.

Cerrei os olhos para ele, tentando entender se estava falando dormindo ou se realmente quis dizer aquilo.

— Como é, filho? Você tomou três banhos ontem!

Meu irmão finalmente olhou para mim e eu entendi. Peloamordosdeuses! Eu entendi!

— Não... — murmurei ao notar os meus próprios dedos enroscados na cabeça.

— Mas ainda *tô* cheio de areia! — reclamou ele se coçando.

— Não! Não! Não! — Corri até ele, deixando a minha própria coceira de lado e inspecionando o seu couro cabeludo.

Socorro, o menino estava cheio mesmo. Mas não era de areia. Era de piolho!

Não podia acreditar que depois de velha fui pegar piolho! Nico devia ter passado para mim nessa noite quando dormiu comigo.

— Mãe, estou indo para a farmácia! Quando eu voltar vou dedetizar a porr... a porcaria toda!

— Mas o que aconteceu? — perguntou confusa, sem saber se olhava para mim para o seu filho mais novo que continuava esfregando a cabeça.

— Piolho! — gemi a palavra tentando conter um choro e disparando porta afora.

A maior vergonha do dia foi ter de pedir para a minha amiga passar pente fino nos meus cabelos depois de já ter usado o remédio e feito todo o processo de limpeza no meu irmão. Já que Nico era pequeno demais para me ajudar e minha mãe sentia dor nas juntas aquela era a minha única alternativa.

— Pare de rir! Não é engraçado! — resmunguei com o rosto virado para baixo enquanto Lari arrastava as cerdas do pente no meu coro cabeludo, quase me arrancando um grito de dor.

— Ah, é sim! Vinte anos na cara e com piolho, Nora. Vai me dizer que não é cômico?

— Não. Ai! Não é para me deixar careca! — Sentia lágrimas brotarem a cada puxão dos fios.

Larissa parecia mais estar fazendo um procedimento cirúrgico com suas luvas de látex, redinha protegendo os cabelos presos em um coque e máscara

no rosto. Sério, não sei como ela arranjou tudo aquilo em cima da hora e só levou quinze minutos para aparecer em casa após receber minha ligação.

— Você quer ou não se livrar desses insetos?

Fechei os olhos com força e assenti. Tudo o que eu pensava era em como eu não poderia transmitir isso para o meu chefe. Seria um pecado! Imagine só, se ele cortasse os cabelos por causa disso? Aquilo sim seria motivo de choro.

Mas, quando a segunda chegou e com ela mais um dia de trabalho, eu chorei por outra coisa...

Capítulo 13



— Obrigada, Oh capitão, meu capitão! — Acenei um tchau para Brando, ele sorriu para mim balançando a cabeça e tocando na aba do boné em despedida.

Achei estranho quando outro barco chegou tão logo Brando saiu com a lancha, mas ao olhar para cima vi caminhando em minha direção três pessoas, duas mulheres e um homem. Pareciam acabados, elas com a maquiagem borrada e ele com os cabelos espetados para todos os lados e olheiras. Estreitei os olhos para a mansão no horizonte e quase tive uma síncope com a visão.

Pelos deuses...

Eu disse que sobraria para mim!

Passei direto por eles sem me preocupar em dizer um bom dia sequer, estavam claramente alterados pela bebida e mal me notaram mesmo. Precisei inspirar fundo para controlar o tremor querendo tomar conta do meu corpo e a náusea só de imaginar o que me aguardava mais a frente. A piscina estava suja, com copos de plástico e até biquínis e uma sunga descartados ali dentro! Garrafas de cerveja estavam por toda a parte! Eu parecia a Maria seguindo os

rastros até chegar na casa da bruxa, no caso era na mansão da fera libertina mesmo.

Ao atravessar a porta de vidro contive um grito de desespero, o lugar estava destruído! Aquilo deveria ser um pesadelo, eu estava dormindo. Estarrecida, levei uma mão até o outro braço e me belisquei. A dor pungente da unha penetrando a pele me disse o contrário, eu estava acordada. Vi movimentação por trás de um dos sofás da sala e notei se tratar de outras duas pessoas. Sem querer presenciar aquela cena eu corri até a cozinha, encontrando Marta agitada com suas mãos gorduchas se movimentando por todos os lados.

— Marta... o que aconteceu? — perguntei num sussurro ao que ela levou um susto largando a colher no ar.

— Meu Jesus amado! Quer me enfartar, Nora? — Passeou os olhos castanhos pelo recinto, como se estivesse confirmando se ninguém nos ouvia.

Andando até o outro lado do balcão eu me agachei para pegar a colher voadora. A mochila que ainda estava nas minhas costas deslizou até a cabeça quando me inclinei e quase perdi o equilíbrio.

— Não é óbvio, menina? — disse baixinho, endireitando o avental — Senhor Douglass deu uma festa... Ele não avisou com antecedência como de costume, porém. Não sei do que eles se alimentaram.

— De bebida, é claro. — Levantei as sobrancelhas ao notar que Marta parecia ter perdido uns dois tons do costumeiro cappuccino que era a sua pele.

— Ai meu senhor... — Pousou uma mão na altura do peito — Os pais dele me pediram para avisar, o que eu faço?

O que ela dizia? No entanto, não respondi a sua pergunta, pois, falava consigo mesma. De qualquer forma fiquei curiosa.

— Os pais de quem?

Marta me fitou apreensiva, a testa enrugada e lábios comprimidos.

— Esqueça sobre isso, vá para o seu quarto e espere um pouco para começar sua rotina, até que todas as visitas tenham ido embora.

Meneei lentamente a cabeça e segui até o corredor roubando uma fatia de bolo no caminho. Essa área continuava intacta já que fazia parte das dependências dos empregados. Cujo corredor levava até a lavanderia, dispensa, um banheiro e o pequeno quarto onde eu habitava. Aproveitei o tempo para tomar outro banho e ler um pouco, já usava o uniforme quando Marta apareceu na batente da porta segurando um pano de prato o qual ela torcia inquieta.

— Já se foram todos, eu acho. Não verifiquei os quartos de hóspede, então tenha cuidado.

— Tranquilo, não se preocupe comigo. — Impulsionei-me para fora da cama e prendi novamente o cabelo em um rabo de cavalo apertado sem deixar um fio sequer para fora.

Não senti nenhuma coceira depois de ontem a tarde, mas era melhor prevenir algum desastre, por isso não usaria as mechas soltas até ter certeza de que eu estava livre! Trouxe outra caixa de remédio para as parasitas nojentas que se apoderaram da minha cabeça e um pente fino só por precaução.

Comecei por jogar todos os lixos que encontrei nas áreas de convivência em uma sacola enorme. Parecia que as garrafas e copos descartáveis não acabavam nunca! Precisei buscar outra sacola para terminar de limpar a parte interna da mansão e trouxe o carrinho junto. Havia manchas de bebidas, vômito e outra que parecia bem suspeita no sofá da sala. Fechei os olhos e respirei pela boca para não acabar vomitando também.

Eu não fui contratada para trabalhar em um motel, bordel ou em casa de swing! E estava na cara que aquilo não foi uma festa qualquer, com certeza rolou orgia ou no mínimo pessoas transaram sem pudor pelos cantos da casa! Meu sangue ferveu queimando do estômago até o rosto, eu deveria receber em dobro por ter de me sujeitar a isso!

Suor escorria pela testa e entre os seios com o calor insuportável e pelo esforço enquanto eu terminava de passar pano no chão, faltava muito para acabar e só de pensar naquilo eu sentia o nariz arder com lágrimas reprimidas. Até o momento não vi nenhum sinal do meu chefe, ele já deveria ter saído para o trabalho, mas pelo visto não estava em condições para ir. Com certeza deveria estar largado na cama com uma ressaca daquelas, espero que sofra mesmo! Espero que sinta a cabeça explodir, tenha um piriri e náusea pelo o resto do dia!

— Nora, estou indo. — Marta se aproximou com cuidado para não sujar o piso molhado, caminhando na ponta dos pés ela parou ao meu lado e eu quase ri com a cena. Quase. Meu humor estava ruim demais para aquilo — Se por acaso... se você precisar de algo me ligue, ok?

— Tudo bem, obrigada — murmurei sem conseguir encarar ela, não queria que visse como eu estava abalada, por isso continuei esfregando com os olhos fixos no chão.

Ela se foi ao mesmo tempo em que a minha fome chegou, arranquei as luvas arremessando na lixeira acoplada no carrinho e sequei o rosto com as costas da mão. Indo até a cozinha meus olhos se desviaram para a escada e a vontade de gritar aumentou quando por fim me dei conta de que uma hora ou outra eu enfrentaria o meu chefe.

Era muito confuso tentar entender aquele homem, nunca me senti tão perturbada com alguém antes de conhecê-lo. Em um momento ele era um ogro,

um ser sem educação e terrível o qual fazia minhas pernas tremerem de medo e raiva. Porém, havia ocasiões onde ele me surpreendia, como quando se preocupou com a minha alimentação, me socorreu antes de eu cair desastrada e pediu desculpas por não querer que eu tocasse em sua pele suada depois de eu tentar ajudar quando se engasgou.

Apesar de ele ser um brutamonte lindo, existia algo de bom oculto ali. E eu detestava essa parte boa, pois era o que me impedia de odiá-lo por completo.

O almoço estava delicioso como sempre, era um tipo de ensopado e me lembrei de Marta dizendo que esse era um dos pratos favoritos de Átila. Algo sobre ser uma comida típica da Irlanda e de lembrá-lo da infância. Eu estava terminando de comer quando escutei um som vindo de algum lugar na cozinha, no início achei se tratar de algum alarme, mas ao vasculhar percebi ser o telefone tocando! Fiquei sem reação por alguns instantes, eu imaginei que aquilo fosse um interfone quando vi pela primeira vez. Estiquei o braço hesitante e atendi.

— Residência Douglass, boa tarde.

Entrei em pânico e disse a primeira coisa que me veio à cabeça, sentindo-me como se fosse uma recepcionista de um hotel de luxo.

— Nora?

Afastei o fone do rosto, olhando para ele como se fosse algo mágico. Como sabiam quem era?

— Sim... com quem estou falando?

— É o Rick. — A voz grave soou cansada seguida de um suspiro longo — Eu não consigo falar com Átila desde sexta à noite, ele não atende o celular tampouco o telefone do escritório.

— Hã... — O que ele esperava que eu dissesse?

— Poderia me fazer um favor? — Antes que eu pudesse responder que sim ele continuou — Verifique se ele está em casa mesmo e me retorne a ligação?

Assenti como uma idiota, finalmente percebendo minha burrice eu engoli em seco antes de dizer:

— Claro, eu... te ligo em instantes. — Estava prestes a encerrar a ligação quando gritei — Rick!

— Sim?

Soltei um riso de nervoso.

— Preciso do seu número...

Anotei a informação no meu celular que estava no bolso do uniforme, pois não encontrei nenhum papel ou caneta por perto. Por que fui aceitar fazer esse favor? Mas não saberia como negar um pedido daqueles, o homem soou preocupado. O meu coração parecia querer pular para fora do corpo a cada passo que eu dava e, ao pisar no primeiro degrau da opulenta escada, pensei estar enfartando. Controlando a respiração eu subi agarrada ao corrimão e quando finalmente cheguei ao segundo andar bati forte na ampla porta de madeira. Esperei para ouvir uma resposta do outro lado, mas o que me fez entrar de uma vez foi o barulho estrangulado e arfante de alguém em agonia.

Girei a maçaneta e nem pensei duas vezes em ir até a figura contorcida na beirada da cama, seus músculos contraídos estavam à mostra no corpo seminu e os cabelos longos cobriam o rosto inclinado para o chão. Corri até ele e segurei suas mechas para trás, torcendo para que elas já não estivessem cobertas de vômito. Átila estava muito ocupado lutando contra as ondas de ânsia para me dizer algo, puxando o ar sofregamente antes de uma nova

convulsão tomar conta dele.

Por instinto acariciei suas costas em movimentos circulares, assim como fazia quando Nico passava mal, e garanti com a voz calma que aquilo ia passar. Os tremores foram diminuindo e então pela primeira vez depois do que pareceu uma eternidade de espasmos, Átila se recompôs e se ergueu ainda ofegante. Demorei para perceber que eu ainda tinha seus cabelos presos em uma mão enquanto a outra tocava sua pele febril. Assisti ele passar o braço rudemente na boca e o senti ficar tenso contra a palma da minha mão.

— Saia daqui — murmurou rouco e tão baixo que eu demorei a entender o que ele acabara de dizer.

— Você está melhor agora? Posso trazer algum remédio e...

Ele se virou com as narinas dilatadas e olhos escuros como a noite.

— Sai daqui! — berrou, assustando-me com a grosseria repentina.

Pulei para longe, correndo para fora do quarto com as pernas instáveis e os olhos turvos. Meus passos em falso ecoavam na mansão silenciosa, mas a vergonha por ter me humilhado daquela maneira era gritante, desnorteante. Meus berros internos ressoavam ainda mais agudos que os proferidos por Átila:

Sua burra! Por que entrou lá sem permissão? Por quê?

Eu não estava em condições para continuar com o trabalho. Portanto, refugiei-me no quintal que havia nos fundos do terreno, e encolhida em uma das poltronas de vime esperei até as lágrimas secarem por completo. Em qualquer outra ocasião eu teria desistido, mas não poderia me dar esse luxo. Não agora quando mal comecei! Aguentaria mais um pouco, estava determinada. Ao menos até o ano virar e outras vagas surgirem...

Sentindo-me mais calma saí perambulando pelo local gramado e segui o

caminho de pedras me deparando com um longo canteiro de coloridas flores silvestres. Porém, foi a linda roseira perfumada de pétalas vermelhas que roubou minha atenção. Alcancei uma das rosas, aproximando o rosto para sorver melhor o aroma doce.

— Quem é que cuida de vocês? — sussurrei ao deslizar os dedos delicadamente na flor.

Meus pensamentos foram interrompidos por um som distante vindo de dentro da casa, era o telefone.

Droga!

Voltei apressada enquanto o aparelho parava de tocar para logo receber outra chamada.

— Alô — disse sem fôlego, encostando-me no balcão da cozinha.

Era o Rick.

***

Naquela tarde eu troquei todas as roupas de cama dos quartos de visita e limpei os banheiros, mas não me atrevi a subir as escadas. Não mesmo. Quem se atreveu foi o Rick que apareceu na mansão após eu confirmar para ele no telefone que Átila estava ali. Sem conseguir evitar a minha voz trêmula ele soube que algo estava errado.

Ouvi uma discussão alta e então o moreno apareceu bufando e esfregando as mãos no rosto. Pediu licença para ir até a cozinha, levando um pouco do ensopado e uma garrafa d'água com ele quando subiu novamente as escadas. O admirei por continuar ao lado de alguém tão difícil. Mas a amizade é isso, estar presente quando todos dão as costas e compartilhar não só os bons momentos como os ruins também.

De qualquer forma, aquilo me lembrou da minha própria amiga. Recuperando o meu celular do bolso eu chamei o seu número, respirando mais leve por saber que ela levou mamãe ao médico hoje.

Capítulo 14



Damn it! Eu estava morrendo, ao menos era como eu me sentia e poderia estar certo. Tremia e suava muito, a pressão era dolorosa demais e sentia o meu coração querendo sair pela boca. A dor martelando no crânio e as pontadas atrás dos olhos me davam vontade de arrancar a cabeça, o mal estar era tanto que eu me contorcia com refluxo. Tentei me sentar, mas a fraqueza me fez cair de encontro ao colchão novamente. A garganta arranhava e minha boca estava completamente seca, eu precisava de um maldito copo de água, no entanto, só de pensar em colocar algo para dentro piorava o enjôo. Não aguentando conter a náusea por mais tempo eu me debrucei na beirada da cama eliminando dolorosamente toda a bebida consumida durante as últimas 24 horas.

Eu odiava essa sensação de afogamento enquanto meu corpo expelia incessantemente todo o líquido do estômago sem me dar uma pausa para respirar, eu lutava contra os espasmos o suficiente para preencher os pulmões de ar antes dos músculos se contraírem outra vez. Meus ouvidos zumbiam com a pressão pungente na cabeça, portanto, não ouvi quando a porta se abriu. Só percebi a presença de Nora ao sentir sua mão delicada e fria tocando minha pele febril, trazendo conforto imediato e aliviando aos poucos a minha aflição.

Ela não deveria me ver nesse estado, não deveria saber desse meu lado sombrio. Queria ficar sozinho e abraçar a morte, mas permiti seus cuidados de forma egoísta. Eu já havia me esquecido de como era bom ser tratado com afeto. Estava prestes a me virar para ela sem saber ao certo como agradecer quando uma pontada de dor perfurou minhas entranhas. Forte o suficiente para me fazer gritar por dentro e perder a cor.

Fuck!

Eu precisava correr para o banheiro, e Nora precisava sair dali naquele instante!

Ergui-me da melhor maneira possível e sequei a boca antes de me virar para ela ao passo que outra pontada me acometeu, eu não sabia se conseguiria me segurar por mais tempo.

— Saia daqui — disse fracamente, torcendo para que ela me escutasse e fosse embora antes de notar o que estava acontecendo comigo.

Eu já podia sentir a merda querendo sair de mim, literalmente. E puta que me pariu, Nora ainda estava ali segurando meus cabelos e acariciando minhas costas!

— Você está melhor agora? Posso trazer algum remédio e...

Com o pouco de força que me restou e rezando para que o esforço não terminasse comigo humilhado na frente dela, pedi em desespero.

— Sai daqui!

Da mesma forma que Nora correu porta afora, eu corri banheiro adentro segundos antes da explosão acontecer na porra do vaso, arrancando a última gota de energia que ainda existia em mim.

Eu estava morrendo!

Nunca mais abuso dessa maneira... nunca mais...

Repeti essas palavras tentando acreditar nelas, mas no fundo eu sabia bem. Estava perdido. Comecei a chorar. De novo.

***

Arrastei-me até o chuveiro e deixei a água fria limpar os rastros da minha vergonha. Não sei por quanto tempo fiquei ali encolhido no chão do Box, mas não haviam mais lágrimas e os meus dedos já estavam enrugados. Finalmente senti como se pudesse me levantar e caminhar de volta para a cama sem desmoronar. Não me preocupei em me secar e deitei ainda molhado, eu só precisava fechar os olhos um pouco e esperar a dor passar...

— ÁTILA!

Uma voz estrondou dentro dos meus tímpanos, reverberando até minha caixa craniana. Levar um tiro doeria menos!

— Vai se foder, Rick — a voz soou áspera e minha garganta seca arranhava malditamente.

Tentei enxergar, mas as pálpebras estavam inchadas e a pouca luz que passava pela fresta do blackout era o bastante para eu cobrir o rosto com o lençol. Lençol este que foi arrancado de mim com brusquidão.

— Deixe de ser babaca, cara! — Segurou meus ombros com força e os puxou até me colocar sentado. — E você precisa parar com essa merda, agora!

Olhei para a figura em pé ao meu lado e vi a seriedade da situação, a proporção épica com que eu vinha ferrando tudo e todos ao meu redor. Durante todos esses anos, eu me afundava cada vez mais, não havia nada o que eles pudessem fazer por mim. Eu era um caso perdido e queria que todos finalmente percebessem isso e me deixassem em paz!

— Eu não posso... — forcei as palavras para fora, desviando o olhar para o outro lado.

Escutei Rick bufar antes de sentir sua mão enorme na minha testa.

— Você está queimando em febre, Átila... Precisa parar, cara. É só decidir e eu te ajudo, sabe disso.

Voltei a olhá-lo, forçando as pálpebras doloridas a se manterem abertas e foquei a visão encontrando meu amigo com o rosto contraído em pena. Eu odiava ser motivo de seu pesar.

— Não preciso de sua ajuda, estou bem...

— Bem porra nenhuma! Você está se matando, Átila! — gritou, puxando os cabelos em desespero e me fazendo retrair em dor com o som pungente.

Ri fracamente, balançando a cabeça.

— Já sou um homem morto, Rick. Estou morto há sete anos.

Fechei os olhos, querendo acabar com aquela discussão. Não existia nada que ele pudesse fazer por mim. Segundos depois ouvi o baque da porta se fechando, finalmente ele me deixou em paz, desfrutando do meu inferno pessoal.

Perdi a noção do tempo, mas quando dei por mim o Rick estava de volta me sacudindo.

— Tome, está precisando — disse ao entregar uma garrafa gelada de água e dois comprimidos que deviam ser *Dipirona*.

Peguei as pílulas da palma de sua mão e as joguei na boca, sentindo o gosto amargo delas antes de engolir quase todo o conteúdo da garrafa. A sensação de alívio e frescor descendo pela garganta me reanimou um pouco e pude notar melhor as coisas ao meu redor. Primeiro senti o cheiro delicioso do

ensopado e me surpreendi por não ficar enjoado, apóie-me nos cotovelos e levantei uma sobrancelha para o meu amigo. Ele não segurava mais nada e por um instante pensei estar alucinando.

— Trouxe comida, deixei em cima da mesa de cabeceira. — Apontou para o lado esquerdo da minha cabeça, na direção da mesinha. — Você pode até não querer, mas precisa se recompor. — Esfregou o rosto e suspirou antes de me encarar novamente — Pelo bem da empresa, Átila, ao menos por isso.

Assenti lentamente, comprimindo os lábios. Rick estava certo, eu estava colocando nosso trabalho em risco. Mas porra, cada vez ficava mais difícil, a escuridão chamava por mim como um canto de sereia, atraente e perigosa. E depois da notícia que recebi dos meus amigos eu simplesmente perdi o controle!

— Eu exagerei dessa vez, não vai mais acontecer.

— Átila... — Olhando para mim com uma expressão torturada, hesitou por um instante e negou com a cabeça. — Quantas vezes você já não me disse isso?

— Eu disse que não vai acontecer, porra! — berrei ao me levantar da cama, ficando frente a frente com ele. — Agora pode ir, amanhã estarei de volta na fábrica.

— Esquece. — Deu um passo para trás e virou as costas. — Não sei por que ainda me preocupo com você, meu amigo.

Suspirei alto, com as mãos em punho senti as unhas fincarem na minha pele.

— Desculpa, irmão. — Forcei um pedido de desculpas antes de vê-lo sair pela porta. Rick vacilou na batente, olhando-me por sobre o ombro. — Não foi minha intenção te preocupar, perdi o controle da situação.

Observei seu corpo relaxar e esperei por uma resposta.

— Podemos não compartilhar do mesmo sangue, mas você é o meu irmão. Te conheço, estou acostumado com suas crises, mas isso não significa que eu não me importe com você. Não significa que eu não fique torcendo para não ser tarde demais quando te encontro a cada recaída.

Não disse nada, pois não encontrei palavras para uma boa resposta. Já havia me desculpado, mas não podia garantir nada.

— E Átila, acho que deve pedido de desculpas para outra pessoa...

— O que? Quem?

— Nora esteve chorando, e pelo modo como estava nervosa quando cheguei tenho certeza que o motivo está bem na porra da minha frente.

Apontou para mim, franzindo o cenho de forma ameaçadora. Tentei me lembrar dos acontecimentos dessa manhã, mas tudo estava fora de foco e embaralhado. Então minha memória evocou um sentimento de calmaria em relação a um toque frio em minha pele quente e conforto através de carinho. Nora esteve aqui! E eu a assustei. Novamente...

Após uma breve conversa sobre a reunião que perdi essa manhã e o milésimo convite para passar o Natal e Ano Novo com ele e sua esposa, o qual eu neguei pela milésima vez, Rick foi embora. Consegui comer o ensopado todo sem vomitar e continuei mais um tempo deitado na cama, olhando para o teto, sentindo a depressão querendo me consumir. Precisei de forças para me levantar, não porque ainda estava fraco, mas por ter de enfrentar o dia.

Escovei os dentes e penteei os cabelos antes de sair do quarto, desci as escadas varrendo os olhos por cada metro quadrado da mansão e através das janelas percebi que o sol já havia se posto. O céu estava negro com nuvens

pesadas e o vento forte açoitando as folhas das árvores espalhava as gotas finas da chuva.

— Nora? — chamei ao bater de leve em sua porta. Como eu não a encontrei nos outros aposentos achei que estivesse em seu quarto.

Bati com mais força e a porta se abriu com um rangido, estava destrancada. Esperei por alguma reação vinda do outro lado, mas ao ouvir somente o silêncio eu atravessei pela fresta, deparando-me com o lugar vazio.

Damn it! Damn it! Damn it!

Será que ela foi embora de vez por minha causa?

Percorri o corredor de volta a sala e não pude acreditar quando, ao sair para o quintal, encontrei movimento na área da piscina. Ali, agachada na borda e segurando a rede de limpeza, estava Nora. Ela tentava retirar alguma coisa do fundo da água, mas parecia não conseguir alcançar.

— O que está fazendo aqui fora nessa chuva? — a repreendi, notando o vestido molhado e grudado ao seu corpo trêmulo pelo vento frio.

— *Peloamordos...*

Sua frase foi interrompida ao perder o equilíbrio, caindo logo em seguida dentro da piscina.

— *Fuck!* — Corri até lá para ajudar e pulei atrás dela sem pensar duas vezes.

Se eu estava preocupado com ela por estar nesse chuvisco, imagina a porra da minha culpa por fazê-la mergulhar de roupa e tudo na água gelada?

Encontrei seu corpo submerso, e segurando sua cintura a enrosquei em meus braços e nos impulsionei para cima. Buscamos o ar juntos e, em vez de soltá-la, a puxei ainda mais contra meu corpo enquanto nos levava de volta à

beirada. Seu silêncio me perturbava, era pior do que gritos e queixas, simplesmente porque eu não sabia o que estava se passando em sua cabeça. Eu devia ser o primeiro a falar, precisava me desculpar. Porra, parecia que tudo o que eu fazia era motivo para pedir desculpas para ela!

— Deuses! — disse ela de súbito, se apoiando em mim em meio a um ataque de risos e me surpreendendo por sua reação.

Só percebi que eu também estava sorrindo ao ouvir meu próprio riso ecoando, assustando-me com o som profundo e verdadeiro.

Damn... se essa menina não era a minha perdição... era minha cura.

Capítulo 15



Não precisei fingir em estar ocupada quando escutei os passos de Rick se aproximando, eu realmente estava atolada de trabalho, porém tive de mascarar a minha curiosidade. Não pude evitar escutar a discussão mais cedo, ainda que não tenha entendido a conversa daqui de baixo, soube que algo estava errado.

— Nora, você vai ficar bem? Se quiser te dou carona para sua casa e amanhã você volta, já trabalhou demais por hoje — disse ele ao me encontrar limpando os móveis da sala de estar.

Quem me dera se fosse fácil assim! Apesar de a proposta ser tentadora, Rick não era o meu chefe para decidir aquilo.

— Ficarei bem sim, obrigada. — Sorri para ele, sentindo-me tímida com sua atenção e preocupação.

O moreno colocou as mãos nos bolsos da calça e pareceu querer falar algo, mas fechou a boca e assentiu. Virou-se em direção à porta de correr, no entanto, estacou no lugar antes de sair por ela e voltou a me olhar.

— Nora, se por acaso se sentir desconfortável ou encontrar a casa toda destruída como hoje novamente me avise. O Átila pode ser o seu chefe, mas

fui eu quem a contratou. Pode se reportar a mim, ok?

Engoli em seco sentindo o coração palpitar, ficando nervosa à toa por saber daquilo. Afinal, o que seria de mim se eu reclamasse? Perderia o emprego, óbvio! Mesmo sendo por justa causa, eu simplesmente não poderia por em risco e ficar desempregada.

— Tudo bem, senhor. Obrigada.

— Pode me chamar de Rick. — Abriu um enorme sorriso, parecia aliviado em ter me contado aquilo. — Tchau, Nora. — Acenou e foi embora.

Observei sua figura corpulenta e intimidante sumir de vista e ri comigo mesma. Rick era enorme, seu rosto anguloso e forte era bonito de uma maneira rústica, se eu não o conhecesse não saberia como a sua aparência engana. Ele era uma pessoa maravilhosa, educada e parecia ter um coração de ouro. Já o Átila, que mais parecia um anjo musculoso com aqueles cabelos longos e dourados e com seus olhos azuis cristalinos, era totalmente o oposto!

Ele de anjo não tinha nada, só se fosse caído.

Terminando de esfregar os móveis e jogar fora as porcarias encontradas neles, recolhi o carrinho de limpeza dando por encerrado meu trabalho por hoje. Porém, ao olhar para o quintal através da porta de vidro, lembrei-me da piscina imunda e me deu agonia só de imaginar deixar aquelas peças de roupas descartadas na água por mais um dia.

— Argh! — Marchei até lá fora, decidida a acabar logo com tudo hoje para ficar livre amanhã.

Senti a mudança no clima, o vento ficou mais forte e úmido, arrancando um arrepio meu. Olhando para o céu, constatei nuvens carregadas se aproximando com velocidade e por isso me apressei. Liguei a bomba do filtro e logo em seguida encontrei o bastão com a rede de limpeza. Passei a retirar

alguns copos boiando na superfície, tanto quanto alguns que estavam no fundo. Resgatei também uma sunga branca e um fio dental preto, mas tinha um top afundado bem no meio da piscina que eu não conseguia pegar de jeito nenhum! E o pior é que começou a chover!

Segurei bem na ponta do cabo e me inclinei para frente, a vontade que eu tinha era de mandar tudo à merda e pular logo na água para pegar aquilo. Se o cenário fosse outro como um dia ensolarado e somente algumas folhas de árvores para me preocupar em tirar da água, provavelmente eu me jogasse tranquilamente. Desde que cheguei na mansão ando sonhando em me banhar nessa piscina infinita. Quem me dera eu pudesse desfrutar dela um dia.

— O que está fazendo aqui fora nessa chuva? — Quase tive uma parada cardíaca ao escutar a inesperada voz grossa e alta atrás de mim.

Quando percebi eu havia largado a peneira e já estava caindo de cara na bendita piscina.

— *Peloamordos...*

Ainda com a boca aberta no meio da frase acabei engolindo água quando, por fim, mergulhei.

Seres celestes, vocês estão de sacanagem comigo? Eu disse um dia, não agora!

Mal tive tempo de reagir quando fui envolvida por braços firmes, sendo levada à superfície e aconchegada ainda mais no corpo de Átila. Não que eu estivesse reclamando, o calor que ele emanava era delicioso em contraste com o gelo da água e o vento frio. E nossa, eu poderia riscar “pular na piscina de roupa e tudo” da minha lista de coisas que quero fazer antes de morrer!

Era algo bobo, eu sei, mas nunca tive coragem.

— Deuses! — Finalmente completei a minha frase interrompida, e sem

conseguir conter por mais tempo, deixei o riso explodir de dentro de mim.

Não acreditava que ele pulou em minha busca! Deve ter pensado que eu não saberia nadar, será? Eu estava me preparando para uma discussão e seu terrível humor quando, inacreditavelmente, ele riu de volta. Perdi o fôlego e senti o coração bater descompassado no peito. Era a primeira vez que eu o via sorrir assim tão entregue, o som profundo e grave de sua voz era extasiante, assim como a expressão suave em seu rosto.

Nossos sorrisos deram lugar ao silêncio, estávamos tão próximos que eu podia sentir sua respiração morna contra meus lábios trêmulos. Seu olhar alternava dos meus olhos à minha boca, e lutei contra a vontade de deslizar a ponta da língua no meu lábio inferior ou gemer quando ele mordeu o dele. A luz do relâmpago me assustou, fazendo-me raciocinar outra vez e me afastar.

— O-obrigada p-por me ajudar — disse com o queixo batendo de frio e subi a escadinha, saindo dali de dentro toda ensopada.

Senti sua presença logo atrás de mim e imaginei se ele espiou por baixo da minha saia. Não seria a primeira, nem a segunda vez...

— Sem problemas, eu não deveria tê-la assustado.

— *Rá!* — Sem querer vocalizei o riso de deboche, tampando o rosto com as mãos logo em seguida.

— O que foi isso? — perguntou com a voz divertida.

Descobri o rosto, encontrando seus olhos azuis me inspecionando de forma curiosa. Átila estava a um metro de distância e eu tive de curvar a cabeça para trás para poder vê-lo melhor.

— Desculpe...

— Pelo que? — Deu um pequeno passo à frente, enrugando a testa.

Parecia confuso. — Eu que deveria pedir desculpas por te assustar. Parece que estou sempre te assustando, sempre a tratando de forma errada.

Tentei negar, mas as palavras estavam entaladas na garganta. Ele realmente estava pedindo pelo meu perdão? Deve ser por isso que está chovendo tanto! Por Zeus, que um raio não caia em nossas cabeças!

— Está tudo bem.

— Não, não está! — Enterrou os dedos em suas mechas molhadas. — Deve achar que sou...

Fechou os olhos e murmurou algo sobre Rick ter razão. Átila inspirou fundo e fixou sua atenção em meu rosto com tamanha intensidade que pude sentir minhas bochechas corarem.

— O que? — perguntei sem fôlego.

— Como as pessoas me chamam por aqui mesmo? — Pousou uma mão em punho na altura de seu peito e com o rosto contraído parecia torturado, sentindo dor. — Ah sim, lembrei! Uma fera! Um monstro! E com razão, eu sei. Mas porra! Esse sou eu, Nora. Então, se tiver algum problema, diga na minha cara. Não tenha medo de mim. E por favor, não chore mais por minha causa.

Meu queixo caiu. Não podia acreditar no que eu acabara de ouvir. Passei a negar com a cabeça, ainda sem palavras. Suas íris azuis, antes tão claras e límpidas se tornaram escuras como um oceano profundo, me fitavam à espera da minha resposta.

Ele parecia mesmo angustiado, e eu não deveria, mas estava me controlando para não reagir de forma errada e rir de nervoso da sua expressão atormentada. Tão diferente do Átila intimidador de antes! E ele estava certo, eu *tinha* medo. Mas não dele especificamente. Eu tinha medo do que sentia, da maneira como ele me afetava. Não poderiam ser normais esses sentimentos

que borbulhavam dentro de mim, mesmo que a maioria deles fosse uma mistura de raiva e mágoa, eu não deveria me importar tanto.

— Não, Átila. Você não é uma fera, é só o meu chefe. E às vezes, chefes são insuportáveis mesmo. — Sorri, encolhendo os ombros.

Pude notar o leve repuxar no canto da sua boca ao passo que sua expressão se suavizou.

— *Atchim!* — O meu espirro foi inesperado, mal tive tempo de virar o rosto.

— Venha, Nora. — Ele esfregou os meus braços arrepiados brevemente, mas ao notar o que fazia me soltou enrugando a testa e se virou. Caminhou em direção a casa, esperando que eu o seguisse para dentro. — Precisa tomar um banho quente e secar os cabelos, ou então ficará gripada.

Não contestei, na verdade fiquei em silêncio enquanto eu andava, desnorteada com a sensação boa de seu toque em minha pele.

***

Entrei de baixo do chuveiro, colocando na temperatura máxima para descongelar os meus ossos. Eu estava me sentindo como um picolé, mas assim que a corrente quente bateu em minha pele suspirei em alívio, deixando o corpo relaxar em êxtase. Enrolei-me na toalha e passei a secar os cabelos de frente ao pequeno espelho do banheiro, notando o nariz avermelhado e uma leve olheira se destacando no meu semblante pálido. Estava esgotada depois de um longo e extenuado dia, além do mais eu precisava comer para repor minhas forças. Procurei por minha calça de moletom e coloquei uma camiseta com a estampa “The Walking Dead” que combinava perfeitamente comigo naquele momento. Sentia-me como uma morta vida.

Arrastei os pés pelo corredor parando abruptamente ao encontrar com

Átila na cozinha, ele estava de costas para mim, abrindo a geladeira e retirando algumas vasilhas lá de dentro. Prendi a respiração com medo que ele me notasse enquanto eu apreciava seus músculos trabalhando a cada movimento, percorri meus olhos deliberadamente por seu tronco nu desde a curvatura da sua nuca até as deliciosas covinhas acima dos quadris. Estranhamente a minha boca se encheu de água, minha fome triplicada por razões fora da minha compreensão. Eu nunca havia me sentido dessa forma antes.

— Nora?

Pisquei rapidamente, levantando a cabeça em direção ao seu rosto e queimei de vergonha por ser flagrada espiando seu corpo atlético.

— Hã? — Não consegui raciocinar ou formular alguma frase inteligente. Só conseguia sentir o coração em disparada e o calor se espalhando do meu peito ao fio de cabelo.

Ele levantou uma sobrancelha e reprimiu um sorriso, mas graças aos deuses não fez nenhum comentário. Colocou um pote para esquentar no microondas e se voltou para o armário.

— Espero que esteja com fome — disse ao pegar dois pratos.

Assenti, mordendo o interior das bochechas e estalando os dedos sem perceber. Eu estava com fome e ele não imaginava o quanto.

— Gosta de ensopado? — perguntou assim que o alarme tocou, avisando que a comida estava aquecida.

Concordei com a cabeça, me aproximando timidamente eu me sentei de frente a um dos pratos postos. Inspirei fundo o aroma gostoso ao que Átila me ofereceu com uma boa porção da comida antes de se servir também.

— O gato comeu sua língua?

Ele se sentou ao meu lado roçando seu braço no meu e me arrancando um suspiro. Acho que fiquei muito tempo debaixo d'água e a privação de oxigênio ferrou com meu cérebro. Sim! Devia ser por isso que eu estava reagindo à sua presença daquele modo.

Resvalei a língua no meu lábio inferior, provando que não, o gato não a havia comido.

— *Fuck*... — ele sussurrou tão baixo que se eu não estivesse tão próxima não escutaria.

— Não. — Forcei a resposta e um sorriso. — Só estava evitando a fadiga. Estou tão cansada que até para falar preciso reunir forças...

Merda! Por que fui dizer aquilo para ele? Ele era o meu chefe, não um amigo!

Átila franziu o cenho e puxou seus cabelos dourados para o alto, prendendo-os em um coque.

— Coma o ensopado, vai te fazer bem. — Indicou o prato à minha frente com um aceno curto — Minha mãe costumava a preparar para mim quando eu era mais novo, principalmente quando eu ficava doente ou em época de frio. Sempre me fez sentir melhor.

Seus olhos suavizaram quando por fim dei a primeira garfada e gemi quando o sabor explodiu deliciosamente nas minhas papilas gustativas.

— Boa menina... — ele disse ao se ajeitar na cadeira com uma das mãos descendo de forma suspeita por trás da ilha, mas logo focou sua atenção para a sua porção e começou a comer.

Jantamos em silêncio, eu conseguia vê-lo pela minha visão periférica e por isso sabia quando ele me olhava discretamente. Sempre que eu era alvo de seu olhar ficava cada vez mais difícil de engolir a refeição tamanha era a

inquietude em meu interior, mas por fora eu me mantive serena, torcendo para que essa noite acabasse logo e amanhã eu voltasse ao meu juízo pleno.

— Boa noite, Átila — murmurei ao levantar, trazendo a minha louça suja até a pia e saindo às pressas da cozinha.

— Boa noite, bela.

Achei ter ouvido ele me chamar de bela, mas eu já estava fugindo para longe dele e não confiava mais na minha sanidade. Eu provavelmente imaginei aquilo...

No dia seguinte acordei com a garganta doendo, congestão nasal e uma dor de cabeça que não me deixava raciocinar direito. Levantei da cama com cuidado e me encolhi ao sentir o chão frio em contato com meus pés descalços. Demorei o dobro do tempo que o de costume para me arrumar e quase perdi meu horário do café da manhã. Chegando na cozinha estranhei a falta de Marta e das variedades saborosas que ela faz para o meu chefe e, de quebra, para mim.

Sem perder muito tempo eu preparei um chá preto e fiz algumas torradas com manteiga, não estava com muita fome e o nariz entupido não me deixava sentir o aroma e tampouco o gosto de nada mesmo. Ainda chovia lá fora e o dia estava tão cinzento que mais parecia inicio de noite. Esfreguei o nariz com as costas da mão e fiz uma careta ao enxugar a coriza que teimava em descer.

— Droga — disse fanha, arrancando um pedaço de papel toalha do suporte na parede para logo assoar enquanto caminhava de volta ao meu quarto.

Descartei o papel na lixeira do banheiro e lavei bem o rosto antes de escovar os dentes. Prendi meus fios em um rabo de cavalo bem preso, mas reclamei de dor ao sentir a pressão que fazia na cabeça já dolorida. Desisti e

fiz um coque solto, aprumando o uniforme de frente ao espelho eu pedi que a força estivesse comigo naquele dia e comecei mais uma jornada de trabalho.

Mal se passou meia hora e meus braços já queixavam do esforço enquanto varria o piso da sala, parei para tomar um fôlego pela boca, pois ainda estava bastante constipada. Toquei o pescoço com a ponta dos dedos ao engolir a saliva com dificuldade.

— O que aconteceu com você?

Em qualquer outro momento eu levaria um susto, mas eu estava tão inerte e fora de mim que nem reagi.

— Nora? — Ele se aproximou parando a centímetros de distância, segurou meu queixo com uma surpreendente delicadeza para um homem do tamanho dele e me fez olhar em seus olhos preocupados. — Você está com febre e sua cara está péssima — constatou com a testa enrugada e com o maxilar tenso.

Minha cara está péssima? Bem, eu me sinto péssima.

— É só uma gri... — não consegui terminar a frase, pois me veio uma vontade absurda de espirrar. Tampei as narinas, virando para o outro lado enquanto eu lutava inutilmente com a onda de espirro que me assaltou.

— Volte para o seu quarto e descanse, não precisa trabalhar hoje nessas condições.

— Mas...

— Nora, vá agora! — Ele falou alto, fazendo minha cabeça protestar e me arrancando uma careta de dor. Vendo minha reação, Átila olhou para o teto e soltou o ar exasperado. — Faça o que eu te pedi, por favor. Eu preciso ir para o trabalho, prometa que não vai se esforçar enquanto eu estiver fora.

Imaginei se eu ainda estava dormindo e isso tudo era um sonho louco, mas meu chefe realmente estava sendo gentil, de sua maneira estúpida, mas gentil de qualquer forma.

— Prometo.

Capítulo 16



Ela estava doente e por minha culpa. Fechei as mãos em punho e esperei para ter certeza de que voltou para o seu aposento, só então sai. O tempo estava fechado e chovia. A visibilidade estava ruim para vôo, mas na condição do mar dava para eu ir de lancha. Ao atracar na marina em Angra dos Reis, livrei-me da capa de chuva e segui até o carro no estacionamento. Poucos minutos depois cheguei à fábrica e fui direto até a sala de controle atrás do meu sócio, entrando sem bater na porta.

— Rick, podemos conversar?

Meu amigo desviou a atenção da tela do monitor e se girou na cadeira para ficar de frente a mim. Um funcionário me desejou bom dia, os outros estavam tão focados nos testes de qualidade que não perceberam minha presença.

— No seu escritório? — perguntou já se levantando.

Confirmei voltando para o corredor e esbarrei na Carol, seus olhos se arregalaram e deu um passo para trás pousando uma mão protetora em seu ventre enquanto a outra segurava um tablet o qual ela conferia distraidamente antes.

— Átila, desculpa...

— Você está bem? — Olhei para a sua barriga ainda lisa, sentindo um nó na garganta em pensar que eu poderia tê-la machucado.

Ela abriu a boca para responder, mas Rick a interrompeu aparecendo atrás de mim.

— O que aconteceu? O que você fez com ela, Átila? — Empurrou-me para o lado, alcançando a esposa e tocando seu corpo em toda parte à procura de algum dano feito por mim.

— Rick! Ele não fez nada... — Não ouvi o resto da conversa, eu já estava adentrando o meu escritório. A porta se fechou com tanta força que o vidro da janela estremeceu, assim como as minhas mãos que tremiam ao pegar uma garrafa de cerveja do frigobar e a levava à boca.

— Irmão... — Rick apareceu logo em seguida, suspirou e esfregou o rosto sem conseguir me encarar.

— Agora não! — vociferei entre os goles, virando todo o conteúdo e jogando a garrafa na lixeira ao terminar. O casco se espatifou de forma estrondosa e alguns pedaços de vidro voaram para fora. — Preciso ficar sozinho, Rick. Depois conversamos.

Meu peito arfava e fogo queimava na boca do estômago, meus olhos ardiam e o nó na garganta ainda estava lá, dificultando minhas palavras.

— Foi um mal entendido, cara. Agora que Carol está grávida eu me preocupo em dobro e... — Ele me ignorou, tentando se explicar ao se aproximar de mim com sua expressão de culpa e encolhendo os ombros.

— Você realmente achou que eu fosse capaz de ferir ela de propósito? — Estiquei um braço, sinalizando para ele ficar no lugar e observei seu rosto se contorcer.

Sua hesitação falou mais do que palavras.

— Porra, Rick! — Soquei a mesa ao meu lado, os nódulos dos dedos latejando de dor me fizeram blasfemar novamente. — Treze anos de amizade e você não me conhece?

— Sinceramente, Átila? — Balançou a cabeça, levando as mãos até a nuca ele fechou os olhos e soltou o ar com força antes de voltar a falar — Ultimamente eu não tenho te reconhecido, não é o mesmo faz algum tempo. Não sei mais o que esperar de você. Eu tento, cara, eu tento continuar como se nada tivesse acontecido. Tento não ficar em cima quando faz suas merdas, mas está cada vez mais difícil olhar para o outro lado.

Suas palavras foram como um soco no meio da minha cara, eu cambaleei para trás e me apoiei na mesa ofegante.

— Eu posso perder o controle e exagerar quando estou mal, às vezes preciso distrair os pensamentos. Mas eu nunca machucaria vocês, como pôde pensar nisso? Como pôde achar que eu machucaria a Carol e o bebê, Rick?

— Caralho, Átila... — Deu três longos passos e agarrou meus ombros, puxando-me bruscamente para um abraço apertado — me perdoe, irmão. Você está certo, eu fui um babaca.

Com o corpo tenso eu não o abracei de volta, mas deixei que se desculpasse e aceitei suas desculpas. Porque eu também tinha a minha parcela de culpa, e a minha era bem maior que a dele.

Algumas coisas são difíceis de romper, apesar dos tantos golpes que a vida nos dá e das nossas próprias negligências em reparar os danos, às vezes abrindo ainda mais as feridas em vez de remendá-las. Assim era a minha amizade com o Rick, cheia de cicatrizes. Mas como as próprias cicatrizes ela se renovava, espessa, forte e unindo cada fissura do passado.

Após nosso momento comovente, ambos nos desculpamos e partimos em frente com o nosso trabalho. A tensão ainda estava lá entre a gente, mas ignoramos da melhor maneira possível. Haviam alguns assuntos atrasados os quais precisei resolver e Carol, que além de ser a mulher do meu amigo era também nossa assistente, organizou minuciosamente nossa agenda.

Confirmamos a nossa participação nos melhores festivais de cervejas artesanais do próximo ano e agendamos minha viagem à sede em Curitiba para o início de janeiro. Se eu não fosse logo até lá para a minha visita trimestral, meus pais provavelmente viriam de surpresa para o Rio de Janeiro e ficariam até não sei quando em minha casa para matar a saudade. O que não era a verdade. A verdade era que gostavam de controlar a minha vida.

Conferi as horas quando dei por encerrado o meu dia na fábrica, ainda era cedo, mas todos os assuntos pertinentes foram resolvidos. Resgatei o celular do bolso e liguei para André, queria saber exatamente quais eram as pessoas que estavam na minha festinha privada na mansão.

— Fala, Thor! — atendeu com sua fala mansa.

— André, quero a lista ainda hoje.

Ele sibilou do outro lado, sabendo muito bem do que eu estava falando.

— Pô, cara, foi mal! Esqueci de enviar, estou encaminhando ainda hoje por email. Mas relaxa, foi tudo nos conformes, todos assinaram o acordo de não divulgação.

Soltei o ar que estava preso nos pulmões. Na sexta eu estava tão fora de mim que mal planejei as coisas direito, sorte que André me conhece e sabia como organizar tudo do meu jeito, discretamente. No final das contas eu nem aproveitei direito as mulheres e tampouco os showzinhos rolando entre os convidados por todo o canto da casa. Estava consumindo a minha dor de forma

solitária, me inebriando com as músicas e gemidos como plano de fundo enquanto eu me afundava cada vez mais na escuridão. Foi uma péssima ideia, e eu sabia disso. Poderia ter vazado alguma notícia, alguma foto. Eu poderia ter ferrado com a imagem da minha empresa. Tudo porque eu me deixei levar pela emoção e fantasmas do passado.

— Da próxima vez quero saber de tudo *antes*, não depois de já ter rolado!

Encerrei a ligação sabendo que em menos de um minuto receberia um alerta de novo email. Agora eu poderia voltar para casa mais tranquilo, com uma única preocupação remanescente.

Nora.

A chuva havia dado uma trégua, mas só de olhar para o céu negro em plena tarde eu sabia que não por muito tempo. Cheguei o mais rápido possível em casa depois de uma pequena passada na farmácia, encontrando o lugar em um breu total, Nora devia estar dormindo e com a folga de última hora de Marta não havia ninguém para ascender as luzes. Segui pelo corredor e parei em frente ao pequeno quarto, com as mãos ocupadas eu bati na porta com o meu cotovelo.

— Nora, sou eu. Deixe-me entrar.

Ouvi um resmungo do outro lado seguido por passos lentos. Quando seu rosto apareceu pela fresta eu não esperei, abri o restante da porta e entrei em seu aposento, largando as sacolas cheias de remédios em cima de sua cama antes de me virar para tocar seu rosto. Ela ardia em febre, estava com os cabelos grudados na face devido ao suor e com olheiras proeminentes.

— Droga, Nora! — Ela bambeou e seus olhos piscaram lentamente, pareciam desfocados. Precisei segurar sua cintura para mantê-la em pé. —

Você precisa abaixar sua temperatura, tome um banho frio. Eu esperarei do lado de fora.

— Água primeiro... — sussurrou ao tocar seus lábios ressecados.

A ajudei a se sentar na beirada do colchão e revirei uma das sacolas.

— Trouxe *Gatorade*, vai te hidratar melhor. — Desenrosquei a tampa e entreguei a garrafa para ela que bebeu até a metade do conteúdo.

— Obrigada, Átila. Acho melhor eu tomar mesmo aquele banho e então devo me sentir melhor.

Tentou se levantar e percebi o grau de sua fraqueza quando vi suas pernas instáveis. Enlacei novamente a sua cintura, fazendo-a se apoiar em mim. Seu rosto se voltou para o meu, os grandes olhos de amêndoas me examinavam com incerteza, mas não enxerguei medo neles.

— Está tudo bem, não te farei cair dessa vez.

***

A noite passou em um silêncio ensurdecedor, Nora não quis jantar e preferiu comer alguns biscoitos *cream crakers* com chá. Fiz questão de vê-la tomar o antigripal. Além dos comprimidos, eu havia comprado alguns xaropes, pastilhas e spray para garganta, descongestionante nasal, vitaminas e lenços. Ela disse que ficaria bem, mas ainda assim não consegui dormir. Nem em condições normais eu conseguiria, os pesadelos estavam sempre a espreita velando minhas noites. Deitei-me no sofá da sala e passei a madrugada assistindo a TV, por isso, vi a primeira notícia do jornal da manhã alertando sobre o forte temporal e decretando estado de emergência. Mas eu não precisava assistir ao noticiário para saber, a tempestade já havia chegado na Ilha, eu podia ouvir o uivo alto da ventania, as trovoadas, as ondas quebrando com força, os estalos dos troncos das árvores se quebrando, o chiado das

folhas como navalhas cortando o ar e as pancadas da chuva tão fortes que pareciam granito.

Uma coisa era certa, estávamos presos aqui. Ilhados.

Levantei-me, passando bem longe dos vidros das portas e janelas que trepidavam de forma preocupante, e fui até a cozinha preparar o café. Montei dois sanduíches e algumas torradas, os levei na travessa junto com duas canecas de café fumegantes e um copo de suco de laranja até o pequeno aposento no fim do corredor. A porta estava entreaberta e não hesitei em entrar.

— Bom dia, bela... — sussurrei para uma Nora adormecida e sentei-me na ponta da cama. Não achei que fosse acordar tão rápido, mas suas pálpebras se abriram e ao me encontrar do seu lado sorriu preguiçosamente.

— Eu ainda estou sonhando. — Voltou a fechar os olhos num suspiro.

Coloquei a travessa na mesinha de cabeceira e levei uma das canecas perto do seu rosto, a fim dela sentir o aroma e despertar.

— Não está sonhando, Nora.

Ao ouvir novamente a minha voz ela se sentou num rompante, quase derramando a bebida quente em cima de mim.

— Pelos deuses! — Tapou a boca com uma das mãos e encostou as costas na cabeceira, afastando-se. — O que faz aqui?

Entreguei seu café como resposta e me inclinei para frente, pegando a minha caneca logo em seguida. Ela prendeu a respiração quando nossos rostos ficaram próximos e eu tive de reprimir um gemido quando a vi deslizando a língua pelos lábios enquanto me observava, atenta a cada movimento meu.

— Precisa se alimentar. — Levantei minha bebida em sua direção,

incentivando a tomar o seu café da manhã antes de dar o meu primeiro gole. — E não sairá desse quarto, você continua de repouso.

Elevei as sobrancelhas para o seu nariz enrugado e lábios frisados, mas ela não fez nenhum comentário, então imaginei que estivesse de acordo.

Ainda não sabia o quanto ela poderia ser teimosa e como, uma mulher de aparência tão frágil e meiga, seria capaz de me por de joelhos.

Capítulo 17



Átila estava seminu no meu quarto, seu olhar lambia toda a extensão do meu corpo, queimando ainda mais a minha pele febril. Seu peito subia e descia frenético e sua respiração morna assoprava meu rosto corado. Inspirei fundo, sorvendo seu cheiro amadeirado com um leve toque de suor. Era delicioso e másculo. Não soube quem se moveu primeiro, mas fomos atraídos um para o outro, meus braços enroscaram em seus cabelos e o trouxe para mim.

Nossa! Como eu ansiava tocá-lo! Como eu queria sentir meus dedos deslizando nas suas longas mechas que eram a minha perdição!

Nossas bocas se tocaram levemente, seus lábios macios acariciaram os meus com delicadeza antes de sua língua ávida pedir acesso para aprofundar o beijo. Gemi de encontro à ele e abri minhas pernas, sentindo-o melhor em mim e pulsando de desejo quando seu volume pressionou meu baixo ventre. Arqueei as costas e o puxei com força, agarrando seus cabelos e afundando seu rosto ao meu eu chupei sua língua, arrancando um rugido dele.

Ouvir os sons que ele fazia quando estava excitado fez com que um fogo percorresse minha pele, assim como suas mãos enormes esgueirando para dentro da minha blusa e segurando meus seios me incendiou de anseio. Eu nunca havia feito aquilo na vida, mas o instinto comandava todo o meu ser e

ele me dizia que eu precisava de mais...

— Bela — sussurrou de encontro ao meu ouvido, então eu abri os olhos.

Eu sabia que estive sonhando com o meu chefe e, por mais que fosse errado, eu não queria acordar. No entanto, a figura que pairava ao meu lado era a mesma que estava aninhada entre meus braços e pernas segundos antes. Tinha consciência de estar dormindo, mas infelizmente o sonho mudou.

Droga, ele continuava lindo. E eu continuava ardente por ele.

— Eu ainda estou sonhando. — Fechei os olhos, tentando voltar ao sonho anterior onde eu poderia prová-lo e me saciar sem medo. Pois nada daquilo era real.

— Não está sonhando, Nora.

Aquela voz parecia real! O cheiro de café e o vapor atingindo minhas narinas eram reais!

— Pelos deuses! — Sentei-me em alerta e, bem ali, estava Átila em carne e osso!

Ele estava muito próximo e eu sei muito bem o meu estado quando acordo! Tapei a boca com uma das mãos com medo dele sentir meu bafo matinal e me afastei praticamente batendo com a cabeça na cabeceira. Enquanto isso o meu chefe continuava me observando com um leve sorriso nos lábios, como se fosse natural a sua presença ali!

— O que faz aqui?

Átila não me respondeu, mas me entregou o café que estava segurando e logo em seguida seu rosto estava a centímetros do meu. Prendi a respiração e senti o coração martelando loucamente no peito à espera do que poderia acontecer.

Será que eu estava alucinando por causa da febre? Eu sabia que não, mas era muito bom para ser verdade. Átila estava cuidando de mim, apesar do meu aspecto horrível de doente e por eu ser uma simples empregada.

Percebi então que ele na verdade estava se inclinando para pegar outra caneca e repreendi os meus pensamentos devassos. É claro que ele não iria me beijar... mas o sonho me pareceu tão vívido que eu jurava poder sentir vestígios do seu gosto em minha boca. Permiti a ponta da minha língua passar nos meus lábios e busquei na memória o seu sabor, ainda que fabricado pela minha imaginação. De qualquer forma, não conseguia simplesmente esquecer as imagens inventadas pela minha mente e era tão estranho e inadequado pensar no meu chefe daquela forma!

Se Átila pudesse ler pensamentos eu estava ferrada, porque eu memorizei todas as curvas rígidas de seu abdome e sei exatamente qual é o seu tamanho, nunca me esqueci daquele dia o qual entrei em sua suíte e o vi nu. E agora meu subconsciente se aproveitava dessa lembrança para me atiçar!

— Precisa se alimentar — disse, arrancando-me dos meus devaneios. Levantou a sua caneca em minha direção como um brinde e logo deu o primeiro gole — E não sairá desse quarto, você continua de repouso.

Finalmente caí em mim e voltei a raciocinar, despertando totalmente do torpor causado pelo sonho.

O que? Ele acha que ficarei trancada nesse cubículo pelo resto do dia?

Notei suas sobrancelhas se levantarem, como uma advertência. Eu tinha uma resposta bem na ponta da língua, mas estava tão fraca e dolorida que mantive minha boca fechada. Afinal, ele era meu chefe, não o meu dono! Não precisaria saber que saí da cama.

Continuei em silêncio enquanto bebericava o café, podia sentir seu olhar

sobre mim a todo instante, mas eu fingia estar muito ocupada investigando o conteúdo da minha caneca. Não queria que ele me lesse como um livro aberto, eu estava muito constrangida e meu cérebro tinha grande dificuldade de separar o sonho da realidade.

— Nora — chamou minha atenção com sua voz grave, arrepiando os pelos dos meus braços.

— Sim? — Levantei os olhos e o encontrei sério com seu maxilar contraído enquanto fitava meu rosto corado.

— Coma o sanduíche, ou pelo menos as torradas. — Indicou a bandeja com um curto aceno de cabeça — Precisa se alimentar.

A minha garganta doía muito e engolir sólidos piorava, mas eu tentei comer um pouco do sanduíche só para acabar logo com essa tortura. Ele precisava sair daqui! Eu ainda nem tive tempo de ir ao banheiro me higienizar e fazer xixi! Nem pude conferir meu reflexo no espelho, não era justo ele me ver toda descabelada e maltrapilha enquanto ele parecia um deus nórdico.

— Obrigada, Átila. Não precisava trazer o café da manhã, não estou tão mal assim...

— Eu quis, a culpa é minha por estar desse jeito! É o mínimo que posso fazer.

Levantou-se e caminhou até o meu lado, deixando seus gominhos e aquele V maravilhoso em seus quadris bem à mostra já que meu rosto estava praticamente colado ao seu peitoral nu. Inclinei a cabeça para cima e percebi ter sido flagrada secando o seu corpo musculoso. Mas me digam como eu não poderia? Era humanamente impossível não notar um homem daqueles, ainda mais estando tão perto assim e seminu pelo amor dos deuses!

Engoli com dificuldade o último pedaço do pão e precisei buscar pelo

copo de suco para ajudar a limpar a garganta. Átila segurou a bandeja e esperou paciente até eu terminar de tomar toda a bebida. Seus dedos tocaram os meus ao retirar o copo da minha mão e então ele se virou em direção à porta.

— Descanse, mais tarde eu volto para ver como está se sentindo. — Passou pelo batente e foi embora.

Só então pude relaxar meus músculos e aos poucos meus sentidos, outrora inebriados pela presença de Átila, voltaram a funcionar. Assustei-me com o barulho incessante de trovões e das pancadas de chuvas contra a janela.

— Zombe de mim, Zeus! Eu mereço. — Peguei o travesseiro e escondi meu rosto nele, abafando um grito de frustração.

Forcei minhas pernas moles até o banheiro e entrei no chuveiro, passei bastante tempo me ensaboando e limpando os cabelos até sentir-me livre de todo o suor e do cheiro de doença que sempre sinto quando adoeço. Escovei os dentes e enxaguei a boca com o antisseptico bucal sabor hortelã, sentindo-me mil vezes melhor e mais apresentável. Voltei para o quarto e troquei as roupas de cama colocando as antigas na máquina de lavar e, sem conseguir ficar parada por muito tempo, ando até a cozinha para ver as opções de almoço. Como eu havia imaginado as comidas congeladas acabaram e eu teria que preparar algo, mas não sabia das preferências do Átila. Por mim eu faria uma canja de galinha, porém, para um homem daquele tamanho uma canja não taparia nem um buraco no estômago. Sem querer esbarrar com ele, eu decidi vasculhar a dispensa e acabei encontrando um caderno de receitas. Aquilo estava com cara de Marta, havia recortes nele com pratos típicos da Irlanda dentre outros variados.

— Hum... essa torta de carne parece ser fácil de fazer. É praticamente um escondidinho feito de purê de batata e gratinado no forno. — Separei os

ingredientes e os levei até a bancada. Retirei a carne moída do congelador e tive de usar o microondas para descongelá-la, ou então o almoço só ficaria pronto bem tarde.

A comida parecia deliciosa, pena eu não conseguir sentir o cheiro com o nariz entupido. Montei a torta no refratário de vidro e o coloquei no forno, armando o alarme para vinte minutos.

— O que está fazendo?

Girei até encontrar Átila de pé na entrada da cozinha. Suas mãos enormes prendendo os cabelos em um coque era a coisa mais sexy que eu já vi. Engoli em seco, tentando não me deixar abalar por ele eu fui até a pia lavar as vasilhas e talheres que eu havia sujado.

— Fazendo o almoço já que Marta não está aqui. — Dei de ombros e continuei evitando seu olhar enquanto limpava as coisas.

— Deixe que eu faça isso, Nora! Não mexa na água fria. — Ele se pôs ao meu lado bruscamente, retirando a esponja das minhas mãos. — Se enxugue, não quero que piore da gripe.

— Por quê? — Acabei perguntando em voz alta e mordi o lábio, mortificada com a minha imprudência. Eu só não entendia o motivo dele se preocupar tanto comigo.

Meu chefe balançou a cabeça e franziu o cenho, parecia mais confuso do que eu.

— Porque... é do meu interesse.

Ah, claro! Eu era sua empregada afinal, sua preocupação não era com o meu bem estar e sim com o tempo que eu levaria até melhorar e voltar à ativa. Meneei a cabeça, e puxando um pano de prato da gaveta com mais força do que o necessário eu passei a secar meus braços.

— Eu continuo daqui, vá para o quarto — disse arrogante sem sequer me olhar.

— Estou bem, a comida ficará pronta em poucos minutos. — Levantei o queixo e me mantive firme no lugar.

Aquele calor que eu senti mais cedo em relação a ele se transformou, em vez de desejo eu agora ardia em raiva. Odiava ser tratada como criança, eu poderia ser jovem, mas não era boba, tive de crescer desde muito pequena. Eu praticamente criei o meu irmão sozinha enquanto mamãe trabalhava o dia inteiro. Dei duro nos estudos para conseguir ingressar na faculdade e passei em quarto lugar em medicina! Sabia cuidar muito bem de mim.

— Nora... — Girou nos calcanhares, ficando de frente para mim. Ao notar minha expressão ele exalou o ar com força.

— Eu não gosto de ficar trancada no quarto o dia inteiro — Cruzei os braços ao redor da minha cintura, sentindo-me subitamente nervosa sendo alvo de sua atenção. — preciso me manter ocupada, ou então me sentirei doente.

Ele assentiu a contragosto e terminou com a sua tarefa, guardando as louças em seus devidos lugares. Pouco tempo depois o alarme tocou e eu corri para desligar o fogo, colocando as luvas de proteção para retirar o refratário quente do fogão. Arrumei o balcão com os pratos e demais talheres e pude ver de relance o sorriso de satisfação do Átila ao ver qual era o menu.

— Você fez torta? — Aproximou-se de mim e inspirou fundo para logo grunhir satisfeito — É mesmo torta de carne? Como você soube?

Enruguei a testa, porém sua expressão alegre me desarmou e eu sorri.

— Como eu soube o quê?

— Que esse é um dos meus pratos favoritos! — Pegou a faca e cortou um grande pedaço, servindo em um dos pratos para logo empurrar em minha

direção e repetir o processo com o outro.

— Átila... eu não vou conseguir comer isso tudo — sussurrei envergonhada. Não queria parecer ingrata, mas meu apetite estava horrível com a gripe.

Ele lambeu um dos dedos que acabou sujando com o molho da torta e olhou para mim ao se sentar do meu lado na banqueta.

— Não tem problema, coma o quanto conseguir e se sobrar eu termino com o seu prato — disse casualmente sem perceber a minha reação de espanto. Ele faria isso mesmo? Parecia algo tão... íntimo!

— Não pode! — Meus olhos se arregalaram e mordi o lábio inferior.

— E por que não? — Coçou a barba com uma de suas sobrancelhas elevadas.

A forma como me olhava parecia que eu era um jogo complexo de quebra-cabeça e ele tentava me solucionar. Eu rezava para os deuses que ele não me desvendasse, eu não poderia revelar as coisas insanas que sentia por ele naquele momento.

— Porque senão também ficará doente. — Forcei minha voz estrangulada, podia sentir meu rosto ficando cada vez mais escarlate e desviei o olhar para a comida à minha frente.

— Não me importo, eu não adoeço com facilidade — resmungou.

Balancei a cabeça, fingindo não ter me abalado e comi em silêncio.

***

Tão logo eu terminei toda a refeição, fugi para o meu aposento deixando o meu chefe para trás. O temporal não cessava, na verdade parecia piorar a cada minuto e eu fiquei preocupada com minha família. Procurei por meu

celular, mas ao tentar ligar percebi que estava sem sinal.

— Mas que porcaria! — Soquei o colchão, frustrada por não ter nada para fazer e ainda por cima não conseguir me comunicar com ninguém fora dessa mansão.

Busquei por um dos meus livros, mas toda vez que lia um parágrafo meus pensamentos voavam para longe e eu tinha que reler tudo. Levantei-me da cama sufocada e claustrofóbica dentro desse quarto e, sem conter meu tédio, fui caminhar um pouco pela casa. Chegando até a sala os meus pés fincaram no chão e meu coração deu um salto ao ver Átila deitado no sofá em frente à TV. Prendendo a respiração dei um passo para trás prestes a fugir novamente, mas ele deve ter pressentido minha presença, pois seus olhos azuis encontraram os meus.

— Nora, está tudo bem? Está passando mal? — Ele deu um salto, ficando de pé em um instante.

Estiquei um braço e abri a palma da mão, indicando ser desnecessária a sua preocupação.

— Estou bem... — murmurei ofegante ao ver ele se aproximando com os cabelos desalinhados e ridiculamente lindo. — Só estava entediada, mas não se incomode comigo. — Apontei para o sofá forçando um sorriso. — Volte a assistir o que quer que seja, eu vou encontrar algo para fazer no quarto...

— Você mesma disse que não gosta de ficar muito tempo lá, venha. — Segurou meu braço de leve, mas logo o soltou, enterrando as mãos nos bolsos da bermuda de moletom. — Podemos assistir juntos, não me importo. Tenho vários DVDs de filmes e séries. O que gosta de assistir?

— Eu... hã.. — Estalei os dedos nervosamente, olhando de Átila para o sofá o qual ele estava se sentando, deixando espaço para mim ao seu lado. —

Pode escolher você.

— Certeza? — Sorriu maliciosamente, já segurando o controle remoto.

— Certeza — respondi, aconchegando-me no outro canto do sofá, bem longe dele. Dobrei minhas pernas para o lado e sem querer toquei a ponta dos dedos dos pés, cobertos por meias, na coxa do Átila. — Desculpe — murmurei encolhendo os pés rapidamente.

Ele me olhou sério e deu play sem olhar para a TV, com a mão livre ele puxou minhas pernas e me arrancou o ar dos pulmões.

— Fique à vontate — grunhiu e desviou o olhar.

Fitei a tela da televisão, sem prestar muita atenção ainda com o coração conturbado, quando finalmente compreendi as imagens rodando tive um treco.

— Não! — Tapei os olhos. — Tira isso, por favor!

— O que foi! Não gosta? Eu vi você usando uma camiseta outro dia e pensei que...

— Se eu gosto? Eu amo! Mas ainda não terminei de ver a penúltima temporada e acabei de assistir o maior *spoiler* de todos os tempos, Átila! — Senti as lágrimas acumularem, deuses eu estava mesmo prestes a chorar de frustração! Não acredito que vi a cena onde Negan estoura os miolos de um dos meus personagens favoritos em *The Walking Dead!*

Átila começou a rir, o som baixo e rouco ressoando pelo cômodo era contagiante e não contive o meu próprio riso.

— Que tal... — Ainda sorrindo ele precisou tomar fôlego — um filme?

Assenti com as faces queimando, não de vergonha, mas da crise de risos.

Concordando em vermos um clássico eu observei sua expressão

concentrada enquanto escolhia dentre as centenas de opções no *rack,* encostei a cabeça no encosto do sofá assim que a abertura de *Pulp Fiction* apareceu e meu coração se agitou quando senti novamente as mãos quentes do Átila puxarem meus pés até encostarem em sua perna.

Sua presença dominava meus pensamentos, meus sentimentos ao senti-lo tão próximo eram como um mar revolto balançando minhas estruturas como um barco em alto mar, mas com o passar do tempo eles se acalmaram, acostumando-se, eu fui embalada em ondas mais tranquilas e, quando menos esperei, os embalos me conduziram a um sono profundo.

E eu sonhei com ele novamente, seus braços firmes e fortes enlaçando minha cintura e puxando-me para o seu colo acolhedor.

Capítulo 18



Meu rosto estava afundado em algo macio, inspirei fundo sentindo o leve aroma floral e então meus sentidos inebriados pelo sono foram despertando aos poucos. Ainda com os olhos fechados eu estiquei o corpo manhosamente enquanto espreguiçava, o lençol roçou meus braços quando os levei para acima da cabeça e pela primeira vez notei algo de estranho naquela cama macia.

Primeiramente ela não era a *minha*!

As minhas pálpebras tremularam, lutando contra a sonolência, segurei o lençol de encontro ao corpo e tentei entender o que estava acontecendo e onde eu estava. Olhei ao redor desnorteada por encontrar um quarto espaçoso e totalmente diferente do meu pequeno aposento, meu coração palpitava contra a caixa torácica até eu respirar aliviada ao notar se tratar de uma das suítes da mansão.

Eu estava em uma das suítes!

Quando finalmente a minha ficha caiu, eu me sentei de supetão. Como eu fui parar ali, pelo amor dos deuses? Tentei rebobinar a fita do meu cérebro até os últimos acontecimentos lúcidos e meu estômago afundou com o nervosismo

ao passo que minha frequência cardíaca aumentou de forma preocupante quando as lembranças vieram à tona.

Eu e Átila acomodados no sofá assistindo ao seriado. A sensação das mãos dele me puxando até eu sentir as pontas dos meus pés em contato com sua perna. Ele rindo da minha síncope quando eu percebi estar vendo o maior spoiler da minha série favorita. Eu adormecendo no meio do filme.

Átila me carregando em seus braços...

Pelos deuses, aquilo não foi um sonho!

Retirei os cabelos bagunçados caindo nos meus olhos e os joguei para trás, livrei-me do agradável agasalho provido pelo fino cobertor tentando não gemer pelo frio repentino e finalmente me levantei. A falta de luz vinda da fresta da cortina não me dizia nada, a tempestade havia transformado a manhã em noite, portanto conferi o meu relógio de pulso. Balancei a cabeça e sibilei. Eu dormi mais do que devia, perdi toda a tarde deitada e agora já era quase o horário da janta! Dei alguns passos hesitantes até a porta, deslizando as mãos pela camiseta e ajeitando as *leggings* antes de girar a maçaneta.

— Opa! Você está bem? — Arregalei os olhos e engoli um grito ao dar de cara com o meu chefe. Meu rosto estava praticamente amassado em seu peitoral e antes que eu pudesse processar alguma frase de resposta senti mãos enormes e surpreendentemente delicadas segurarem meus ombros.

Fui afastada de seu corpo e virei alvo de sua minuciosa atenção. Pigarreei no intuito de me recompor, mas o som vindo de minha garganta fez com que Átila frisasse seu cenho em preocupação. Deslizando os dedos de meus ombros até o meu rosto ruborizado ele os repousou em minha testa, medindo minha temperatura. Eu sabia que não estava com febre, mas talvez com o sangue queimando em minhas veias em reação ao seu toque Átila seria capaz de sentir o fogo que ele mesmo ateou.

— Está quente, Nora — murmurou antes de fungar. Levantei uma sobrancelha e me afastei.

— Eu estou melhor, já você não parece tão bem... — Inclinei a cabeça para o lado quando o vi esfregar o nariz.

Átila voltou a me fitar com suas íris atipicamente escuras e franziu ainda mais o semblante.

— Por que diz isso? — Cruzou os braços musculosos, o movimento acentuando seu corpo atlético e roubando meu raciocínio brevemente.

Dei um passo para trás e fisguei meu lábio antes de apontar atrapalhada para o seu rosto. Parecia que eu havia perdido minhas coordenações motoras.

— Está fungando e coçando o nariz. Ficou resfriado?

Átila desviou o olhar e descruzou os braços, levando as mãos até o coque no alto de sua cabeça e soltando as longas mechas douradas. Assisti em transe enquanto elas caíam em cascata moldurando seu rosto austero, um contraste de tirar o fôlego.

— Esquece isso. Não é nada. — grunhiu e me deu as costas, caminhando em direção à sala. — Se realmente se sente melhor então venha, já passou da hora do jantar — disse ríspido.

Revirei os olhos e o segui direto até a cozinha, dissipando a fantasia de ser uma convidada aos seus cuidados e voltando à realidade. Eu era a empregada afinal.

Agradeci o barulho incessante das pancadas de chuva e ventania, assim ele não pôde ouvir meu suspiro de resignação. Andando de cabeça baixa para esconder a súbita vontade de chorar eu não percebi a cena diante de mim, não até o último instante quando levantei os olhos e me deparei com a bancada arrumada e com o Átila retirando as sobras da torta do microondas.

— Mas o que... — sussurrei, aproximando-me dos utensílios postos para duas pessoas.

Aquilo me fez pensar se alguma vez o vi comendo na sala de jantar e a resposta era: ainda não.

— O que disse? — ele perguntou, trazendo o refratário quente até o descanso de panela e pareceu não perceber o absurdo da situação.

— Nada. — Mordi a língua para não dizer o que realmente estava pensando, mas não consegui me segurar por muito tempo. — Por que me pediu para aprontar a janta se já estava preparando tudo?

— Quando foi que eu pedi isso, Nora? — Sentou-se na banqueta e pegou um dos pratos enquanto me olhava com um sorriso contido. Estava zombando de mim?

— Como assim? Agora a pouco antes de você vir para cá! — Uni as sobrancelhas e o encarei como se fosse um louco ou então como se *eu* estivesse ficando louca.

Átila deslizou o prato com uma generosa fatia de torta para mim e prosseguiu a servir o outro para ele, mantendo o sorriso nos lábios ele negou com a cabeça.

— Você não entendeu as minhas palavras, bela. — Pegou o garfo e o apontou em minha direção. O ar fugiu dos meus pulmões ao escutar o apelido saindo de sua boca. — Eu a chamei até a cozinha para jantar, não disse nada sobre ter de preparar a janta. — O garfo então mudou de rumo e foi parar em sua refeição.

Com as mãos trêmulas eu puxei a banqueta e me acomodei nela, ficando ao lado do Átila assim como mais cedo no almoço. Ele comia tranquilamente alheio à desordem de sentimentos que me causou enquanto eu sofria em

silêncio, tentando manter minha sanidade e os pés no chão. No entanto, meus pensamentos fantasiosos teimavam em me perturbar o juízo!

Mas é lógico que o meu chefe não estava me tratando de forma especial, certo? Era normal ele se preocupar com a saúde de sua empregada...

Arrisquei um vislumbre dele, mas para o meu horror Átila estava me observando. O pedaço de torta entalou na garganta e me engasguei.

— *Fuck!* — murmurou ao se levantar e bater de leve em minhas costas, amenizando as tosses estranguladas. — Beba um pouco, vai ajudar. — Pegou o copo de suco e o trouxe até meus lábios.

Engoli dois goles até o engasgo cessar e conseguir respirar normalmente.

— O-obrigada — agradeci sem encará-lo nos olhos, queria que um buraco abrisse no chão naquele instante! Ele continuou de pé ao meu lado por mais alguns segundos e eu não me atrevi a conferir o que ele estava fazendo, mas pude escutá-lo suspirar antes de voltar a se sentar.

Consegui terminar de comer em tempo recorde, tomando cuidado para não sufocar novamente e morrer. A causa da morte provavelmente seria vergonha e não asfixia. Uma grande trovoada rompeu perigosamente próxima da gente e eu pulei de susto, porém meu maior medo era em saber como a minha família estava em casa. Lembrava-me bem como as telhas eram velhas, e se com uma simples chuva tinha goteiras, a situação com esse temporal deveria estar lamentável.

— Está tudo bem, Nora. Aqui tem para raio, não se preocupe.

Assenti mal processando o que ele acabara de dizer, enterrei uma mão no bolso à procura do meu celular e desbloqueei a tela para fazer a ligação.

— Não... — Levantei-me esticando o braço para cima em uma tentativa

frustrada de conseguir rede, mas infelizmente não deu certo. — Droga!

O serviço já era péssimo em condições normais, estávamos em uma ilha afinal de contas, e agora quando eu mais precisava falar com minha mãe eu não podia!

— O que foi? — Arrastou o banco para trás com tanta força que o fez cair ao chão, mas não se importou enquanto se aproximava. — Precisa ligar para alguém?

Ele podia ser um tanto grosseiro, mas por trás daquela fera existia um homem que se importava. Havia sim gentileza em seus atos e eu estava começando a enxergar aquilo.

— Sim — sussurrei, desviando o olhar do celular para Átila e dando de ombros. — mas não tenho rede.

— Se é importante tente o telefone fixo. — Acenou com a cabeça para o telefone da cozinha e virou de costas, se servindo do último pedaço de torta que restara e voltando a comer.

— Hã... tem certeza? — Dei um peteleco imaginário na minha testa.

Sua burra! Não pergunte ou então ele pode mudar de ideia!

Átila resmungou um sim e continuou com sua refeição, pelo visto não me daria nenhuma privacidade.

— Obrigada — disse esfregando as mãos nas calças antes de pegar o aparelho e, conferindo se tinha linha, liguei para casa.

— Alô? Nora, é você filha? — Mamãe atendeu logo no segundo toque, o som estava longe, mas dava para escutar o bastante para notar o seu tom de preocupação.

— Oi! Sou eu. Como estão as coisas por aí? Está tudo bem?

Pude escutar a voz de Nico ao fundo, pedindo para falar comigo, mas dona Leide deu uma pequena bronca e disse para ele esperar.

— Está sim, filha. Algumas goteiras como de costume, mas nada que precise se preocupar. — Suspirei aliviada. — Eu tentei te ligar, mas dá fora de área. Como você está?

— Estou bem. — Olhei para o lado em busca do meu chefe, ele estava absorto com sua janta, ou fingia estar. Voltei a encarar a parede e baixei um pouco o tom da voz. — Escute, eu prometi fazer a ceia de Natal, mas não sei...

— Nora, as notícias dizem que esse temporal vai continuar por mais alguns dias. Não se atreva a tentar voltar para casa e se arriscar a tomar um raio na cabeça!

Abafei um riso, mas ela estava certa. Completamente certa.

— Prometo...

— Calma, Nico está agitado querendo falar com você. — Ela me interrompeu novamente.

— Nora? É o Nico, seu irmão querido!

Daquela vez não me contive e ri alto. Ele não me deu tempo para responder e já passou a tagarelar. Contando como estava com saudades e que estava ansioso para Papai Noel entregar o presente dele no Natal.

— Nora, você acha que ele consegue chegar aqui com essa chuvarada?

— É claro que sim, amor! — Toquei o peito com a palma da mão e mordi o lábio inferior com força. Eu já tinha o presente dele, mas não sabia se daria para ir levar no fim de semana. Eu estava ilhada! — Pode chegar atrasado, mas chega!

— *Tá* bom, acredito em você. Mamãe pediu para desligar porque está

dando muito raio! Te amo muito, Nora!

— Também te amo muito, Nico. Tchau...

Coloquei o telefone no gancho e me virei encontrando Átila com seu olhar fixo em mim. Seu maxilar estava trincado, as narinas dilatadas e o cenho franzido.

Droga, será que demorei muito na linha?

— Obrigada de novo — disse fracamente, com medo de atiçar o monstro nele, e me ocupei em levar as louças para a pia. Meu chefe não respondeu, mas saiu bruscamente da cozinha.

Eu deveria me recolher no quarto, mas, como eu havia dormido a tarde toda, não estava com nem um pingo de sono. Na verdade eu estava inquieta e nem os livros me acalmavam, eu precisava fazer qualquer outra coisa ou então ficaria louca!

Perambulei até a sala vazia, a todo instante espiava as escadas, mas não via nenhum sinal do Átila. Já passava da meia noite e, por não escutar movimentação nenhuma no andar de cima, imaginei já ter adormecido. A verdade era que a chuva abafava quase todos os sons, mas eu não pensei nisso naquele momento.

Peguei o controle sentindo o coração em disparada com a adrenalina de estar fazendo algo errado e liguei a TV, abaixando o volume para o meu chefe não escutar. Os canais fechados estavam sem sinal então escolhi um dos filmes de sua coleção, rindo incrédula ao encontrar “Tudo para ficar com ele”.

Pelos deuses do Olimpo! Então quer dizer que Átila também assistia comédia romântica estilo *morde fronha*?

Não pensei duas vezes e dei *play*. Eu sabia as falas de cor e salteado, principalmente a cena do restaurante onde Cameron Diaz e as duas outras

atrizes cantavam uma música sobre pênis.

— “Ele é grande para caber aqui!” — Empolguei-me demais e cantei junto, mas minhas palavras morreram quando vi um vulto pairar ao meu lado e então o sofá afundou com o peso de seu corpo.

Peloamordosdeuses!

Eu estava tão assustada que não consegui nem vocalizar!

— O que é grande demais para caber aí, Nora? — perguntou sério com sua voz grave e uma sobrancelha elevada. No entanto, os cantos dos seus lábios se contorceram. Ele estava brincando com a minha cara!

— O que? Não... Não! É só o filme! — Escondi o rosto atrás das mãos e quis morrer. Morrer era melhor opção do que passar tanta vergonha!

Seu riso profundo me pegou desprevenida e eu abri os dedos para espiá-lo. O sangue subiu e então quis atacá-lo. Ele estava rindo de mim? Eu que deveria estar rindo dele por ter esse filme no final das contas!

— Sabe, Átila, estou surpresa por você gostar desse gênero. Gosta tanto que tem o DVD! Que gracinha...

— O que? — Olhou de mim para o DVD com a testa enrugada — Não é meu, deve ser da Carol.

— Não precisa ter vergonha, eu não julgo... — Tentei ao máximo conter o sorriso, mas seus olhos arregalados não ajudaram muito.

Joguei a cabeça para trás e ri, mas então ao ouvir nada além do silêncio em retorno eu me dei conta da minha estupidez. Ele era a porcaria do meu chefe e eu estava desfrutando de suas coisas sem permissão!

— Desculpe — Tapei a boca e hesitei antes de olhar para ele, com medo do que encontraria. Átila me observava divertido, com a cabeça levemente

inclinada para o lado.

— O que faz aqui a essa hora? — Transformou o sorriso em uma carranca e eu tive de engolir em seco.

— Eu... hã... não conseguia dormir. — Fitei o chão com as faces queimando.

Ouvi um grunhido e me preparei para o pior. Ele me demitiria com certeza.

— Eu também não. — Tirou a pausa do filme e se ajeitou no seu canto, focando sua atenção na tela da TV e me deixando de queixo caído.

Não preciso nem dizer que eu não consegui nem por um decreto prestar atenção no resto do vídeo. Roubava vislumbres do Átila e suas reações engraçadas com o desenrolar da história. Ele poderia negar quanto fosse, mas amava uma comédia romântica sim!

— E agora? — perguntou se virando para mim. — Está a fim de ver outro ou quer fazer outra coisa?

Umedeci os lábios subitamente secos e me enrolei para responder.

— Tanto faz.

E foi então que nós tivemos nossa primeira conversa de verdade. Em um tipo de jogo bate bola, ele me perguntava coisas e eu fazia o mesmo. Varamos a madrugada daquele jeito, conhecendo um pouco sobre o outro. Começamos com coisas simples e bobas.

Gêneros de filme favoritos. Comida e cor favorita. Praia ou cachoeira. Cinema ou livro. E por ai em diante.

— Uma flor — disse sentado à minha frente, seus joelhos dobrados e os braços apoiados neles.

Não demorei para responder, eu já estava ficando boa naquele jogo.

— Rosa.

— Rosa? Por quê? — Encostou o queixo em um dos braços e os cabelos caíram por cima dos seus olhos curiosos. Eu precisei controlar minha vontade de tocá-los.

— É uma flor popular, eu sei. Eu gosto da sua simplicidade e do seu aroma, gosto de como ela pode ser delicada e ao mesmo tempo forte com seus espinhos. — Sorri de leve e suspirei. — A rosa na mitologia Greco-Romana estava associada à Afrodite que é a deusa do amor e da beleza. Segundo o mito grego, a flor era branca e só se tornou vermelha quando Adônis foi ferido de morte e Afrodite, sua amada, picou-se num espinho quando foi socorrê-lo, transformando assim a sua cor. Por isso rosa simboliza tanto o amor. — Levantei um ombro e arrisquei um olhar em direção ao Átila que me ouvia atento. — De qualquer forma, eu simplesmente gosto de rosas.

Como ele continuou em silêncio eu percebi que era a minha vez de perguntar.

— E quanto a você? Qual é a sua flor preferida?

Comprimiu os lábios e encarou o teto como se estivesse pensativo.

— Rosa.

Sorrimos um para o outro e eu balancei a cabeça sem acreditar nele, mas não querendo comentar sobre aquilo. Bocejei de súbito, mal tendo tempo para esconder a boca aberta.

— Vá dormir, Nora. Já está muito tarde.

Assenti enquanto levantava do sofá. Parei de pé ao seu lado e a falsa tranquilidade de estar perto dele cessou. Agora o coração batia

descompassado enquanto eu pensava nas palavras certas para me despedir.

— Boa noite... — sussurrei tímida e passei a andar em direção ao corredor até o meu aposento.

— Para onde está indo?

Girei-me nos calcanhares sem entender bem sua pergunta. Não era óbvio que eu estava indo dormir?

— Para o meu quarto.

Ele franziu o cenho e se levantou lentamente, seus olhos fixos aos meus.

— Pensei que eu tivesse sido claro quando a levei para dormir na suíte.

Dei um passo para trás ao que ele se aproximou.

— O que?

Ele soltou o ar dos pulmões, parecia exasperado.

— A partir de agora você ficará naquela suíte, Nora.

Comecei a negar freneticamente com a cabeça. Ele estava louco!

— Não posso, Átila! Sou sua empregada, não seria certo!

— Eu sou o seu chefe. *Eu* digo o que é errado ou não aqui nessa mansão! — rugiu, puxando suas mechas bruscamente para o alto da cabeça — Agora vá e se acomode lá.

Minhas pernas não se moviam e meu cérebro deu um nó, mas ele continuou ali me observando com sua respiração ofegante e o semblante sério. Não pude fazer nada além de seguir a sua ordem e torcer para não estar fazendo a maior besteira da minha vida. Existia uma linha tênue entre o correto e o errado ali, e eu percebi tarde demais que já a havíamos ultrapassado. Desde o maldito momento em que caí de quatro ao chão no meu primeiro dia

de trabalho.

Capítulo 19



Os dias se passaram, mas a tempestade permaneceu impetuosa e firme. Nora e eu criamos uma rotina. Foi acontecendo naturalmente, assim como os meus sentimentos por ela. Eu havia me cansado de esconder a verdade para mim mesmo e me permiti, aos poucos, vivenciar aquelas novas sensações.

Infelizmente, com o passar dos dias, também aumentaram minhas fraquezas. Era o período do ano no qual os meus pesadelos me consumiam. Eu odiava ficar tão instável e vulnerável diante dos olhos de outras pessoas, principalmente diante dos doces e inocentes olhos de Nora. E não importava o quanto eu tentasse ser forte por ela, eu já estava no meu limite e meu corpo começara a me denunciar. Aconteceu primeiro na quarta-feira com uma inquietação excessiva que eu tentei extravasar com séries pesadas de exercícios. Quando a sexta chegou eu já havia perdido o apetite, a letargia me dominou bem como o frio e os tremores. No domingo — véspera de Natal — o melódico som dos risos de Nora, sua voz suave e sua constante e calorosa presença eram a razão de eu não ter me afundado por completo na depressão.

Nora era o meu colete salva vidas, mantinha-me na superfície o suficiente para eu respirar sem medo de me afogar.

— Boa tarde! — cantou de costas enquanto se ocupava em preparar algo

na cozinha. Ela era um contraste e tanto com sua energia. A animação irradiava de seus poros ao passo que eu mal encontrei forças nesta manhã para levantar da cama.

Vê-la ali daquela forma, alheia aos meus problemas e se deleitando em fazer algo de bom nesse dia que obviamente era importante para ela, fez o meu coração perder um compasso e minhas pernas vacilarem. Naquele instante eu almejei ser alguém melhor, desejei uma história diferente só para poder nutrir do mesmo entusiasmo e me juntar a ela.

— O que está fazendo? — murmurei esfregando o rosto cansado e senti a barba roçar minha pele, precisava desesperadamente de um aparo.

Eu tentei não soar indelicado, mas como sempre falhei em ser um ser humano.

Nora finalmente levantou o rosto e me examinou hesitante, seus braços pararam de se mover e a mão largou a colher dentro da panela.

— Preparando algo para a ceia... — Abaixou a cabeça para esconder as faces coradas e limpou a garganta — Você comentou sobre não comemorar o Natal, mas pensei que talvez eu pudesse fazer algo simples. Espero que não se importe. Eu não sou tão boa na cozinha como a Marta, mas consigo fazer algo comível...

— Eu não gosto dessa data, mas o cheiro está delicioso e alguma hora eu terei de comer, então... — Apontei em direção ao fogão — gostaria de saber o que está fazendo.

Seus ombros relaxaram ao perceber que a minha pergunta anterior era literal e não algum tipo de reprimenda por estar preparando algo para o Natal.

— Bem, como você não tem chester, peru, tender e nem bacalhau eu estou fazendo o possível dentro das opções que temos. — Levantou a tampa de

uma das panelas e inspirou fundo com um pequeno sorriso — Arroz colorido, salpicão, farofa, rocambole de carne moída e para sobremesa pudim de leite!

Minha boca se encheu de água e pela primeira vez em anos fiquei ansioso para desfrutar de algo relacionado a esse dia. Meu estômago finalmente deu sinal de vida e percebi não ter comido o dia inteiro, nem um maldito café da manhã com exceção a um copo de café.

— Só me faça um favor, não arrume a mesa. Vamos comer aqui mesmo no balcão como sempre.

Daquela forma seria mais fácil de aguentar, sem muitas semelhanças, sem lembranças.

— Oh, é claro. Como quiser, Átila. — sussurrou mordendo o lábio ao terminar de falar e se virou, atarefando-se com os preparos.

O modo como ela me respondeu, toda profissional, não soou bem em meus ouvidos.

— Nora, obrigado por isso. Não era necessário tanto trabalho. — Forcei um meio sorriso ao que ela respondeu com um enorme sorriso, arrancando-me o fôlego.

— Eu quis fazer isso, lembra? — Levantou um ombro — Se eu pudesse faria mais... — suspirou.

Engoli em seco ao me lembrar de sua conversa outro dia pelo telefone. Alguém está esperando por ela hoje e com certeza ela gostaria de estar em outro lugar agora, provavelmente em uma casa iluminada por luzes natalinas e uma árvore de Natal repleta de presentes. Cerrei os punhos ao notar seu esforço em tornar esse dia mais especial enquanto eu não fiz merda nenhuma por ela. Nem ao menos perguntei dos seus costumes ou o que gostaria de ganhar se eu pudesse presenteá-la.

Caminhei até as escadas, subindo dois degraus por vez. Talvez não fosse tarde demais para fazer dar certo.

Atravessando a porta do meu escritório, no entanto, minha mente se anuviou com outras intenções e me perdi na ânsia compulsória a qual meu corpo estivera dolorosamente me subjugando. Como em uma dança coreografada, abri as gavetas pela enésima vez e vasculhei meus livros com as mãos trêmulas pela estante. Sem encontrar nada de novo, lancei frustrado alguns pelo chão sem parar para assistir as folhas rasgadas voando pelo ar.

Não havia mais nada ali para mim, não o suficiente para aplacar a minha dor.

Inspirei fundo tentando acalmar a respiração ofegante e o coração acelerado. Agachei-me colocando a cabeça entre as pernas e esperei até a vertigem passar, podia sentir as garras do meu demônio interior querendo me arrastar de volta para aquele lugar sombrio e lutei com todas as minhas forças. Eu precisava ser forte hoje, não podia deixar que Nora me visse naquele estado.

Nora...

Lembrei-me então do verdadeiro motivo o qual vim parar aqui e me apoiei na mesa a fim de me levantar. Abri bem os olhos até que finalmente a vista clareasse e a tontura passasse para que eu seguir com meus planos.

Inspecionei o meu trabalho pela última vez, não estava à altura dela, mas foi o melhor que pude fazer. Agora eu precisava tomar um banho e me arrumar para parecer mais como um homem do que uma fera.

Retirando no caminho da suíte a calça de moletom e a camiseta branca colada ao corpo pelo suor frio eu liguei o chuveiro recostando a testa no azulejo gelado enquanto a água morna escorria pela minha pele e o vapor

preenchia os meus pulmões, amenizando a sensação de vazio que havia expandido no peito.

***

Com o decorrer das horas os aromas vindos do primeiro andar ficavam cada vez mais convidativos e não havia motivos para eu continuar mantendo distância, além do mais eu sentia falta de tê-la por perto. Poderia não admitir, mas gostava mais do que devia da companhia dela e dos sentimentos que floresciam a cada palavra trocada e a cada olhar. Nora tinha mais poder sobre mim do que sequer imaginava, ela conseguia me conduzir para a luz e eu avançava em sua direção como um navegador desorientado guiado pelo farol.

— Átila, o telefone tocou, mas eu não consegui atender a tempo... — disse ela caminhando até a sala e parando de falar ao finalmente me ver — Pelos deuses — sussurrou.

Seus lindos olhos percorreram meu corpo de cima a baixo apreciando-o no meu terno slim e o calor refletido neles aqueceu meu sangue. Coloquei as mãos dentro dos bolsos da calça me ajustando sutilmente diante de seu olhar, porém ela notou o meu membro rijo antes que eu pudesse escondê-lo. Abrindo os lábios ela engoliu um sopro de ar e suas faces alvas ficaram rubras.

— Você está linda... — Assim como Nora eu também não estava imune àquela atração e era impossível não admirar suas curvas debaixo daquele vestido fino. Precisei conter um gemido ao perceber que não usava sutiã, o tecido revelava o contorno dos seios firmes e naturais — demais.

— O-obrigada. — Tocou sua face e riu encabulada. — Você também está. Lindo. Quero dizer, você está lindo. — Balançou a cabeça e se aprumou, apontando para trás de si. — Então... como eu estava dizendo, te ligaram.

Uni as sobrancelhas ao sentir meu estômago borbulhar de uma forma

deliciosa e uma dose de adrenalina percorrer nas veias. *Damn it!* Eu não me sentia assim há tantos anos...

— Não se preocupe, se fosse importante ligariam novamente. — Enterrei meus dedos nos cabelos, soltando-os do coque e, repentinamente, fiquei com dificuldade em encontrar as palavras.

Aproximando-me dela toquei levemente em seu braço, querendo muito mais, porém, me contentando com o breve resvalar de sua pele nos meus dedos.

— Como planejou nossa noite?

Minha pergunta pareceu tirá-la de um transe ao que ela deu um passo para trás, entrelaçando seus dedos ela passou a estalá-los enquanto buscava por uma resposta. Segurei as suas mãos nas minhas até nossos olhos se encontrarem e, com cuidado, afastei os seus dedos, cessando o seu hábito nervoso.

— Eu, hã... — Abaixou o olhar até nossas mãos ainda unidas, mas não fez menção de se soltar — normalmente serviria a ceia e depois assistiria a algum filme de Natal, mas não precisamos fazer assim.

— Então já podemos comer? — Meus lábios se abriram em um sorriso sem eu mesmo perceber.

— Claro! Já está tudo pronto, venha. — Começou a andar em direção a cozinha e eu segui seus passos. Nora não havia largado da minha mão.

Eu tentava não levantar muito as minhas esperanças de como a noite seria, estava acostumado com minhas tormentas. As lembranças me açoitavam de forma inesperada, e não importava o quanto o tempo passasse, o impacto era sempre excruciante. No entanto, surpreendentemente com a presença de Nora as coisas se tornavam mais suportáveis, mais leves, e podia até ousar

dizer prazerosas.

Assim como eu tinha pedido, a refeição foi servida de forma simples, jantei em deleite todas as receitas preparadas com capricho, murmurando meu apreço e repetindo o prato três vezes. Nora não parava de rir quando me ouvia gemer de satisfação toda vez que os sabores explodiam no meu paladar.

— Quer mais? — Pegou mais uma porção do salpicão e colocou em seu próprio prato, repetindo o processo ela tentou me servir.

— Obrigado, mas já estou satisfeito.

Apoiei os cotovelos no balcão e me permiti observá-la.

— Espero que tenha guardado espaço para a sobremesa! — Piscou para mim já se levantando, foi até a geladeira e de lá retirou um tabuleiro.

— Assim você vai me engordar, Nora. — Brinquei, recebendo um revirar de olhos como resposta.

— É difícil te imaginar de qualquer outra maneira que não sarado e gostoso! — Tampou a boca de súbito e cerrou os olhos envergonhada.

Meu riso brotou do fundo da garganta, reverberando pelo ambiente. Nem mesmo os barulhos da chuva e da ventania puderam abafar.

— Não se envergonhe, bela. Se te faz sentir melhor, eu também te acho deslumbrante.

Continuou de olhos fechados, mas deixou a mão cair sobre o rosto e riu.

Comemos o pudim em silêncio, trocando olhares fortuitos e sorrisos envergonhados. Sim, porra. Eu, Átila, estava me sentindo como um adolescente!

Se fosse qualquer outra mulher eu já teria arrancado suas roupas e feito sexo selvagem ali mesmo naquela bancada, mas com ela era tudo diferente e

eu não fazia ideia de como proceder. Não sabia tratá-la com respeito e ao mesmo tempo demonstrar o quanto ela me deixava fervendo de desejo. Nora merecia muito mais do que eu poderia oferecer. Mas porra se naquele momento eu não queria ser o tipo de homem perfeito para ela...

— Filme? — perguntei ansioso por uma chance de ficar mais próximo dela.

— Ah, sim... — Deu um último gole do seu *Chardonnay* e se levantou — perfeito!

Como eu havia previsto, nossa noite acabaria no sofá, como todas as outras noites em que passamos conversando madrugada adentro, dessa vez estaríamos assistindo à TV. Ali no encosto já estava separado o cobertor — singular — premeditado para ser divido com ela.

— Temo que não tenho nada relacionado ao Natal — disse examinando os DVDs.

— Ah, Átila, não tem importância! Mas, se você não se importar, gostaria de ver o que está passando no canal fechado.

Acomodei-me no sofá, sentando mais ao centro do que o costume e esperei ela se aconchegar ao meu lado para nos cobrir antes vasculhar os canais da TV.

— Aí! Não, volta um canal! — exclamou animada, mordendo o lábio inferior.

— Esse aqui?

— Sim! Ah, por favor, por favor! Podemos ver esse filme? Eu adoro "Simplesmente amor"!

— Outra comédia romântica, Nora? Sério? — reclamei só para atiçá-la,

na verdade eu não me importava com o filme desde que ela estivesse ali comigo.

— Você gosta que eu sei, *tá*? — Enrugou o nariz para mim — E não se trata de uma comédia, está mais para só romance mesmo. Na verdade tem um pouco de tudo! O filme conta a história de várias pessoas, todas elas estão conectadas de alguma forma, é lindo *e* fofo.

— Sei — resmunguei, mas meus gestos diziam outra coisa.

Deslizei meus dedos em sua coxa desnuda por baixo do cobertor, acariciando de leve a sua pele macia. Seus olhos desviaram da tela para o meu rosto, porém não disse nada. Continuou me olhando em silêncio, permitindo que eu continuasse. Seu corpo se inclinou em minha direção e suas pernas pressionaram de encontro a minha mão, ávidas pelo contato.

Aquele foi todo o consentimento que eu precisava para arriscar mais.

Subindo as mãos até os seus quadris eu a puxei num embalo, a acomodando em meu colo e arrancando o ar de seus pulmões. Suas íris escureceram, transformando-se de avelã em um lindo tom acobreado. As maçãs de seu rosto queimavam escarlates correspondendo com o fogo que nos consumia. Seus lábios convidativos se entreabriram e, por eles a respiração morna e ofegante afagava os meus próprios, suplicantes em pôr um fim naquela distância, clamando por um beijo.

— Bela... — Assoprei momentos antes de deslizar minha boca faminta sobre a dela.

O toque de início foi suave, um leve resvalar dos lábios, um suspiro de desejo, uma troca de delicadas carícias. Um tímido olá.

Descolei meu rosto do seu e a fitei por um segundo, sem compreender ao certo todas aquelas sensações e assombrado com a intensidade delas.

Nora encostou sua testa na minha, e segurando a base da minha nuca ela sussurrou contra a minha boca:

— Mais, por favor...

Gemi, afundando meus dedos em suas coxas eu a puxei ainda mais de encontro a mim, pressionando o seu centro quente e úmido no meu volume e deslizando minha língua no contorno da sua boca deliciosa ao que ela correspondeu abrindo os lábios me sugando. A cadência do nosso beijo era desenfreada e, ainda assim, em perfeita harmonia. Nossas línguas se envolviam ávidas em uma dança sensual, nossos dentes fisgavam e marcavam, nossos braços embalavam e acolhiam, nossas mãos investigavam curiosas e atrevidas, nossos corpos se comunicavam.

Arrastei as alças do seu vestido pelos ombros, deslizando meus lábios de seu pescoço até o vão dos seus seios. Nora jogou a cabeça para trás, agarrando meus cabelos ela guiou minha cabeça até um dos seus mamilos intumescidos e ronronou de prazer quando o abocanhei. No entanto, em sintonia com o seu corpo eu a senti ficar tensa sob mim, parando de se mover no vai e vem rítmico de antes. Franzi o cenho e me afastei, encontrando-a com suas pálpebras cerradas com força como se estivesse sentindo dor.

— O que foi, bela? Eu a machuquei? — perguntei preocupado, tocando o seu rosto em um pedido silencioso para que me olhasse nos olhos.

— Não... — Balançando a cabeça e soltou o ar dos pulmões em um grande suspiro — É claro que não me machucou, Átila.

Trinquei o maxilar e controlei a respiração escondendo o desconforto, ela não fazia ideia de como havia me deixado duro e latejando. Parar agora seria uma tortura, mas eu aguentaria por ela.

— Então o que aconteceu? — murmurei ao pé do seu ouvido,

massageando a sua cabeça enquanto percorria os dedos em seus cabelos. O meu gesto tranquilo servia tanto para acalmá-la quanto para me acalmar.

Nora escondeu o rosto no vão do meu pescoço, mordicando de leve a minha pele antes de responder.

— É que estávamos indo rápido demais para o primeiro beijo... — disse acanhada sem conseguir me encarar.

Damn! Essa mulher acabaria comigo.

— Olhe para mim — comandei com a voz suave, porém firme o bastante para ela não fugir.

Nora se remexeu em meu colo antes de se afastar para me olhar, sua bunda pressionou minha ereção de forma dolorosamente gostosa e não pude conter o gemido que escapou da garganta. Seus olhos se arregalaram e ela fisgou o canto da sua boca inchada depois da nossa sessão de amassos. Sua reação seria engraçada se não fosse tão trágica a minha situação.

— Acho que está na hora de abrir o seu presente — disse decidindo ignorar a dor pulsante entre minhas pernas implorando por um alívio e dando o espaço que Nora precisava.

— O quê? Como? *Quando*? — Saiu de cima de mim num impulso, sentando-se ao meu lado. Ela me encarava horrorizada como se ganhar presente fosse o pecado mais grave. Comecei a rir de sua reação o que fez com ela ficasse ainda mais sem jeito.

— Eu estou falando sério, Átila! — Cutucou minhas costelas, mas não fez nem uma cócega sequer — Como você tem um presente para mim se estamos ilhados?

— Se você abrir vai ter a sua resposta. — Inclinei-me para frente e, abrindo a gaveta do rack, peguei o embrulho feito com folhas de jornal e

entreguei para Nora.

— Mas eu não tenho nada para te dar... — Forçou um sorriso e reprimiu as lágrimas que tentavam transbordar de seus olhos.

Grunhi balançando a cabeça.

— Você já me deu mais do que eu poderia esperar, Nora. — Coloquei o presente em suas mãos e a beijei brevemente, pegando-a de surpresa.

Nora não era o tipo de pessoa que demora em abrir o embrulho com medo de rasgar, ela dilacerou o papel com a avidez de uma criança e seu sorriso valeu mais do que mil presentes quando, por fim, descobriu o que era.

— Não acredito... — sussurrou em fascínio. — Tem certeza, Átila?

Assenti satisfeito por tê-la presenteado com algo que ela ama. Se não fosse por nossas conversas noturnas eu não saberia sobre sua paixão por literatura.

— Eu também tenho toda a coleção em inglês na minha estante.

— Átila, eu nem sei como... — Contornando os títulos dos livros com a ponta do dedo ela voltou a me olhar com um grande sorriso despontando de seus lábios. — Obrigada! — Jogou-se em meus braços e clamou a minha boca com entusiasmo.

Em momento algum eu pensei no passado. Estava ocupado demais vivendo o presente.

Capítulo 20



Nora mantinha a sua cabeça apoiada confortavelmente em meu peitoral enquanto assistíamos a um filme, não saberia dizer qual era, eu estava concentrado na sensação de seus cabelos deslizando entre os meus dedos e o aroma doce que eles emanavam. Gostava de sentir seu corpo moldado ao meu de forma tão entregue, do ressonar de sua respiração suave e baixa ondulando o tecido da minha camisa e aquecendo o meu abdome. Espiando abaixo eu soltei um pequeno suspiro ao encontrar seu rosto adormecido.

Ela parecia tão serena e estava tão linda que eu não conseguia desviar os olhos, memorizando cada mínimo e gracioso detalhe, desde os seus longos cílios escuros assombreando as maçãs do rosto aos seus lábios. Lábios esses carmim, volumosos e ligeiramente entreabertos que me convidavam para um beijo delicado. Leve como um sopro eu resvalei minha boca na sua, sucumbindo à atração e desmoronando todas as minhas barreiras. Nora se aninhou ainda mais em meus braços e sorriu em seu sonho, precisei manter todo o meu controle para não acordá-la e terminar o que começamos mais cedo.

— Vamos para a cama, bela — sussurrei, enterrando o nariz em suas mechas e depositando um beijo na pele logo atrás de sua orelha.

Carreguei-a em meu colo com passos pesados pelo sono o qual eu tentava afugentar, a porta de seu quarto estava aberta e passei por ela facilmente indo direto até a cama feita. Desci os braços com cuidado e a deitei no colchão, ajeitando o travesseiro sem fazer movimentos bruscos para não acordá-la e levei o lençol até abaixo dos ombros. Nora se virou apoiando uma de suas mãos abaixo da cabeça e eu fiquei preso ali, sem conseguir desviar o olhar.

Sentei-me ao seu lado, apoiando as costas na cabeceira branca com botões. Assisti a cadência calma do elevar e descer de seu peito a cada respiro e, quando menos esperei, fui me aquietando em seu embalo até a minha respiração acompanhar o ritmo de Nora. Ficou difícil manter abertas as pálpebras pesadas, pisquei algumas vezes tentando limpar a visão borrada, até chegar o momento em que as fechei e não voltei a abrir.

Fazia muito frio, esfreguei as mãos geladas cobertas pelas luvas antes de me atrever a tocá-la.

Ela estava tão dispersa nesses últimos dias, eu sentia falta da menina atrevida e das brincadeiras que me faziam perder o juízo. Algo estava errado.

Toquei o seu braço e tentei puxar até poder segurá-la. Odiava quando ela caminhava à minha frente me deixando para trás como se eu não estivesse ali. Porém, meus dedos atravessaram o ar e sua figura se perdia cada vez mais na multidão. O burburinho aumentou e eu gritei chamando por seu nome, mas minha voz era engolida pelo barulho das pessoas falando e dos vídeos rodando pelos outdoors da Times Square.

— Lia!

Corri, mas não saía do lugar. Olhei para o chão, para os meus pés batendo contra uma esteira, eu estava preso naquele lugar. Estava preso

naquela maldita dimensão.

Desesperei-me.

O mundo escureceu e tentei enxergar no escuro, abrindo o máximo os olhos. Uma faísca chamou minha atenção. De repente me deparei em sua sala, com a mesa posta à luz de velas. As mãos suavam frio e o coração martelava contra as costelas. Era uma surpresa para ela. Seu presente de Natal pesava no bolso da minha calça, aguardando o momento perfeito.

Seus olhos brilhavam em lágrimas.

Meu sorriso se iluminou a cada palavra que saia de sua boca.

Ajolhei-me, envolvendo a sua cintura.

Fui empurrado.

Agarrei-me ao vento.

E então caí...

— Átila, shhh. Está tudo bem, está tudo bem. — Aquela era uma voz diferente. Meiga.

Sentei-me agitado, suor escorria pelo corpo e os músculos doíam a cada movimento. Olhei ao redor sem poder enxergar no escuro e tateei a cama prendendo o cobertor nas mãos em punho. O ouvido zumbia e pulsava de acordo com as batidas do meu coração. Senti um toque frio em meu braço e me desvencilhei atordoado.

— Ai...

Fui desperto pelo lamento de dor, virando-me em alerta e finalmente compreendendo onde eu estava.

— Nora? — Tentei alcançar a sombra ao meu lado, mas ela se encolheu. — O quê?

Debruçando por cima de seu corpo eu liguei o abajur acima da mesinha e, quando a luz banhou o cômodo, voltei-me para ela encontrando olhos grandes e assustados.

Mordi o meu lábio com força a ponto de sentir o gosto metálico de sangue e inspirei pelo nariz. Levantei as mãos trêmulas e hesitei um segundo antes de me decidir segurar seu rosto.

— Eu te machuquei?

Ela negou movendo a cabeça e desviou os olhos para baixo.

— Não...

Percorri o olhar por todo o seu corpo e notei a forma a qual ela se abraçava, como se estivesse tentando se proteger. De mim.

— *Damn it!* — murmurei, lançando-me para fora da cama.

— Átila, espere!

Seus passos apressados seguiram ao meu encalço até o corredor, cerrei os punhos sentindo os tremores se intensificarem e respirei fundo antes de me virar. Nora esbarrou em meu peitoral, agarrando meus ombros para não tropeçar. Esperei até que seu rosto afundado em minha camiseta se afastasse, mas me surpreendi ao vê-la deslizar o nariz no tecido e inspirar, apertando-me ainda mais contra si.

— Você teve um pesadelo e eu me assustei. — Soltou-se e me fitou com as sobrancelhas unidas. Abriu os lábios, mas engoliu as palavras incerta do que diria.

Droga. Ela vai perguntar.

— Que estranho... não me lembro do sonho — Menti, puxando rapidamente os meus cabelos para trás — Ainda é cedo, melhor voltar a dormir. — Desmanchei sua ruga de preocupação ao tocar o meio de sua testa com carinho.

Ela assentiu, fisgando o canto da boca com os dentes. Apertou de leve meus bíceps antes de se desvencilhar e andou de costas ainda me encarando. A um passo de distância de sua porta ela se deteve e inclinou a cabeça como se estivesse ouvindo algo ao longe.

— Está escutando isso?

— Não. Não ouço nada — disse confuso.

— Exatamente! Parou de chover. Posso voltar para casa! — Sua expressão se abriu em um belo sorriso.

Meu peito se comprimiu de maneira estranha com a sua reação, ela estava feliz em poder ir embora.

Contudo, tão logo percebi que eu também estava livre para sair, aquele sentimento se transformou em outra coisa.

Alívio.

Esperei Nora desaparecer dentro do cômodo e ri em seco. Como eu fui ingênuo em achar que poderia fugir, ao menos uma vez, do passado. Ele me marcava, tão complexo e intrincado como uma tatuagem.

Capítulo 21



Apurando os ouvidos à procura de sons vindos dentro de casa eu tentei abrir a porta o mais silenciosamente possível. Espiei a sala vazia e caminhei na ponta dos pés escondendo rapidamente os embrulhos dentro do armário antes de seguir até o quarto, podia ouvir uma voz baixinha vindo de lá e parei meus passos a fim de entender o que ela dizia.

— Só mais alguns minutos e estará se sentindo bem, senhora. Nada como uma boa compressa quente para aliviar a dor!

— Obrigada, doutor — respondeu mamãe entrando no personagem, mas quando entrei no cômodo percebi não se tratar de uma brincadeira.

Sentado na beirada da cama, Nico segurava uma bolsa térmica em um dos pulsos da nossa mãe, ela estava deitada de costas com os olhos fechados e um leve sorriso no rosto. Meu coração ficou apertado ao olhar aquela cena, eu deveria estar cuidando dela e não o meu irmão de apenas seis anos.

— Oi... — Mal comecei a falar e Nico se pôs de pé, correndo até mim.

— Nora! — Jogou-se em mim num abraço apertado, com o queixo para cima ele me presenteou um sorriso travesso — Se você conseguiu chegar, então logo mais o Papai Noel também consegue, *né*?

Baguncei seus cabelos espessos e lancei um olhar para nossa mãe, tentando não transparecer minha preocupação. Ela me fitava quieta enquanto continuava com a compressa, alívio tomou conta de sua face em saber que eu estava ali para ajudar.

— Mas é claro! — Beijei o topo da cabeça dele — Vamos deixar a casa arrumada para quando ele chegar?

Seus olhos brilharam de animação enquanto assentia. Se eu soubesse que Nico ficaria tão feliz em querer limpar e a ajudar na arrumação eu já teria mencionado Papai Noel e outros seres fantásticos há muito tempo.

Estávamos em frente à pia, eu lavando a louça e meu irmão secando. A água corrente lambia minhas mãos geladas, a sensação trazia lembranças há pouco vivenciadas...

Os sons estrangulados e os gritos de dor que ele emitia eram de cortar o meu coração. Seu corpo se contorcia e debatia ao meu lado, suor escorria do rosto e os cabelos estavam praticamente encharcados nele. Sentei-me de supetão, assustada e desnorteada, nem me lembrava de ter adormecido ao seu lado, mas ali estava ele.

Mordi os lábios e sentia lágrimas brotarem em meus olhos, sua dor e desespero me afetavam. Aquilo não se tratava de um pesadelo comum, era muito mais profundo, muito mais real. E então ele gritou pelo nome de uma mulher. Repetidamente.

Lia.

Lia.

Lia!

Quem era Lia?

Lágrimas se misturavam com o seu suor, molhando o travesseiro. Tentei acalmá-lo, tentei despertá-lo. Toquei em seu braço e ele me empurrou. Com força.

Assustada eu me afastei, mas ao ver sua expressão de angústia quando finalmente despertou e percebeu o que fizera eu me odiei por ter reagido daquela forma. Ele estava dormindo, não me machucaria de verdade. Então foi a vez dele se afastar, deixando-me sozinha e confusa.

Corri até ele, buscando por qualquer vestígio do homem que eu conheci naqueles últimos dias, do homem que eu estava me apaixonando. Encontrei um estranho.

Eu estava sendo estúpida! Acho que li livros demais por acreditar ser possível algo entre nós dois. Ele não me queria da mesma forma... e estava claro que precisava de distância.

Forcei um sorriso e disse que estava na hora de voltar para casa, a chuva havia parado afinal.

Ele não me pediu para ficar.

Com mãos trêmulas e a garganta contraída eu arrumava a minha bolsa de viagem às pressas, a porta se abriu naquele mesmo instante e Átila apareceu estacando na entrada com um olhar duro e frio. Eu estava prestes a me despedir quando ele me interrompeu.

— Venha — disse já virando de costas — Eu te levo.

— Não precisa, eu posso ligar para o taxi boat. — Mantive a voz firme apesar de estar tremendo por dentro.

Átila suspirou e parou de andar, mas não me olhou.

— Estou indo para a mesma direção, Nora. Venha comigo.

Eu não tive escolha.

Segui seus passos e me acomodei em sua lancha, ficamos em silêncio por todo o trajeto e agradeci pela distração que o barulho do motor e das águas agitadas batendo contra a lataria proporcionava. Estiquei a mão para fora e deixei a água tocar minha pele, esfriando um pouco aquele fogo que ardia e me consumia toda vez que o sentia próximo de mim...

— Nora! — Nico cutucou minha cintura e riu — Esse prato aí já *tá* limpinho, não precisa esfregar mais não!

Despertando dos devaneios direcionei meu olhar para meu irmão, seu riso era contagiante e me peguei sorrindo também. Balancei a cabeça e tranquei meus sentimentos conturbados em um cantinho escuro e empoeirado do meu coração.

Preparei o almoço e deixei Nico assistir a um desenho animado. Mamãe se propôs a me ajudar, mas eu não a permitiria se esforçar hoje. Então dei a ela uma tarefa fácil. Pedi que ela distraísse Nico e o fizesse tomar banho. Tão logo meu irmão entrou no banheiro eu retirei os presentes escondidos no armário e os coloquei no parapeito da janela de seu quarto.

— Vocês estão ouvindo isso? — perguntei alto assim que Nico apareceu no corredor ajeitando a camiseta em seu corpinho e retirando a franja molhada do rosto.

— O que? — Ele levantou as sobrancelhas para mim e parou de andar para prestar atenção.

— É o som de trenó! Papai Noel está aqui! — Mamãe gritou do sofá, apontando para um ponto atrás de Nico onde ficavam os quartos — Corre, Nico!

Ele deu um pulo e se girou, correndo e rindo enquanto procurava por

todos os cômodos.

— Ali! Você viu aquilo? — Arfei olhando para a janela — Caramba, Nicolas, ele estava bem ali!

— Eu vi, Nora! Eu vi! — Passou por mim como um jatinho, correndo até os presentes.

— Feliz Natal, meu amor! — Ajoelhei-me ao seu lado e roubei um beijo estalado em seu rosto enquanto ele abria os embrulhos avidamente.

***

— E então? — Lari me observava atentamente com os olhos reluzentes e apreensivos, ela parecia sentir mais prazer em dar presente do que receber um.

Balancei a cabeça exasperada.

— Amiga... nós combinamos em não trocar presentes esse ano. Eu não... — Baixei os olhos para a pequena caixa em minhas mãos, reprimindo a vontade de chorar. Era um sentimento agridoce. — Eu não trouxe nada para você — sussurrei envergonhada.

— Deixe disso! Eu não esperava que me trouxesse algo, Nora. Mas quando eu vi isso eu *precisei* comprar, é a sua cara! — Mordeu o lábio para aplacar o sorriso aberto e gesticulou para eu desembrulhar.

Soltei o ar em meio a uma pequena risada e rasguei o papel de presente para logo abrir a caixinha, revelando um pingente dourado.

— Não acredito! — berrei, saltando feito uma louca com o artefato cuidadosamente seguro em minhas mãos — Eu sempre quis um! Agora meus problemas acabaram, posso fazer tudo!

— Eu sei! — Larissa começou a pular junto comigo — Teste ele!

— Tá bom! — Parei de frente a minha amiga, puxando os cabelos para o lado ela me ajudou a colocar o colar. Levei o pendente até a altura dos olhos, contemplando fascinada a autenticidade dele. Girei a ampulheta junto com os anéis internos duas vezes e aguardei, mas nada aconteceu.

— Por que o Vira Tempo não está funcionando, amiga? — perguntei fazendo biquinho.

Minha amiga encolheu os ombros e soltou um suspiro, pegando as minhas mãos nas dela e me olhando bem fundo nos olhos.

— Sinto muito dizer, Nora, mas você é uma trouxa. Infelizmente a coruja não se perdeu pelo caminho com a sua cartinha, ela simplesmente nunca veio mesmo.

— Nãoooooooo! — Levantei o rosto e gritei para o teto, fingindo soluços agudos de choro. Acabando com a minha encenação eu abri um sorriso e a abracei bem apertado. — Obrigada, amiga. Amei meu presente, de verdade.

— Eu sei — respondeu convencida e com razão.

Minhas bochechas já doíam com o tamanho do sorriso, mas parecia que ele só aumentava.

— Vai me contar como foi ter de ficar presa naquele lugar por todos esses dias? — Se afastou, jogando-se em sua cama de solteiro e dobrando os joelhos até apoiar a cabeça neles.

Suspirei, caindo ao seu lado no colchão e imitando sua posição.

— Foi... — Engoli o nó que se formou na garganta — o suficiente para eu pedir demissão.

— O que? Por quê? — Seus olhos estavam tão arregalados que pareciam duas bolas de gude.

— *Argh!* — Tapei o rosto para esconder a humilhação — Nós nos beijamos — murmurei.

Em um segundo eu estava sentada, no outro sentia meu corpo ser empurrado para trás com tamanha força que eu fui parar no chão, logo em seguida um travesseiro foi arremessado na minha cabeça.

— Sua safada! Ai, não acredito! Por que só foi me contar isso agora? Nora, você beijou aquele pedaço de mal caminho! — Tirando o travesseiro do rosto para poder respirar encontro a Lari debruçada em cima de mim e abanando o rosto sofregamente.

Ela estava corada e com um sorriso bobo no rosto, ver aquilo era tão absurdo. Se ela soubesse como eu estava me sentindo não estaria reagindo daquela forma.

Então eu comecei a rir histérica. Ri tanto que me contorci no assoalho. Ri tanto que lágrimas escapavam pelo canto dos olhos. Ri tanto que as lágrimas se transformaram em choro. E quando dei por mim eu estava em prantos.

— Nora? — Esfregou meus braços frios e me abraçou — O que mais aconteceu naquela mansão?

— Eu... — Funguei e puxei o ar entre os lábios — acho que estou me apaixonando pelo meu chefe e ele... bem, ele não quer nada comigo! Eu sou uma idiota, Larissa! Eu beijei a droga do meu chefe e agora não posso mais trabalhar para ele!

— Como você sabe? — sussurrou calmamente enquanto me embalava.

— Sei o quê? — Enxuguei o rastro das lágrimas com as costas das mãos e gemi ao constatar ter sido inútil. Elas ainda brotavam, deslizando frias e salgadas pelo rosto.

— Que ele não quer você. Ele disse isso? O que exatamente aconteceu?

— Átila não precisou dizer nada, ok? — Saí de seus braços e me virei para encará-la séria — Ele foi bem claro ao me afastar e fingir que nada aconteceu entre nós dois.

— *Hã*... — Uniu as sobrancelhas — Então se demitiu porque teve um momento quente com o chefe, um beijo. Um beijo, Nora. Se fosse para se demitir ao menos fizesse um sexo gostoso com aquele delícia!

— Lari! — Agarrei o travesseiro e joguei em sua direção — E eu não me demiti, ainda...

— Não seja boba, Nora. Não se precipite, ok? Ter um caso com o chefe não é o fim do mundo, você vai sobreviver. E se for realmente insuportável e impossível continuar, procure outro emprego com calma antes de pedir demissão.

Larissa estava sendo razoável, mas eu não conseguia calar aquela vozinha dentro de mim que dizia: *Corra antes que seja tarde demais!*

Átila havia me concedido o resto da semana de folga, e eu passei esse tempo tentando não pensar muito nele. Era uma tarefa árdua, qualquer detalhe me lembrava de algo. Até músicas natalinas me deixavam emotiva, principalmente a “All I want for Christmas is you”. No entanto, o que tornava ainda mais impossível esquecê-lo era a linda coleção dos clássicos em capa dura arrumados lindamente em cima da cômoda. Eu os trouxera sem ao menos perceber, os guardei na bolsa em meio à correria e agora não podia deixar de lê-los. Contornei um dos títulos com a ponta do dedo, o coração disparando ao pensar nos dedos de Átila tocando esse mesmo livro.

O som do meu celular me arrancou da loucura e eu larguei “A divina comédia” de Dante Alighieri na cômoda para atender a chamada.

— Alô? — soei um pouco incerta com o número desconhecido.

— Nora...

Pelos deuses!

Perdi o controle das mãos e o celular simplesmente escorregou, caindo e quicando no chão. Por um milagre ele não se espatifou ou se abriu e então eu pude voltar a respirar aliviada. Recuperando-me do sobressalto eu me agachei rapidamente, resgatando o aparelho com as mãos ainda trêmulas.

— Des-desculpa. Quem fala? — perguntei só para ter certeza, mas conheceria aquela voz grave em qualquer lugar.

Ele ficou em silêncio por alguns segundos, o som de sua respiração se tornou pesada e eu me peguei correspondendo, sentindo os pulmões queimarem a cada entrada de ar e o coração batendo de forma errática.

— Nora, sou eu — exalou as palavras em um sussurro — Átila.

Espalmei o peito e esperei, não por ele, mas por meu cérebro. Eu não conseguia pensar em nada, perdi a capacidade de formular qualquer frase inteligível ou uma palavra sequer.

— Oi.

Consegui! Falei alguma coisa.

— Eu precisava falar com você... — Ah meus deuses do Olimpo! Ele estava pensando em mim também! — Nora, eu não consigo parar de pensar em...

De repente o som ficou abafado e ao fundo escutei um barulho de algo se quebrando.

— O que foi? Átila? — Pressionei o celular mais forte contra a orelha.

— Eu vou viajar para Curitiba, não estarei em casa quando você voltar. Então, é isso. Esqueci de avisar.

— *Ah*, ok. — Meus olhos começaram a arder com lágrimas reprimidas. Tossi para limpar a garganta fechada e forcei uma voz indiferente — Sem problemas.

— Ok, tchau — disse rapidamente e desligou, mas não antes de eu ouvi-lo proferir um sonoro *Fuck*.

Podem me chamar de deslumbrada e sonhadora, mas minha intuição dizia que Átila estava blefando. O modo como ele chamou por meu nome e sussurrava hesitante e vulnerável não correspondia com a forma apática como ele encerrou a ligação.

Talvez eu estivesse lendo nas entrelinhas algo inexistente, escrevendo e rabiscando à lápis um enredo diferente para algo já marcado à tinta. Larissa tinha razão, eu era mesmo uma trouxa.

Capítulo 22



Desfiz o coque, sacudindo os fios de forma violenta ao conferir pela milésima vez o relógio. As horas estavam se arrastando no trabalho, com a metade dos funcionários de folga no Natal eu deveria estar tão ocupado que mal teria tempo para respirar, mas isso não era o suficiente para distrair minha mente das necessidades que perturbavam meu corpo e espírito. Se Rick estivesse aqui talvez ele pudesse me acalmar, desviando minha atenção para assuntos importantes ou até mesmo divertidos. Qualquer outra coisa. Eu só não queria estar tão fissurado, tão abalado, consumido.

Pensei em ligar para os meus pais confirmando minha visita na segunda logo após o Ano Novo. Eu não poderia mais adiar meus compromissos com a sede em Curitiba. Esfreguei o rosto e peguei o telefone para logo retorná-lo no gancho.

— *Fuck!* — Soquei a superfície da mesa do escritório, respirando com dificuldade. Fechei os olhos e preenchi bem os pulmões para logo soltar o ar lentamente, desacelerando um pouco o ritmo violento do coração.

Digitando ferozmente, sem me dar tempo para desistir, pressionei com força o telefone na orelha sentindo os meus músculos se retesarem ao ouvir o som do primeiro toque.

— Filho, é você? — a voz surpresa do meu pai ecoou no meu cérebro, fazendo-me dobrar na cadeira e a minha mão livre fechar em punho.

— Otto, estou ligando à trabalho. — Não demonstrar afeição tornava a conversa mais fácil, mantendo o tom profissional. Daquela forma eu estava sendo claro, não falaríamos sobre mim.

Ele suspirou do outro lado da linha, e eu o imaginei coçando a barba grisalha com uma expressão cansada.

— Sim, claro... — pigarreou antes de tornar a falar — Qual é o motivo da ligação, Átila? — murmurou abatido.

A força com a qual eu pressionava as unhas na palma da mão era tanta que senti a pele ser cortada. Sibilei baixo, relaxando os dedos e os espalmando na mesa em mogno.

— Já comprei as passagens, estou indo para Curitiba na próxima semana, dia dois de janeiro. Preciso que agende uma reunião na sede dia três, também quero conversar com a pessoa que me acompanhará no evento cervejeiro em março.

— Considere feito... — Ouvi o som de seus passos e então de uma porta se fechando — Ficará por quanto tempo desta vez? Sua mãe está com saudades, passe alguns dias conosco, filho. Se não por mim, fique por sua mãe.

— Você sabe que não posso. — disse, puxando os cabelos para trás — Voltarei no dia quatro, logo pela manhã. Tenho as minhas obrigações aqui no Rio de Janeiro.

— Um jantar! Venha para um jantar na noite anterior... — Ele foi interrompido pelo som da porta rangendo e então a voz da minha mãe perguntando com quem ele conversava.

Mordi o lábio inferior, sentindo o gosto metálico do sangue se espalhando na boca e uma fisgada de dor. Não a dor da mordida, era a dor no peito. A dor do remorso.

— Tudo bem, pode avisar dona Blenda para preparar o jantar. Preciso desligar agora, tchau.

Bati o aparelho contra o gancho antes que a minha mãe pudesse pedir para falar comigo e apoiei a testa na mesa, já pensando na tortura que passarei ao ter de encará-los. Ao ter de enxergar em seus olhos o sofrimento que causei. Ao ter de esconder a verdade deles para não piorar suas dores.

Fisguei o celular do bolso e conferi novamente as horas em sua tela, constatando se passar das quatro horas e decidi encerrar o dia por ali. Respondi rapidamente uma mensagem do André, já caminhando apressado para fora da fábrica.

Normalmente eu só passava no Bar Douglass (localizado na Marina) com o propósito de inspecionar o lugar e degustar as minhas cervejas com moderação, mas não naquele dia. Adentrei o bar no estilo *Irish* Pub, encontrando nas luzes indiretas, no balcão com vista para as chopeiras da marca, nos móveis tradicionais em madeira e nos sofás grandes um ambiente aconchegante. No entanto, eu estava longe de me sentir em harmonia com aquilo e mal podia esconder minha agitação enquanto passava pelos funcionários que me cumprimentavam calorosamente, sentando-me no canto mais longe enquanto aguardava com as pernas trêmulas e espiava a entrada do bar sentindo o coração batucando dolorosamente no peito.

Sabe aquela sensação de desespero quando se está com a bexiga cheia? Aquela com a qual você consegue aguentar o suficiente até chegar em casa, mas assim que pisa porta adentro parece que o corpo entra em colapso e você praticamente se mija todo antes mesmo de abrir a tampa do vaso? Era essa a

sensação enquanto eu aguardava.

E quando ela finalmente chegou, o alívio foi instantâneo.

***

Os dias nessa mansão nunca foram tão solitários, desacostumei-me com o constante silêncio que permeava o vazio e com o eco dos meus pensamentos agredindo minhas defesas. Não havia refúgio, não existia mais os risos e as conversas noturnas, não tinha mais a beleza e o acalentar de sua pele na minha. Eu a deixei ir, e ela se foi levando junto consigo a minha paz de espírito. Agora, depois de ter experimentado o seu toque suave, de ter reparado em seu doce olhar o mútuo desejo, de ter provado em seus lábios o puro êxtase, e do deleite em ter sua presença dominando toda a minha atenção e os meus pensamentos, eu simplesmente não poderia voltar atrás. Não depois do vislumbre de felicidade que encontrei, ainda que brevemente, com a Nora.

Eu não a merecia, porém. E eu sabia em primeira mão como a felicidade era uma ilusão, um dia ou outro ela se transformaria em desgosto. Um dia ou outro as mentiras viriam à tona, me machucando e me pondo em meu devido lugar. Doía demais me lembrar em como já fui feliz, em como já fui amado.

Mas o amor? O amor era a maior das ilusões. E eu estava tão farto de ser esmurrado por ele. Eu estava tão exausto em sentir a sua constante perda.

Então, por que diabos eu me imaginava amando novamente? Por que me torturar desse jeito?

Porque ela é diferente, pensei comigo mesmo.

Ajeitei-me na cadeira, apoiando os cotovelos na minha mesa do escritório privado eu agarrava a minha cabeça em desespero, tentando lutar contra o impulso. Eu precisava ouvir a voz dela. Porque eu estava cansado de

ceder aos meus demônios e bem ali se encontrava a minha segunda chance, eu só não sabia ao certo o que fazer com ela.

Procurei por meu celular na bagunça que se encontrava o ambiente ao meu redor, livros por todo o lado, garrafas de cerveja jogadas à mesa e ao chão, folhas soltas e artigos de escritório espalhados pelos cantos. Tateando cada centímetro da mobília eu consegui resgatar o aparelho e, quando finalmente o tinha em mãos, hesitei brevemente antes de confirmar a chamada.

Que porra eu estava fazendo?

Ainda assim lá estava eu, almejando pela cadência da voz dela como uma criança à espera de uma canção de ninar. Meu corpo e alma clamavam por um descanso.

— Alô? — ela atendeu, e meu coração parou de bater por um segundo para logo espancar minha caixa torácica com seus batimentos violentos e descompassados.

— Nora... — assoprei seu nome, fechando os olhos e conjurando a sua imagem. Senti o ar fluindo melhor nos pulmões e o corpo relaxando contra a cadeira.

— Des-desculpa. Quem fala? — perguntou e, pelo modo como balbuciou as palavras, soube que sabia exatamente quem eu era.

Damn it, eu não deveria ter ligado. Só a confundia ainda mais com esses sinais mistos e contraditórios que eu manifestava, mas, mesmo sabendo ser errado tê-la, eu a queria tanto.

— Nora, sou eu — exalei, sentindo dificuldade em manter o raciocínio. O cérebro se silenciou deixando o coração dominar a conversa — Átila.

Passei uma mão nos cabelos, esperando ansioso por uma resposta que não vinha e comecei a duvidar das minhas intenções.

— Oi — disse sucinta.

Levantei-me da cadeira, sem conseguir me manter parado e comecei a andar até a estante de livros que ocupava toda a parede do fundo do aposento.

— Eu precisava falar com você... — vomitei as palavras, sem pensar direito — Nora, eu não consigo parar de pensar em...

Em você, no seu sorriso contagioso, no sabor dos seus lábios, na sua pele sedosa resvalando em mim, em tê-la embalada nos meus braços tão entregue, tão inocente, tão linda. Era o que eu queria dizer, mas não podia! Tapei o bocal do aparelho e, num ímpeto de fúria, agarrei a primeira coisa na minha frente (um *box* de livros de *As Crônicas de Gelo e Fogo*) e a lancei ao longe, extravasando a frustração em querer algo proibido para mim.

— O que foi? Átila?

Sua pergunta me despertou do transe e consegui raciocinar de novo, controlando a respiração para não transparecer o meu desequilíbrio na voz.

— Eu vou viajar para Curitiba, não estarei em casa quando você voltar. Então, é isso. Esqueci de avisar — disse a primeira coisa que me veio à mente.

— *Ah*, ok. — O tom de esperança em sua voz se desvaneceu — Sem problemas.

— Ok, tchau — Não esperei mais para encerrar aquela ligação, que eu nunca deveria ter feito, afinal.

— *Fuck!* — Esmurrei a prateleira e proferi um grito catártico.

Nora era diferente, mas isso não significava que nós dois sairíamos ilesos se eu me entregasse a esse sentimento. Eu acabaria por macular algo bom. Nossa felicidade não perduraria, logo se transformando em amargura

quando ela finalmente descobrisse a verdade. E eu não tinha certeza se seria forte o suficiente para seguir em frente pela segunda vez, não sobrou muito de mim, sou só fragmentos. Daquela vez eu sabia, seria o meu recomeço ou o meu fim definitivo.

Esfreguei o rosto em uma tentativa fugaz de afastar os pensamentos.

Eu odiava como a minha mente me traía, relembrando o passado e abrindo feridas. As memórias apareciam quando eu menos esperava, elas eram como espinhos perfurando minha pele, deixando meu coração em carne viva, rasgando minha alma. Às vezes eu tentava, masoquista como era, resgatar boas lembranças em meio ao turbilhão das assombrosas e torturantes. Mas percebia amargamente o quanto elas eram ainda mais perigosas. Doía-me o fato de ter provado algo tão doce e bonito para logo ele ser arrancado de mim. Pouco me importava agora, porque eu mantinha minha cabeça entorpecida o bastante para esquecer, ainda que por algumas horas, o quanto eu era um fodido.

Eu poderia ficar trancado o dia inteiro nesse escritório, rodeado de livros (alguns com fundo falso), afundando o rosto no meu pó e me deliciando na ilusória sensação de paz que ele proporcionava. Estava prestes a fazer exatamente isso e, só de ter o saquinho com a cocaína em mãos, sentia a adrenalina se espalhar pelo corpo e a euforia de poder finalmente experimentar o alívio depois de tanto tempo de abstenção. Com os músculos em espasmos e os dedos trêmulos montei uma carreira em cima da mesa e, utilizando uma página arrancada de um velho livro, enrolei o papel e inalei fundo.

Fechando os olhos eu joguei a cabeça para trás e soltei um gemido alto ao sentir uma corrente quente se alastrando nas veias e o coração bombeando frenético contra as costelas. Naquele instante eu estava no topo do mundo. Todos os meus medos foram varridos para fora e pude, enfim, respirar

tranquilo sem o peso esmagador no peito. Sem angústia ou desespero.

Prazer.

Nossa, como era bom! Tão bom quanto sexo. Havia alcançado as portas do paraíso. O problema, porém, era a certeza de que aquele caminho logo me levaria ao inferno.

No entanto, não pensaria naquilo. O propósito da droga era me fazer esquecer, afinal. Então, por um breve momento, deixei a razão de lado e acolhi a inebriante liberdade. Mas veja bem, a cocaína era mentirosa. Ela não libertava, ela só me aprisionava cada vez mais no vício.

Naquela noite eu não percebi que havia caído no sono, só notei quando as imagens daquele dia, há exatos sete anos, voltaram para me torturar e arrancar gritos de dor e sofrimento. Aquele foi o dia quando descobri que o amor era uma ilusão e que a felicidade era temporária. Por isso, hoje em dia, eu não amava mais ninguém.

Capítulo 23



Era véspera de Ano Novo. Eu estava sozinho e, pela primeira vez em anos, não estava imerso nas bebidas e entorpecentes na companhia de estranhos. Em vez disso eu me encontrava deitado na cama de Nora com o rosto afundado em seu travesseiro enquanto inspirava fundo vestígios de seu perfume.

Daquela vez eu não estava atraído pelas festas, onde poderia me envolver no mar de pessoas sem rosto e obliterar qualquer pensamento através das drogas e de sexo sem compromisso. Daquela vez eu me permiti querer algo mais. Daquela vez eu desejei algo real.

Não importava o quanto eu soubesse que era errado, eu ainda a queria. Cerrei os olhos por alguns segundos, deixando minha imaginação alçar vôo e me imaginei como um homem diferente.

— Talvez eu possa ser... — Deslizei a mão que pousava no meu abdome por minha pele até chegar nos cós da calça, meus músculos se enrijeceram de forma gostosa ao imaginar ser a mão delicada de Nora que se aventurava nos meus contornos — Talvez, quem sabe, ela me mude. Ou, talvez, ela possa ser a razão para eu querer mudar.

Puxando o meu grande volume para fora da calça eu o manejei lentamente para cima e para baixo, prolongando a ardência do desejo e as pulsações cada vez mais fortes. Enrosquei os dedos ao meu redor com mais força e espalhei o líquido quente do pré-gozo na cabeça do meu pau, cada partícula do meu corpo vibrava com o clímax e não suportei mais me controlar. Suor escorria por meu torso enquanto o barulho cada vez mais alto e urgente das estocadas me levava ao ápice. Joguei a cabeça para trás, arfando e urrando o seu nome enquanto luzes explodiam por detrás das pálpebras fechadas como os fogos de artifícios que logo iluminariam a cortina estrelada do céu.

Continuei deitado envolto ao lençol molhado com o meu suor e orgasmo, esperando recuperar o fôlego e os espasmos desvanecerem. Voltei a inspirar fundo, mas o leve perfume dos cabelos de Nora havia se dissipado dando lugar ao cheiro da necessidade de um homem solitário.

— Bela, venha me salvar... — sussurrei, admitindo para mim mesmo a verdade. Eu precisava de ajuda.

Nunca senti tanta vontade de ser outra pessoa, alguém capaz de amar sem ressalvas, alguém digno e livre das algemas do próprio coração.

Mas isso não era nada comparado com a vontade de tê-la. Eu a queria apesar da razão. Era algo insano e eu mesmo não podia entender a intensidade dos meus sentimentos por Nora. Sentimentos esses que criaram raízes e que cresceram como a força da natureza, eu não tinha qualquer controle sobre eles e, quando menos esperei, já haviam tomado conta de todo o espaço existente aqui dentro do peito.

Gemi, girando-me para fitar a janela aberta por onde a brisa soprava morosamente as cortinas de renda bege que esvoaçavam no ambiente à meia luz. Desejei poder voltar no tempo para aproveitar melhor aqueles dias de

temporal.

— Já passou da hora de levantar essa bunda e agir como homem — disse com a voz abafada pelo travesseiro ainda pressionado contra o nariz.

Chutei o lençol que cobria minhas pernas e me levantei, apoiando as mãos no colchão para me dar impulso. Ao sentir o contato do piso em porcelanato frio sob os meus pés descalços soltei outro gemido e apressei os passos em direção ao corredor em busca do meu celular. Subi dois degraus de mármore *travertino* por vez e adentrei o meu escritório, varrendo os olhos pela mesa imunda eu reprimi uma careta de repulsa e, com as mãos subitamente trêmulas, tateei a sua superfície à procura do aparelho. Não encontrei nada além de lixo e sujeira e, sentindo-me incomodado com aquilo, tirei alguns minutos para limpar o aposento.

Antes de sair pela porta, no entanto, meu corpo foi atraído de volta pelos sussurros e promessas mentirosas da coca. Eu juro que tentei não escutá-la daquela vez, mas ela sabia como me seduzir e quando percebi, eu já estava entregue em seus lúbricos e perversos braços.

— Só um pouquinho, o bastante para me dar coragem e acalmar os nervos — a avisei rendido, sem forças para recusá-la.

Como eu odiava a coca! Ela era a pior das amantes, mas eu já não sabia como terminar a nossa relação. Ela não deixava.

Pouco tempo depois eu estava saindo do banho escaldante. Sem me preocupar em me enrolar na toalha, eu caminhei nu até o closet e vesti uma calça de moletom e uma camiseta branca antes de descer para a sala. Havia encontrado o celular em um canto do sofá e, conferindo novamente o horário que me dizia ser onze e quarenta e cinco, decidi de uma vez por todas enviar a mensagem. Eu estava sendo estúpido esperando os quinze minutos restantes para poder falar com ela.

Foda-se aquela contagem regressiva!

Feliz Ano Novo, bela.

Hesito por um milésimo de segundo antes de clicar em enviar. Meu coração escolheu aquele instante para bater como nunca havia batido antes, como as asas de um pássaro liberto de sua gaiola. Os meus dedos tomaram vida própria e começaram a digitar, soltando palavras que antes eu não tinha coragem de libertar.

Seria muito estranho dizer que eu desejava

que aquele temporal não tivesse acabado?

— *Fuck*, ela visualizou! — Mordi ansioso uma das minhas mãos em punho enquanto a outra segurava firme o celular próximo do meu rosto. Os meus olhos estavam fixos na tela aguardando por sua resposta.

Eu sabia que ela digitava algo para logo apagar e tentar novamente. As reticências apareciam e desapareciam no canto superior do aplicativo. Quando finalmente a sua mensagem chegou eu tive de engolir um grito vitorioso e quase saltei com a adrenalina percorrendo nas veias.

Feliz Ano Novo, Átila. E estranho é relativo...

Mordi o lábio inferior, estacando o riso aberto que teimava tomar conta do meu rosto. Antes que eu pudesse responder algo ela me enviou outra mensagem.

Quais são os seus motivos para desejar isso?

Aquele era um daqueles momentos. Eu tive a certeza de que havia chegado naquela encruzilhada da vida, onde temos que fazer uma escolha que mudaria para sempre o nosso destino.

Três opções cruzavam meu caminho:

1 – Eu poderia voltar atrás e mentir, fingindo se tratar simplesmente do clima.

2 – Eu poderia seguir em frente e dizer a verdade. Confessar os meus sentimentos por ela. Contar como eu sinto a sua falta. De como anseio por mais momentos íntimos, por mais conversas noturnas, por mais dos seus sorrisos, por mais do sabor de seus lábios. Arriscar tudo só por uma chance de ter algo bom, algo puro e real.

3 – Eu poderia ignorar sua pergunta e afastá-la de vez. Cortar qualquer contato que não seja profissional ou, talvez, não ter nenhum contato sequer...

O que estou fazendo? Pensei ao resvalar as pontas dos dedos trêmulos no teclado.

Ainda seríamos só nos dois.

Ainda estaríamos juntos, sem restrições e receios.

E quando a contagem regressiva chegasse ao fim...

Ainda a teria só para mim.

E eu a beijaria até o alvorecer de um novo ano.

A beijaria até que cada sopro meu se tornasse seu.

Até que cada melodia dos seus gemidos ressonasse em harmonia com os meus.

Até que cada batida do meu coração fosse regida pelas batidas do seu.

Estava prestes a enviar quando decidi reler a minha mensagem. A cada

palavra os meus olhos se arregalavam mais e eu sufocava com o peso dos sentimentos confusos que se apoderaram de mim.

Massageei o peito, sem compreender tudo o que estava sentindo. Eu não poderia enviar aquilo, porra!

Retirei a mão espalmada na pele acima do coração e a levei até a tela do meu aparelho para apagar aquele absurdo e, quando um dos meus enormes dedos encostou sem querer no ícone de enviar, pensei ter sofrido de parada cardíaca.

— *FUCK ME!* — Pulei num rompante, deixando o celular cair no assento.

Os meus tornozelos bateram contra a mesinha de centro e, pela visão periférica, pude ver algumas coisas se quebrando ao chão, mas o sangue bombeava tão fodidamente rápido e forte nas veias que o zumbido no ouvido abafava qualquer som. Até mesmo o som do alerta de uma nova mensagem.

Voltei a fincar os dentes no punho enquanto olhava horrorizado para o objeto que jazia vibrando sobre o sofá, como se estivesse tirando sarro de mim.

Sentindo o gosto metálico do sangue na boca eu afrouxei o maxilar e soltei a minha mão, levando-a junto com a outra instintivamente até os cabelos para prendê-los em um coque firme. Movi minhas pernas e me agachei de frente para o sofá de estofado branco — o mesmo onde Nora e eu nos acomodávamos para assistir alguma coisa na TV — e estiquei um braço, alcançando o aparelho e virando a sua tela para mim.

Ignorei todas as mensagens que eu estava recebendo de outras pessoas e visualizei as novas de Nora.

Nossa...

Ok, não.

Eu não esperava por uma rejeição tão direta, tão seca e, ao ler aquelas palavras, senti-me como um idiota. A força com a qual eu segurava o aparelho era esmagadora, eu queria mesmo era destroçar qualquer vestígio da minha vergonha. E então, inesperadamente, perdi o controle da minha coordenação motora quando os meus olhos capturaram a mensagem que acabara de chegar. E quase deixei o objeto escapulir entre minhas palmas suadas e frias.

Não é estranho, Átila. Eu desejei o mesmo.

Comecei o ano com um sorriso rasgando o rosto e, pela primeira vez em muito tempo, tive esperanças de poder escrever um novo capítulo da minha vida.

***

— A unidade de São Paulo foi a líder de vendas do ano passado, acho justo que ela represente a marca Douglass nos eventos. — Otto disse ao fechar a porta atrás de si depois que o último funcionário foi embora.

Sentou-se à minha frente na mesa de reuniões e soltou um suspiro cansado.

Assenti, empurrando a pasta de papel contendo as pautas da reunião para longe e relaxando a postura na cadeira.

— Faz sentido. Quem é o diretor de vendas de São Paulo mesmo? Não sou de gravar os nomes.

A minha versão mais velha e menos cabeluda me observou com os lábios crispados. Meu pai sempre me repreendeu por não conhecer bem os nossos funcionários.

— É a senhorita Deborah Paes. Ela estava bem aqui com o restante do

grupo! Como não pode saber disso, Átila? — Balançou a cabeça, mas seus dentes brancos apareceram em um pequeno sorriso. Ele conhecia bem o filho que tinha e não adiantava ficar possesso comigo por muito tempo.

— Eu terei que ir à feira dos cervejeiros em companhia de uma mulher? — resmunguei, massageando a nuca dolorida.

Ontem eu dormi de mal jeito no hotel, tão logo desci do vôo o meu corpo já estava demonstrando os efeitos da abstenção e precisei tomar um calmante para amenizar a minha fissura. Quando acordei no dia seguinte percebi ter caído no sono ainda sentado com a cabeça apoiada na cabeceira da cama.

Minha careta de dor deve ter confundido o meu pai, que achou ser tratar de repulsa referente à funcionária. Eu só perguntei por perguntar, seria a primeira vez que eu iria a um evento com alguém do sexo oposto. Talvez até fosse uma boa ideia para atrair atenção das pessoas e conseguir acordos. A maioria era homem.

— Não seja um babaca, filho. Não te criei para ser um. — Arrastou a cadeira para trás e se levantou, debruçando por sobre a mesa de vidro ele puxou a minha orelha de leve.

Ainda assim, eu sabia que aquele não foi um gesto de brincadeira, ele falava muito sério.

— Eu sei. Não falei por mal, senhor — Olhei em seus olhos azuis como os meus ao que ele assentiu antes de se afastar, acreditando nas minhas palavras.

Gostaria de dizer que eu nunca o decepcionei, que eu nunca dei motivo para ele perder fé em mim. Porém, apesar de todas as dores que causei aos meus pais, eles nunca deixaram de acreditar na minha virtude. Eu não os

merecia.

— Olhe só! O tempo voou e nem percebemos, vamos logo que a janta nos espera.

Ele passou a recolher a papelada à nossa frente e seguiu pelo o amplo corredor até o *lobby* da fábrica que era uma espécie de *bar*, esperando que eu o seguisse.

— Otto, vou passar no hotel para tomar um banho antes...

Seus passos vacilaram e ele me olhou acima do ombro com uma expressão exasperada.

— Que absurdo, filho. Tome um banho lá em casa, ainda temos as suas roupas antigas e o seu quarto está do mesmo jeito que deixou antes de ir embora. Não precisava se hospedar em um hotel, mas você é teimoso como a sua mãe. — Estalou a língua e atravessou a porta de vidro temperado, desviando das mesinhas de madeira pelo deque logo na entrada do bar.

Eu o segui até o seu carro estacionado em uma das vagas na lateral da unidade e me acomodei no passageiro, engolindo o nó entalado na garganta ao avistar o muro de cerca viva e o portão de madeira de correr tão familiar que abrigava o casarão da minha infância.

O aroma delicioso das especiarias nos atingiu ainda na garagem, meu estômago escolheu aquele momento para roncar de fome fazendo o meu pai rir e bater na sua própria barriga lisa.

—Vamos descobrir o que a sua mãe aprontou para hoje, também estou *morrido* de fome. — Piscou, errando a palavra de propósito. Ele nunca deixou passar, mesmo depois de anos, o modo como eu falava quando pequeno.

Mordi o interior das bochechas para reprimir um sorriso, não querendo assumir que achei graça.

— Você nunca vai esquecer isso? Precisa arranjar outras piadas, Otto, essa já está velha.

— Ah, Átila! Deixe o seu velho em paz. — A voz calorosa da minha mãe veio da entrada da cozinha.

Blenda era uma senhora de quarenta e sete anos, que mal aparentava a idade com a sua pele alva livre de rugas proeminentes — salvo as leves marcas de expressão ao redor dos olhos e da boca quando sorria — seus cabelos da cor de canela não continham um fio branco sequer e seus olhos verdes esmeralda vibravam cheios de energia. Esses mesmo olhos me examinavam meticulosamente tão longo adentrei o aposento, pareciam enxergar a minha alma. Eu tinha medo daqueles olhos. Eles sempre sabiam quando eu mentia.

— Venha cá! — Ela esticou os braços e eu caminhei em sua direção, envolvendo-a em um abraço apertado.

Sua cabeça batia na altura do meu peito, com os meus braços ao redor de sua cintura eu a levantei no colo, arrancando um riso engasgado dela. Então beijei a sua testa antes de colocá-la de volta ao chão.

— Oi, *mam* — disse com a voz um pouco embargada, aquela droga de nó teimava em entalar na minha garganta.

Tossi e me virei de costas, quebrando o contato visual. Eu não queria que Blenda soubesse o que se passava na minha cabeça. Não queria que ela descobrisse como sou atormentado. Não queria que se preocupasse mais comigo.

Andei até a sala de jantar, encontrando o meu pai se servindo de um copo de uísque no mini bar. Juntei-me a ele e esperamos juntos pela janta na mesa posta.

— Obrigado, *mam*, a comida está deliciosa — elogiei em meio à garfadas, sem conseguir conter alguns gemidos de apreço quando os sabores explodiam nas papilas gustativas. — A Marta é uma ótima cozinheira, mas ninguém se compara à senhora.

As faces de *mam* enrubesceram e seus lábios se abriram em um lindo sorriso. Gesticulando com os braços ela disse:

— Deixe disso, Átila! É só seguir a receita da família que fica igual. — Pousou uma mão sobre a do meu pai e entrelaçou os dedos — Agora volte a comer, está mais abatido do que da última vez que o vi. Tem se alimentado direito?

Levantei uma sobrancelha, pois, com os meus músculos evidentes, eu estava longe ser magro.

— Sim, senhora. Não se preocupe comigo, eu como bem até demais.

Otto riu baixo, levando a mão de sua esposa até os lábios para confortá-la.

— Ele parece bem, querida. Olhe só esses braços, estão o dobro de tamanho desde a última vez que o vimos.

Exalei o ar que estava preso nos pulmões e voltei minha atenção para o prato à minha frente, servindo-me de um grande pedaço de *boxty* — uma espécie de panquecas de batatas, comida típica irlandesa. Pude sentir o peso do olhar de Blenda sobre mim. Suas íris verdes percorriam por toda a extensão do meu rosto, deixando a minha pele quente e arrepiada em antecipação.

— Hummm... — murmurou inclinando levemente a cabeça para o lado. — Você não me parece bem, filho. Está assim por causa da Rosália?

Engasguei-me ao engolir e quase esbarrei o copo d'água ao buscar

desesperadamente por alívio. Bebi o conteúdo inteiro, limpando a passagem da garganta e mal escutei o meu *pa* sussurrando algo para *mam*.

— Otto, eu preciso saber se nosso filho está bem ou não! — Voltou-se para mim, esticando os dois braços para frente a fim de segurar as minhas mãos — Não há problema algum em admitir quando estamos passando por momentos difíceis, Átila.

Apertei seus dedos antes de me desvencilhar e forcei um sorriso.

— Estou bem, *mam*. Prometo — menti inutilmente, aquelas íris vibrantes encontraram a verdade.

Blenda negou levemente a cabeça, deixando escapar algumas mechas castanhas avermelhadas detrás das orelhas para rosto.

— Ela nunca mereceu alguém com o coração puro como o seu e certamente não merece nenhum minuto sequer dos seus pensamentos. Depois de todo esse tempo, você ainda está preso ao passado.

Às vezes eu achava que a minha *mam* era uma bruxa. Talvez magia corresse em suas veias, seus ancestrais eram celtas afinal de contas.

8 anos atrás.

Lia me ligou pedindo para passar em seu apartamento, morávamos no mesmo condomínio onde eu dividia o apê com Ricardo há cerca de um ano, desde que nós dois nos mudamos para São Paulo a fim de cursar a faculdade.

Conheci Lia logo no primeiro dia de mudança, ela estava saindo do elevador no momento em que eu entrava com as malas e, ao avistá-la, perdi o fôlego com tamanha beleza. Ela era simplesmente maravilhosa com seus longos cabelos dourados que batiam em ondas na altura da cintura fina e delicada, os lábios bem desenhados e cheios se abriram em surpresa quando me viu e os olhos cinza pincelados com tons de azul e dourado, brilhavam fascinantes e misteriosos.

Não levei muito tempo para chamá-la de minha, eu sabia que não encontraria alguém como ela, então eu me empenhei em conquistá-la. Em duas semanas nós começamos a namorar e em apenas alguns dias completaríamos um ano juntos. Deve ser por isso o motivo de sua ligação e o modo como ela tem agido estranha ultimamente, estava ansiosa. Eu precisava manter em segredo os preparativos do nosso aniversário de namoro, um dia no spa de luxo e um jantar romântico à luz de velas em um restaurante de alta gastronomia. Mas se ela me pedisse com aquele jeito sedutor dela eu acho que eu não conseguiria mentir...

Sem querer esperar pelo elevador, que sempre demorava a chegar, eu desci os dois andares pela escada de emergência e toquei a campainha da ultima porta do corredor. Lia não demorou em atender e eu sorri em ver seu rosto, mas o sorriso logo morreu quando ela me recebeu com uma expressão aflita e um pouco trepidante, mordia o lábio inferior e evitava me encarar

nos olhos.

— Oi, minha flor. Está tudo bem? — A puxei pela cintura, abraçando seu corpo longilíneo por trás e aproveitando para mergulhar o rosto em suas mechas perfumadas.

— Está sim, Átila... Está tudo perfeito, mas precisamos conversar.

Ela pousou suas mãos nas minhas e as retirou ao redor de si, afastando-se um pouco ela lançou um breve olhar em minha direção antes de acenar com a cabeça até o seu quarto. Observei o modo como ela ajeitou a sua postura, erguendo um pouco o queixo e jogando os ombros para trás, parecendo mais decidida e confiante enquanto andava até o outro cômodo. Eu a segui e, ao atravessar a porta, minhas pernas vacilaram. Ali, acima de sua cama de solteiro, havia duas malas abertas já com algumas de suas roupas dentro.

— O que você está fazendo, Lia? — perguntei confuso e um pouco magoado. Ela parecia estar indo embora, não para uma pequena viagem, mas para sempre.

— Átila... — chamou minha atenção para o seu rosto onde continha um sorriso emocionado, os olhos cintilavam em lágrimas contidas de felicidade — Você se lembra dos castings que eu tenho feito lá na agência nesses últimos meses?

Assenti atordoado, ainda sem compreender o que um casting para trabalhar como modelo tinha alguma coisa a ver com as malas e roupas espalhadas pelo quarto.

— Então, eu passei no melhor deles! Fui selecionada para fazer parte da agência em Nova York! Eu finalmente vou ser modelo internacional! — pulou em meus braços e se aninhou em mim, abraçando-me forte com o rosto

mergulhado em meu pescoço.

Demorei alguns segundos para retribuir o abraço e fechei os olhos, sentindo o nariz arder com lágrimas reprimidas.

Ela estava indo embora.

Quando Lia me soltou para me olhar eu plantei um sorriso nos lábios e tentei racionalizar aquilo tudo. Não seria para sempre, seria? E, mesmo se fosse, nós poderíamos manter o relacionamento à distancia. Eu poderia me mudar para lá quando terminasse os estudos...

— Parabéns, amor — eu disse com a voz suave, acariciando as maçãs delicadas e macias de seu rosto. — Eu nunca duvidei que você conseguisse realizar os seus sonhos, minha flor, você merece o mundo.

— Obrigada, Átila. — Resvalou os seus lábios nos meus, mas, ao se afastar, desviou os olhos para as malas e mordiscou o canto da boca. — Eu... hã... nós precisamos conversar sobre isso. — Apontou para a bagunça que se encontrava no colchão, referindo-se à sua viagem.

Meneei a cabeça e puxei os meus cabelos, que eu estava deixando crescer, para trás.

— Quando você vai e... — Engoli o coração que havia subido e se entalado na garganta — quando pretende voltar?

Lia se virou de costas para esconder a sua expressão de desalento, mas eu ouvi o suspiro demorado que ela soltou e por isso me preparei para o pior.

— Meu vôo é para daqui a três dias e eu não tenho data para voltar.

Tudo naquela frase fez o meu coração doer como se estivesse sendo rasgado por espinhos. Rosália, minha flor, havia acabado de me machucar.

— Nós completamos um ano de namoro em três dias... — murmurei ao apoiar uma mão na altura do meu peito, como se tentasse conter a dor.

— Eu sei, Átila. Sinto muito, mas eu preciso ir, esse é o meu sonho... E foi a agência que comprou a passagem. — Ela levou um dedo até a boca para morder a ponta da unha. Uma mania que tinha quando estava mentindo, mas eu estava tão abalado que mal notei.

— Está tudo bem... — minha voz soou quase inaudível, então tossi e tentei outra vez — Está tudo bem, Lia. Eu te amo.

Seus ombros caíram e seu corpo estremeceu antes de se virar e responder:

— Também te amo.

— Eu vou esperar por você. — Busquei por seus olhos, segurando delicadamente o seu rosto e depositando um beijo em sua boca trêmula.

— Ok...

Capítulo 24



A música tocando ao fundo se misturava com a cacofonia de risos e conversas, por isso eu estava praticamente me debruçando em cima de Lari para poder ouvir o que ela dizia. Quando, pela terceira vez consecutiva, eu tive de pedir para ela se repetir, a minha amiga revirou os olhos. Com uma mão segurando o seu celular e a outra uma taça de *champagne,* ela se levantou rapidamente da cadeira. As suas pernas cederam pelas tantas doses de bebida que ingeriu, respingando o conteúdo borbulhante em seu vestido branco.

Coloquei-me de pé também, rindo ao perceber que ambas estávamos um pouco bêbadas e precisávamos nos apoiar uma na outra para manter o equilíbrio. Desbravamos o pátio de sua casa que estava apinhado de gente comemorando a virada do ano, e por pouco não esbarramos nas crianças que corriam de um lado para o outro, incluindo o meu irmão.

Erguendo a bebida até os lábios, a minha amiga estacou na porta dos fundos e virou o resto do *champagne* de uma só vez, descartando o cálice de plástico na lixeira antes de me arrastar pelo braço até o seu quarto. Caímos juntas de encontro ao seu colchão macio e eu tive de assoprar uma mecha cacheada de sua cabeleira que pousou bem na minha boca, nos arrancando

mais risos embriagados.

— Eu não sinto as minhas bochechas — eu disse enquanto tocava as pontas dos meus dedos no rosto dormente.

Quando me virei para olhá-la a encontrei abafando o riso com uma mão. Seus olhos estavam fechados com força e seu corpo arfava com os soluços que vinham aleatoriamente. Esperei para ver se ela diria algo, mas, quanto mais os segundos se passavam, eu percebia que algo não estava normal.

— Lari, o que você queria me dizer lá fora? — Retirei suas mãos que tapavam a metade do seu rosto e recebi um grunhido frustrado como resposta.

— Eu ia pedir reforços, amiga. Mas é tarde demais para isso... Ops! — Levantou um dos braços e agitou a mão que segurava o celular.

Meus olhos se arregalaram ao compreender o que ela tinha feito.

— Não! Você *não* fez isso Larissa! — Joguei-me para cima de seu corpo, tentando arrancar o aparelho dela.

Minha amiga soltou um grito estridente emendado por uma crise de risos. Ela ria daquele jeito quando estava muito nervosa, era seu mecanismo de defesa. Eu fiquei ainda mais curiosa para saber o que exatamente ela fez.

— Eu fiz pior, Nora. — Rolou para o lado e me encarou com olhos enormes, fazendo o sinal de prece — Tenha piedade de mim e me traga uma garrafa de vinho, quero me embebedar até esquecer. Se amanhã eu não me lembrar será como se nunca tivesse acontecido!

Não respondi porque eu estava ocupada demais verificando a tela de seu aparelho. Realmente foi pior do que eu imaginava!

Ela não espiou o perfil do seu ex-namorado, tampouco curtiu uma das fotos recentes dele...

Nada disso!

Lari foi mais longe.

Minha embriagada e querida amiga enviou uma mensagem para o idiota do ex! E não foi uma simples mensagem desejando um feliz ano novo.

Não...

Ela abriu seu lindo coração para ele, dizendo o quanto sentia a sua falta e que ainda o amava.

Eu costumava torcer por eles, afinal, o Jeff também era meu amigo. Ele não só quebrou o coração da Lari quando terminou com ela como acabou com o meu também. Colocar culpa na distância para acabar com um relacionamento de toda uma vida foi covardia.

Eu sabia por experiência que aquilo não era motivo para abalar o amor verdadeiro. Pois eu também havia me mudado para outra cidade quando passei na faculdade, e mesmo após dois anos morando longe, a minha amizade por eles continuou firme e forte. Não havia nada mais puro do que o amor de uma amizade verdadeira. E o que aqueles dois tinham era algo ainda mais lindo! De melhores amigos eles se tornaram namorados. O amor deles era especial, algo que eu invejava secretamente.

Por isso, quando Jefferson decidiu jogar fora algo tão puro, eu não o perdoei como amigo. Ao meu entender, o motivo que ele deu para cortar a relação também foi direcionado para mim. Nós todos vivíamos distantes uns dos outros. Então, se para ele a distância era um empecilho, a nossa amizade também sofria do mesmo mal.

— Amiga... — suspirei, entregando-a de volta o celular que continuava à espera de uma de resposta — Ele não te merece.

— Eu sei. — Segurou o aparelho com firmeza de encontro ao peito —

Assim como sei que ele ainda me ama...

— Como você sabe? — sussurrei, puxando um travesseiro e aconchegando a cabeça nele.

Ela se virou de lado, ficando de frente para mim.

— Eu tenho um segredo — sussurrou de volta e notei a sua pele cor de mocha ficar corada — Desde que terminamos, ele me envia mensagens...

— O quê? Como eu não fiquei sabendo disso?! — Empurrei seu ombro, a fazendo soltar outro grito estridente.

— Ele se arrependeu logo no dia seguinte, mas eu não aceitei os seus pedidos de desculpas. Na verdade eu nunca respondi suas mensagens, não até hoje...

O som do alerta de seu celular ecoou pelo quarto e nós duas nos entreolhamos boquiabertas.

— Nora, ele respondeu! Ai meu coração! Olhe, parece que eu estou enfartando! — Ela agarrou minha mão e a colocou logo abaixo do peito esquerdo, onde o coração vibrava sua pele de forma frenética.

Não pude deixar de sorrir ao observar a sua reação enquanto lia o que Jeff havia respondido. No entanto, algo esquisito aconteceu comigo naquele instante. Uma angústia tomou conta de mim e imaginei como seria se meus sentimentos fossem retribuídos por alguém...

Por Átila especificamente.

Virei o rosto para o outro lado e escondi os meus olhos marejados, sentindo-me uma idiota por desejar que ele sentisse o mesmo. Por imaginar que Átila poderia ter se apaixonado por mim tão facilmente como eu me apaixonei por ele.

Puxei o meu celular para fora do bolso dos shorts branco que eu usava e o segurei na altura dos olhos. Ponderei se eu estava bêbada o suficiente para fazer como a Lari e enviar uma mensagem para ele. Não sei por quanto tempo fiquei ali parada feito uma lunática, encarando o aparelho enquanto eu esfrangalhava meu lábio inferior com os dentes.

— Peloamordosdeuses! — Larguei o celular de súbito como se ele tivesse entrado em autocombustão e me queimado.

Ou eu estava mais bêbada do que pensava e alucinei, ou eu realmente tinha acabado de receber uma mensagem do Átila. Do homem que habitava meus pensamentos.

— O que foi?! — Larissa desviou a atenção da tela do seu celular para mim.

Com as mãos trêmulas eu resgatei o objeto do colchão e mostrei as mensagens que recebi para a minha amiga.

Feliz Ano Novo, bela.

Seria muito estranho dizer que eu desejava

que aquele temporal não tivesse acabado?

— Ai meu Jesus amado! Responde ele, Nora!

Espalmei o peito e soltei um sorriso trepidante. Agora era eu quem estava enfartando!

— Pelos deuses, amiga, me ajuda! — Pulei para fora da cama e caminhei de um lado para o outro. Os meus dedos digitavam mil frases diferentes para logo deletar cada tentativa.

— Calma! Tente soar *blasé*, faça ele se esforçar um pouco para te

conquistar — Larissa se levantou e se pôs atrás de mim, ficando na ponta dos pés e apoiando o queixo em meu ombro para ler o que eu escrevia.

Feliz Ano Novo, Átila. E estranho é relativo...

Quais são os seus motivos para desejar isso?

— Amiga, se o que ele quis dizer não for nada do que eu estou imaginando eu vou morrer de vergonha e decepção!

Lari me cutucou nas costelas e estalou a língua.

— Deixe de ser trouxa! É lógico que ele está se referindo ao tempo que vocês passaram juntos. Relaxa!

Mordi meu lábio que já estava em frangalhos e prendi a respiração quando vi que Átila estava digitando uma resposta. Quando o celular vibrou em minhas mãos eu pensei que meu coração tinha voado para fora da boca.

Ainda seríamos só nós dois.

Ainda estaríamos juntos, sem restrições e receios.

E quando a contagem regressiva chegasse ao fim...

Ainda a teria só para mim.

E eu a beijaria até o alvorecer de um novo ano.

A beijaria até que cada sopro meu se tornasse seu.

Até que cada melodia dos seus gemidos ressonasse em harmonia com os meus.

Até que cada batida do meu coração fosse regida pelas batidas do seu.

Fiquei sem reação por um milésimo de segundo até que comecei a

estremecer com a comoção crescente que se alastrava do peito para as extremidades do meu corpo.

Encarei a minha amiga que espelhava o meu queixo caído e olhos arregalados. Nós nos fitamos em silêncio por um segundo antes de berrarmos e darmos pulinhos histéricos pelo cômodo.

— *Pelos deuses!*

Pulos e gritos alvoroçados.

— Sua *viada*! Esse homem te quer! Ele te quer *muito*!

Mais gritaria e mais estrondos dos nossos saltos contra o chão.

A porta do quarto se abriu num rompante e a voz arrastada da dona Mônica nos fez parar de forma abrupta.

— *Queee gritaria é eeessa, Larissa*? — A mulher tentou levantar uma sobrancelha, mas estava embriagada demais e acabou fazendo uma careta engraçada. — *Queeero* vocês duas lá fora, daqui a pouco começa a contagem regressiva!

— Já vamos, mãe — Lari levantou um dedo — Só um minutinho!

— Não demorem! — Mônica foi embora, deixando a porta escancarada.

Minha amiga arrancou o celular das minhas mãos e releu em voz alta o texto que Átila tinha me enviado.

— Nossa... — suspirei.

Ele praticamente escreveu um poema e eu não tinha a mínima ideia de como responder à altura.

— Nora, eu disse que era para se fazer de *blasé* e tal... mas não deixe o homem sofrendo do outro lado! Ele *tá* esperando por uma resposta!

— Olha quem fala! Você levou seis meses para responder uma mensagem do Jeff!

Ela torceu o nariz e me devolveu o aparelho.

— Uma coisa é uma coisa... Outra coisa é outra coisa completamente diferente! Vai logo! — Agitou os braços, apressando-me e me deixando ainda mais nervosa.

Inspirei fundo e decidi ser sincera.

Seja o que os deuses quiserem.

Nossa...

Ok, não.

Não é estranho, Átila. Eu desejei o mesmo.

Quando os fogos de artifícios explodiram no céu, anunciando a chegada de um novo ano, eu fechei os olhos e sorri. Eu podia sentir que aquele seria o ano que a minha vida mudaria, só não imaginava o quanto.

***

O frio na barriga era tanto que eu mal consegui tomar o café da manhã. Beberiquei o chá de camomila feito para acalmar um pouco os meus nervos e coloquei a caneca na pia. Voltando para o quarto eu soltei o ar por entre os lábios trêmulos e acariciei os cabelos do meu irmão. Ele já estava acordado, mas continuava deitado naquela transição entre o sono e o despertar.

— Está na hora de eu ir, meu amor. Vem me dar um beijo!

Nico coçou os olhos pesados antes de me olhar pensativo.

— Nora, por que você não pode tirar férias como eu? As minhas aulas só voltam em fevereiro!

Não me contive e tasquei um beijo demorado em sua bochecha, puxando seu corpinho para um abraço.

— As férias de trabalho são diferentes da escola. No trabalho a gente só pode tirar férias depois de um ano.

Ele retribuiu o abraço e me apertou com força, parecia não querer me soltar nunca mais.

Depois de uma longa despedida consegui sair de casa ao escutar a buzina do táxi que acabara de chegar. Toda a condução fora arranjada por Átila e me permiti desfrutar do conforto. Se eu tivesse que pegar ônibus até o Cais eu precisaria acordar bem mais cedo. O motorista me levou até a embarcação na estação Conceição de Jacareí, onde o barco só levou cerca de vinte minutos para chegar à ilha.

Brando me aguardava na estação da Vila do Abraão e, quando menos percebi, já estava na mansão. Pisei em terra firme, mas as minhas pernas pareciam oscilar com o movimento das ondas do mar. Meu estômago ainda estava embrulhado de ansiedade e o meu coração martelava no peito. Subi o caminho até a entrada da casa, atravessando a enorme porta de vidro e dando de cara com Marta.

— Pensei ter ouvido você chegar. Feliz ano novo, Nora! — Ela abriu os braços rechonchudos e eu a abracei, desejando o mesmo.

— Já tomou o café da manhã? Venha, eu preparei alguns bolos! — Deu-me as costas, caminhando até a cozinha de onde vinham aromas deliciosos.

Comecei a me sentir mais tranquila com a sua recepção calorosa. A tensão em meu corpo se dissipou e respirei leve ao constatar que não, Marta não adivinharia o que se passou entre Átila e eu só de olhar para a minha cara.

De qualquer forma, eu não deveria me importar com o julgamento de terceiros. Nada daquilo foi planejado, mas não me arrependo nem um pouco do tempo que passamos juntos.

A não ser que...

Será que Átila se arrependeu das mensagens? Será que ele estava bêbado? Será por isso que depois daquela noite ele não me enviou mais nada?

Sentei-me em silêncio na banqueta e agradeci instintivamente quando Marta me serviu uma enorme fatia de bolo de cenoura. Com o celular na mão eu reabri a conversa que tive com ele, relendo a sua última mensagem enviada.

Que bom, porque não vejo a hora de tê-la só para mim de novo.

— Você está bem, Nora? Não comeu nada! Está doente, menina?

Levantei os olhos, encontrando Marta com uma expressão preocupada. Contorcia o pano de prato nas mãos, deixando de secar a louça para me observar.

— O quê? Não! Estou bem, só sem muita fome. — Peguei um guardanapo disposto no balcão e embrulhei o pedaço de bolo. — Se não se importa eu vou comer no quarto enquanto me arrumo para o trabalho.

Ela uniu as sobrancelhas e assentiu.

Atravessei o arco que dava para o salão principal, em direção à minha suíte.

— Acho que você não está bem, querida. Seu quarto não fica nesta direção.

Meus pés pararam de se mover e senti o sangue subir queimando o rosto. Girei-me lentamente e engoli em seco antes de responder:

— Átila me mudou de quarto... Estou dormindo na suíte pérola agora.

Cada suíte era diferenciada por suas cores, a minha era toda decorada nos tons de bege perolado e branco.

Marta abriu a boca e arfou baixinho, mas sua expressão não carregava desprezo ou censura. Seus grandes olhos de jabuticaba brilhavam em uma espécie de surpresa boa.

— Ora, finalmente estou vendo alguma coisa acontecer... — sussurrou, gesticulando para eu seguir com meu caminho antes de se voltar para as louças.

Balancei a cabeça e saí dali sem compreender o seu comentário. Assim que entrei no meu cômodo percebi algo de diferente. Larguei a minha mochila no chão e espalmei as mãos nos lençóis cobrindo a cama. O conjunto não era o mesmo de quando fui embora. Segurei um dos travesseiros de encontro ao rosto e inspirei fundo, sorvendo o aroma floral do *amaciante*.

Soltei um gemido frustrado. Eu deliberadamente havia deixado os lençóis antigos para poder sentir os vestígios do perfume amadeirado de Átila!

Por que ele trocaria as roupas de cama? Por que ele sequer arrumaria o quarto?!

Passei o dia inteiro cismada, pensando se era algum tipo de sinal. Se Átila fez aquilo para me dizer que mudou de ideia, que gostaria de apagar os fragmentos daquela noite.

Eu estava me levando à loucura com as minhas suposições!

As noites seguintes caíram em um silêncio atordoante, fazendo os meus pensamentos ressonarem alto demais na cabeça. Na madrugada de quinta-feira eu não consegui pregar os olhos. Revirei-me no colchão até o nascer do novo dia e, quando os primeiros raios solares atravessaram o ambiente, meu

coração começou a cantar. Átila voltaria hoje!

No entanto, o ritmo de suas batidas parecia mais a de uma marcha fúnebre.

Eu preferia esperar pelo pior a me iludir e acabar me magoando no final.

As horas se arrastavam, mesmo imersa no trabalho eu não conseguia deixar de pensar em quando ele chegaria em casa.

— Tchau, Nora! O almoço está te esperando na cozinha, não deixe de se alimentar! — Marta gritou do pátio da entrada para eu escutar do deque da piscina.

— Obrigada! — Acenei de volta antes de enxugar a testa suada.

Fazia muito calor e eu estava fritando debaixo daquele sol. Terminei de limpar a área externa e decidi aproveitar o meu intervalo tomar um banho frio antes de comer. Deixei o meu uniforme dobrado em cima do gabinete do banheiro e soltei os cabelos. Liguei o chuveiro na potência máxima e deixei a cascata refrescante atenuar a tensão no meu corpo.

Ao me enxugar optei por usar um vestido de verão ao invés de colocar logo o uniforme, eu não estava com pressa. Ainda me restavam cinquenta minutos de descanso. Com os pés descalços eu caminhei distraída enquanto fazia uma trança lateral nos cabelos úmidos. Passando pela sala em direção à cozinha os meus olhos se voltaram para a figura alta que atravessava a porta de vidro.

Minhas pernas pararam de se mover, mas o meu coração continuou acelerando. Ele parecia dizer: "*Corre, Nora, corre!*"

Porém eu estava petrificada no lugar, mal conseguia respirar. Na verdade, acho que o ar ficou preso nos meus pulmões, por isso parecia que eu

estava prestes a desmaiar.

Seus olhos estavam fixos em mim. Ele me olhava com tamanha intensidade que senti a minha pele queimar. Então caminhou a passos longos e firmes, aproximando-se com determinação.

— Eu disse que não via a hora... — murmurou ao me segurar pela cintura, puxando-me para o seu colo e me fazendo ofegar em surpresa.

Colidiu a sua boca na minha como se estivesse faminto por meu beijo. Eu o deixei me devorar, correspondendo com o mesmo ímpeto.

Entrelacei as minhas pernas ao seu redor e afundei os meus dedos em seus cabelos, inclinando a cabeça para aprofundar o nosso beijo. Átila gemeu de encontro aos meus lábios e me mordeu, arrancando dessa vez um gemido da minha garganta.

Suas mãos deslizaram por minhas costas até chegarem aos meus quadris, apertando-me ainda mais contra ele. Fazendo-me sentir o seu membro rígido e pulsante que suplicava para ser liberto de seu cativeiro.

A cada atrito eu ficava mais quente e úmida entre as pernas e, quando percebi, eu estava me esfregando nele em um movimento de vai e vem.

— Você é tão gostosa, bela... — Ele deslocou as nossas bocas por um instante, o bastante para me olhar nos olhos e fazer com que o meu coração explodisse como fogos de artifícios. — Eu preciso te ter, agora... — Mergulhou o rosto em meu pescoço e me chupou. Levando-me em seus braços de volta para a minha suíte enquanto lambia e mordiscava a minha pele.

— Átila... — Tentei raciocinar, mas eu estava completamente rendida em suas mãos. Eu não conseguia pensar em nada além das sensações prazerosas que ele estava me proporcionando.

— Diga que também sentiu a minha falta, bela. — Se ajoelhou na cama,

colocando-me delicadamente sobre o colchão. — Diga que também quer isso... — Pôs-me deitada de costas e montou em cima de mim.

Apoiado nos cotovelos ele desceu o seu corpo lentamente, pincelando os seus lábios nos meus e resvalando o seu volume entre as minhas coxas entreabertas.

Arfei de encontro a ele e fechei os olhos, circundando os braços ao seu redor. Afundei os dedos em sua pele, experimentando a textura morna dela e percorrendo os vales e montanhas de seus músculos tensionados.

— Q-quero...

Ele grunhiu, conectando os seus lábios aos meus e me calando da melhor maneira possível. Nossas línguas ondularam quentes e vagarosas, assim como os movimentos dos nossos quadris. A cada atrito nossas bocas soltavam gemidos harmônicos, a melodia crescendo de forma gradual ao passo que o desejo aumentava.

Uma de suas mãos deslizou as alças do meu vestido, deixando os meus seios à mostra. Átila rompeu o contato com a minha boca e eu lamentei a perda, mas logo suspirei ao senti-lo desferir beijos suaves pelo meu rosto. Percorreu os seus lábios inchados e macios por meu pescoço até chegar a um dos meus mamilos rosados, sugando e mordiscando enquanto apertava o meu outro seio em sua mão.

— Tão doce, do jeito que imaginei — murmurou antes de me abocanhar novamente.

Sua barba roçava a minha pele, deixando-me ainda mais sensível ao toque e me levando ao clímax. Ele aumentou a pressão com que se esfregava contra mim, e meu corpo começou a pulsar de forma igualmente dolorosa e deliciosa.

Os sons que saiam da minha garganta eram inéditos. Eu nunca havia perdido tanto o controle antes, e certamente nunca havia me encontrado em outro alguém.

Era libertador, me perder para então me encontrar.

Mas, por ser a minha primeira vez, também era assustador...

Quando Átila se afastou para retirar a sua camisa e desabotoar as calças eu entrei em pânico.

— Átila, eu nunca... Eu não... — Desviei os olhos para baixo.

De repente me senti vulnerável e envergonhada. Cruzei os meus braços à minha frente para esconder minha nudez.

— O que aconteceu? — Ele perguntou com a voz rouca. Inclinou-se para segurar o meu rosto em suas mãos e buscou por meus olhos.

Varri o meu olhar por seu corpo nu e mordi o canto da boca ao ver de perto o seu tamanho. Ele não era só enorme como era grosso, estava tão ereto que batia na altura do umbigo. Átila deve ter notado os meus olhos esbugalhados e a perda da cor em minhas faces, então a sua ficha caiu.

— Nora... — Levantou o meu queixo, forçando o contato visual — Você é virgem?

Tentei não transparecer meus receios. Assenti e, hesitantemente, estiquei uma mão até segurá-lo, manejando-o para cima e para baixo.

Átila cerrou as pálpebras e jogou a cabeça para trás. O senti pulsar entre os meus dedos, o que me deu um pouco mais de coragem para continuar com os movimentos. Ele gemeu, se empurrando contra mim e controlando o ritmo.

Pelos deuses, se eu tinha medo que a minha primeira vez fosse doer

antes, então com um homem daquele tamanho eu nem sabia o que seria mim!

— Sou. Isso muda alguma coisa para você? — disse na maior cara de pau do mundo. Fingindo um atrevimento inexistente e engolindo a minha covardia.

— Muda... — grunhiu, como se estivesse sentido dor.

Meu coração perdeu uma batida, mas então ele complementou:

— Eu terei que me controlar em dobro... — Encostou sua testa na minha e gemeu baixinho — e preciso ter certeza de que estará pronta para mim.

Soltei o ar que havia prendido ao ofegar com o contato de seus dedos em meu íntimo excitado. Ele me estimulava com cuidado e precisão, lambuzando-se em meu centro cada vez mais úmido e arrancando-me notas cada vez mais altas de prazer.

— E-eu já estou pronta, Átila! — segredei com urgência, arqueando-me de encontro à sua boca e fincando as unhas em seus ombros.

Ele sibilou e aumentou a pressão com que me tocava, deslizando sua língua ao redor das aréolas do meu seio.

— Goze para mim, bela — sussurrou de encontro à minha pele — Se deixe levar.

E eu deixei. Libertei-me nas sensações. Fui engolfada pelo clímax e alcei voo chegando às nuvens.

— Átila! — gritei ao alcançar o limite, contorcendo-me e tremendo em seus braços.

Com a cabeça enevoada mal compreendi o que ele estava fazendo. Seus lábios molhados percorriam o meu corpo, deslizando pelo meu ventre até chegarem ao meu ponto pulsante entre as pernas.

— Linda! — Segurou minhas coxas e as abriu, colocando-as acima de seus ombros — Está quase pronta para mim, bela...

Mergulhou o seu rosto, pressionando a sua boca voraz em minha carne úmida. Eu soltei um longo gemido com a sensação de sua língua quente afundando em meu sexo.

Eu não fazia ideia de que uma pessoa era capaz de sentir tanto prazer!

Curiosa, forcei-me a me apoiar nos cotovelos para assisti-lo enquanto me devorava. Átila era a visão dos deuses e, só de vê-lo me consumindo com tamanha vontade, senti uma nova onda de prazer me arrebatar.

Mantive arduamente os meus olhos abertos, admirada com o fato de que ele se estocava com força e rugia de tesão cada vez que eu soltava um gemido.

Quando o meu corpo entrou novamente em ebulição, desmanchei-me contra o colchão gritando o seu nome. E ao ouvir os grunhidos roucos de Átila quando ele também atingiu o orgasmo, sorri me sentindo poderosa.

Fechei as minhas pálpebras por alguns instantes, recuperando a respiração ofegante e as batidas descompassadas do meu coração.

— Você ainda me quer, bela? — perguntou divertido — Agora sim está prontinha para me receber.

— O quê? — Abri os olhos de súbito, e o encontrei de pé na beirada da cama. Segurava um pacote de camisinha e, ao descer o olhar para o meio de suas pernas musculosas, vi o seu tamanho em toda a sua glória. — Mas como? Eu pensei que você também tivesse...

Ele sorriu travesso, meneando a cabeça e deixando os cabelos soltos caírem para um lado do rosto. Lambi os lábios ao notar como ele brilhava em suor, a minha vontade era de prová-lo todo.

— Sim, Nora. Mas você logo irá aprender que sou como as pilhas *Duracell,* duro oito vezes mais...

Peloamordosdeuses...

— Então me mostre — sussurrei.

Rasgando o invólucro laminado com os dentes, Átila se aproximou enquanto se cobria. Ele me olhou com uma expressão séria e completamente *sexy*. Seu maxilar trincou e as narinas se expandiram ao falar:

— Você tem certeza disso? Daqui não terá mais volta, bela. Depois que eu te tomar por inteira, será para sempre. — Soou como se doesse nele ter de falar aquilo. Como se estivesse com medo de que eu desistisse.

— Átila, por favor, me possua — gemi impaciente. Aquela espera era torturante!

Já nem me preocupava se seria dolorido ou se eu sangraria. Eu só o queria logo dentro de mim.

Então fui puxada de supetão pelos calcanhares. Beijos foram distribuídos por toda a extensão das minhas pernas antes delas serem acomodadas ao redor da cintura dele. Átila se debruçou em mim, aprisionando-me entre seus braços e clamando a minha boca em um beijo ávido.

Nós dois gememos juntos quando o senti se posicionar no meu íntimo já bem lubrificado. Seu rosto se contorceu ao me penetrar cuidadosamente, se pressionando em mim aos poucos para não me machucar.

— Relaxa, minha linda — Tremeu e começou a suar, reprimindo o impulso de entrar fundo de uma vez — Isso, não lute. Deixe-me entrar...

Respirei fundo e relaxei os meus músculos, sentindo-o me preencher de

forma dolorosa. Ele deslizou uma mão por minha barriga e passou a me estimular de forma deliciosa. Arfei quando ele se afundou por completo, num misto de dor e prazer.

Foi melhor do que eu imaginava, a pontada que me acometeu passou de imediato dando lugar aos espasmos providos do estímulo voraz que Átila me proporcionava. Seus movimentos tornaram-se mais velozes e urgentes.

— Desculpa, Nora. Eu não consigo mais me controlar! — Urrou, acelerando as estocadas e agitando os seus dedos com mais força em meu ponto pulsante.

O puxei pelos cabelos até colar sua boca na minha, engolindo nossos gemidos de êxtase. Ele não precisava pedir desculpas, eu amava o modo como ele me possuía em abandono!

Estávamos nos perdendo um no outro.

— Átila! Átila! — Contorci-me com a onda arrebatadora de prazer. Dobrei-me ao meio, enterrando o meu rosto em seu pescoço e mordendo a sua pele suada.

Ele berrou em resposta, chamando por meu nome e me encontrando.

Assim como Átila havia prometido, eu me tornei dele por completo. Eu só não imaginava que seria difícil tê-lo inteiramente para mim também.

Capítulo 25



— Bom dia, Marta! — exclamei ao entrar na cozinha. Meu sorriso denunciava o meu bom humor.

A mulher espalmou o peito com a mão coberta pela luva térmica, saltando de susto.

— Misericórdia, senhor Douglass! — Balançou a cabeça e retribuiu o sorriso — Bom dia. Eu estava prestes a retirar os bolos do forno. Fiz dois: o seu preferido e o da Nora...

Ela piscou antes de se virar, voltando-se logo em seguida com duas formas e as depositando no balcão.

Ao ouvir o nome da minha bela algo estranho aconteceu. O meu coração passou a bombear fogo em minhas veias, aquecendo o meu corpo por completo. Notei surpreso que eu estava corando.

Limpei a garganta, apoiei os braços na bancada e, tentando soar o mais neutro possível eu disse:

— Marta, eu gostaria de tomar o café da manhã no jardim perto da piscina. Aproveita e prepara a mesa para dois, por favor.

Ela levantou o rosto para me olhar enquanto ajeitava as travessas. Suas

íris negras brilharam e assentiu copiosamente.

— Claro! O dia está mesmo lindo para um café ao ar livre! — Pôs-se a recolher as coisas e levar para fora. Pensei tê-la ouvido murmurar algo sobre romantismo, mas Marta já estava longe e eu podia ter me enganado.

Conferi as horas pela terceira vez essa manhã, ansioso pela chegada de Nora. O fim de semana parecia não acabar nunca e, agora que eu a tinha para mim, não suportava ficar tanto tempo longe. Não depois de finalmente ter provado o seu sabor. Eu ansiava por mais, a todo instante. Ela se tornou o meu melhor vício.

Desde o dia em que nos entregamos, encontrei-me perdido em seus braços, aventurando-me em suas curvas acolhedoras, despindo-me completamente e me cobrindo de sensações há muito tempo adormecidas.

Éramos um paradoxo em harmonia. Fazíamos sentido, apesar de saber o quanto eu era errado para ela.

No momento em que me afundei nela foi quase impossível domar o desejo cataclísmico. Cada molécula do meu ser vibrava ébria e efervescente.

No entanto, aquela era a primeira vez de Nora. E ela merecia todo o cuidado e prazer que eu poderia proporcionar. Porém, tão logo ultrapassei a sua barreira, nossos beijos ardentes e toques desenfreados inflamaram nossos corpos. Queimávamos sedentos e eu não via mais motivos para me aprisionar.

Em uma ânsia arrebatadora eu me libertei. Feroz e faminto. E Nora... Ela me abrigou com o mesmo apetite, surpreendendo-me. Minha bela não era tão delicada afinal. Ela dava conta de cada investida, respondendo com igual intensidade.

Damn, aqueles gemidos baixos e sua voz rouca chamando por meu nome no ápice do prazer me levavam à loucura! Velei fascinado as suas mudanças

de expressão, e decorei cada linha tênue de seu rosto quando entrava em êxtase.

Uma vez não era o suficiente, então ela me recebeu novamente. Ofegou quando me aninhei dentro dela e se movimentou contra mim, buscando pelo atrito. A posicionei de bruços, inclinando-me para experimentar a textura macia de sua pele. Resvalei meus lábios em sua nuca, trilhando beijos molhados por suas costas arqueadas. A cadência desenfreada dos nossos corpos suados se chocando era excitante, nos conduzindo em alta velocidade para o alívio.

Acelerei os movimentos, tanto dos meus dedos em seu sexo inchado e latejante, quanto dos meus quadris. Nora levou uma de suas mãos para trás, puxando-me com urgência e me afundando ainda mais nela. E, pela segunda vez, nos libertamos.

Caí de encontro à ela, nos virando na cama e mergulhando o rosto em seu pescoço. Senti sua respiração morna e irregular assoprando meus cabelos e suas mãos deslizando pelos músculos rígidos que revestiam meu abdome. Ela continuou explorando o meu corpo até chegar na minha já volumosa e rija extensão. Meus lábios se abriram em um sorriso quando a escutei exclamar um "oh" em surpresa.

— Mais — gemi ao ser envolvido por seus dedos e me arremeti contra eles.

— Átila... — sussurrou antes de dominar a minha boca e me manejar com lentidão torturante.

Compreendi a súplica na sutileza de seus movimentos. Ela precisava que e correspondesse com a mesma delicadeza.

Alcancei sua cintura e a levei para cima de mim, suas pernas longas e

torneadas me cercaram e suas mãos espalmaram meu peitoral buscando apoio. Desci seu corpo morosamente e, tão logo me pressionei em seu íntimo doce e pulsante, ela sibilou. Estaquei meus movimentos, com medo de tê-la machucado. Porém, Nora tomou o controle e se afundou em mim, conduzindo o ritmo melódico.

Nossa terceira e última vez foi suave. Incendiei-me aos poucos, sendo consumido por uma pequena brasa que se alastrou até me queimar por completo. E, quando não pude mais conter a chama, Nora me acalentou com seus lábios aveludados e sopros brandos ao pé do ouvido.

Eu ansiava por outras doses, mas Nora havia chegado ao seu limite. Preparei a banheira com água aquecida e a levei cuidadosamente em meus braços. A banhei, lavando o seu corpo saciado com devoção e atentando-me para não machucá-la ao limpar seu íntimo. Ela acomodou a cabeça em meu tórax e se aninhou entre as minhas pernas dobradas a cada lado do seu corpo. Escorreguei a esponja no vão de seus seios e espalhei a espuma por toda a sua pele alva, deleitando-me ao ouvir seus suspiros.

Ao sentir meu volume pressionar contra sua lombar, Nora esgueirou uma mão para trás e me envolveu, retribuindo a gentileza.

O seu toque ficou marcado em mim, eu podia conjurar as sensações incandescentes daquele dia facilmente. Mas só as lembranças não eram o bastante para abrandar minhas necessidades.

Fuck!

Se eu tivesse me controlado mais, se eu não a tivesse levado ao limite da resistência logo na sua primeira vez, talvez ela pudesse ter se recuperado mais rápido. Em vez disso, Nora se cedeu ao máximo e eu a consumi até não restar mais nada.

Nos dias que se seguiram ela estava bem dolorida e eu precisei manter a minha distância. Agora eu me sentia como se estivesse na porra de uma abstinência! E, pela primeira vez, encontrei algo mais potente do que a droga.

— Senhor, já está tudo pronto — Marta disse atravessando o arco que separava a cozinha do salão principal — Se precisar de mais alguma coisa é só pedir.

— Obrigado! — Corri em direção ao pátio, experimentando uma dose de adrenalina percorrer meu corpo com a antecipação.

Meus olhos varreram o horizonte, daqui eu tinha visão privilegiada das águas cristalinas que compunham a Lagoa Verde. A qualquer instante o barco chegaria trazendo a minha bela de volta.

Segui até a mesa posta no jardim, às sombras do gazebo e aos pés do deque da piscina infinita. Nora passaria bem ao meu lado, pelo caminho ladeado por placas de madeira entre o gramado que ligava o cais particular até o pátio da mansão.

Servi-me do café e aguardei sentado com a atenção voltada para o mar. Poucos minutos depois distingui o som do motor de um barco se aproximando e me preparei. Ali estava ela, por um breve momento meus pulmões entraram em colapso e eu não consegui respirar.

Porra, o que estava acontecendo comigo?

Abri um sorriso envaidecido ao constatar o que ela carregava em suas mãos. Nora caminhava a passos vagarosos, imersa à leitura de "*Ilíada*" que eu a havia presenteado no Natal junto com alguns outros livros clássicos da literatura. Eu sabia o quanto ela era apaixonada por mitologia, e não pude deixar de ficar feliz ao vê-la absorta na história.

— Assim eu fico com ciúmes — resmunguei em troça assim que ela

passou por mim sem ao menos me notar.

Nora parou bruscamente e quase derrubou o livro, virando-se com o rosto enrubescido ela percebeu pela primeira vez os preparativos para o café da manhã.

— Pelos deuses, Átila! — Abriu os lábios em um lindo sorriso e me fitou com olhos faiscantes — Isso tudo é para mim?

Caminhou hesitante em minha direção, perscrutando as opções saborosas postas na mesa.

Soltei um riso baixo com a sua reação de deslumbramento e estiquei os braços, circundando sua cintura. A puxei de encontro ao meu corpo, assentando-a em meu colo e roubando um beijo saudoso.

— Sentiu a minha falta? — Tracei seus lábios fartos e bem desenhados com a língua — Ou você prefere a companhia dos heróis em seus livros? — Abriguei seus gemidos em minha boca e afundei os dedos nos cabelos que ondulavam até a altura dos seus seios.

Suguei seu lábio inferior antes de interromper beijo, esperando por uma resposta. Eu não estava brincando. Queria saber se ela sentia o mesmo e aquela ansiedade me desestruturava.

Nora emitiu um pequeno gemido de frustração e tentou capturar minha boca novamente, Eu a impedi, mergulhando o rosto em seu pescoço.

— E então? — perguntei com a voz abafada por sua pele macia, mordiscando e lambendo a extensão logo abaixo da orelha.

— S-sim! — arfou — É claro que sim, Átila. Não parei de pensar em nós.

Afastei o rosto e prendi o seu olhar ao meu, contemplando a veracidade

de suas palavras.

— Deixe-me te alimentar, bela. Precisará de energia para mais tarde... — Depositei um breve beijo em sua têmpora e a acomodei na cadeira ao meu lado.

— Vou precisar, é? — soou audaciosa, mas suas faces se tingiram de rubro.

Fisgou o canto da boca e desviou os olhos para a jarra contendo suco de maracujá. Com as mãos trêmulas ela passou a se servir.

Observei a sua reação com cuidado, trincando o maxilar e inspirando fundo.

Damn it!

E se ela ainda não estivesse pronta para mim?

Minha mão já estava calejando de tanto que *batia* uma para me aliviar!

Eu precisava da coisa real.

Eu precisava dela.

— A não ser que... — Fechei as pálpebras com força e me forcei a terminar a continuar, temendo a sua resposta — você ainda não tenha se recuperado.

Ela emitiu um som de engasgo, mas quando abri os olhos ela me parecia bem. Bebia o restante do suco de uma só vez, limpando a passagem da garganta.

— Como você está se sentindo? — Resvalei as costas dos dedos em sua bochecha — Eu não... Eu não quero te apressar se é isso o eu está pensando. Posso esperar.

— Não pensei. Você não está me apressando em nada. Eu quero isso tanto quanto você — sussurrou, inclinando a face de encontro ao meu toque — E eu estou me sentindo *muito* bem.

Respirei aliviado e espelhei o seu sorriso lascivo. Porém, se continuássemos falando sobre aquilo eu não conteria o volume crescente em minhas calças e acabaria por perder a hora do trabalho.

— Em qual parte está? — Gesticulei para o livro que jazia em um canto da mesa, mudando deliberadamente de assunto.

— Ah! Estou na primeira ira de *Aquiles*, quando a sua amante é tomada dele como recompensa — A expressão de Nora se abriu e seu peito arfava em euforia enquanto me contava a história.

— Parei no momento em que *Aquiles* pede à mãe que solicite a *Zeus* para interceder a favor dos troianos na guerra, já que ele foi impedido por *Atenas* de atacar *Agamémnon* em retaliação por ter roubado o seu amor.

O meu coração espancava minha caixa torácica enquanto eu a escutava descrever, de forma tão impetuosa, a história. A paixão que ela tinha pelos personagens heroicos e por toda a trama se fazia notar em sua voz.

Engoli em seco. Se ela esperava por um romance como aqueles dos livros ela ficaria desapontada. Eu estava longe de ser um herói.

— Nora, é isso o que você quer? — murmurei, unindo as sobrancelhas.

— O quê? — Inclinou a cabeça para o lado, sem compreender a pergunta.

— Alguém como os personagens dos livros, um príncipe ou um herói legendário... Porque eu não sou nada disso, bela.

— Átila... — Levantou-se da cadeira e se aninhou em meu colo — Não,

claro que não! Eu não busco por um conto de fadas. Eu prefiro isso aqui. — Resvalou seus lábios contra os meus — Prefiro algo real.

***

— Esse é o momento perfeito para aumentarmos a produção. — Rick bateu em meu braço, mostrando seus dentes brancos em um enorme sorriso.

— Se tem certeza, eu confio na sua palavra. Mas os números parecem realmente bons. — Arquivei o relatório de vendas e distribuição, estalando a nuca tensa depois de um longo dia de trabalho — Isso pede uma celebração!

Andei até a estante do meu escritório, resgatando uma garrafa de uísque da segunda prateleira de cima.

— Átila, até que eu gostaria, mas não posso. — Contraiu os ombros e acenou com a cabeça para a porta. — Não posso arriscar, vou dirigir. Carol e eu temos uma consulta, vamos fazer um exame de *ultrassom*.

Desviei os olhos dele, voltando minha atenção para a bebida. Pensei em me servir de uma dose, mas perdi a vontade.

— Tudo bem, deixa para depois. — Disse, colocando a garrafa de volta em seu lugar.

— Com certeza, irmão! Marcamos um dia só para comemorar nossas vitórias. — Ele deus alguns passos até a saída, mas parou antes de atravessar a porta. — Átila...

— O quê? — perguntei enquanto desligava o computador, pronto para ir embora também.

— Nada, esquece. A gente se vê amanhã. — Bateu os nós dos dedos no batente em despedida.

Ele mentiu. Eu sabia que tinha algo. Ele precisava de mim, precisava do

amigo. E eu estive ausente.

— Rick, espere! — O chamei, indo atrás dele e o alcançando no fim do corredor.

Ele me lançou um olhar curioso e abriu os lábios preste a falar algo, mas eu o interrompi.

— Como... — Limpei a garganta e tentei novamente — Como está a Carol? Está tudo bem? Está tudo bem com o bebê?

Meu amigo soltou o ar num sopro. Seu corpo pareceu relaxar e um sorriso leve despontou em sua boca.

— Carol e o bebê estão bem. Obrigado por perguntar. — Pousou sua mão em meu ombro e o apertou — Não sabe o quanto é importante para mim.

— Irmão, você sabe, não é? Sabe que quero ver a sua felicidade.

Ele assentiu, aumentando a pressão dos seus dedos em meu braço.

— E eu quero ver a sua, Átila.

Pela primeira vez eu acreditei naquela possibilidade. E, quando finalmente dei o dia por encerrado, não perdi tempo em voltar para casa. Sentindo como se a minha felicidade estivesse me aguardando por lá.

Capítulo 26



Pelos deuses do Olimpo...

Eu estava completamente e irremediavelmente apaixonada por aquele homem!

Era loucura? Era.

Fazia pouco tempo que nos conhecíamos? Fazia.

Eu era a sua empregada? Sim.

Mas eu simplesmente não conseguia dominar o meu coração, ele batia selvagem no peito só de pensar nele.

Então eu levantei a bandeira branca para aquela guerra acontecendo dentro de mim, da razão contra a emoção, e me rendi aos sentimentos.

Quando Átila precisou sair para o trabalho, eu pude ver nitidamente a nossa pequena bolha de perfeição e fantasia se estourando.

A realidade deu um belo tapa na minha cara de boba e disse: *"Acorda para a vida! Está achando que é uma princesa agora? Nada disso! Vai trabalhar, mulher!"*

No entanto, como eu havia falado, eu não buscava por um conto de fadas. Eu queria algo real.

Mas bem que a nossa realidade poderia ser menos complicada, não é mesmo?

Engoli um pequeno caroço de desilusão que havia brotado na garganta e me preparei para a primeira tarefa do dia.

Lavar os banheiros.

Lavar. Os. Banheiros.

Essa era uma das tarefas que eu mais odiava fazer. Só de pensar em ter de tirar cabelos do ralo me dava ânsia de vômito. Mas fazer o quê? Era o meu trabalho...

Além do mais, eu desentupia gratuitamente o ralo do *box* lá em casa desde que me entendo por gente.

Não podia reclamar.

— Aqui está você! — Marta disse do umbral da porta, ajeitando os cabelos presos em um coque.

Eu já estava retirando as luvas de látex e prestes a sair do cômodo quando ela apareceu.

— Desculpa, Marta. Estava chamando por mim? — Arranquei os fones de ouvido para escutá-la melhor.

As batidas da música "*Fica*" de Anavitória reverberaram pelo ambiente, senti meu rosto esquentar e abaixei o volume às pressas.

Marta abriu um pequeno sorriso e assentiu antes de dizer:

— Já estou indo, querida. Mas antes de ir eu vim te lembrar que saco

vazio não para em pé! — Pousou as mãos nos quadris e acenou com a cabeça para o corredor — Vá almoçar, já passou da hora.

Soltei um riso baixo e caminhei até ela, deixando para me preocupar com o carrinho de limpeza depois.

— Obrigada! O que seria de mim se não fosse por você?

— Deixe disso, menina! — Se afastou, prendendo os lábios para não rir. E então sumiu em direção ao cais da mansão.

Eu estava ansiosa demais para sentir fome, mas tentei comer um pouco do nhoque à bolonhesa ao me lembrar das palavras de Átila.

"Deixe-me te alimentar, bela. Precisará de energia para mais tarde..."

Por incrível que pareça eu estava mais nervosa do que na minha primeira vez.

Peguei o meu celular do bolso e comecei a digitar uma mensagem.

Socorro!

Aguardei pela resposta que não tardou em chegar.

O que aconteceu, sua louca?!

Fisguei o lábio inferior e soltei os meus dedos ágeis pelo teclado, enquanto isso a comida esfriava no prato em cima da bancada.

Ele me quer essa noite!

E isso é um problema, Nora???

Minha amiga respondeu quase que instantaneamente.

Eu não sei se consigo, amiga!

Ah não! Ainda está assada?

Soltei um riso esganiçado e me levantei da banqueta. Largando o almoço de vez para trás eu caminhei de um lado para o outro enquanto digitava.

Quando Átila me perguntou essa manhã se eu já tinha me recuperado ele não fazia ideia de como a situação lá embaixo estava antes.

Ele. Não. Fazia. Ideia.

Eu precisei fazer compressas frias!

Sim, eu passei saquinho com gelo na minha *perseguida*!

Minha vontade era de ficar com as pernas abertas de frente ao ventilador, mas fui sensata e me contive em aplicar o creme calmante nas regiões externas. Fiquei cheirando a bumbum de bebê, mas felizmente surtiu efeito.

Agora eu estava novinha em folha e pronta para outra...

Bem, quase isso.

Não!

Já estou bem.

Mas não estou pronta!

O que raios aconteceu?!

Se ela esperava por uma explicação mais profunda eu a decepcionei.

Eu estou nervosa!

Miga, sua louca! Nervosa por quê?

Já provou daquele delícia. Conhece o menu principal e a sobremesa. E o melhor de tudo é que amou! Para que ter medo de repetir o prato?

Deixei o sorriso se expandir no rosto e revirei os olhos ao ler aquela mensagem.

Parei de andar e fitei a tela do aparelho, tentando pensar em uma resposta.

Como explicar o motivo da minha apreensão se nem eu mesma entendia ao certo?

É diferente, Lari.

Da outra vez foi algo do momento, aconteceu no embalo.

Desta vez eu sei o que está para acontecer! Estou ansiosa!

Segurei o celular firmemente, esperando por palavras sábias da minha amiga.

Relaxa e goza.

Claramente eu estava enganada.

Estou falando sério!

E quem disse que eu não falei sério?

Relaxa! Pare de pensar tanto. Quando chegar a hora tudo vai acontecer naturalmente, assim como foi da última vez. E daí é só aproveitar e gozar ;-)

Tentei seguir o conselho da minha amiga, que por sinal era sábia sim, e passei o resto da tarde mais tranquila.

Mas, tão logo o som do motor de um barco me alertou a chegada de Átila, meu coração saltou pela boca e meu sistema nervoso entrou em colapso.

Meu corpo foi atraído até a ampla porta de vidro e lá eu o encontrei.

Ele caminhava despreocupado com os braços acima da cabeça enquanto

arrumava os cabelos dourados em um coque. O observei ao longe, passeando meus olhos por todos os detalhes do seu corpo e assisti ao momento em que ele me viu. Seu rosto se iluminou em um sorriso manso e me vi entregue no mar sereno e cristalino do seu olhar.

Tirei uma foto imaginária e a arquivei em um lugar especial da minha mente. Aquela imagem ficaria guardada para sempre em mim.

— Oi — disse em um sussurro, sentindo-me subitamente sem fôlego. Precisei elevar o queixo a fim de fitá-lo tão de perto quando parou em minha frente.

Átila se inclinou até seus lábios pairarem sobre os meus, sua respiração morna acariciava o meu rosto de forma suave. Inalei fundo o seu aroma mentolado e fechei as pálpebras à espera do contato.

— Nunca foi tão bom voltar para casa... — suspirou antes de colidir a sua boca na minha e me roubar o ar.

Contornou os meus lábios com a sua língua e os abri convidativamente.

Aquele era um beijo tranquilo e sem pressa.

Desvendávamos entre sopros, toques, cordas vocais e compassos do coração.

Conduzíamos a nossa própria sinfonia.

Só percebi que estávamos andando quando o senti sentar, puxando-me para montar em seu colo no sofá. Afundei os dentes de leve em seu lábio inferior antes de sugá-lo sonoramente. Sorri de encontro à sua boca ao ouvi-lo gemer e senti-lo apertar os meus quadris com mais força.

Subiu as mãos enormes pelo meu corpo, acalentando-me por cima do fino tecido da camiseta. Seus dedos faziam pequenas carícias circulares,

arrancando-me arrepios de contentamento e suspiros desenfreados. Descolou os lábios dos meus, distribuindo pequenos beijos molhados em meu rosto antes de se abrigar em meu pescoço e me abraçar apertado.

Quando ele falou, a voz soou abafada e fez cócegas em minha pele.

— Oi.

Ri roucamente e nos afastei a fim de fitá-lo, e quando percebi as palavras já estavam saindo antes que eu pudesse contê-las.

— Senti a sua falta.

Observei em transe a sua expressão se modificar. O sorriso largo desvaneceu, e o maxilar se firmou. Resvalou a ponta da língua na linha entre os seus lábios enquanto mapeava meu rosto com intensidade. Os olhos chisparam com uma qualidade erótica e pude me enxergar através deles.

Eles refletiam meu desejo.

Então Átila se levantou num rompante, levando-me em seu colo em direção às escadas.

Arfei em surpresa com o movimento brusco e inesperado, entrelaçando minhas pernas ao seu redor e me agarrando em sua nuca.

— Preciso de você — rosnou contra o meu ouvido, arrepiando-me toda — agora!

Deixei-me ser levada de bom grado, eu queria tanto quanto ele. Mas, tão logo Átila subiu o primeiro lance de escada, fiquei tensa em seus braços.

Percebendo a minha reação ele parou de se movimentar.

— Nora... — murmurou com voz contida — Eu preciso saber se você quer isso tanto quanto eu. Ou... — soltou o ar trêmulo e me apertou contra o seu corpo firme — ou então me pare agora antes que seja tarde demais. Eu não

vou me controlar por muito mais tempo.

— Eu quero! — proferi em um ganido de desespero, com medo que ele parasse — Mas podemos ir para o meu quarto, por favor? — perguntei em um sussurro.

Ele afastou o rosto e me encarou com o cenho franzido.

— Claro, bela. — Tentou buscar em minhas faces alguma resposta e não encontrou — Mas por que não no meu?

Droga, eu não queria ter de admitir aquilo!

Eu sabia que era algo bobo, mas me incomodava muito.

As imagens simplesmente não sumiam do meu cérebro.

Toda vez que via a sua cama *king size* eu enxergava as duas mulheres nuas ao seu redor e minha imaginação criava cenas sórdidas.

Eu odiava aquela cama.

Eu odiava saber que ele transou com incontáveis mulheres naquele colchão.

— Eu não me sentiria à vontade na sua cama. — Baixei o olhar para o seu tórax — Não consigo me esquecer daquele dia...

Ele cerrou os olhos com força e rosnou, finalmente entendendo o meu motivo.

— *Damn it!* — Desceu rapidamente o degrau e atravessou a sala, adentrando o corredor que dava para a minha suíte — Eu vou jogar aquele colchão fora, Nora.

— Não precisa fazer isso! — Balancei a cabeça e ri com a voracidade com a qual ele abriu a porta do meu cômodo com um chute. Parecia impaciente

e um tanto agitado.

— Preciso sim — murmurou contra a minha boca enquanto me deitava de costas e se pressionava deliciosamente em cima de mim. — Vou comprar tudo novo se quiser — disse entre beijos — mas não me importo de ficar aqui com você se preferir...

O calei com a minha boca e o aconcheguei entre as minhas coxas. Átila gemeu, resvalando seu volume com mais urgência no meu íntimo. Ainda estávamos vestidos, mas não por muito tempo.

Logo ele se esticou, buscando pelo estoque de camisinhas no meu criado mudo e me despiu.

Primeiro com os olhos. Depois com as mãos.

Retribui sem jeito, arrancando a sua camisa para fora do corpo com as mãos trêmulas antes de desabotoar a calça jeans escura e a arrastar com os pés até seus tornozelos.

Mapeei seus contornos com as pontas dos dedos, deleitando-me em sua solidez. Seus músculos se contraiam com cada toque e de sua garganta saíam murmúrios de prazer.

— Tão bela... — Discerni dentre tantas outras palavras balbuciadas.

Mergulhou a cabeça em meus seios e os sugou com vontade enquanto uma mão percorria meu baixo ventre.

Com seus dedos Átila tocou a mais linda nota, levando-me ao ápice. No entanto, eu ansiava por mais. Ansiava por ele.

Resgatei um dos pacotes laminados e o abri com os dentes. Ele me observou enquanto eu o cobria com cuidado, manejando o seu tamanho para baixo até chegar à base. Átila se empurrou contra a minha mão por impulso e

gemeu.

Então, finalmente, o abriguei dentro de mim.

Perdi-me na cadência dos nossos corpos e me deixei ser levada pela correnteza de sensações sem medo. Fomos tomados pelas ondas de prazer juntos e, quando voltamos à superfície ofegantes e embevecidos, já queríamos mergulhar novamente em nós dois.

— Aonde você vai? — perguntei, sentindo a falta do seu calor ao meu lado.

— Já volto. — Depositou um beijo em minha testa antes de se levantar — Vou pegar uma muda de roupa no meu closet e aproveitar para tomar um banho.

Assenti e me forcei a levantar da cama também. Já havia passado da hora da janta e precisávamos repor as energias. Vesti uma camiseta longa e segui até a cozinha para esquentar a sobra do nhoque.

Eu estava servindo dois pratos quanto Átila apareceu. Uni as sobrancelhas ao notar que ele ainda não havia tomado banho, mas colocara uma bermuda nova.

Ele sorriu para mim com os olhos escuros e me puxou pelos quadris, colando minha bunda na sua ereção.

Soltei um gritinho de surpresa e inclinei a cabeça para o lado, dando mais acesso para os seus lábios famintos por minha pele.

— Estou com fome, Nora — assoprou ao pé do ouvido.

— E-eu já co-coloquei o seu prato... — disse com dificuldade para raciocinar com ele me tocando daquele jeito.

— Não, bela. Estou com fome de você.

Bati de leve em sua coxa e me desvencilhei de suas mãos.

— Átila! — Virei para encará-lo — Por mais que eu queira, não aguentaria agora... Preciso de um descanso e de comida.

Rosnou ao se afastar de mim, esfregou o nariz e desviou o olhar.

— Está certo, desculpa. — Andou até o balcão e se sentou, apoiando os cotovelos e segurando a cabeça.

— Não tem motivo para se desculpar. — Parei de pé ao seu lado e circundei seu tronco, beijando a sua nuca.

Ele se girou, aprisionando-me em seus braços e pernas.

— Ah, bela...

No instante seguinte meus lábios foram devorados pelos dele, fazendo-me esquecer completamente o tom de pesar em sua voz.

***

A semana passou voando e me perguntei se isso não se devia ao fato de ela ter sido tão boa. Átila passou a dormir comigo na minha suíte e percebi que seus pesadelos na madrugada foram sumindo com o passar do tempo.

Vez ou outra eu acordava ao som de seus gemidos de dor ou choro e aquilo partia o meu coração. Eu mantinha o cuidado para não acordá-lo como da última vez.

Ele buscava por mim ao seu lado e, tão logo sentia a minha presença, aninhava-se em meu corpo e se acalmava até cair em um sono tranquilo.

No entanto, ontem ele não teve nenhum episódio e acordei surpresa ao encontrá-lo me observando enquanto dormia nesta manhã.

Achei aquilo tão fofo e ao mesmo tempo apavorante!

E seu eu estivesse dormindo de boca aberta? E se eu tivesse babado no travesseiro?

De qualquer forma, o modo suave como ele contornava as linhas do meu rosto com aqueles olhos cristalinos dissipou os meus medos.

— Bom dia, bela adormecida. — disse com um leve sorriso despontando nos lábios.

— Bom dia... — Tapei a boca com o lençol ao falar, o que fez com que ele soltasse uma risada gostosa. Não era a primeira vez que eu escondia o hálito matinal dele.

Como eu disse, não vivíamos em um conto de fadas. As pessoas reais acordavam com bafo!

Comprimi os lábios e o beijei brevemente enquanto prendia a respiração, mas quando tentei me afastar ele me prendeu em seus braços e iniciou um beijo de verdade.

— Eu não ligo para isso... — sussurrou ao quebrar o contato dos nossos lábios e enterrar o rosto em meus cabelos desgrenhados.

— Mas eu ligo — resmunguei. Porém, o meu sorriso bobo se fez ouvir, contestando minhas palavras.

O som do meu celular tocando me arrancou da letargia. Arrastei-me para fora da cama, lutando para me soltar dos braços de Átila que não facilitava minha tarefa.

— Alô? — atendi sem conferir o número, como sempre.

— Nora, você está a caminho? — Lari perguntou e me preocupei com a seriedade em sua voz.

Já era sábado e eu deveria voltar para casa naquela manhã, mas eu

tinha a sensação de que havia perdido a hora.

— Ainda não, por quê? Aconteceu alguma coisa?

Pela visão periférica eu vi o Átila se levantar e caminhar até mim.

— É a sua mãe. Estou levando ela para o hospital agora, o Nico está aqui em casa com a minha mãe, mas ela precisa sair para o trabalho em menos de uma hora...

— Pelos deuses! Pelos deuses! — Virei de supetão e colidi com o Átila. Ele me segurou pelos ombros e passou a esfregar os meus braços tentando me acalmar — Eu já estou indo!

— Tudo bem, preciso ir pois o táxi chegou!

— O-obrigada por levar ela, amiga. Eu vou reembolsar o valor do táxi e tudo o mais. Tchau.

Desliguei, quase deixando o aparelho cair de tanto que eu tremia.

— Preciso ir embora.

Corri até o armário, vestindo a primeira roupa que encontrei na frente.

— Calma, Nora. O que aconteceu?

Neguei com a cabeça, sentindo lágrimas escorrerem pelos cantos dos olhos.

— A minha mãe está sendo levada para o hospital. — Sequei o rosto com as costas das mãos e avancei até o canto onde estavam as minhas sapatilhas.

— Vou te levar até lá.

— Não precisa... — falei já me arrependendo. Se eu esperasse pelo *táxi boat* eu levaria tempo demais e atrasaria dona Mônica.

— Eu te levo, Nora. Mas antes preciso que se acalme, tome um café e me dê um minuto para me arrumar.

Assenti sem pensar muito em fazer o contrário. Corri até o banheiro para dar um jeito no meu aspecto desalinhado e segui até a cozinha para preparar um café expresso. Não tínhamos tempo para algo mais substancial do que aquilo.

Em dez minutos já estávamos atravessando o mar à caminho de Angra dos Reis e de lá Átila pegou o seu carro na Marina. Eu fiquei em silêncio durante o trajeto, preocupada demais para conversar ou até mesmo explicar a situação. Meu estômago estava embrulhado e agradeci por chegarmos em terra firme antes que a náusea piorasse.

— Para qual hospital ela foi, Nora? — perguntou assim que afivelou o meu cinto de segurança. Eu nem estava com cabeça para perceber que havia esquecido.

— Hospital Municipal de Mangaratiba — disse estalando os dedos.

— Ok, se eu acelerar consigo chegar em trinta e cinco minutos.

Meneei a cabeça, mas então me lembrei do Nico e passei a negar.

— Não, não. Preciso ver o Nico primeiro! Átila, preciso que me leve até a a casa da minha vizinha para eu ficar com Nico!

Virei no assento do passageiro e encontrei Átila com uma expressão sombria. Ele estava com o maxilar trincado, as narinas dilatadas e os nós dos dedos esbranquiçados de tanto que apertava com força o volante.

— Então é por isso que não queria que eu a trouxesse? Porque vai se encontrar com *Nico*? — proferiu com o tom de voz baixo e sinistro. Levei um tempo para entender do que ele estava se referindo.

— Quê?!

Então como um estalo eu percebi uma coisa.

Eu nunca disse que Nico era o meu irmãozinho.

Átila estava com ciúmes!

— Átila... — Engasguei-me em um riso e precisei tossir para continuar — Nico é meu irmão! Ele tem apenas seis anos e preciso buscá-lo antes que a minha vizinha saia para o trabalho.

— Você tem um irmão? — Ele desviou os olhos da estrada e me lançou um olhar surpreso — De seis anos?

— Sim. — Voltei a rir, sentindo um pouco da tensão e melancolia se dissiparem — Ele é muito esperto para a idade, você vai amar ele.

— Seis anos... — sussurrou.

Assisti o seu sorriso nos lábios suavizar e o seu olhar se perder no horizonte. Então depois de alguns segundos ele quebrou o próprio silêncio ao dizer:

— Aposto que sim, Nora. Sendo seu irmãozinho eu já gosto muito dele.

Informei o meu endereço ao Átila que o colocou no GPS e seguiu suas orientações, evitando assim engarrafamentos para os quais não tínhamos tempo. Graças aos deuses, não tivemos nenhum contratempo e logo estávamos estacionando na calçada de casa.

Ele abriu a porta para mim, segurando minha mão como um cavaleiro.

Murmurei um agradecimento e resvalei meus lábios nos dele antes de tocar a campainha.

— Já vai! — Mônica gritou do outro lado.

Ela apareceu esbaforida, ajeitando os sapatos pretos nos pés e alisando os cabelos escuros para dentro da presilha.

— Que bom que chegou! Preciso sair agora ou então descontam do meu salário.

Engoli um caroço que brotou na garganta e forcei um sorriso. Odiava ser inconveniente.

— Desculpe demorar tanto, Mônica, e obrigada por ficar de olho no meu irmão.

Ela gesticulou com as mãos, finalmente levantando os olhos dos próprios sapatos para mim e então para a figura que estava parada ao meu lado.

Mônica arregalou os olhos e soltou o ar dos pulmões tão logo viu o Átila.

— Nossa senhora das calcinhas molhadas... — sussurrou baixinho, mas eu estava muito próxima e consegui ouvir.

— Prazer em conhecê-la, Mônica. — Ele acenou rapidamente e começou a esticar a mão para cumprimentá-la melhor, mas foi interrompido por uma pessoinha.

— Nora! — Nico correu até a porta, quase derrubando a mulher à minha frente ao esbarrar nela para pular em cima de mim.

Átila deu um passo para trás e me segurou quando perdi a firmeza dos pés tentando levantar Nico no colo. Meu irmão às vezes esquecia que já não era tão pequeno como antigamente. Principalmente quando ele estava triste e precisava de um dengo.

Escondeu o rosto no meu pescoço e ficou grudadinho em mim.

Mônica torceu o canto da boca e suspirou, parecendo complacente com aquela cena.

— O menino não quis comer o café da manhã. Espero que com você ele tome jeito. — Ela disse já passando a chave na porta e nos levando até o portão.

Agradeci novamente antes de ela sumir apressada pela rua em direção ao restaurante onde trabalhava.

Átila acariciou as minhas costas e me virei para ele, encontrando-o com o cenho franzido. Mas logo sua expressão se abriu em um sorriso.

— Então quer dizer que você é o famoso Nico? — disse divertido, chamando atenção do meu irmão que se afastou para olhá-lo curioso.

Percebendo que tínhamos companhia, o meu irmão se remexeu em meu colo querendo voltar para o chão. Assim que estava totalmente livre ele foi levantando a cabeça até finalmente encarar Átila nos olhos.

— Caramba, como você é grandão! — levantou as sobrancelhas admirado.

Átila estremeceu em um pequeno riso e se dobrou ao meio até conseguir fazer um leve cafuné em Nico.

— Você também! Nem parece que tem seis anos, aposto que vai ficar maior do que eu quando crescer — disse solenemente, como se acreditasse mesmo naquilo.

Mordi as bochechas e balancei a cabeça. Aquilo seria impossível, Átila devia ter dois metros! Se Nico ultrapassasse sua altura seria um gigante.

— Você acha mesmo? — abriu um sorriso de orelha a orelha e então me olhou. — Nora, posso deixar meu cabelo crescer igual ao desse cara? É igual

ao do *Thor*!

— Esse *cara* se chama Átila. — Apertei a ponta do seu nariz e ele pareceu se envergonhar com a sua falta de educação — E sim, se você quiser pode deixar crescer.

— Desculpa. Eu não sabia o nome do senhor — sussurrou.

— Sem problemas, pode me chamar do que quiser. Não me importo.

— E se eu te chamar... de Thor?! — Nico levantou o queixo, desafiando o homem a dizer o contrário. Sem acreditar que Átila realmente o deixaria chamar daquilo.

— Meus amigos me chamam de Thor, então nada mais justo você me chamar também — disse piscando, e nos acomodando no carro.

— O que acha de buscarmos a sua mãe e sua amiga e de lá do hospital irmos almoçar?

Fisguei o lábio inferior prendendo o sorriso nervoso e assenti.

Por que eu estava nervosa?

Ah, sei lá...

Talvez porque ele conheceria a minha mãe e a minha melhor amiga?

— A gente pode comer hambúrguer?

Olhei para Nico através do retrovisor e balancei a cabeça.

— Melhor não, meu amor.

Percebi Átila me observar de canto de olho quando chamei Nico de "meu amor", e meu coração deu um salto com a esperança que encontrei em seu olhar.

Chegamos em menos de quinze minutos no hospital e encontramos a Lari

na área de espera na recepção.

— Como ela está? — Foi a primeira coisa que disse ao chegar até ela.

— Amiga, está tudo bem agora. Ela acordou com muita dor hoje e por isso a trouxe para cá. O médico achou melhor ajustar a dosagem do medicamento que ela toma. Aqui está a receita para o tratamento. — Retirou o papel da bolsa e me entregou.

— Obrigada... — disse enquanto tentava entender a letra garranchada do médico.

Aquilo me lembrou de como eu havia prometido para mim mesma de que quando me tornasse médica eu tomaria cuidado para escrever de forma legível.

— Onde ela está? — Voltei minha atenção para Lari e notei o exato momento em que ela percebeu o homem atrás de mim.

— Hã... — Piscou várias vezes antes de me olhar de novo — Ela está sendo medicada, logo devem liberar ela.

Eu sabia que artrite reumatoide não tinha cura e que era provável mamãe ter recaídas e pioras. O tratamento consistia em um DMARD sintético impedindo a progressão da doença, mas, como eu disse, não curava.

Respirei aliviada por saber que mamãe já estava sendo medicada e então percebi a Lari inclinando a cabeça sutilmente em direção ao Átila.

— Ah, é! Átila, essa é a minha amiga Lari. Lari esse é o... — Empaquei nas palavras. Como eu iria apresentá-lo?

Graças aos deuses a minha amiga me interrompeu, salvando-me de propósito.

— Que homão! — exclamou sorrindo e apertou a mão dele com vigor,

forçando a cabeça para cima de forma exagerada.

— Foi o que eu disse, não foi Thor? — Nico concordou. — Eu disse que você era grande!

Não nos contivemos e rimos alto o suficiente para chamar a atenção das pessoas ao nosso redor.

Quando por fim mamãe foi liberada eu a apresentei ao Átila. Ela parecia envergonhada por tê-lo conhecido em tal situação, mas ele usou de seu charme e a deixou à vontade. O homem sabia do poder de sedução que tinha e usava aquilo ao seu favor.

Então ele nos levou para almoçar em um restaurante onde também serviam hambúrguer para o deleite de Nico.

E, quando chegou a hora da despedida, eu senti o meu coração se dividir ao meio. Eu estava aliviada por finalmente poder ficar com minha família, mas eu já sentia saudades dos momentos ao seu lado.

Segunda parecia estar a uma eternidade de distância...

Capítulo 27



Satisfeito com os testes de novos sabores eu parabenizei a equipe antes de sair do laboratório. Rumei para o corredor, retirando a redinha do cabelo enquanto atravessava pela porta e a joguei na lixeira localizada logo na saída.

O sorriso estampado no meu rosto, porém, nada tinha a ver com o fato da fábrica ter excedido as expectativas nos últimos meses, mas sim por Nora estar de volta na mansão. Ela comentou por mensagem sobre uma consulta no médico e de ter começado a tomar anticoncepcional.

Eu não via a hora de chegar em casa para saber se já podia senti-la por completo. Sem barreiras.

Damn, só de pensar eu já estava ficando duro!

Qualquer um que olhasse para baixo perceberia o volume crescente em minhas calças.

Por isso coloquei as mãos nos bolsos para disfarçar a minha ereção e caminhei a passos largos e precisos até o meu escritório. Evitando contato visual com as pessoas que passavam por mim, eu consegui chegar até meu refúgio sem ser interrompido.

Bati a porta ao entrar e segui até o frigobar localizado do lado da estante.

Retirei uma garrafa de cerveja do frigobar e dei o primeiro gole, deixando a bebida gelada me refrescar por dentro e extinguir um pouco do calor pulsante entre as minhas pernas.

Eu precisava de mais. A bebida não era o suficiente para aplacar minha ansiedade, mas eu tinha minhas regras e não trazia a droga para o trabalho.

Aliás, eu estava diminuindo o consumo desde que Nora apareceu em minha vida. Eu só precisada do bastante para seguir com o dia. O suficiente para não me sentir tão mal. O razoável para aplacar minha fissura sem que eu deixasse transparecer o vício.

Sentei-me na cadeira ainda segurando a bebida e fechei os olhos.

Ela nunca precisaria saber.

Certo?

Se eu pudesse me controlar o suficiente...

Soltando um suspiro eu apoiei a cabeça para trás, inclinando o corpo de forma relaxada enquanto terminava de beber o conteúdo da garrafa. No entanto, as minhas pernas balançando e os pés batucando o chão manifestavam a confusão que se alojava em mim.

Nora me fazia querer ser um homem melhor, mas era tão difícil quebrar velhos hábitos. Eu já não sabia se tinha forças o suficiente, nem mesmo por ela, para voltar a ser quem eu era antes.

Mas eu estava tentando na medida do possível. Na medida do meu possível.

— Átila? — A voz de Rick me fez abrir os olhos e me ajeitar no

assento.

O encontrei parado no batente. Ainda segurava a maçaneta como se não tivesse certeza se entrava ou não na sala. Suas sobrancelhas estavam unidas enquanto os seus olhos escuros varriam o meu rosto meticulosamente.

— Entra logo, cara. Vai ficar parado aí sem falar nada? — Repousei a garrafa ainda cheia no porta-copo em cima da mesa e voltei a atenção para o meu amigo.

Achei aquilo estranho, Rick nunca pedia permissão para entrar no escritório. A forma como ele me olhava incerto e um pouco ansioso me fez pensar se algo de ruim tinha acontecido e ele precisava me contar.

— Rick, o que aconteceu? — perguntei assim que ele encostou a porta às suas costas — É a Carol? A empresa? Alguma coisa deu errado?

De repente a pressão em meus ouvidos ficou tão alta que eu mal ouvia as minhas próprias palavras, somente as batidas desenfreadas do meu coração.

Ele balançou a cabeça e veio até mim, apertando os meus ombros de modo reconfortante.

— Você sempre pensa no pior, Átila. — Soltou-me e se afastou rindo.

O babaca estava rindo às minhas custas!

— Mas que porra?! — Levantei da cadeira e cruzei os braços — Foi você quem apareceu aqui com cara de cu. E cara de cu me remete à merda. Ou alguma merda aconteceu, ou está prestes a acontecer.

— Não aconteceu e nem vai acontecer merda nenhuma, cara! — Esfregou o rosto, tapando aquele sorriso idiota — E cara de cu estava a sua quando entrei aqui. Fiquei preocupado, só isso.

— Ah... — suspirei ao lembrar no que eu estava pensando antes dele

aparecer — É só uma dor de cabeça, nada demais.

Levei as mãos até a cabeça e massageei as têmporas, amenizando a mentira deslavada que contei.

— Sei... — disse ele coçando a barba enquanto me fitava — Enfim, eu queria te pedir uma coisa.

— Qualquer coisa, irmão. — Recostei os quadris na mesa, mas me levantei de supetão quando escutei um pequeno estalo. Vai que aquela porra quebrasse.

Meu amigo deu um passo para trás e encarou o móvel atentamente, esperando para ver se ele desmontaria por conta dos meus cento e quinze quilos.

Quando percebeu que nada aconteceria ele encolheu os ombros e voltou sua atenção para mim. Levantei as sobrancelhas esperando que ele me contasse logo do que precisava.

— Ah sim... Carol e eu vamos fazer um chá de revelação na próxima semana e queremos muito que você vá...

— Chá do quê? — Inclinei a cabeça um pouco confuso, conjurando a imagem de uma xícara de chá quente que me faria revelar meus segredos ao primeiro gole.

— Chá de revelação do sexo do bebê. Sabe? Como um chá de bebê, mas para descobrir se teremos uma menina ou um menino.

Aquilo fazia muito mais sentido do que as coisas que se passaram na minha mente.

— Espera... Isso quer dizer que vocês ainda não descobriram?

Rick passou a negar com a cabeça e abriu a boca para falar, mas eu fui

mais rápido.

— Como? Eu pensei que vocês tivessem descoberto isso no último ultrassom.

— Foi ideia da Carol na verdade, ela queria que fosse surpresa. — Ele abriu os lábios em um largo sorriso e levantou os ombros exageradamente — Então nós pedimos para a médica escrever em uma folha e colocar no envelope. Abriremos o envelope no chá e veremos quem acertou nas apostas.

— Estão fazendo apostas? — Soltei as palavras em um riso engasgado.

— Cara, esse é todo o propósito da festa. — Deu um leve tapa em meu braço — Então, você vai? Será na sexta às oito horas.

De repente senti a ansiedade voltar a tomar conta de mim. Espalmei o peito e inspirei fundo antes de responder.

— P-posso levar alguém comigo?

A porta se abriu no instante em que as palavras saíam por meus lábios.

— Claro que pode! — A voz era tão animada que chegava a ser estridente — Quem você vai levar? Ai, diga que é quem eu estou pensando! Senão, não, não leve ninguém!

Carol se aproximou e pela primeira vez notei as mudanças em sua forma. Ela usava um vestido de tecido leve que se ajustava em seu corpo, acentuando a barriga já evidente. Ainda não era tão grande, mas agora se podia perceber a gravidez.

Ela se pôs ao lado do marido que a abrigou em seus braços e pousou as mãos no ventre dela.

— Não sei a quem você está se referindo, Carol, mas eu vou com a Nora. E se ela não for bem-vinda em sua festa então eu prefiro não ir.

Ela arfou como se não estivesse esperando por aquela resposta.

— Átila! — Rick protestou, como se eu estivesse errado em defender a *minha* mulher.

Carol se desvencilhou do abraço e deu um passo à frente. A expressão sobressaltada em seu rosto se transformando em um sorriso cheio de dentes.

— Até que enfim você tomou juízo — disse me dando um peteleco no estômago — Esperamos por vocês lá em casa!

As suas íris verdes cintilavam tanto que por um segundo me perguntei se ela estava prestes a chorar. Então ela abanou o rosto e começou a rir, deixando-me atordoado com as mudanças de humor.

— Ai, esses hormônios! — Piscou algumas vezes e apoiou as costas no marido que beijou o topo de sua cabeça e voltou a abraçá-la. — Vamos, amor? Estou com fome.

— Ainda está com desejo de torta de maçã? — Rick sussurrou ao pé do ouvido da esposa.

De repente um barulho alto de estômago roncando reverberou pelo escritório.

— Você ouviu o bebê! Queremos torta!

Continuei em silêncio e os observei indo embora. Estavam tão absortos um ao outro que sequer se despediram de mim.

Não notaram a minha reação.

Tão logo eles sumiram corredor afora eu finalmente preenchi os pulmões de ar.

Caminhei lentamente até a porta e me tranquei. Deixando a testa pender na superfície de madeira, eu esperei as batidas erráticas do coração se

normalizassem antes de voltar ao frigobar e me servir de mais uma cerveja.

Já era tarde e eu precisava daquele tempo sozinho para espairecer antes de dar o dia por encerrado. Eu precisava domar um pouco os meus demônios antes de voltar para casa.

No entanto, quando o meu celular vibrou com a chegada de uma mensagem, o próprio diabo veio me atormentar.

Quando você vem buscar a encomenda?

Só de ler aquilo o pouco de tranquilidade que eu havia recuperado foi embora. A fissura voltou a me dominar, meus músculos se retesaram de forma dolorosa e a agitação tomou conta de todo o meu ser.

Em quinze minutos no estacionamento da Marina.

Digitei com os dedos trepidantes.

Antes mesmo de receber uma resposta eu já estava a caminho, eu tinha certeza de que André estaria esperando no lugar combinado.

A cervejaria era localizada próxima da Marina Verolme, onde tínhamos o nosso bar.

Mas eu não faria a merda de encontrar o meu fornecedor em área de trabalho como da última vez. Aquele era o tipo de comércio que se fazia às escuras.

Poucos minutos depois eu estava estacionando o carro na vaga. Saí batendo a porta com um pouco mais de força do que o necessário e percorri os olhos ao meu redor. André já caminhava em minha direção, passando por entre automóveis sem precisar desviar ou se contorcer por conta da sua figura esbelta.

Não me movi e esperei que ele viesse até mim. Fechei as mãos em

punho e afinei os lábios, detestando o fato de ele estar sorrindo.

Ele sabia o quanto eu odiava aquilo.

O problema é que ele também sabia o quanto eu desejava outra dose.

— Tudo bem, cara? Você parece um pouco travado, mas não por muito tempo se depender de mim. — Seus lábios se rasgaram ainda mais em um sorriso cínico.

Inspirei fundo pelas narinas, tentando conter a vontade de socar aqueles dentes artificialmente brancos.

Para quem não conhecia o André, era difícil imaginar o que ele realmente fazia. Ele era bem discreto e se arrumava impecavelmente bem. Naquele momento usava uma camisa social *slim* por baixo de um blazer, óculos *aviador* escondiam seus olhos injetados, calças jeans escuras e sapatos sociais marrons completavam o visual.

Discrição era a única coisa que eu admirava naquele babaca. Por incrível que pareça, eu confiava nele.

Uma de suas mãos sumiu por dentro do blazer, buscando por minha mercadoria dentro de um dos bolsos ali embutido.

Quando vi a quantidade de sacolinhas que ele tentou me passar eu engoli em seco.

— Não preciso disso tudo. Eu avisei que estou diminuindo a dose, porra! Vou parar. — Afundei os dedos no cabelo, puxando os fios para trás de forma bruta.

O sorriso morreu em seus lábios finos e uma expressão séria tomou conta de seu rosto.

— Átila, não é a primeira vez que você me diz isso. — Suspirou,

voltando a esconder a mão por dentro da roupa — Sabe que não dá para diminuir assim de uma vez, tem que ir aos poucos. Ou então vai passar mal, cara. Confia em mim.

— *Damn it!* — sibilei entre os dentes — Eu já venho diminuindo as gramas que uso por dia, eu sei o que estou fazendo!

Aproximei o meu rosto do dele de forma ameaçadora, sentindo a raiva queimar nas veias.

Também sentia um pouco de medo.

Medo de cair na tentação.

Por isso eu precisava que ele me desse logo a porra da quantidade que pedi e fosse embora.

— Tranquilo, Thor. — Se inclinou para trás elegantemente, sem transparecer estar intimidado e voltou a sorrir — Você é quem manda. Se precisar de mais, sabe como me encontrar.

Puxou meu braço e me abraçou de lado. Com aquele gesto eu pude pegar de sua mão a encomenda de forma imperceptível.

Então fui embora sem trocar nenhuma outra palavra.

O novo peso que carregava no bolso não se comparava com o peso colossal na minha consciência.

8 anos atrás.

Sentei na cama, acomodando as costas na cabeceira coberta de travesseiros e soltando um suspiro trêmulo. Apoiei o notebook no colo, os calcanhares cruzados e os dedos tamborilando no colchão enquanto aguardava.

Meus olhos se voltaram para o relógio digital pela milésima vez, confirmando ser de fato nove da noite em São Paulo.

Lá em Nova York era oito horas, o horário combinado.

A qualquer momento ela ficaria online.

O meu coração já saltava no peito, tamanha era a ansiedade.

Aquela saudade estava me corroendo e as mensagens de texto que trocávamos não eram o bastante. Por isso tentávamos nos ver por vídeo chamadas sempre que podíamos, tarefa um pouco difícil diante dos seus trabalhos imprevisíveis e da minha grade curricular da faculdade.

Lia se mudou para os Estados Unidos em busca do seu sonho há cinco meses, estávamos em junho, dia 15 para ser preciso. Exata uma semana antes do meu aniversário de vinte anos.

Eu precisava vê-la antes de sua viagem à Milão em cinco dias, depois disso seria quase impossível nos comunicarmos, ao menos até ela retornar à Nova York no mês seguinte.

Aquela era na noite a qual comemoraríamos o meu aniversário, eu a queria de presente, ainda que virtualmente. Precisava ouvir sua voz e olhar em seus olhos doces. Também gostaria de ler o novo poema que fiz para ela.

Parecia que a dor de sua falta inspirava o meu lado poético, nunca

proferi tanto os meus sentimentos através das palavras como ultimamente.

Eu era um romântico, confesso.

E Lia era cada frase. Cada palavra de cada verso. Ela era a minha musa.

Escutei o som de duas batidas antes de ver a figura alta adentrar o meu aposento.

— Tem certeza de que não quer vir? — Rick perguntou na penumbra que se encontrava o meu quarto.

A luz que vinha da sala iluminava o seu rosto, e eu pude discernir as linhas tênues se formando em meio às sobrancelhas e os lábios se comprimindo. Os olhos escuros me inspecionavam com cuidado antes de se voltarem para o objeto em meu colo. E então escutei o ar sair de suas narinas em forma de um suspiro.

— Hoje não vai rolar, Rick. Vou passar a noite com Rosália.

Meu amigo elevou um ombro como se dissesse para si mesmo que tentou. Então deu um passo para trás, mas antes de ir embora disse:

— A festa na república deve rolar até de madrugada, se mudar de ideia passe por lá. — Neguei com a cabeça, mas ele continuou — O pessoal organizou pensando em você, sabia?

— Como assim, cara? — Ajeitei-me na cama, ficando mais ereto, e levantei uma sobrancelha em direção ao Rick.

— Nossos amigos sabem que seu niver tá chegando. Acharam melhor comemorar hoje, antes das provas começarem. — Ele encolheu os ombros e sua expressão se tornou mais sóbria — Era para ser surpresa, mas você não facilita as coisas.

— Fuck... — murmurei enquanto balançava a cabeça — Você deveria ter me contado antes, sabe que as coisas são complicadas para mim.

— A coisas não são complicadas, Átila... — Segurou a maçaneta da porta atrás de si e deu outro passo em direção ao corredor — Você é quem complica as coisas.

— O que quer dizer com isso? — retruquei um pouco agressivo, eu odiava quando ele fazia aquilo. Quando tentava colocar defeito no meu relacionamento.

Ele desviou o olhar, baixando a cabeça ao se virar de costas.

— Esquece. Depois a gente conversa — disse já sumindo em direção à sala.

Soquei o colchão e voltei a conferir as horas. Ela estava meia hora atrasada.

Decidi enviar uma mensagem SMS para o seu celular, talvez a internet dela estivesse ruim e ela não tivesse conseguido se conectar ao Skype.

Oi, flor. Estou à sua espera. Está tudo bem?

Levantei-me e passei a caminhar de um lado para o outro pelo pequeno quarto. Com os olhos fixos na tela do aparelho e com os ouvidos atentos ao som de alerta do Skype. Passaram-se quinze minutos e não recebi uma resposta, tampouco ela ficou online.

Já aflito, decidi fazer a ligação internacional e só me preocupar com a conta estratosférica que eu receberia depois.

— Hey! — atendeu no quarto toque. Mal pude compreender suas palavras abafadas pelo barulho pulsante de música ao fundo e por vozes. — Calma, baby. Vou achar um lugar melhor para te escutar.

— Lia? Onde você está? — perguntei, mas ela não respondeu. Aos poucos os sons foram se dissipando e então distingui o barulho de uma porta se fechando.

— Prontinho! Estou no banheiro, aqui não tem tanto barulho.

Precisei respirar fundo. Espalmando uma mão sobre peito eu forcei uma voz calma e tentei novamente.

— Lia, onde você está?

— Baby... — Ela sussurrou hesitante — Surgiu um ensaio fotográfico em cima da hora e todos os modelos foram convidados para uma after party.

Fechei os olhos com força, reprimindo as lágrimas que tentavam brotar.

— Você se esqueceu sobre a nossa chamada? Poderia ter me avisado, a gente marcava outro dia.

— Claro que não esqueci! Eu estava prestes a voltar para o apartamento, o clube fica pertinho...

Mordi o lábio inferior enquanto balançava a cabeça em negativa.

— Rosália, tínhamos combinado de nos ver há quase uma hora — murmurei com a voz embargada.

Eu não gostava de ser tão sentimental a ponto de chorar, mas pensei que aquela noite seria especial. Era para ser a comemoração do meu aniversário e ela havia esquecido.

— Átila, do que está falando? Marcamos de nos falar às nove horas, ainda faltam uns quinze minutos. — Soltou uma lufada de ar — E, por favor, sabe que eu prefiro que me chame de Lia. Odeio o meu nome de velha.

— Amor, só porque é o mesmo nome de sua avó não quer dizer que é

nome de velha! — Não contive o sorriso. Ela não havia esquecido, afinal. — Devo ter me confundido, minha flor. Desculpa, achei que tínhamos marcado para as nove do meu fuso horário.

— Tudo bem, baby... Mas já que nos falamos agora, será que posso continuar na festa? Tem tanta gente importante aqui, Átila! É uma ótima oportunidade para conseguir outros trabalhos.

— Eu queria tanto te ver...

— Baby, eu prometo te recompensar! Por favor! A gente pode remarcar para amanhã à noite?

Voltei a espalmar o peito e assenti. Então, percebendo que ela não podia me ver, eu respondi com palavras.

— Ok, a gente se vê amanhã.

— Obrigada, baby! Te amo! — Ela fez sons de beijos — Estou te enviando um presentinho agora, confira suas mensagens. Tchau!

Ela encerrou a ligação. Eu ainda estava com o celular de encontro à orelha quando ele vibrou com a chegada de uma nova mensagem, fazendo cócegas no meu rosto.

Olhei para a tela e me deparei com uma foto de Lia. Era uma selfie dela fazendo biquinho. Os olhos semicerrados de forma sensual me fitavam e eu podia ver o decote que revelava boa parte dos seus seios perfeitos.

Um ciúme tomou conta de mim naquele instante.

Ela estava linda e nem ao menos pude vê-la direito!

Eu não estava lá com ela!

Outros homens estavam!

Fuck!

Com o coração descontrolado e respiração ofegante eu joguei o celular para longe.

Por sorte ele caiu em cima da cama, quicando algumas vezes até jazer em meio aos travesseiros.

Mergulhei os dedos nos cabelos e inspirei fundo. Então caminhei até o meu leito, resgatando o aparelho e ligando para a única pessoa capaz de me acalmar.

— Rick? Será que aquela festa ainda está de pé? — disse tão logo ele atendeu.

— Cara, estão perguntando por você desde que cheguei! Vem logo, antes que a cerveja acabe!

Daquela vez eu ri.

Se dependesse de mim a cerveja nunca acabaria! Ou eu não me chamava Átila Douglass!

A noite passou regada à bebida e amigos. A maioria das pessoas era da nossa turma de engenharia de produção, outras eu conhecia da república onde nosso amigo Fábio morava. Os poucos que eu não conhecia eram amigos de amigos ou cursavam em outro campus.

No entanto, eu não estava no clima de festa. Passei o resto da noite virando uma garrafa atrás da outra e evitando conversa com todo mundo que vinha falar comigo. A única pessoa com quem eu interagi foi Rick.

— O que você quis dizer com aquilo, Rick? — perguntei com a voz arrastada. A língua parecia estar ficando dormente e os olhos estavam enevoados.

Estávamos sentados em um dos sofás na ampla sala da república, a música já havia parado de tocar há horas. O restante de pessoas que continuaram na festa já estava se despedindo ou jazia apagados pelos cantos.

— O quê? — Ele inclinou a cabeça para o lado — do que está falando?

— Lá em casa, antes de sair... — Apontei o dedo em sua direção — você disse que eu complico as coisas.

— Átila... — Esfregou o rosto e bufou — estamos bêbados demais para falar sobre isso.

— Eu quero falar sobre isso agora! Quero saber o que posso fazer para melhorar. — Funguei, e só então percebi que estava chorando — Não sei o que estou fazendo de errado...

— Irmão... — Ele segurou meus ombros e me olhou fundo nos olhos — Você não faz nada de errado e esse é o problema.

Franzi o cenho, sem compreender. Mas, antes que eu retrucasse, Rick logo completou:

— Sempre haverá momentos em um relacionamento onde o casal terá que ceder. Ambas as partes, Átila. É assim que funciona. Se vocês se amam, vão ter de ceder a fim de deixar o outro feliz.

— E o que isso tem haver com o que disse?

Rick me soltou, afastando-se com o semblante subitamente circunspecto.

— Você cede demais.

Um riso escapou dos meus lábios.

— Isso prova o quanto eu a amo. Qual é o problema?

Meu amigo frisou os lábios e negou levemente com a cabeça.

— O problema, Átila, é que Lia nunca cedeu. Nem uma vez sequer.

Suas palavras doeram como um soco no estômago. Afastei-me e me levantei trôpego demais, caindo de volta no assento.

— Isso não é verdade... — murmurei — Eu não me importo em fazer tudo por ela, isso não quer dizer que ela não faria por mim. Na verdade, Rick, eu é quem não a deixo ceder. Quero ver a felicidade dela.

Ele assentiu, desviando o olhar.

— Exatamente. Você é quem complica as coisas. Poderia ter aproveitado melhor essa noite se, ao menos uma vez, não cedesse tanto.

— Eu já disse que não me importo! — Voltei a me levantar, com cuidado daquela vez — Rick, você não entende porque nunca amou ninguém. Não sabe do que está falando.

— Posso ter uma ideia... — sussurrou — Existem vários tipos de amor, Átila. Não só o romântico.

Naquela mesma madrugada eu adentrei o meu quarto cambaleante. Liguei o notebook e comprei a primeira passagem para Nova York, com desembarque para as dez daquela manhã. Eu chegaria lá às onze da noite.

O meu pai me arrancaria as bolas quando soubesse que usei o cartão de crédito para emergências, mas eu me preocuparia com aquilo depois. O problema não era dinheiro, meus pais tinham de sobra, mas eu ainda dependia da autorização deles.

Tomei um banho rápido e me arrumei.

Não tive tempo de fazer mala alguma, eu iria com a roupa do corpo.

Só precisava de um tempo com ela. Eu precisava apagar os sentimentos indesejados que brotaram naquela noite, me fazendo duvidar de nós e do nosso amor.

Tentei me hidratar bebendo bastante água, engolindo logo um comprimido para dor de cabeça a fim de diminuir a ressaca iminente. O táxi veio me buscar em poucos minutos e logo eu estava embarcando à caminho do aeroporto LaGuardia em Manhattan.

Consegui recuperar o sono no avião durante a longa viagem e, por isso, cheguei preparado na cidade que nunca dorme.

A primeira coisa que fiz foi ligar para Lia. Eu esperava encontrá-la em seu apartamento e passar a noite a sós em seu quarto, matando a saudade da melhor forma que fazemos. Mas, infelizmente, ela estava em um clube com amigos de sua agência. Portanto, rumei ao novo endereço onde ela me esperava.

Não foi difícil de achá-la. Eu a reconheceria em qualquer lugar, mesmo em meio à multidão.

— Oi, flor. — A abracei por trás, murmurando em seu ouvido.

— Baby! — Ela levantou a cabeça e me lançou um sorriso largo — O que deu em você? Pensei que só nos veríamos quando eu voltasse de Milão!

— Estava morrendo de saudades, não aguentei esperar...

— Então esse é o Átila! — Uma mulher muito magra e da mesma altura de Lia me encarava com olhos semicerrados e um sorriso torto — Nossa, Lia, você não me contou como ele era gostoso! Poderia ser modelo!

O inglês da mulher tinha um sotaque pesado. E, notando melhor suas feições, percebi os traços indianos. Longos cabelos negros e lisos, pele tom de oliva escuro e grandes olhos castanhos adornados por longos cílios.

— Essa é a Asha, a amiga com quem divido o apartamento. — Lia apresentou, afastando-se de meus braços para que eu pudesse cumprimentar melhor a moça.

Houve outras apresentações, incluindo alguns homens. Tentei conter a crise de ciúme que se apoderava de mim toda vez que eu pegava um deles olhando para Lia.

Porra, eu não via a hora de sairmos dali, eu a queria só para mim!

O tempo era precioso, eu voltaria para o Brasil na noite seguinte. Não podia perder as provas finais daquele semestre.

Bebi demais pela segunda noite consecutiva e, quando finalmente Lia decidiu ir embora, as coisas que saíam pela minha boca eram sem filtro.

Eu dizia o quanto sentia sua falta. Recitava poemas. Clamava o quanto precisava tê-la e consumi-la. O quanto eu necessitava prová-la e me enterrar nela.

Eu estava tão ébrio de saudades e de bebida que mal notei a presença de Asha no táxi.

— Lia, ele realmente é um doce... — A amiga disse entre risadas.

Rosália pôs-se a rir também, colando um dedo sobre a boca.

— Shiu... — Minha namorada tentou silenciar Asha, mas as duas voltaram a cair na gargalhada.

Joguei algumas notas para o motorista ao chegarmos no prédio e carreguei Lia no colo, deixando Asha para trás na portaria. Mal entramos no apartamento e já estávamos praticamente nus, caminhamos aos beijos até o seu quarto e nos trancamos lá dentro.

Ficamos acordados, assim como a cidade, enquanto nos

redescobrimos um no outro. Nossos gemidos reverberavam pelo minúsculo aposento e só cessaram ao raiar do novo dia.

Acordei entrelaçado ao seu corpo no início da tarde e me levantei com cuidado para não acordá-la.

O apartamento estava em silêncio, não havia sinal de Asha. Ou ela dormia no outro quarto ou tinha saído. De qualquer forma, resolvi comprar três bebidas na cafeteria e pretzels o bastante caso a amiga de Lia estivesse lá.

Ao retornar coloquei o café da manhã no pequeno balcão que dividia a cozinha da sala. O barulho deve ter acordado a moça que saiu de seu cômodo com o rosto inchado de sono. Lia, por enquanto, continuava a dormir.

— O que trouxe para a gente? — perguntou enquanto vinha bisbilhotar o pacote que continha os delicatéssens.

— Pretzels e frappuccinos — respondi já em meio a mordidas.

A mulher torceu o nariz e balançou a cabeça.

— Você sabe que Lia não gosta de coisas muito doces, não é? Ela se enjoa fácil... — Pegou sua bebida, rejeitando o resto. Então voltou para o seu quarto.

— De nada — eu disse sarcástico e revirei os olhos.

Arrumei uma bandeja para levar o café na cama do meu amor e a acordei com beijos.

Poucas horas depois Lia me acompanhou ao aeroporto, meu coração bateu mais tranquilo quando, ao nos despedirmos, ela disse que me amava. Estávamos bem, afinal.

Capítulo 28



Havia algo de diferente em Átila. Ultimamente parecia mais inquieto, sôfrego, e isso refletia no sexo. Ele me possuía com uma urgência abrasadora. Como se cada momento fosse raro. Como se ele tivesse medo de que nosso tempo acabasse.

De início eu amava a sua avidez e correspondia com a mesma intensidade, expressando o desejo arrebatador que sentia por ele.

No entanto, com o passar dos dias, percebi certa angústia em seus gestos. E não pude deixar de me sentir aflita, eu precisava saber o que se passava em sua cabeça.

E, principalmente, eu precisava saber sobre seus pesadelos que voltaram a atormentá-lo na madrugada.

— Átila — disse ofegante, acariciando suas costas largas com as pontas dos meus dedos.

Nossos corpos suados ainda estavam unidos. Átila se apoiava nos cotovelos, afundando o rosto em meu pescoço e me sorvendo a cada inspiração. Embalava-me em seu calor enquanto me mantinha segura em seus

braços, deslizando os dedos em meus cabelos e os puxando de leve a cada espasmo de prazer.

Eu sabia o quanto ele ainda precisava de mim. Sentia o seu membro pulsando e crescendo entre as minhas pernas, arrancando-me um suspiro de deleite.

A sensação de tê-lo sem barreiras era indescritível!

Tudo era mais intenso. Mais prazeroso. Extasiante.

Por isso, quando Átila respondeu com um murmúrio ao pé do ouvido, fiquei um pouco atordoada. Eu estava tão embriagada nas sensações que quase me esqueci do motivo de ter chamado por seu nome.

Resvalei as mãos do início das suas costas até a nuca e, segurando-o com cuidado, eu o puxei até prender meu olhar ao seu. Sua respiração morna afagava meu rosto, e precisei de bastante concentração para não me render à vontade de tê-lo novamente.

— Calma — sussurrei ao senti-lo se empurrando contra mim, buscando por meus lábios vorazmente. — Eu não vou a lugar algum...

— Promete? — perguntou com a voz rouca, colando novamente sua boca na minha antes de se afastar procurando por meus olhos — Eu preciso saber, bela...

Uni as sobrancelhas, surpresa ao notar desespero em suas palavras.

— Átila... — O empurrei de leve, fazendo-o se sentar relutante. Aninhei-me em seu colo e abriguei o seu rosto em minhas mãos, encostando a minha testa na dele — Prometo que ficarei até quando você me permitir.

Seus lábios se curvaram em um leve sorriso, e suspirou de encontro aos meus.

— Então, se depende de mim, ficará comigo para sempre. — Enroscou os braços em minha cintura, reivindicando minha boca em um beijo ardente.

Sua língua cálida valsava com a minha em uma melodia apaixonante. E eu me deixava ser conduzida, acompanhando cada compasso de sua coreografia.

Desatamo-nos em busca de ar, meus seios se pressionavam arfantes de encontro ao peitoral musculoso do Átila. E, quando enfim tomei fôlego, lembrei-me do que eu tinha de falar com ele antes.

— Precisamos nos arrumar — assoprei baixinho — já estamos atrasados.

Ele grunhiu, apertando o abraço e me aprisionando nele quando tentei me desvencilhar.

— Só mais alguns minutos... — suplicou, esfregando o nariz no contorno do meu pescoço.

Um riso brotou em minha garganta e precisei agarrar seus cabelos com um pouco mais de força, a fim de fazê-lo se afastar.

— Já disse isso faz uma hora, Átila! Precisamos correr se quisermos chegar lá a tempo.

Átila se levantou em um rompante e me carregou no ombro, batendo em meu bumbum e me arrancando um gritinho.

— Então venha — dessa vez ele mordiscou meu traseiro, sua barba roçando em minha pele de forma deliciosa me fazendo suspirar — se a gente tomar banho junto economiza tempo e eu consigo esses minutos a mais dentro de você...

***

O relógio no painel do carro marcava oito e quarenta da noite. Estávamos quarenta minutos atrasados para o chá de revelação. Não bastava eu estar nervosa por encontrar oficialmente os amigos de Átila, meu corpo tremia de ansiedade por saber que seríamos os últimos a chegar. Chamaríamos mais atenção do que eu gostaria.

Átila manobrou, saindo da estrada principal e adentrando a rua de em um lindo condomínio de casas em Angra dos Reis. Meus olhos varreram o local, admirando os imóveis à beira-mar quando enfim chegamos. Era noite de lua cheia e seu reflexo tremeluzia nas águas escuras do oceano. Eu não conseguia ver nitidamente, mas sabia que ao horizonte estavam as lindas montanhas da Serra do Mar.

Não havia mais espaço na garagem privativa da casa, por isso, tivemos de estacionar na estreita rua a alguns metros da entrada. Senti a mão morna de Átila apertar minha coxa e, ao fitá-lo, encontrei seu olhar fixo ao volante. O motor já estava desligado, mas Átila não demonstrava sinais de que sairia do carro.

— Está tudo bem? — Toquei levemente em seu rosto. Ele fechou os olhos e se aconchegou mais contra mim, soltando o ar pelos lábios antes de se virar e beijar a minha palma.

— Sim. Vamos lá. — Saiu e deu a volta para abrir a minha porta, auxiliando-me a sair como um bom cavalheiro.

Eu poderia me acostumar com aquilo...

O portão basculante branco estava aberto, dando passagem para um pátio com piso revestido em pedras São Tomé e um amplo jardim. Havia meia dúzia de carros ali. O ambiente era iluminado por arandelas fixas nos muros pintados de branco. Logo à frente ficava a casa, também na cor branca, com uma ampla porta de vidro, colunas toscanas adornando a varanda, e telhado

colonial.

Atila entrelaçou seus dedos aos meus e então caminhamos juntos em direção à porta. Seguimos os barulhos de risos, atravessando a sala até os fundos da casa e nos deparando com o deque que tinha a vista para o mar.

— Chegaram bem na hora! — Alguém exclamou e, quando percebi, já estava sendo embalada pelos braços finos da Carol.

Ela usava um cropped de renda creme, deixando a barriga arredondada à mostra, e uma maxi saia azul que quase arrastava ao chão.

Ao me abraçar o seu ventre pressionou o meu e eu jurei ter sentido o chute do bebê contra minha pele.

— O bebê acabou de... — comecei a dizer, mas fui interrompida por ela e sua animação.

— Chutar! — Se afastou, pegando a minha mão e a pousando em sua barriga. Então aconteceu de novo, era bem de leve como pequeninos espasmos musculares, mas dava para sentir.

Abri um sorriso largo e me virei para o Átila que observava a cena com um olhar distante. Rick então apareceu, roubando sua atenção ao envolvê-lo em um abraço lateral.

— Estou feliz que esteja aqui, cara — o moreno murmurou, batendo forte no ombro do amigo.

— As apostas ainda estão de pé? — Átila perguntou e, ao passar os olhos pelas roupas do Rick, começou a rir. — Você também acha que é uma menina? Eu tô apostando em uma garota!

Rick vestia uma camisa social rosa bebê. As mangas enroladas na altura do antebraço e os primeiros botões soltos evidenciavam o seu corpo forte.

— Irmão, vamos ganhar essa fácil... — Rick sussurrou alto de propósito, fazendo a Carol revirar os olhos e alargar o sorriso.

— Homens! — disse ela. Pegou em minha mão e me afastou deles. Levando-me até o grupo de pessoas ali no deque, ela me apresentou à sua família e amigos.

Havia uma mesa grande revestida por uma longa toalha branca. Ela estava decorada por *cupcakes* azuis e rosas e balões infláveis com as mesmas cores.

Centralizado na mesa estava um bolo branco de dois andares, adornado por dois sapatinhos de bebê, cada um de uma cor. E em frente ao bolo havia um envelope lilás lacrado por um adesivo em forma de interrogação.

Minha atenção foi desviada da mesa para a pessoa atrás de mim. Átila circundou minha cintura e beijou o topo da minha cabeça. Ele parecia querer ficar ao meu lado o tempo todo. Percebi pela forma como me apertava contra si e o pelo ritmo acelerado dos seus batimentos cardíacos que ele estava agitado com algo.

Talvez se sentisse ansioso em eventos como esse?

— Carol, você está grávida de quanto tempo? — perguntei para a moça ao meu lado que bebia uma taça de suco de maçã, enquanto eu bebericava do champanhe. Estávamos celebrando a vida afinal de contas.

— Vinte e uma semanas — respondeu o Rick, pois Carol estava virando o cálice no instante da pergunta.

— Já decidiram os nomes? — escapuliu-me outra pergunta. Eu precisava me controlar para não ser a chata que fica querendo saber de tudo. Mas logo em seguida outras palavras saíam pela minha boca — E vocês se importam mesmo com o sexo do bebê? Essas coisas a gente não tem controle...

Átila mergulhou a cabeça em meus cabelos e eu pude sentir a sua respiração arfante me assoprando. Ele estava me usando para abafar o riso!

E ele estava rindo de mim!

Dei um peteleco em sua mão que me pressionava firme ao seu corpo. Mas a verdade é que eu fiquei feliz em vê-lo se abrir aos poucos comigo e os amigos.

— Victor se for menino e Victoria se for menina — O moreno disse, beijando a bochecha da esposa logo em seguida.

— A gente não se importa de verdade, mas é legal brincar um pouco de tentar adivinhar. — Carol emendou, derretendo-se nos braços do marido.

Rick olhou para mim e para o Átila e piscou, um sorriso travesso brincando em seus lábios.

— Ela não acredita em mim quando digo que é uma menina... — murmurou ele, balançando a cabeça.

— Como você tanta certeza, cara? — Átila levantou uma sobrancelha, divertido com o comportamento do amigo.

Rick suspirou profundamente, ponderando se contava ou não o seu segredo. Por fim ele assentiu, encolhendo os ombros e desferindo outro beijo demorado no rosto da esposa.

— Tudo bem, eu digo! — Afastou a Carol em seus braços, olhando fundo em seus olhos — Tia Blenda me ligou assim que descobrimos a gravidez, ela disse que sonhou comigo segurando uma menina no colo. E você sabe que tia Blenda nunca erra...

— Minha mãe te ligou? — Átila perguntou surpreso — Vocês têm se falado?

— É claro que sim, cara. Ela sempre foi como uma segunda mãe para mim.

Observei a conversa silenciosa que os dois estavam tendo através dos olhares. Então voltei minha atenção para Carol, ela elevou um dos cantos da boca em um sorriso melancólico por um instante e então mudou sua expressão para uma mais alegre.

— Ok, garotos. Vocês venceram. É uma menina, nem precisamos conferir o envelope!

— Espere, como assim? — perguntei confusa.

Átila então colou os lábios ao pé do meu ouvido e murmurou:

— Nora, a minha mãe é... Como posso explicar? — Acariciou meus cabelos lentamente, como se estivesse distraído, buscando pelas palavras certas — Ela é sensitiva, consegue sentir ou prever algumas coisas. Mamãe costuma dizer que é descendente Celta e, por isso, um pouco de magia corre em suas veias.

— Sério?! — Virei-me em seus braços, encontrando a verdade em sua expressão sincera — Pelos deuses, Átila! Que coisa maravilhosa! Um dia gostaria de conhecê-la... — Fechei a boca de supetão, percebendo tarde demais o quanto eu parecia gananciosa.

E se ele não quisesse que eu a conhecesse?

— Um dia, bela. — Sussurrou ao pé do ouvido, jogando fora os meus receios.

Não muito tempo depois o envelope foi aberto, confirmando sim se tratar de uma menina. Rick soltou um urro de vitória e se ajoelhou para beijar o ventre da esposa.

Já estava ficando tarde e as pessoas começaram a se despedir para ir embora, restando somente Átila e eu.

Os homens começaram a juntar e retirar os lixos, levando os sacos para fora enquanto eu ajudava a Carol a guardar as sobras de comida no refrigerador.

— Carol, posso te fazer uma pergunta?

Coloquei a última vasilha dentro da geladeira e me virei, ficando de frente à moça que acabara de se sentar em uma das cadeiras dispostas no balcão.

— Claro, Nora! — ela respondeu espontânea, mas, ao perceber minha hesitação, assentiu e gesticulou para que eu me aproximasse.

Pus-me ao seu lado, conferindo rapidamente o corredor vazio. Não queria que os meninos me ouvissem.

— Você acha estranha ou errada a minha relação com o Átila? — Inspirei fundo e continuei — Seja sincera, por favor.

Carol franziu o cenho, inclinando a cabeça para o lado e pegando as minhas mãos nas suas.

— Por que me pergunta isso? O que eu poderia achar de errado?

Soltei o ar pelos lábios e sorri trepidante, sentindo-me tola e vulnerável. Não entendia aquela ligação que sentia por Carol, como se eu pudesse confiar nela. Como se eu a conhece de outros tempos.

— Eu sou a empregada... — desviei os olhos para o chão — As pessoas podem pensar que estou me aproveitando dele, ou que ele pode estar se aproveitando da minha posição para ter o que quiser de mim.

— Não seja boba, querida. — Ela apertou os meus dedos de forma

acolhedora, fazendo-me voltar a fitar seu rosto — As pessoas não devem ser estimadas pelo que fazem ou pelo número que têm na conta do banco. Nada disso tem relevância para os assuntos do coração.

Um pequeno riso brotou na minha garganta, e apertei os seus dedos em agradecimento. Eu não conseguiria formular palavras naquele momento.

— Além do mais, você sabe como eu e Rick nos conhecemos?

Balancei a cabeça em negativa ao que Carol levantou as sobrancelhas e abriu um lindo sorriso.

— Eu fui contratada para ser a sua assistente na fábrica — sussurrou em segredo — E você acha que eu me importei em ser ou não a empregada dele? — Piscou antes de olhar apaixonada para um ponto atrás de mim.

— Do que vocês estão falando? — Rick perguntou risonho, aproximando-se da gente e estalando um beijo nos lábios da esposa.

— Ah, querido! Eu estava dizendo para Nora como a gente precisa passar mais tempo juntas. Vamos marcar algo logo, antes que Victoria nasça e roube todo o nosso tempo e vida social.

— Por que vocês não passam lá em casa amanhã? — Átila entrou na conversa, apoiando suas mãos enormes em meus ombros — Eu estava mesmo pensando em levar Nora para um passeio no iate.

— Cara, você leu meus pensamentos! Comentei ainda hoje com Carol que fazia um tempo que não passeamos nele.

Meu queixo caiu.

— Vocês dois têm um iate?

Rick assentiu, mas Átila negou com a cabeça.

— Na verdade é uma lancha luxuosa, mas quando a compramos éramos

novos e ingênuos. Então sempre a chamamos de iate.

— Verdade, lembro-me de quando surgiu a ideia. A gente tinha começado a lucrar bastante com a fábrica e o dinheiro mexeu com a nossa cabeça. Mal tínhamos acabado de pagar por nossas casas, então juntamos grana e compramos a lancha juntos.

— Então *tá* combinado?

— Combinado! — Carol e Rick responderam em uníssono.

***

Sábado amanheceu com o céu limpo e a brisa do oceano refrescando o tempo quente. Eu deveria ter voltado para casa, mas ontem à noite eu mal pensei sobre isso. No entanto, ao chegarmos à mansão, lembrei-me de como a minha mãe precisava de mim e me arrependi.

Átila tentou me acalmar, dizendo que recompensaria esse tempo com ela. Pegou o celular e ligou para dona Leide, e eu não pude conter um riso histérico quando o ouvi convidando minha família para passar o carnaval aqui na Ilha.

Logo em seguida ele me pediu para entrar em contato com Larissa, e se propôs a pagá-la para que cuidasse de mamãe hoje. Também pediu para chamá-la a passar o feriado na mansão.

Eu estava terminando de vestir a saída de praia por cima do meu biquíni quando Átila me agarrou por trás.

— Eles chegaram, bela — Mordiscou minha orelha — Está trazendo o protetor solar? O sol está forte lá fora.

— Sim... — gemi ao sentir sua boca resvalar a pele da minha nuca, arrepiando meus pelos e aquecendo o ponto entre as minhas pernas.

Quase caí quando ele me soltou, sentindo as pernas vacilarem com a perda do seu contato. Ele encaixou o meu braço ao seu e pegou a minha bolsa em cima da cama, conduzindo-me em seguida para o cais.

Lá estava atracada uma imponente lancha branca. Carol acenava da popa, vestindo somente um *shorts* branco e o top do biquíni de crochê. Rick estava no volante localizado no *cockpit,* eu só conseguia ver o vulto dele através do vidro fumê.

Ao entrar na lancha notei ser bem maior por dentro do que eu imaginava. Átila se juntou ao Rick e Carol se encarregou de me mostrar todo o ambiente.

Na popa da embarcação havia um pequeno espaço gourmet, chuveiro e uma escada em aço inox para quem quisesse se aventurar nas águas cristalinas. Uma porta de vidro de correr separava a parte interna, que consistia em um salão e cozinha com estofamento branco e móveis laminados. Fiquei pasma ao descer a escada da proa que dava para a suíte da embarcação, onde ficava uma cama de casal e o banheiro.

— Nossa, eu morava aqui de boa! — exclamei, deitando-me na cama para testar a maciez do colchão.

— Foi o que eu disse quando entrei aqui pela primeira vez — Carol disse, apoiando um joelho na beirada da cama.

— Para onde será que eles estão nos levando?

Levantei-me preguiçosa, querendo curtir um pouco mais do conforto.

— Rick comentou sobre ficarmos na Praia do Aventureiro. Lá é lindo, a gente pode aproveitar o mar e o sol enquanto os homens preparam o almoço.

E foi o que fizemos, passamos o dia desfrutando do sol e do frescor do mar. Átila apareceu à proa, trazendo o frasco do protetor solar e espalhando

uma boa camada em minha pele alva. O cheiro de comida nos foi levado pelo vento e logo se pôde ouvir o ronco vindo da barriga de Carol.

Comemos salada de macarrão e os hambúrgueres preparados na grelha, sem pressa alguma. E quando o sol começou a descer no horizonte, pincelando o céu e o mar com seus raios alaranjados, resolvemos voltar.

A primeira coisa que fizemos ao chegarmos à mansão foi tomar um banho. Decidimos então aproveitar da noite estrelada no jardim, saboreando vinho e fondue de queijo. Carol, no entanto, desfrutou de um suco de uva.

Nunca conversei com tanta facilidade em companhia de outros, com exceção de Lari é claro. Naquele momento, testemunhei o nascimento e fortalecimento de uma grande amizade.

— Já volto — Átila se levantou da cadeira, depositando um breve beijo na minha bochecha.

Rick o seguiu com o olhar, sua expressão se transformando de alegre para séria em questão de instantes.

Tentei entender o motivo para a sua preocupação e notei que Átila já havia ido ao banheiro umas quatro vezes nas últimas horas.

Será que estava passando mal?

Pedi licença à Carol e rumei até o interior da casa. Vozes vindas da escada chamaram minha atenção e, quando me aproximei, percebi que estavam discutindo.

— ... voltou a fazer isso? Por que diabos não me procurou quando sentiu vontade? Porra, Átila...

O barulho dos meus passos os alertaram da minha presença, e Rick parou de falar abruptamente.

— Está tudo bem? — perguntei hesitante.

Átila assentiu ao que Rick o lançou um olhar melancólico e encolheu os ombros.

— Eu já estava me despedindo, Nora. Está ficando tarde. — Desceu os degraus e beijou minhas faces. — Obrigado por nos receber tão bem, espero poder te ver em breve.

— O-o prazer foi meu. Espere um segundo e já irei me despedir da Carol.

Ele assentiu e sumiu jardim afora.

Voltei os olhos para cima, flagrando Átila com os olhos marejados e esfregando o nariz.

— Átila... — subi os degraus restantes e enrosquei os braços ao seu redor — você está bem?

Fechou as pálpebras com força e me puxou para um abraço apertado.

— Sim, nada com que você precise se preocupar.

As suas palavras, entretanto, não tranquilizaram o meu coração. Ele batia inquieto contra o peito, tentando ser ouvido. Mas eu, como não era descendente Celta nem nada, não soube como era importante seguir o meu instinto e o quanto ele estava certo.

Algo estava errado com Átila.

Capítulo 29



Naquela madrugada de sexta-feira eu acordei com um grito de dor brotando na garganta. Sentei-me num rompante, chutando o lençol para longe do meu corpo pingando de suor. Espalmei o peito dolorido de tanto que o meu coração o espancava e forcei os meus pulmões a trabalharem. Eu estava me afogando em minhas próprias mágoas.

Quando enfim a minha visão clareou e a pressão esmagadora no peito se dissipou, tateei o colchão ao meu lado. Ali estava ela, encolhida no canto da cama. Só de saber que estava ao meu lado eu me senti mais leve e pude respirar melhor.

Voltei a me deitar e me aproximei de sua figura. Mal conseguia enxergar no breu, mas ouvi um farfalhar e notei o seu corpo trêmulo.

— Nora? — minha voz saiu arranhada pela falta de uso. Levei uma mão até suas costas e as afaguei, sentindo os músculos se retesarem ao meu toque.

Sem saber o que estava acontecendo eu me debrucei e acendi o abajur, a luz banhou o seu belo rosto por onde lágrimas deixavam rastros.

Ela gemeu com a claridade repentina e se virou, fitando-me com olhos

espremidos.

— Por que está chorando? — sussurrei, levando um dedo até sua face e resgatando uma gota que escorrera até o seu queixo.

— Por você... — murmurou de volta. Apoiou a cabeça em uma mão e trouxe a outra para o meu rosto.

Senti a ponta de seus dedos deslizaram em minha pele molhada e então percebi.

Também havia lágrimas em meus olhos.

— Com o que sonha, Átila? Por que sofre tanto?

Cerrei as pálpebras e puxei o ar pelos dentes. Eu sabia que esse dia chegaria, mas esperava poder adiar ou evitar explicações.

E, por mais que eu quisesse me abrir com ela, por mais que eu confiasse nela, eu não conseguia. Eu não poderia reviver o passado, ainda não estava pronto para abrir antigas feridas.

Voltei a me sufocar. Submerso por uma onda de pânico eu tentava preencher os pulmões, mas o ar parecia não passar pelas vias respiratórias.

— Shiu... está tudo bem. — Fui acolhido por braços protetores e, ao descansar o rosto em seus seios cálidos, sorvi o seu aroma doce e suave.

Enfim não me afogava mais.

— São figuras do passado... — disse com a voz abafada por sua pele quente — À vezes aparecem para me atormentar.

Ela parou com as carícias que fazia em meu cabelo e senti o seu peito se elevar em um suspiro.

— Quem é Lia? — perguntou baixinho, sem saber como aquele nome

esmagava o meu coração.

— Como você soube desse nome? — Rosnei e afastei a cabeça de seu colo, jogando-me para trás a fim de olhar em seus olhos.

Minha garganta se fechou e eu engoli em seco.

Eu não estava preparado para aquilo, porra! Eu não queria me lembrar!

— V-você chama por ela... Nos pesadelos você chama por Lia. — Tropeçou nas palavras ao que seus olhos começaram a inundar.

Agarrei meus cabelos ao vê-la chorar por minha causa. De novo.

Damn it!

— Ela me destruiu, Nora... — Segurei seus ombros e nivelei nossas cabeças para prender seu olhar angustiado ao meu.

Tentei transmitir pelo olhar o que eu não conseguia dizer por palavras.

— Foi tão ruim assim? — perguntou, tocando em meu rosto com a palma da mão.

Comprimi os lábios e assenti brevemente.

— Você... — hesitou e inspirou fundo antes de tentar novamente — Você a amava?

Desviei os olhos para o lado e os fixei em um ponto da parede.

— Mais do que deveria — assoprei, já sem forças para falar.

Nora ofegou e o som reverberou alto pelo quarto silencioso. Voltei minha atenção para ela, franzindo as sobrancelhas ao encontrá-la com uma expressão sombria.

— Onde ela está, Átila?

Soltei os seus ombros e afundei os dedos no colchão, agarrando o lençol

nas mãos em punho.

— No meu passado — murmurei e me impulsionei para fora da cama. — Volte a dormir, bela.

— Aonde você vai? — perguntou com a voz embargada.

Minhas pernas vacilaram e estaquei no lugar. Caminhei até voltar ao seu lado e resvalei meus lábios nos seus, tentando apagar seus receios.

— Vou beber um pouco de água, já volto — sussurrei de encontro à sua pele macia.

Como prometido eu não tardei em voltar. Deitei-me ao seu lado e a puxei para os meus braços, sentido a sua respiração morna e rítmica fazer cócegas em minha pele.

— Desculpe — minha voz soou fraca, mas soube que Nora ouviu.

Ela se aconchegou mais, depositando um beijo em meu tórax e então fez algo que me surpreendeu. Nora passou a murmurar uma melodia serena, como uma canção de ninar.

Minha boca se repuxou em um pequeno sorriso e fechei os olhos, deixando a sua voz meiga me embalar e velar meu sono.

***

O pesadelo não retornou naquela manhã, mas o meu dia no trabalho poderia ser considerado um.

Primeiro porque eu estava ansioso para o caralho com a chegada do carnaval, e com ele a família de Nora lá na mansão. Eu já havia conhecido todo mundo e tudo transcorreu bem, mas daquela vez seria diferente. Seria algo mais íntimo.

Em segundo porque Rick me pôs contra a parede antes de eu ir embora.

Eu o estive evitando há duas semanas, desde o dia do passeio de lancha quando ele me flagrou cheirando o pó. Mas hoje eu precisei ficar enfurnado no escritório resolvendo pendências e questões urgentes antes do feriado, e foi lá onde ele me encontrou.

— Átila, conversa comigo, irmão — Ele andou até a mesa e se inclinou para frente, espalmando a superfície de madeira.

Joguei a cabeça para trás, recostando no apoio da cadeira, e suspirei. Quando voltei a abrir os olhos Rick me observava com o cenho franzido e o maxilar trincado.

— Não tenho muito do que falar, Rick. Agora você já sabe que eu tive uma recaída, mas tenho o controle... Estou usando só um pouco...

Ele se empurrou para longe, soltando um riso engasgado.

— Controle? Você precisa de ajuda, cara! Precisa parar antes que se afunde de novo nessa merda de vício! — Esfregou o rosto, parando com as mãos em súplica em frente a sua boca — Por favor, Átila, não caia no vício de novo.

Grunhi, levantando-me de supetão e quase fazendo a cadeira virar ao chão. Caminhei para um canto da sala e dei as costas para o meu amigo, não suportava ver a sua expressão de mágoa.

— Rick, eu sempre serei um dependente químico... — Puxei os cabelos de forma dolorosa e os prendi em um coque apertado.

Escutei os seus passos ecoando no ambiente enquanto ele se aproximava. Uma mão apertou forte um dos meus ombros, fazendo-me mover para ficar de frente a ele.

— Você consegue parar, se deseja mesmo melhorar e buscar por ajuda vai conseguir. Acredite em mim, irmão. Eu estou do seu lado, quero o seu bem.

Funguei, sentindo o nariz arder com lágrimas reprimidas ao que ele me puxou para um abraço.

— Átila... — Bateu em minhas costas de forma acolhedora — A Nora merece saber a verdade...

— Não posso... Eu não consigo. — Desvencilhei-me e o afastei para encará-lo — Se eu contar irei perdê-la, Rick.

— Cara, um relacionamento baseado em mentiras nunca dá certo. Vai por mim. Ela precisa saber, dê essa chance para ela. Faça ela escolher ficar.

Aquela conversa ficou gravada na memória e, por mais que eu sentisse náusea só de pensar em contar para a Nora, sabia que Rick estava certo.

No dia seguinte, logo pela manhãzinha, fomos buscar minha sogra, cunhado e a Larissa lá em Mangaratiba.

Antes de irmos, entretanto, pedi para a Nora deixar o seu quarto para o Nico e vir dormir comigo na suíte principal. Eu tinha comprado uma cama nova como havia prometido e, com tantas pessoas dormindo em casa, eu queria ter minha privacidade com Nora. E o meu quarto no segundo andar oferecia isso.

— Thor! — O menino correu em nossa direção tão logo saímos do carro — Olha, *tô* deixando o meu cabelo crescer também. Já dá pra ver, *né*?

Ele sacudiu a cabeça como um cachorro molhado, fazendo a cabeleira castanha balançar de um lado para o outro. Não estavam compridos ainda, mas já desciam pela nuca e a franja longa batia abaixo dos olhos. Por isso, logo em seguida Nora tocou em sua testa, e com os dedos arrastou a franja dele para trás.

— Dá para ver! Está crescendo rápido, hein? Daqui a pouco terei de te contar meus truques. — Pisquei para ele que abriu um sorriso largo e assentiu

copiosamente.

— Vai me ensinar a prender ele que nem você faz? — Apontou para o meu coque.

— Quando ele ficar do tamanho certo eu ensino. — Não me contive e levei uma mão até a sua cabeça, fazendo um leve cafuné.

Nora depositou um beijo em minha bochecha e entrou na casa, procurando pela mãe. Nico e eu a seguimos para dentro logo em seguida.

Dona Leide estava terminando de beber um copo de água e, quando vi o frasco de comprimidos na mesa, percebi que na verdade tinha acabado de tomar seu remédio.

— Oi! Como a senhora está? — Caminhei até ela, beijando brevemente as suas faces.

— Estou bem e estou pronta para ir! — Sorriu, mas pude notar o rubor brotando em sua pele morena.

A mãe de Nora era uma mulher tímida, notei que ela não se abria tanto com pessoas além de seus filhos e amigos íntimos. Nisso éramos parecidos, não pela timidez, mas pela reserva em confiar nos outros. Talvez foi por isso que nos entendemos de cara e, incrivelmente, conversamos bastante.

Carreguei as bolsas de viagem até o carro e então aguardamos Larissa, que apareceu na porta de sua casa com uma mochila enorme nas costas. A coisa parecia pesar mais do que ela.

Durante todo o trajeto de volta à ilha as mulheres não pararam de falar. Percebi como eu estava ferrado. Olhei de relance para Nico, o único outro homem da casa nos próximos quatro dias. Teríamos de nos unir.

Sábado passou voando, aproveitamos bastante a piscina e eu ensinei Nico técnicas de braçadas. O menino só sabia nadar estilo cachorrinho.

Quando a noite caiu, Leide se acomodou na suíte turquesa enquanto Larissa ficou com a jade.

Saí do banho e não encontrei Nora no nosso quarto, já era tarde então fui atrás dela pela casa.

A porta da suíte pérola estava aberta e, ao ouvir a sua voz, segui naquela direção. Ela estava deitada ao lado do irmão e contava algum tipo de história para ele. Observei os dois e senti uma sensação quente se apoderar de meu peito. Nora afagava os cabelos do menino quase adormecido, ao notar minha presença ela parou de falar.

— Não para, Nora... — cochichou o garoto com a voz manhosa, levando um braço até a barriga da irmã e aconchegando a cabeça em seu ombro.

— Preciso ir, meu amor. Também preciso dormir. — Ela beijou o rosto dele.

— Por que você não pode dormir aqui? A cama é grandona. — Nico perguntou, grudando o corpo nela.

Nora me olhou com uma expressão de súplica e eu encolhi os ombros em um suspiro de derrota.

— Tudo bem... — sussurrei — Mas só por hoje, eu também preciso de você.

Eu mal preguei os olhos naquela noite. Revirei-me no colchão assim como os meus pensamentos reviravam minha mente sobre a conversa que eu teria de ter com Nora. Tomarei coragem e, assim que estivermos a sós novamente, enfrentarei o meu medo de perdê-la.

No domingo decidimos ir para à Vila e de lá fazer uma leve trilha para conhecer o circuito do Abraão. Leide, mesmo em sua condição, quis nos acompanhar. Por isso caminhamos devagar, fazendo algumas paradas para descanso. Ao chegarmos no Poção — um dos atrativos — estirei as cangas que levaram no chão de pedra e ajudei a minha sogra a se sentar. Juntei-me a ela, compartilhando de um silêncio confortável enquanto assistíamos Nico e as meninas nadando nas águas escuras do poço — conhecido antigamente como Cachoeira dos Escravos.

— Cuidado, Nico! Aí escorrega — alertei quando o vi tentando subir correndo pela rampa natural, havia muito limo na pedra.

Como eu previ, ele perdeu a firmeza nos pés e balançou os braços para recuperar o equilíbro, mas logo caiu de bunda na água rasa. Levantei no impulso e corri atrás dele, segurando suas mãos e o puxando de volta. Virei seu corpo para todos os lados, certificando-me se não estava machucado.

— *Tô* bem, Thor. — Sorriu travesso, mostrando sua janelinha onde os dentes estavam começando a nascer.

E logo ele voltou para o fundo, chamando por meu nome toda vez que tentava nadar a braçadas como eu ensinei.

Pouco tempo depois juntamos nossas coisas e continuamos com o circuito, passando em seguida pelo antigo Aqueduto e de lá caminhamos até a Praia do Galego. Nora andava mais a frente com a amiga, as duas pareciam ter assunto sem fim. Nico alternava entre seguir adiante e voltar correndo para acompanhar a sua mãe e eu.

No finalzinho da trilha, antes de chegarmos à praia, pôde-se sentir o aroma inconfundível de marola. Alguns turistas deviam ter fumado maconha por ali não fazia muito tempo.

— Esses viciados não têm respeito pelas pessoas de família! — Leide enrugou o nariz ao reclamar, abanando o rosto como se o gesto fosse espantar o cheiro.

Ao ouvir seu comentário odioso eu senti como se tivesse levado um soco na barriga. Um gosto amargo subiu pela garganta e eu precisei controlar a respiração para não transparecer o quanto suas palavras me atingiram.

— O pai da Nora... — sussurrou, balançando a cabeça e torcendo a boca — Ele era um desses. Perdeu o emprego, as economias, nossos bens e, por fim, perdeu a família pelas drogas. Sei do que falo, já sofri muito por conta de um viciado.

Fiquei sem reação por um instante, eu podia sentir o suor frio escorrendo por meu corpo e a vertigem chegando. Quando Leide tocou de leve em meu braço, achei que ela estivesse pedindo para diminuirmos o ritmo da caminhada.

Voltando minha atenção para ela eu engoli em seco e, sem coragem de encarar seus olhos julgadores, mantive o olhar na altura de seu pescoço.

— Mas a pior perda, Átila... — disse com a voz embargada — Foi a vida dele. Nora ainda era um bebê, graças a Deus não se lembra de nada.

— S-sinto muito...

Chegando na praia eu me mantive afastado de todos, sentado com os pés afundados na areia quente e com o olhar perdido no horizonte. Nem sabia ao certo explicar o efeito ruim que me acometera.

A sensação era de um vazio tão imenso que ocupava todo o espaço do meu ser.

Eu sabia sobre perdas...

Mas a perda de confiança era a pior de todas.

Como eu poderia mostrar para a Nora que eu seria capaz de mudar?

Quando o sol desceu dando lugar ao céu estrelado, nós jantamos em um dos restaurantes à beira mar. E algum tempo depois estávamos de volta em casa.

Nora deve ter percebido meu distanciamento, lançava-me olhares questionadores e tentava me arrancar algum sorriso a todo custo. Mas eu evitava falar sobre qualquer coisa, negava quando me perguntava se havia algo de errado e estava exausto demais para forçar um sorriso nos lábios.

Desejando uma boa noite a todos eu me retirei, indo ao meu quarto com a promessa de que Nora logo se juntaria a mim.

Enquanto aguardava no cômodo vazio senti uma vontade de ler, fazia tanto tempo que não pegava em um livro para esse fim e aquilo me surpreendeu. Eu costumava ler o tempo inteiro, tentava sempre desvendar o significado por trás das palavras. E, por vezes, traduzia os meus próprios enigmas para o papel.

Fui até o escritório, fechando a porta atrás de mim, e procurei por um livro pequeno e já com as páginas amareladas pelo tempo. Encontrando o que buscava o levei de encontro ao peito, tomando o cuidado de trancar à chave o aposento antes de seguir para a suíte.

Eu estava imerso à leitura e por isso só notei a presença de Nora ao ouvir sua voz.

— Eu sou apaixonada por "*O pequeno príncipe"*!

Engatinhou na cama até se aninhar ao meu lado, tentando ver em qual página eu estava.

— Em que parte está? — Pegou o livro das minhas mãos e leu em voz alta: — “O que nos salva é dar um passo e outro ainda.”

Suspirou antes de arriscar um olhar para mim.

— Esse livro é uma lição de vida... — Um leve sorriso brincava em seus lábios e seus olhos se perderam novamente na história — Perdi as contas de quantas vezes eu o li.

Ela não fazia ideia de quantas vezes eu li e reli aquela citação enquanto aguardava por seu retorno. Esperando que aquelas palavras se enraizassem em mim, preenchendo-me de coragem e força de vontade que eu tanto precisava.

Eu colocaria tudo a limpo, estava decido. Tão logo fossemos só nós dois novamente nessa casa eu conversaria com ela.

Mas por hoje eu aproveitaria o tempo que me restava.

Mergulhei o rosto na curva delicada de seu pescoço ao passo que retirei o livro de sua mão, colocando-o às cegas no criado mudo.

— Não podemos fazer muito barulho... — gemeu ao me sentir resvalando entre suas pernas.

Assenti, colando a minha boca na sua. E então, numa cadência lânguida e deliciosa, nos entregamos.

Várias e várias vezes.

7 anos atrás.

Aquele último ano foi o mais difícil de suportar. Nem todas as viagens que conseguíamos fazer a fim de nos vermos era o suficiente para aplacar as saudades e inseguranças.

A carreira de Lia estava deslanchando, levando-a para os quatro cantos do mundo à trabalho. Nas férias da faculdade e nos feriados eu usufruía o tempo livre para ir onde ela estivesse.

Em julho nos encontramos em Paris, e eu aproveitava pra desfrutar da cidade enquanto ela se ocupava com os desfiles e ensaios fotográficos. Não gostava de confessar, mas por muitas vezes eu me sentia solitário. Ela estava lá por um propósito profissional. Já eu, estava lá para ficar à disposição dela.

Discutimos há dois meses, nossa relação havia alcançado aquele momento onde precisávamos decidir se tentávamos dar certo ou terminávamos.

O estranho, no entanto, foi a inversão dos papéis. Eu — que sempre fui o mais sentimental — abordei o assunto com uma calma fingida ao que ela chorava, dizendo não saber o que realmente queria.

A verdade é que eu estava tão cansado de ser somente eu a tentar e a ceder, que no fim, não restou muito de mim. Eu estava dormente, escondendo a real proporção da dor rasgando em meu peito.

Mas damn it, eu ainda a amava tanto!

Demos um tempo para pensar e, em uma semana, Lia me ligou pedindo

para voltar. Disse que daquela vez faríamos as coisas diferentes, e que não conseguia pensar em um futuro sem que eu fizesse parte dele.

Ela não sabia o quanto eu ansiava ouvir aquelas palavras. Era tudo o que eu queria e, secretamente, planejava.

Desde o primeiro semestre daquele ano eu havia começado a cursar o máximo de disciplinas possíveis, focando em me graduar com antecedência. Daquela forma eu estaria livre para trabalhar e morar onde eu quisesse. E se porventura sobrassem algumas aulas na grade curricular, eu poderia me transferir ou cursar o restante online.

O mais importante, entretanto, era o anel que aguardava o momento certo para ser revelado.

Eu o levava comigo naquele instante, esperançoso de que o momento chegasse.

Seria muito clichê se eu a propusesse no dia de seu aniversário?

Ao desembarcar no aeroporto eu conferi o celular. Eram quinze horas do dia vinte e dois de outubro.

Eu precisava passar em alguma floricultura antes de encontrá-la no local marcado. Iríamos celebrar o seu aniversário no restaurante The River Café ,onde tínhamos uma reserva para as dezessete horas. E eu teria de correr se quisesse chegar ao Brooklyn à tempo, pois o trânsito de Nova York era infernal.

Com um buquê de rosas vermelhas em mãos e o coração esmurrando as costelas, eu cheguei na fachada do restaurante localizada nas margens do Rio Hudson. Recepcionado por uma hostess eu fui encaminhado até a mesa do lado da janela de vidro, onde podíamos contemplar a vista

deslumbrante de Manhattan iluminada pelas luzes. O ambiente era aconchegante e romântico.

Lia me aguardava à mesa, distraída enquanto admirava o cenário cinematográfico através da janela. Meus olhos varreram suas curvas delineadas pelo vestido longo na cor vinho contrastando com a pele pálida, se delongando no vão de seus pequenos seios parcialmente desnudos pelo decote.

— Feliz aniversário, flor. — Assoprei em seu ouvido para logo beijar o canto de sua boca.

Ela me fitou com um sorriso elegante, mas ao notar o buquê que recebia eu percebi o mesmo sorriso vacilar.

— O que foi? Não gostou? — Já sentado do outro lado, eu me inclinei para frente e toquei em seu braço.

Lia meneou a cabeça em negativa, forçando um pequeno riso e me lançando um olhar decepcionado.

— Eu gostei... só que rosas não são as minhas favoritas. Mas obrigada, querido. — Deitou o ramalhete sobre a mesa.

Se eu achei que o momento perfeito seria hoje eu estava enganado. Espalmei o paletó discretamente, sentindo o volume da caixinha de veludo no bolso.

Não seria daquela vez.

O garçom logo nos atendeu e fizemos nossos pedidos, a qualidade culinária era excepcional e precisei me conter para não comer como um morto de fome. Li, no entanto, dava pequenas garfadas e comia como um passarinho.

Quando ela largou boa parte do prato principal, novamente me contive para não comer suas sobras. Se eu estivesse em casa era o que eu faria.

— Vamos? Asha está nos esperando, ela vai com a gente para o clube. — disse, já chamando a atenção do garçom para pedir a conta.

Assenti, retirando o cartão do bolso.

— Já sabe quantas pessoas estarão nesse clube? — perguntei ao entrarmos no táxi com o destino para o prédio onde ela morava com a amiga.

— Alguns amigos em comum... — Levantou um ombro.

Em poucos minutos havíamos chegado. Entrelacei nossos dedos enquanto aguardávamos o elevador subir até seu andar e, assim que Lia abriu a porta do apartamento com sua chave, levamos um susto.

— Surpresa! — Asha e mais uma dúzia de pessoas gritaram em uníssono.

O apartamento era minúsculo e parecia ainda menor com tanta gente enfurnada ali. Lia soltou um grito de surpresa e correu para abraçar a amiga.

Deixei que ela falasse com as pessoas, recebendo parabenizações e alguns presentes. Cumprimentei algumas delas rapidamente e segui para a geladeira em busca de uma cerveja.

Então me espremi entre corpos até conseguir chegar à Lia, que estava conversando animadamente com Asha e um homem. Aquele cara, no entanto, não me preocupava. Era bem óbvio que ele não tinha interesse na minha namorada, sua atenção se voltava vorazmente para outros homens presentes.

— Que porra é essa? — sibilei para Lia, ao notar três pessoas fazendo carreirinha de cocaína na mesinha de centro.

— Merda... — Ela me olhou aflita e se virou para a amiga que estava revirando os olhos para mim. — Asha, você não conversou com eles sobre isso? — sussurrou, puxando o braço da amiga.

— Ah, fala sério! Você curte também, Lia. Qual é o problema?

Senti um gosto amargo subindo pela garganta percebendo a verdade transparecendo nos olhos arregalados de Lia.

— Do que ela está falando? — perguntei descrente.

Não era possível, ela havia me prometido não se deixar levar por esse mundo. Sabíamos como as drogas era uma coisa comum no meio na moda, e falávamos bastante sobre isso antes dela se mudar para Nova York.

— Foi só uma vez, Átila. Só por curiosidade...

Saí andando para o quarto em busca de privacidade e ela me seguiu, fechando a porta eu disse:

— Não quero que você ande mais com essas pessoas. — Cruzei os braços, parecendo desafiante. Mas a verdade é que era um gesto de resguardo.

Lia suspirou alto, pousando as mãos nos quadris.

— Não vou deixar de ver meus amigos só porque eles são usuários, Átila. — Esticou um braço com a palma estendida assim que me viu abrir a boca para retrucar — Se eu fizesse isso não teria amigo algum! Todo mundo que conheço faz uso de algo, ou ao menos uma maconha já fumou na vida.

Uni as sobrancelhas e engoli o caroço que entalava a garganta.

— Então a Asha...

Ela assentiu, soltando novamente o ar em um suspiro.

— Não vamos brigar por isso, não no meu aniversário — Andou vagarosamente até mim, esfregando meus braços até eu descruzá-los — Prometo que não estou usando nada...

Com os lábios comprimidos e as narinas dilatadas eu balancei a cabeça em afirmativa, mas ainda sentia o corpo tenso e o coração pulsando dolorosamente no peito.

— *Venha, vamos deixar* os outros de lado. Eu só quero você. — Deslizou as alças do vestido pelos ombros, deixando-o cair sedutoramente ao chão.

Esticando o braço, Lia segurou a minha mão na sua e, levando-me até a cama estreita, ela me fez esquecer.

Capítulo 30



O por do sol reluzia dourado e alaranjado ao horizonte, marcando o início da noite da quarta-feira de cinzas. Átila e eu percorríamos as águas plácidas e cristalinas da Lagoa Azul em seu barco, fazendo o caminho de volta à mansão. Havíamos levado minha família para Mangaratiba e, pela primeira vez em quase uma semana, desfrutávamos do sossego da nossa privacidade.

Eu tinha aproveitado bastante esses dias de carnaval, passeamos tanto pelas praias paradisíacas e descobrimos tantos lugares lindos nos embrenhando pelas trilhas que mal parávamos em casa. O sorriso manso que desabrochava em meus lábios era prova do meu deleite, porém a felicidade e euforia aos poucos se dissiparam dando lugar ao cansaço.

E, pelos deuses, a cólica que comecei a sentir naquela manhã piorava ainda mais o meu estado de exaustão.

Subimos sem pressa pelo caminho que nos levava à entrada da casa. Átila levou as nossas mãos unidas até os lábios e beijou os nós dos meus dedos com ternura.

— Temos a noite toda para nós — murmurou entre as carícias sopradas

— Finalmente posso me enterrar em você sem precisar abafar os gemidos...

Desferiu os beijos suaves e molhados pela extensão do meu braço até afundar o rosto em minha nuca. Ele então enroscou a minha cintura e me levantou no colo, colidindo nossas bocas em um beijo voraz enquanto me carregava escada acima.

— Átila — soltei um gemido e descolei nossos lábios — Não podemos...

Ele piscou alguma vezes, tentando compreender o significado das minhas palavras e me apertou forte contra si, expelindo o ar dos pulmões de forma audível.

— Não podemos o quê? — Franziu o cenho ao me por de pé para então segurar meu rosto com delicadeza, buscando em meus olhos uma resposta.

Sentindo o meu rosto queimar em embaraço eu abaixei a cabeça e fitei meus pés.

— Eu, hã... Eu estou naqueles dias...

— Naqueles dias? — Levantou de leve o meu queixo, nivelando nossos olhares.

Com as sobrancelhas unidas em confusão ele continuou me observando até que eu finalmente falasse.

— É... — Gesticulei de forma atrapalhada para o espaço entre minhas pernas — Sabe?

Átila abriu a boca e emitiu um som de entendimento.

— Está menstruada — disse pesaroso, levando as mãos para cima e afundando os dedos em seus cabelos.

— Ai, Átila! — exclamei exasperada e me virei de costas, querendo me

enfiar em algum buraco e sumir.

Ele soltou um riso engasgado, parecia não saber se ria ou chorava com a situação.

— Está tudo bem, bela. — Abraçou-me por trás, suspirando ao pé do meu ouvido — Vamos dormir abraçadinhos então...

Bufei irônica, achando aquilo uma graça.

Duvidava muito que ele se contentaria em só dormir de conchinha por quatro dias!

Tinha certeza de que aquele homem faminto não aguentaria por muito tempo. Logo pediria ajuda para aliviar seu tesão. Não que eu estivesse reclamando, eu adorava provar e explorar o seu corpo.

Átila mordiscou minha orelha, eriçando todos os pelos da minha pele de forma deliciosa. E então nos deitou na cama, enlaçando minha cintura e me puxando de encontro ao seu peito.

— Boa noite. — Desligou o abajur ao seu lado e nos cobriu com o lençol.

— Boa noite, Átila... — murmurei grogue de sono.

Eu estava embarcando no torpor da sonolência quando lábios quentes resvalaram em minha face, trazendo-me de volta à superfície.

— Bela, está acordada? — sussurrou, seu hálito quente afagando o meu rosto.

— Hum... — bocejei — Por um fio...

Ele me beijou novamente e me aconchegou mais em seu peitoral.

— Esquece, amanhã conversamos.

Assenti suavemente, caindo em seguida nos braços de Morfeu.

***

Eu estava conversando com Marta na cozinha, bebericando o chocolate quente e esperando o pão de queijo assar no forno quando passos apressados retumbaram no piso de porcelanato em nossa direção.

— Bom dia... — Beijou o topo da minha cabeça e acenou para Marta — Preciso correr agora, mas voltarei mais cedo para casa — Enterrou o rosto em meus cabelos novamente e me apertou contra si.

A sua respiração agitada ondulava meus fios, provocando-me cócegas e me fazendo encolher trêmula em arrepio.

— Não vai tomar um café, senhor? — A cozinheira perguntou preocupada, contornando rapidamente a bancada e guardando algumas fatias de torta de maçã em uma vasilha de plástico.

— Estou atrasado para uma reunião — Meneou a cabeça, mas apesar se suas palavras, ele parecia não querer ir embora.

Com um suspiro ele me soltou e deu alguns passos céleres para trás, conferindo o relógio de pulso com uma expressão sisuda.

— Espere! — Marta foi atrás dele — Leve isso então. — Depositou o recipiente em suas mãos, então agarrou a barra do seu avental e se afastou.

— Obrigado — ele disse aéreo, lançando um último olhar em minha direção por sobre a cabeça de Marta antes de atravessar o arco até a sala.

Ao observá-lo ir embora fiquei com uma sensação estranha perfurando meu peito, um tipo de pressentimento ruim. Aquilo fez os cabelos da nuca se arrepiar.

Impulsionei-me para fora da banqueta, o peso no estômago me fazendo

perder a fome e me esquecer dos pães que antes me renderam água da boca.

— Será que perdi o jeito? — A voz murcha de Marta me fez estacar no meio do caminho — Ninguém quer mais provar da minha comida...

— Não seja boba, Marta! Tudo o que você faz fica delicioso, eu só não estou com fome agora. — Torci os lábios em um meio sorriso, apontando para as dependências dos empregados — *Vou-me já...*

— Que isso, menina! Eu lá quero saber se vai ao banheiro! — Balançou a cabeça exaltada, causando-me uma sucessão de risos.

— Marta! Eu quis dizer que já estou indo... — Puxei o ar com força, recuperando o fôlego — Também preciso trabalhar.

Ela gesticulou arisca para eu seguir com minhas tarefas, dando-me as costas com um estalar da língua.

Peguei o carrinho de limpeza e me preparei para um longo dia, eu estava com trabalho acumulado e precisava arrumar a bagunça que fizemos durante o carnaval. Comecei por limpar as suítes de baixo, deixando-as impecáveis novamente. E, pelo amor dos deuses, como tinha roupas de cama e de banho para lavar!

A sala então... Nico havia deixado cair migalhas de pipoca no sofá no outro dia e o chão estava imundo de terra e areia de praia. Arrastei o aspirador de pó por todo o canto e, quando me dei por satisfeita, passei pano pela extensão do cômodo.

O tempo voou. Marta já tinha ido embora há horas, deixando-me sozinha naquele lugar enorme. Eu já havia me acostumado com o barulho incessante de risos e de conversa jogada fora dando vida àquela mansão. Agora, enquanto subia as escadas, os únicos barulhos que reverberavam pelo ambiente eram os ecos dos meus passos vagarosos.

A minha intenção era de encerrar o meu dia na suíte principal, aproveitando para tomar um banho demorado no chuveiro potente daquele banheiro. No entanto, meus planos se esvaíram por completo e minha atenção agora estava totalmente voltada para a porta entreaberta do outro lado do pavimento.

Minhas pernas se movimentaram por vontade própria, desobedecendo aos argumentos em negativa que se passavam na minha cabeça.

Entretanto, se Átila não a trancou talvez seria para eu arrumar o escritório...

Estiquei o braço titubeante e, ao simples toque da mão na maçaneta fria, calafrios cobriram toda a extensão do meu corpo. Empurrei a porta devagar, e eu fui estúpida em esperar que ela rangesse sombriamente combinando com a sensação ruim no meu peito. A porta se abriu em silêncio, relevando um amplo cômodo na penumbra.

Adentrei o local enquanto meus olhos tentavam compreender os detalhes como um todo. No chão jaziam algumas folhas rasgadas e amassadas, a pequena lixeira ao lado da mesa no centro da sala estava abarrotada.

Continuando com a investigação eu espalmei o seio esquerdo, arfando ao encontrar toda a parede do fundo velada por uma enorme estante rústica de livros. Forcei a vista para ler os títulos nas lombadas, mas estava escuro demais.

Minhas pernas então voltaram a se mover. Indo até a janela encoberta por uma grossa cortina de veludo verde eu arrastei o tecido para o lado, deixando a luz vespertina banhar o ambiente e revelando partículas de poeira pairando no ar.

— Pelos deuses... — murmurei para mim mesma.

Aquele *escritório-biblioteca* poderia ter sido de tirar o fôlego algum dia, mas estava totalmente descuidado e encardido agora.

Havia alguns itens largados de qualquer jeito em cima da mesa.

Varri os olhos pelo pequeno organizador com artigos de escritórios, um livro em capa dura ao lado de uma régua de aço suja com alguma coisa branca na aresta, e então pela folha rasgada e enrolada em uma espécie de canudo.

Confesso que demorei alguns segundos para entender aquela composição estranha, mas o gosto ácido subindo pela garganta e o coração palpitante eram prova do meu pressentimento ruim.

Tapei a boca com uma mão enquanto a outra levantava trêmula a capa do livro, expondo um fundo falso ocupado por alguns saquinhos cheios de cápsulas com pó branco.

Então eu tive a certeza.

Aquilo era cocaína.

A mesma droga maldita que tirou a vida do meu pai e mudou para sempre o destino da minha família.

Uma pontada de dor me fez dobrar ao meio, apoiei-me de súbito na quina da mesa e o movimento brusco do meu braço levou o livro ao chão.

O baque surdo ecoou em meu cérebro no mesmo instante em que uma voz angustiada reverberou no espaço.

— Nora! — Correu em minha direção, seus braços circundaram a minha cintura e, por mais que eu quisesse me afastar, eu me sentia fraca demais.

— Nora, por favor, olhe para mim... — Deslizou uma mão até o meu rosto pálido. Quando o lago cristalino de suas íris inundou os meus olhos, transbordei em torrentes salgadas.

Átila capturou algumas das lágrimas com as pontas dos seus dedos, grunhindo de forma melancólica quando outras brotaram logo em seguida.

Continuei muda, o choque da descoberta entalara minha garganta e me impossibilitava de formular palavras.

— Eu... — Engoliu em seco, desviando sua atenção para os pacotinhos caídos aos meus pés — Deixe-me explicar, eu ia te contar...

O empurrei com as mãos em punhos, eu não tinha muita força para afastar seu corpo robusto, mas Átila teve a amabilidade de respeitar o meu comando.

— Não tem muito o que explicar, Átila — a voz embargada pelo choro saiu em um sussurro estrangulado — Você é usuário de droga. Eu sei que a vida é sua, e você tem a escolha de acabar com ela da forma que quiser. Mas e a minha escolha, Átila? Você não pensou em me dar uma...

— Nora, não, não foi assim... — Tentou me interromper, mas eu prossegui.

— Você não entende, eu não posso ser condescendente... — Neguei com a cabeça de forma frenética, afastando-me mais uma vez quando ele tentou me tocar de novo — Não posso te assistir se deteriorando e afundando no vício! Simplesmente não posso.

Como eu pude ser tão cega? Os sintomas estavam ali bem na minha cara!

As pupilas dilatadas, súbita agitação, nariz fungando, os sumiços ao banheiro a toda hora.

Átila puxou os seus cabelos para trás, os lagos cerúleo de suas íris reluziam e transbordavam enquanto fixos em mim.

— Espere... — disse rouco, dando pequenos passos hesitantes na minha

direção, como se não quisesse me assustar. — Eu estava me preparando para te contar, porque não é fácil de admitir. Não é fácil assumir o vício, Nora... Porque eu estaria admitindo o quanto sou quebrado por dentro, e me expor assim é doloroso demais.

Ele me alcançou e, com as costas pressionadas na estante, eu não tive para onde fugir. Resvalando as palmas das mãos em minha face, ele buscou por meus olhos. E a dor que eu enxerguei nos seus me roubou o ar.

— Sinto muito, Átila... — murmurei — Sinto muito por sua dor, mas não posso...

— Eu vou parar! — bramiu em desespero — Por você, Nora — sua voz soou suave como a carícia que fez em meu rosto.

Inspirei fundo e fechei as pálpebras, escondendo-me de sua expressão melancólica.

— Átila, eu cursava medicina... — soltei em um suspiro triste — Eu sei como isso funciona, não se pode falar assim da boca para fora. Se quiser parar mesmo, precisa de ajuda.

Omiti sobre a minha experiência pessoal, eu sabia bem o tipo de sofrimento que o vício causava. Eu era muito pequena na época, tinha apenas três anos quando tudo aconteceu, mas algumas cenas ficaram marcadas na memória.

Ainda podia ver nitidamente a minha mãe suplicando em prantos, pedindo para o meu pai parar enquanto ele gritava colérico, perguntando onde ela havia escondido o dinheiro.

— Eu só preciso de você — retrucou baixinho, encostando a sua testa na minha — Você me faz querer ser um homem melhor, Nora. Você é a minha cura.

Suas palavras se infiltraram em mim, envolvendo o meu coração em um aperto esmagador.

— Não faça isso, Átila. Não diga essas coisas só para me apaziguar. Não minta para mim! — Segurei firme em seus ombros e, com uma força disseminada pelo ressentimento eu o empurrei para longe.

Átila cambaleou para trás com os olhos arregalados em surpresa.

— Eu não estou mentindo, Nora! — Socou o próprio peito, lançando-me um olhar torturante — Eu te amo!

Sua declaração me rendeu sem palavras. Continuei petrificada e, perplexa, o assisti cair de joelhos à minha frente e me envolver em seus braços.

— Sei que faz pouco tempo, mas simplesmente aconteceu. E eu te amo. Te amo — disse em desalento, afundando o rosto na minha pele palpitante logo abaixo dos seios. E então ele elevou a cabeça, prendendo o meu olhar ao seu — Eu achei que o meu coração não fosse mais capaz desse sentimento, mas você me provou o contrário. Ele voltou a bater por você.

Arfei em um soluço e, sem conseguir me controlar por mais tempo, eu o toquei. Deslizei os dedos em seus cabelos, os desci até o maxilar forte e tracei os seus lábios macios e bem desenhados.

Quando ele voltou a falar, seu hálito aqueceu a minha mão que ainda pairava sobre o seu rosto e me despertou do transe.

— Você sente o mesmo, Nora? — Inclinou a cabeça, aninhando-o em meu peito — O seu coração também acelera por mim?

— S-sim... — balbuciei. O sangue em minhas veias pulsava desenfreado, deixando-me aturdida e com um zumbido vertiginoso nos ouvidos.

Eu o amava e por isso doía tanto. Eu não poderia simplesmente dar as costas e ir embora. Não quando ele tinha o meu coração.

— Sim? — Ele se levantou em um impulso, lançando-me um sorriso esperançoso.

Assenti, fisgando o lábio inferior.

— Eu também te amo, mas...

— Não, Nora, Não. Por favor, nada de *mas*... — Selou minha boca com a sua brevemente, buscando por meus olhos logo em seguida.

— Átila, eu preciso de um tempo para assimilar isso — Gesticulei para a bagunça atrás dele. Engolindo o nó na garganta ao ver a cocaína espalhada no chão.

— Eu vou parar, Nora. — Começou a tremer em meio às lágrimas — Mas eu preciso de você, preciso de sua ajuda. Por favor.

Colei os meus lábios trepidantes nos seus e, com o pouco de força que ainda me restava, eu me desvencilhei.

— Eu vou te ajudar, meu amor... Só preciso de um tempo. — Enxuguei meu rosto e forcei o resto das palavras — Me conceda esse tempo para me preparar.

— Nora... — engasgou, velando em angústia os meus passos até a porta.

— É só um tempo — sussurrei — Eu preciso...

Minutos mais tarde o barco de Brando veio me resgatar, levando-me para longe das lamúrias abafadas que ecoavam pela mansão.

Capítulo 31



Ao vê-la atravessando a porta um rugido atormentado me escapou, as minhas pernas vacilaram e o som dos meus joelhos colidindo no chão se propagou pela sala em um baque surdo.

Ela foi embora.

E tudo por culpa da maldita cocaína!

— *Fuck!* — o grito saiu arranhando a garganta.

Agarrei com ódio os pacotinhos e pinos espalhados pelo piso, e então percorri trôpego o caminho até o banheiro da suíte. Com as vistas nubladas pelas lágrimas e o coração espancando dolorosamente o meu peito, eu despejei o conteúdo no vaso.

— Sua desgraçada! Eu odeio você, sua maldita! — berrei ao dar descarga, socando a alavanca repetidas vezes.

No entanto, tão logo o barulho do redemoinho da água rompeu e eu assisti a corrente levando a droga para o fundo, bateu-me um desespero. Tentei alcançar os saquinhos, enfiando a mão tardiamente no vaso.

A aflição do arrependimento me consumiu e, por mais que eu soubesse o quanto eu deveria deixar de vez aquela vida, eu me via preso nas garras da

cocaína.

Aquela droga consumia tanto de mim que eu perdia a sanidade. Eu havia acabado de ver a pessoa que eu amava ir embora e aquilo me destruiu, mas, a tortura de ficar sem a droga me corroia.

As dores eram incomparáveis e imensuráveis. Eu sofria por ambas, Nora e a coca. Entretanto, só uma delas fragmentava a minha alma.

O vício me transformara em um animal. Naquele lapso fui reduzido a instintos selvagens e irracionais.

Eu era uma fera. E como uma fera eu grunhi alto, lamentando as minhas perdas.

Estava na hora de mudar, e para isso eu precisava de ajuda.

Eu precisava da minha cura, mas ela não estava ali para me desfragmentar.

Não sei por quanto tempo permaneci ali prostrado. Tampouco sabia se eu apaguei ou estive acordado a todo instante.

O rosto pressionado no mármore frio do banheiro estava dormente e leves tremores repercutiam por todo o meu corpo. No entanto, a aflição que sentia antes havia desvanecido, e eu estava bem o bastante para me levantar sem vacilar.

Reunindo forças eu decidi fazer algo, em vez de continuar inerte e me deixar afundando na melancolia.

Pesquei o celular no bolso da calça e liguei para Rick. Eu precisava de um plano, antes que eu me sucumbisse novamente à cocaína e colocasse tudo a perder.

A voz carregada de sono me cumprimentou do outro lado da linha, e eu

fechei a expressão em uma careta.

Deveria ser tarde da madrugada, mas eu não me importava. Rick um dia me prometeu que estaria ao meu lado pelo que fosse, e o momento de cobrar a promessa havia chegado.

— Irmão... — exalei abatido, andando de um lado para o outro — Ela se foi. Eu não sei o que faço. O que eu faço? Porra, Rick! — Soquei a parede do quarto, a frustração se alastrando assim como o choque de dor em minha mão.

— Átila? Calma, cara! — disse mais desperto. Ouvi um farfalhar de lençol seguido por leves passos, e então o som de uma porta sendo fechada. — O que aconteceu?

Sorvi uma grande lufada de ar, abrindo e fechando os dedos doloridos da mão enquanto tentava me acalmar e organizar os pensamentos.

— A Nora descobriu antes que eu pudesse contar. Ela encontrou a droga, cara! — Esfreguei a testa, balançando a cabeça em negativa. — Ela se foi. Nora foi embora e agora só consigo pensar na porra da coca! E eu joguei tudo fora, Rick. Eu quero parar, me ajuda. Me ajuda, irmão, antes que eu faça uma merda!

Terminei de falar ofegante, e os ruídos altos da minha respiração ressoando nos ouvidos abafaram a voz do Rick.

— Estou indo para aí. Não faça nada, ouviu? Fique no seu quarto até eu chegar.

Não lembro se concordei ou não antes de encerrar a ligação, mas eu fiz o que ele pediu. Joguei-me na cama, e afundando o rosto no travesseiro dela eu fechei os olhos.

Acordei em um sobressalto, pulando para fora do colchão ainda atordoado. Ao longe se podia ouvir o inconfundível som do motor de um

barco. Segui o barulho até chegar no primeira andar da casa, surpreendendo-me com o alvorecer pincelando o céu através das portas de vidro.

Rick tinha acabado de chegar e subia acelerado o caminho que levava à casa. Saí pela porta e o encontrei na varanda. Sem eu precisar dizer uma palavra sequer ele soube, e me puxou para um abraço. Eu precisava do seu apoio.

— Átila, você usou? — Foi a sua primeira pergunta de muitas.

Ele me afastou pelos ombros e me lançou um olhar apreensivo.

Comprimindo os lábios eu neguei.

Só de me lembrar eu sentia uma pontada de arrependimento. Mas também estava orgulhoso por ter sido forte o suficiente para me livrar da droga.

— Eu joguei fora — disse agoniado — Joguei tudo no vaso e dei descarga depois que Nora foi embora.

Meu amigo suspirou aliviado e apertou meus braços.

— Bom, meu irmão. Já está a um passo mais próximo da vitória.

Bufei, esfregando o rosto ao dar as costas.

— Não é como me sinto, Rick — murmurei — E nada mais faz sentido, não agora que ela se foi.

Ele me seguiu para dentro, agarrando o meu braço e me fazendo olhar em seus olhos.

— Átila, o que exatamente aconteceu ontem?

Espalmei o peito, sentindo como se espinhos estivessem se cravando em meu coração.

— Se lembra que eu cheguei tarde para a reunião? — Quando Rick confirmou, eu prossegui — Então, eu saí de casa atrasado e me esqueci de trancar o escritório depois de cheirar. Quando... — expeli o ar trêmulo — Quando cheguei em casa, Nora tinha achado as drogas escondidas e então ela me deixou.

Meu amigo uniu as sobrancelhas e me fitou pensativo por alguns instantes.

— Nora disse que estava tudo acabado entre vocês?

Abri a boca para confirmar, mas então repeti as palavras dela na memória e percebi que não, ela não disse aquilo.

— Ela falou que precisava de um tempo... — Inflei o peito, pressionando ainda mais a palma da mão contra ele — Pediu um tempo para pensar.

Rick sorriu de leve, batendo em meu ombro confiante.

— Então ela vai voltar, irmão. Tenha calma, dê esse tempo para ela.

Inspirei fundo e exalei lentamente pelos lábios. Eu poderia tentar manter a calma, mas o medo de perdê-la era sufocante. Pois, pela primeira vez em sete anos, eu me sentia vivo. Ela trouxe de volta a minha paz.

— Preciso dela, cara. Eu só vou conseguir se for por ela...

— Você quer ficar limpo, amigo? — perguntou com uma expressão esperançosa — Quer finalmente ser livre?

Minha garanta se fechou e as narinas arderam com lágrimas reprimidas, então assenti resoluto.

— É o que eu mais quero — confessei com a voz embargada — Eu não aguento mais ser escravo do pó, Rick.

— Então vai conseguir! Está decidido, irmão. Você vai se livrar disso. Vamos te internar...

— Não! Não, nada de internação. — Puxei os cabelos, meneando freneticamente em negativa. — Por favor, cara! Você sabe como foi um inferno da última vez, eu prefiro ficar em casa. Eu consigo. Sim, eu consigo me limpar aqui em casa.

— Átila... — Ele tentou me segurar, mas eu empurrei sua mão para longe e caminhei para o outro canto da sala.

Ele me alcançou e abriu a boca para falar algo, mas eu o interrompi. Estiquei o braço abruptamente e pedi para que se calasse, então apurei os ouvidos e escutei.

Corri para fora como um louco e forcei a vista, varrendo os olhos pelo horizonte cerúleo onde o céu claro se encontrava com o mar. E lá estava ela, saindo de uma lancha que acabara de atracar no meu cais.

— Nora? — sussurrei desacreditado.

Não me movi, com medo de ser uma miragem. Porém, quanto mais ela se aproximava, mais eu tinha a certeza de que ela era real.

Busquei por seus olhos e os encontrei inchados e vermelhos. Eu fui o filho da puta que a fez chorar, e saber disso era angustiante.

— Você voltou — assoprei em êxtase, tão logo a envolvi em meus baços.

Nora escondeu o rosto em meu peitoral e assentiu, retribuindo o abraço e me apertando com força contra si.

— Eu disse que precisava de um tempo para processar. Essas horas foram o suficiente... — Levantou a cabeça e me fitou, suas íris de avelã

bruxuleavam e seus lábios se abriram em um sorriso molhado — Eu te amo, Átila. É claro que eu voltaria.

Suspirei, resvalando delicadamente minha boca na sua e conduzindo a dança perfeita de nossas línguas em uma cadência suave.

Aquele beijo era a calmaria antes da tempestade.

Uma tosse forçada se fez ouvir, reprimi um gemido frustrado ao descolar nossos lábios e me virar para o Rick. Ele estava parado na entrada, com o corpo apoiado no batente.

— Fico feliz em te ver aqui, Nora, mas precisamos conversar — disse ele com a voz grave. Estourando a nossa bolha de felicidade e nos trazendo de volta para a realidade.

Cerrei as pálpebras e mergulhei o rosto nos cabelos de Nora, permitindo que o seu aroma doce acalmasse cada célula tensa do meu corpo. Então, com ela ainda em meus braços, segui até a sala e nos acomodei no sofá enquanto Rick se sentava na poltrona ao nosso lado.

Os dedos de Nora intrincaram-se aos meus, e eu os levei ao meu colo antes de voltar minha atenção para o meu amigo. Acenei sutilmente com a cabeça, pedindo em silêncio que ele começasse logo a falar.

— Átila, o tratamento da dependência química é um processo árduo. A abstinência vai ser sofrida, você vai precisar de acompanhamento especializado...

— Rick, eu não quero ficar trancafiado em uma clínica — interrompi, já sabendo onde ele queria chegar.

Ele esfregou o rosto de forma exasperada, e então alternou seu olhar de mim para Nora.

— E como pretende se recuperar, hein?

Nora apertou minha mão na sua, seu gesto reconfortante me deu ânimo para me explicar sem que eu perdesse a cabeça.

— Eu prefiro me desintoxicar aqui mesmo. — Vendo a carranca do Rick, eu me apressei em continuar antes que ele desse palpite — Eu sei que vai doer para caralho o processo de abstinência, mas eu suporto. Eu só preciso do apoio e da paciência de vocês.

Os dois me observavam apreensivos, mas, enquanto Rick negava com a cabeça, Nora assentia.

— Átila, se você realmente está disposto a parar... — Nora disse hesitante. Levei nossas mãos unidas até os lábios e beijei os nós de seus dedos — Então eu ficarei ao seu lado. Posso ajudar na sua reabilitação e cuidar de você nos momentos difíceis, mas preciso da promessa de que não irá desistir.

— Eu prometo...

Rick soltou um gemido frustrado.

— Tudo bem, Átila. Se for assim então precisamos ser realistas aqui. — Apontou para mim e então se voltou para Nora, direcionando suas palavras para ela — A abstinência vai mudar ele. Ele vai passar muito mal nos primeiros dias, vai ficar agressivo quando a fissura da droga dominar seu organismo. Então vai ficar depressivo, e com muita raiva. Nora, ele vai querer descontar tudo em você, vai te culpar pelas dores e vai tentar te afastar. No final você vai ter que ser forte o bastante para não odiá-lo.

— Eu sei — ela assentiu com lágrimas deslizando por suas faces coradas.

Engoli em seco, com medo de ela desistir. Segurei firme em sua mão e, com a vista nublada pelas minhas próprias lágrimas, eu disse:

— Me perdoa... — Diante dela, tão pura e disposta a me amar apesar de tudo, senti ódio de mim mesmo.

Queria voltar no maldito tempo e mudar o rumo da minha vida. Mas aquilo era impossível, e a única coisa que eu poderia fazer para me redimir era mudar o presente. Porque o meu passado estava manchado para sempre.

E eu queria mudar. Por ela, eu mudaria. Por ela eu seria um homem melhor.

— Por favor, me perdoa, bela — pedi repetidas vezes ao passo que ela continuava assentindo em soluços.

Rick se levantou, gesticulando para que fizéssemos o mesmo.

— Irmão, mesmo querendo e achando que deveria eu não posso ficar aqui com você. Eu tenho uma mulher grávida que precisa da minha atenção. Mas, sempre que puder, eu virei. E Nora, ligue para mim quando as coisas ficarem complicadas demais.

— Eu entendo, cara — respondi, o puxando para um abraço — Obrigado.

— Obrigada, Rick. Prometo ligar quando sentir que preciso de ajuda, mas não se preocupe comigo — Nora disse com determinação — Eu estou preparada.

Ele se afastou de mim, desferindo socos leves em minhas costas e forçando um sorriso.

— Então começando pelo principal... — Olhou bem no fundo dos meus olhos — vamos fazer a limpeza na casa. Quero ter certeza de que não tem droga nenhuma aqui.

Mordi o lábio com força, confirmando com a cabeça.

— E também quero que apague todos os contatos de pessoas usuárias de droga do seu celular. Principalmente quem te fornece.

Com dedos trêmulos e coração acelerado eu fiz o que ele pediu. Já podia sentir o desespero surgindo no fundo do peito, mas aquilo não era nada em comparação com o que ainda estava por vir.

Aquele foi o meu primeiro dia longe da cocaína, e me deprimia o fato de já sentir falta dela.

Capítulo 32



Eu falava sério quando disse que precisava de um tempo para pensar. Foi um choque descobrir sobre a dependência química de Átila, aquilo me feriu de formas inexplicáveis. Não pelo fato do sofrimento que a minha mãe passou com o meu pai, mas por eu amá-lo tanto que foi impossível dar as costas.

Ouvi-lo dizer que me amava bem naquele momento obscuro foi tão golpe baixo. Não era justo, no entanto, agora eu não poderia imaginar sua declaração de outra forma.

Eu nunca esperei por um conto de fadas, sabia que não existiam príncipes encantados nessa vida. Eu era realista. Mas, apesar de tudo, também não imaginava encontrar o amor em meio a tantos obstáculos.

Quando fui embora da mansão na noite anterior, eu fui pensando em tirar alguns dias para organizar meus pensamentos e compreender os meus sentimentos. Eu precisava ter certeza do que queria, e se eu era resiliente para suportar tanta angústia.

No fim das contas não importava o que eu quisesse, pois o meu coração

tinha vontade própria. Ele regia todas as minhas emoções e ofuscava a razão.

Nem cheguei a pisar os pés em casa, não poderia deixar que a minha mãe me visse naquele estado. E eu não queria que ela soubesse, ela não entenderia. Então decidi poupá-la, evitando preocupar a sua cabeça e fugindo de seus julgamentos, passei a madrugada chorando no ombro amigo de Lari.

Eu confiava nela o bastante para contar toda a verdade. E, como esperado, Lari foi compreensiva. Deixando-me chorar até que meus canais lacrimais não tivessem mais nenhuma gota sequer para derramar.

Minha amiga não me julgou, tampouco disse o que eu deveria ou não fazer. Ela só me deu o tempo e espaço necessário para que eu decidisse por conta própria, e aquilo era tudo o que eu precisava no momento.

Ao contrário da minha mãe, que perdeu a fé depois do meu pai, eu acreditava na recuperação e na reabilitação de um usuário de drogas. Eu estudei medicina afinal de contas, tinha noção de como era o processo de desintoxicação e, por isso, estava preparada.

— Você tem certeza disso, Nora? — Rick me perguntou longe dos ouvidos de Átila. Sua preocupação comigo era evidente e não pude conter um sorriso de gratidão em retorno.

— Sim — disse com um leve aceno de cabeça, o acompanhando até o cais.

O moreno parou de andar e se virou para mim, permitindo que um sorriso terno surgisse em seus lábios.

— Deus abençoe o seu coração, Nora Maia. — Tocou brevemente em meu braço antes de me soltar — Já cedeu tanto de si e, ainda assim, não pensou duas vezes em ceder novamente.

Comprimi os lábios, sentindo os olhos arderem com as lágrimas

persistentes.

— Eu não me importo — retruquei com a voz falha — Faço por amor.

Esperei ele entrar no barco e sumir ao horizonte antes de regressar para dentro. Respirei fundo algumas vezes, comandando o meu corpo a relaxar e pedindo que o coração ficasse calmo. Então, envolvendo-me com uma manta de coração, segui a passos determinados até o homem que eu amava.

Átila ainda estava no banho e eu aproveitei para organizar as medicações que eu havia comprado no dia anterior. Como eu havia dito, eu estava preparada. Literalmente. A maioria era calmante para amenizar a ansiedade e analgésicos. Infelizmente eu não consegui os remédios especializados para o tratamento sem uma receita médica. Portanto, teríamos de tentar com o que tínhamos em mãos.

— Bom dia, Nora — Marta apareceu, dando-me um baita susto e me fazendo deixar cair uma cartela no chão da cozinha — O que é isso? O que está acontecendo? — perguntou ao notar a minha expressão pálida e tensa.

Pelos deuses! Esquecemos completamente da Marta!

— Hã... — Fiquei sem reação, não sabendo como contar ou se ao menos eu deveria contar.

Ela me surpreendeu, no entanto.

— É o senhor Douglass, certo? — perguntou, passando as mãos na cabeça de forma apreensiva. — Ele está tendo problemas...

Elevei as sobrancelhas e arfei baixinho.

— Marta... — engoli as palavras, com medo de falar mais do que devia — Você sabe dos problemas do Átila? — investiguei hesitante.

A senhora exalou um alto suspiro e assentiu com pesar.

— Sim, menina. — Torceu a barra de sua blusa e caminhou até o telefone — Eu trabalho para o senhor desde que ele se mudou para cá, fui contratada pelos pais dele. E, infelizmente, o meu propósito aqui também é de vigiar os seus passos.

Se o meu queixo não estava no chão antes, com certeza ele estava agora.

— O que vai fazer? — perguntei tão logo ela pescou o telefone da base e passou discar um número.

— O meu trabalho, Nora. Estou ligando para a senhora Douglass.

Senti o meu coração martelar contra o peito e deslizei a língua sobre os lábios subitamente ressecados. Não conseguia me mover enquanto observava Marta conversar com a pessoa do outro lado da linha. A forma concisa com a qual ela se reportava dava a entender que aquilo era algo comum para ela.

No meio da conversa seus olhos buscaram por mim, assentindo como se a outra pessoa na chamada pudesse vê-la.

— Sim, senhora. Nora está bem aqui, vou passar o telefone para ela.

Quase tive um mini infarto. Engolindo em seco e inspirando fundo eu me aproximei, esticando os braços trêmulos e pegando o telefone das mãos de Marta.

— A-alô? — gaguejei, tamanha era o meu nervosismo.

— Oh! Olá, querida! Aqui é Blenda, mãe do Átila.

Pelos deuses do Olimpo! Meu cérebro tinha dado um nó.

— Ah, prazer — soei tímida e apreensiva demais aos meus próprios ouvidos.

— Sinto muito nos falarmos pela primeira vez em uma situação delicada como essa — disse desgostosa.

Será que ela sabia sobre a minha relação com o filho?

— Eu também sinto muito...

— Não se alarme, querida. Eu sei que você e meu filho estão juntos, fico feliz em saber! Queria poder ter te conhecido antes, mas Átila me pediu que esperasse o período de carnaval. Só não imaginei que nos conheceríamos dessa forma. — Estalou a língua pesarosa.

Soltei um riso trepidante em resposta.

— Pedi para falar com você... — suspirou do outro lado — eu vou soar como uma louca, mas confie no que eu digo. Eu tive um sonho essa noite...

— Ah... — Engoli em seco. Lembrando sobre o que Átila me falou no chá de revelação.

— Não posso me explicar muito, mas preciso que acredite em mim.

— Tudo bem, eu acredito — disse sincera. Eu realmente confiava em sua intuição.

— Eu sei que ama o meu filho e que ficará ao lado dele durante os momentos difíceis. Mas vai chegar um determinado dia em que ele testará seus limites, vai chegar um dia em que você terá de deixá-lo.

Suas palavras me arrancaram o ar, e eu arquejei estupefata.

— O-o quê? Não!

Ela suspirou e voltou a falar.

— Querida, me escute. Você saberá quando esse dia chegar e, por mais que queira ficar... Por mais que você o ame, terá de se afastar para ele se recuperar sozinho.

— Mas por que ele não pode se recuperar com a minha ajuda? Por que

você está m-me pedindo-o uma coisa dessa-as? — falei em soluços, sem conseguir conter o meu pranto.

— Porque, Nora, ele precisa querer se salvar pelas razões corretas — sua voz soou complacente, como se estivesse falando com uma criança. Ela estava tentando me fazer compreender algo que eu não queria ouvir.

— Como assim?

— Não basta querer mudar por outra pessoa, querida. Mudar por amor é muito bonito e poético, mas o primordial é querer mudar por amor próprio — sua voz entoava sabedoria — E o meu filho só aprenderá essa lição quando você o deixar.

Eu estava prestes a responder quando ouvi o meu nome ser chamado do segundo andar.

— Não se preocupe — ela disse, fazendo-me voltar minha atenção para a ligação — Vá, o ajude enquanto puder. Nos falaremos em breve.

E então ela desligou.

A voz de Átila ressoou novamente pela casa, e eu corri até ele sem mais demora.

— Está começando, Nora — ele disse em um murmúrio angustiado tão logo me viu atravessando a porta da suíte.

Aproximei-me de seu corpo seminu sobre a cama e toquei de leve a sua testa brilhando em suor. Ele queimava em febre.

Os músculos de Átila estavam tensos e vibravam em pequenos espasmos, seu corpo protestava a falta da droga.

— Eu sei, amor. Estou aqui — o consolei com carícias e palavras — Vai dar tudo certo, seja forte.

E então, naquele instante, iniciou-se a primeira fase da abstinência.

Capítulo 33



Minha cabeça pulsava tanto que parecia prestes a explodir. Eu tinha um gosto horrível na boca e a língua estava tão seca que eu não conseguia engolir.

Abri os olhos que ardiam quentes, e encontrei o quarto escuro. Tateei meu caminho até o criado mudo, mas não encontrei a jarra e nem o copo de água.

— Nora — tentei falar, mas a garganta ressecada e inchada só me permitiu emitir alguns grunhidos.

Eu precisava beber a maldita água, porra! Meu corpo doía como se eu estivesse morrendo.

Será que fui atropelado? Caralho! Eu *tô* no hospital?

Forcei a vista mais uma vez, abrindo as pálpebras pesadas.

Não. Eu estava no meu quarto mesmo.

— Nora! — engasguei o seu nome, rolando para a beirada da cama e caindo ao chão.

Ela foi embora?!

Porra, Nora! Você me abandonou?!

Arrastei-me de quatro e me encolhi com a dor perfurando meu estômago. Levei as mãos em punhos no piso e comecei a socar com força, berrando tamanha era a dor. Então me senti rasgar no meio, o meu corpo se contraiu abruptamente e comecei a vomitar.

Fuck!

Eu estava morrendo!

Voltei a esmurrar o piso molhado com meu próprio vômito, descontando minha angústia. Eu sentia uma cólera tão grande que lágrimas escorriam pelo rosto.

— Porra, Átila. Para com isso, cara! — Fui empurrado para trás, deitando de costas e batendo com a cabeça no chão.

Quem era o filho da puta? Ah, caralho, devia ser a pessoa que levou a Nora embora!

Levantei as pernas e chutei o desgraçado.

— Para com isso, irmão. Ou então vou ter que te imobilizar, cara. Eu estou falando sério! — A voz do Rick soou alto em meus ouvidos, e eu me retraí segurando a cabeça.

Olhei para cima, e vi o meu amigo esticando os braços para me segurar.

— O que aconteceu? — perguntei sem entender nada — Quem fez isso comigo? Quem tentou me matar? — levei as minhas mãos para frente do rosto, olhando para o sangue misturado com bile escorrendo nelas.

— Foi você quem fez isso consigo mesmo. — Puxou-me até eu ficar de pé e passou o meu braço por seus ombros — Venha, você está precisando de um banho.

Pisquei uma vez e eu já estava debaixo do chuveiro. Como isso

aconteceu? Cadê a Nora?

— Cadê ela?

— A Nora está dormindo, amanhã de manhã você vai vê-la de novo — Rick disse enquanto passava o sabonete nas minhas axilas.

Empurrei sua mão com um tapa e tentei me levantar do chão do boxe, mas escorreguei sem forças.

— Eu quero ela, por favor. Dói demais — Agarrei a sua camisa, trazendo ele para debaixo da corrente fria também.

— Eu já disse que ela está dormindo, cara, se acalma! Está tudo bem...

— Não, porra! Eu quero a cocaína, me dá! Só um pouco, Rick. Sério, só um pouco para parar de doer tanto.

Rick me levantou, apoiando-me na parede enquanto me cobria com a toalha.

— Não tem droga nenhuma aqui. Você não precisa disso.

— Cadê a Nora? — Senti as minhas lágrimas quentes escorrendo pelo rosto, elas se misturavam com as gotas de água que pingavam do cabelo. Meu peito doía muito, e uma tristeza profunda tomou conta do meu coração. Eu não conseguia respirar.

Rick suspirou e, segurando-me pelo tronco, me levou de volta para a cama.

— Ela está dormindo, irmão. Ela está aqui, está tudo bem.

Minha bela estava ali, ela estava bem. Que bom, não sobreviveria à outra perda, eu preferiria morrer.

***

Eu estava morrendo, tinha certeza!

O que estava acontecendo comigo? Onde eu estava?

Eu não tinha controle do meu corpo, só conseguia tremer de dor. Abri os olhos e tentei esticar os braços para a figura desfocada do outro lado do quarto.

— Lia?

A luz forte que permeava as cortinas da janela não me deixava enxergar direito, mas eu sabia que era ela.

— O que veio fazer aqui? — murmurei, esfregando os olhos para vê-la melhor.

Ela não me respondia! Por que ela estava ali?

— Fala alguma coisa! — berrei rouco — Está fazendo o que parada aí olhando para mim? Veio me ver morrer, *né*?

Engatinhei para fora do colchão e tentei me levantar com as pernas instáveis. Apoiei as mãos na parede e fui andando a passos vacilantes, porém os meus joelhos cederam ao peso do corpo e caí.

Comecei a chorar, nem sabia direito o motivo. Mas, quando olhei para cima e vi Rosália me observando em silêncio, eu me lembrei.

— Por que você fez isso comigo, hein? — urrei, espalmando o peito dolorido — Por que me deixou, Lia? Você matou uma parte de mim!

Dobrei-me em soluços, batendo contra o peito onde a dor era insuportável.

— Até hoje eu sinto um vazio bem aqui — sussurrei, fraco demais — é o pedaço que você me roubou.

Pisquei para limpar a visão nublada com as lágrimas. E, quando varri os olhos de volta pelo cômodo, a imagem de Lia se transformou bem na minha frente.

Ah, caralho, era a Nora esse tempo todo?

— Nora, é você? — Arrastei-me até ela, mas não conseguia alcançá-la — Ah, Nora, me ajuda. Eu *tô* morrendo aqui! Preciso do pó, Nora!

Ouvi um gemido. Ela estava chorando?

Não, o gemido foi meu.

Estiquei os braços e segurei suas pernas, mas Nora se dissolveu em minhas mãos. Levei as palmas para frente do rosto, tentando entender que porra foi aquela.

Então entendi. Eu fui deixado sozinho ali para morrer.

— Nora! — gritei, gastando a pouca energia que ainda restava em mim.

Encostei a cabeça no chão e, exausto, eu deixei a escuridão me abraçar.

Nova

Eu achei que soubesse como agir, mas aquele pensamento foi uma ilusão. Era impossível não me afetar por seu sofrimento. Foi preciso de muito controle para não chorar toda vez que ele se contorcia de dor. E, principalmente, precisei de muita força para não me abalar a cada vez que ele gritava para eu me afastar dele.

Nas duas primeiras semanas Átila passou muito mal, seu organismo estava entrando em colapso. A cada convulsão e grito de dor, o meu coração parecia que ia parar de bater por ele.

Pressionei o pano úmido e frio em seu rosto febril, limpando os vestígios do vômito que ele acabara de expelir.

— Sai daqui — murmurou fraco, para logo tossir e se convulsionar com outra onda de ânsia.

— Shiu... — reprimi as lágrimas e arrastei o balde para mais perto dele na beirada da cama — Não vou a lugar algum.

O quarto emanava o cheiro rançoso de suor e vômito, mas eu não tinha tempo para limpar o lugar como antes. Fazia quase dois dias que Átila não tomava banho, e eu não tinha a força necessária para carregá-lo até o chuveiro se ele não me ajudasse. Ele estava muito debilitado e mal conseguia se manter de pé.

Sem mais alternativas eu precisei ligar para o Rick, e estava esperando que ele chegasse para me dar uma folga. Eu também precisava de ajuda, não só o Átila.

Eu mal podia sair de perto do Átila. Tinha medo de deixá-lo sozinho e algo de ruim acontecer com ele.

Eu velava o seu sono conturbado, onde ele gritava, chorava e se contorcia. Tirava sua temperatura e o ajudava a se banhar quando estava lúcido o suficiente para se levantar. Controlava sua pressão sanguínea e o medicava sempre que necessário. Eu o alimentava e o hidratava. Enfim, eu cuidava dele como podia.

Mas nada daquilo parecia o bastante e eu me sentia uma inútil.

Observei Átila agarrar a borda do colchão com força enquanto colocava bile e ar para fora do estômago. Não existia mais nada para expelir, mas a sua ânsia não parava. Seus grunhidos e ruídos altos ecoavam em meus ouvidos, e então, o puxar sôfrego de ar como se ele estivesse sufocando.

Tentei tocá-lo novamente, mas ele me afastou. Quando os espasmos cessaram, dando uma trégua para o seu corpo exausto, ele me encarou com lágrimas nos olhos.

— Vai embora, Nora — suplicou em um sussurro — Por favor, eu não aguento mais. Eu não vou conseguir. Só vá e me deixa! — Empurrou-me para longe e então caiu de lado na cama, chorando.

— Não vou embora. E você aguenta sim, Átila — a minha voz saiu embargada, então limpei a garganta e falei com mais determinação — Você aguenta!

— *Tá* doendo demais, caralho! — berrou, afundando os dedos nos cabelos e cerrando as pálpebras — Eu preciso da coca. Só um pouco, por

favor. Não vou voltar a cheirar como antes, é só um pouquinho para parar de doer.

Num impulso ele voltou a se sentar, soluçando e chorando. Ele tremia muito e estava ensopado de suor. A sua vulnerabilidade era de cortar o meu coração.

Desisti de conter as minhas próprias lágrimas e o consolei com uma voz suave.

— Você não precisa da droga, amor. A dor vai passar, calma. Vai passar. — O deitei com cuidado, e acariciei seus cabelos molhados.

No criado mudo havia uma jarra de água e alguns remédios. Peguei o analgésico e ofereci para ele, desesperada em amenizar a sua dor.

Ele empurrou a minha mão com um tapa, jogando os comprimidos para longe.

— Eu não quero essa merda! Preciso é da cocaína!

Arfei assustada, pulando para fora da cama.

Átila me olhou com os olhos arregalados, percebendo o que fizera.

— Me perdoa! Eu não quis te machucar, me perdoa! — chorou arrependido — Eu te amo, tanto. Desculpa! Não me abandone, eu te amo. — Levou os braços para frente, chamando-me de volta.

Átila havia se transformado em um ser torturado, era angustiante vê-lo daquela forma. Já não reconhecia o homem forte de antes. Ele estava tão fragilizado e abatido que era possível ver o quanto lutava. E eu esperava muito que ele vencesse essa batalha contra a droga.

Átila segurou firme a minha mão, gemendo e se contorcendo a cada onda de dor. Afundando o rosto no travesseiro ele escondia o choro e, quando falou,

sua voz soou abafada.

— Nora, por favor... — Apertou minha mão com mais de força e estremeceu — Só um pouco do pó, eu juro. Por favor, eu faço o que você quiser. Por favor!

— Shiu... — Voltei a fazer carinho em sua cabeça, meus olhos estavam tão inchados pelo choro que eu mal conseguia enxergá-lo. E meu peito arfava tanto que eu me sentia sufocar em lágrimas.

Às vezes, ao ver a intensidade de sua dor, eu me perguntava se não era melhor dar a droga para ele. Era muito desesperador, mas eu voltava à razão e parava de pensar em bobagens.

O sofrimento dele era tão intenso e palpável que eu também sentia fundo em meu coração. Mas eu precisava ser forte. Eu prometi a mim mesma que aguentaria.

— Você vai ficar bem. Vai ficar bem — sussurrei como um mantra.

Ele se aninhou em meu colo e eu o embalei como uma criança. Não sabia por quanto tempo aquilo duraria, seus gemidos e lágrimas pareciam não cessar nunca.

Por fim, o cansaço o venceu e ele dormiu. E então era a vez dos pesadelos. E os gemidos voltaram a reverberar pelo quarto.

Aquela aflição durou quinze dias, alternando entre crises de vômitos, convulsões de dor, alucinações, súplicas para ter a droga de volta, agressividade e depois o arrependimento, muito choro e pedido de perdão.

Quando Átila alucinava, o Rick intervinha e ficava com ele, mantendo-me longe com receio de que eu pudesse me machucar. Nesses momentos eu só sabia chorar, esperando que ele voltasse à lucidez. Algumas noites o Rick dormia na mansão. Outras ele ligava a todo instante para saber como o amigo

estava.

Nos dias em que eu passava sozinha com Átila, eu precisava trancá-lo no quarto enquanto eu ficava do lado de fora. Deitada em um colchonete eu prestava atenção aos barulhos do outro lado da porta.

Ás vezes eram gritos, outras vezes eram esmurros e coisas se quebrando, outras era somente um silêncio perturbador.

Eu nunca dormia.

Aquilo era um ciclo vicioso.

Rick chegou e eu finalmente pude me deitar, já não pregava os olhos por dias e daquela vez o meu corpo pedia por um descanso.

A gente se revezava o quanto podia.

No entanto, eu sentia pena da Carol. Não imaginava como deveria ser para ela, grávida e sozinha enquanto aguardava ansiosa pelo retorno do marido.

Mas na terceira semana, graças aos deuses, as coisas começaram a melhorar.

Capítulo 34



Já fazia quatro dias desde que eu estava livre das dores e do mal estar. O período das crises de abstinência finalmente cessou, e eu recuperei o total controle da minha mente e do meu corpo.

Ainda deitado e com as pálpebras fechadas eu busquei por ela, mas só encontrei o colchão frio e os lençóis. Abri lentamente os olhos, tentando me acostumar com a claridade.

Por mais que eu estivesse melhor, eu me sentia cansado. Por isso, ao sentar na cama, precisei me encostar à cabeceira e inspirar fundo algumas vezes.

— Nora? — A chamei, procurando por ela pelo cômodo.

Eu estava sozinho. No entanto, ao prestar atenção aos pequenos sons da casa, percebi que o chuveiro do banheiro estava ligado. Minutos mais tarde ela apareceu enrolada em uma toalha.

— Está acordado — disse sorrindo ao me ver — Bom dia, amor. Como está se sentindo? — Se aproximou, colocando os cabelos úmidos para trás.

Quando se abaixou para depositar um beijo leve em meu rosto, eu sorvi o seu aroma fresco e me senti revigorado.

— Surpreendentemente eu me sinto bem — resvalei os dedos em sua face, notando os círculos escuros abaixo dos olhos de avelã. — Desculpe por te fazer passar por isso, bela — murmurei com a voz embargada.

Ela aninhou o rosto de encontro ao meu toque, então virou a cabeça e plantou os lábios na palma da minha mão.

— Átila... — sussurrou, desferindo outro beijo antes de voltar a falar — Não precisa se desculpar, você está se recuperando. Está tudo bem. Estamos bem.

Suspirei aliviado, sentindo-me mais leve ao ouvir suas palavras.

— Eu te amo — assoprei em seu pescoço, envolvendo seu corpo em um abraço — Obrigado.

— Também te amo — respondeu com a voz suave, levando as mãos até minha nuca e pressionando os lábios nos meus brevemente — mas me promete uma coisa?

— Qualquer coisa, bela — disse de encontro à sua boca, encostando as nossas testas e prendendo o seu olhar no meu — Faço qualquer coisa por você.

— Não me afaste mais, por favor...

Fechei os olhos e a abracei com mais força.

— Nunca mais, Nora — prometi, sentindo um nó se formar na garganta — Não era eu, meu amor. Era a cocaína falando. Me perdoa — minha voz saiu embargada pelo arrependimento.

Deslizei meus lábios em sua face, beijando suas lágrimas enquanto ela assentia.

Minhas mãos passearam por suas curvas e abri a toalha que cobria o seu

corpo.

— Eu estava com tantas saudades... — murmurei, trilhando beijos suaves por sua pele. Desci a cabeça até o vão dos seus seios e deslizei a língua, provocando suspiros e arrepios nela — Te amo tanto.

— Eu também, Átila. Por favor... — Ela afundou os dedos em meus cabelos, acolhendo-me com avidez.

— Te amo — repeti contra seu corpo. Envolvi-me em seu calor, soltando um suspiro de deleite.

Mergulhamos um no outro, avançando e recuando sôfregos e saudosos. Deixamo-nos levar por ondas cada vez maiores de prazer, e juntos nós alcançamos o arrebatamento. Tão logo recuperamos o fôlego a correnteza nos puxou de volta, e nos encontramos novamente imersos ao nosso amor.

***

Não adiantava o quanto eu dissesse que estava bem, Nora e Rick continuavam receosos. Eu podia ver pelo modo como observavam cada movimento meu, como se eu estivesse prestes a surtar a qualquer momento.

— Tem certeza que não prefere esperar mais uma semana? — Nora perguntou apreensiva.

Seus olhos me seguiam pelo closet onde eu terminava de me vestir para o trabalho.

— Eu já estou limpo há quatro semanas, Nora — exalei as palavras com cuidado para não soar irritado — Não tenho vontade de usar, estou me sentindo ótimo.

Ela fisgou o lábio inferior, parecia estar pensando em algo para falar. Então me aproximei dela e, segurando o seu rosto com delicadeza, eu a beijei

até que ela se esquecesse de suas preocupações.

— Está fazendo um dia tão lindo lá fora, bela. Por que não aproveita e relaxa na piscina? Ou então descanse às sombras do gazebo enquanto lê algum livro — Alentei suas faces, resvalando meus lábios em sua boca bem desenhada.

— Hmmm... — murmurou distraída — Pode ser, não é uma má ideia.

— Preciso ir — sussurrei, sorvendo o seu perfume antes de me afastar — Não devo chegar tarde — desferi outro beijo — Te amo.

A deixei num misto de euforia e tristeza. Eu ansiava poder sair de casa, mas ao mesmo tempo eu já sentia saudades.

Na fábrica ninguém sabia o que tinha acontecido comigo, salvo Rick e Carol, todos achavam que eu tirei as férias acumuladas. No entanto, eu tinha a estranha sensação de que estava sendo vigiado por todos.

Por isso me mantive dentro do meu escritório, evitando contato com os funcionários. As minhas tentativas eram frustradas, pois Rick e Carol iam atrás de mim a todo instante. Eles estavam sempre arranjando uma desculpa para falar comigo, e a constante preocupação deles me sufocava.

— Você aprova? — perguntou Carol, com uma mão massageando a sua lombar enquanto a outra me entregava os documentos.

Suspirei alto, engolindo a vontade de mandar ela sair logo da minha sala.

— Sim, Carol. — Joguei as folhas em cima da mesa — Mas você não precisava da minha autorização.

— Claro que precisava! Também é do seu interesse a qualidade dos lanches servidos nos *coffee breaks* das reuniões, Átila! — reclamou fingida.

— Sei. — Controlei o revirar dos olhos e apontei para o ponto atrás dela — Se isso é tudo, por favor, feche a porta ao sair.

Ela não se abalou, virando-se para a saída. Apoiando as mãos nas costas, ela se endireitou e foi embora a passos vagarosos. Parecia que o peso extra em sua barriga já começara a incomodar a coluna.

Voltei minha atenção para a planilha no meu computador, agradecendo o momento de paz para me concentrar nos números. Porém, tão logo suspirei aliviado, a porta se abriu novamente.

— Está de sacanagem comigo?! — eu disse exasperado, puxando os cabelos para trás da cabeça.

— Átila — Carol murmurou com o cenho franzido — Eu...

— Eu preciso trabalhar! Não dá para fazer nada com você e Rick fungando no meu cangote o tempo inteiro! — a interrompi, sem paciência para ouvir qualquer outra besteira que ela tivesse inventado.

No entanto, ao olhar bem para a sua expressão contraída e os braços fazendo movimentos frenéticos nas costas, percebi que algo estava errado. Levantei-me de supetão, correndo até ela.

— O que está acontecendo? — perguntei no mesmo instante em que ela se contorceu para frente, grunhido em dor.

A segurei pelos ombros antes que caísse e, quando olhei para baixo, eu vi algo que me fez entrar em pânico.

Um líquido grosso e rubro deslizava por suas pernas.

Carol estava sangrando.

— RICK! — berrei, embalando a sua esposa em meus braços.

Continuei gritando por ajuda, até que alguém apareceu. Não saberia

dizer quem foi, minha vista havia escurecido e eu sentia dificuldade para respirar.

Espalmei o peito, sentindo o meu coração sendo esmagado.

Caí de joelhos, a dor era insuportável demais.

Eu precisava que aquela dor fosse embora.

Eu precisava da coca.

7 anos atrás.

Os meus olhos cansados leram a mensagem que eu acabara de receber e logo já estava desperto.

Precisamos conversar, estou online te esperando.

Chutei o lençol enroscado nas pernas e me levantei do colchão, tateando a parede até encontrar o interruptor e acender a luz do quarto. Caminhei até o pequeno espaço entre a porta e a janela em frente à cama, e me sentei na cadeira em frente à escrivaninha.

Então liguei o notebook, forçando-me a abrir as pálpebras semicerradas por conta da claridade depois de já ter me acostumado ao escuro.

O alarme avisando sobre a chegada da mensagem havia me acordado

e, ao conferir as horas, percebi ser pouco mais que uma da manhã. Esfreguei os olhos e preenchi os pulmões ao limite, preparando-me para a ligação que estava prestes a fazer.

A sua voz hesitante ressoou alta pelo ambiente silencioso após o primeiro toque e logo em seguida a sua imagem apareceu na tela.

Olhos inchados e avermelhados me encaravam e eu soube naquele instante que ela estivera chorando.

— Átila...

— O que aconteceu, Lia? — a resignação se fez ouvir em meu tom de voz. E vendo a dor em suas feições eu quis atravessar o monitor para estar lá com ela.

Ela soltou o ar pelos lábios trêmulos e fungou, deslizando as costas da mão no nariz.

— Eu... — Desviou o olhar para o lado — Você sabe que o meu maior sonho é ser modelo, não sabe? Sabe o quanto eu amo o meu trabalho...

Eu sabia, pois a grandiosidade do seu sonho se comparava com o meu. E o meu maior sonho era ela.

Eu sonhava em ter uma família com ela, e estava sendo difícil aguardar tanto pelo momento perfeito. Se dependesse de mim eu já a teria pedido em casamento.

Não me importava a distância entre nós, a nossa pouca idade ou o fato de que eu ainda não tinha me graduado e tampouco começado a seguir com minha carreira. Eu sabia que tinha um emprego certo nos negócios da família e poderia começar a qualquer momento e o melhor, eu poderia expandi-los para qualquer lugar...

Se ela decidisse continuar em Nova York, eu não me importaria de me mudar para lá.

— Eu sei, amor — confirmei, franzindo a testa com a minha preocupação evidente — Por que está chorando, minha flor? — Levei a ponta do dedo para lágrima que acabara de escapulir em seu olho, chocando-o contra a tela.

— Átila, eu... — soluçou — preciso saber que você entende, de verdade. Entende que eu faria de tudo ao meu alcance para não desistir do meu sonho. As coisas finalmente começaram a dar certo para mim, muitas portas estão se abrindo e... — outro arfar e mais lágrimas deslizando pelas bochechas coradas — Eu não posso...

As palavras proferidas de seus lábios rubros eram como espinhos, elas se cravaram profundas e dolorosas em meu peito.

Elas soavam muito como o fim.

No entanto, fiz a pergunta, esperando fodidamente que eu estivesse errado.

— Você não pode o quê?

Sua expressão se contraiu em dor e inspirando fundo ela disse:

— Eu não... — Balançou a cabeça profusamente — Átila, eu não voltarei para o Natal. Cancelei as passagens e...

Meus pés batucavam céleres ao chão no mesmo ritmo frenético do meu coração. Abri a boca para falar, mas ela foi mais rápida e continuou.

— Por favor, me diga que você entende!

Cerrei os olhos com força, afundando as mãos nos cabelos e ficando as unhas no coro cabeludo.

— Entendo, Lia — assoprei fracamente.

Não seria a primeira vez que ela cancelava uma viagem para o Brasil, mas como eu disse, eu entendia a importância de sua carreira e como era difícil conseguir oportunidades diante de tanta concorrência.

— Promete? — perguntou em um sorriso trépido e molhado.

Assenti, atordoado demais para produzir palavras.

— Ótimo... — assentiu de volta, seu olhar perdido me dizia que estava pensando — Então precisamos conversar.

Uni as sobrancelhas, pendendo a cabeça para o lado.

— Pensei que essa fosse a conversa. Tem mais? — engasguei estarrecido.

Lia inspirou fundo e colocou sua franja solta para atrás das orelhas.

— Será... — hesitou, suas íris multicoloridas reluziam enquanto estudavam minha reação — Será que você poderia vir aqui o quanto antes? Preciso te contar uma coisa. Eu achei que conseguiria fazer isso sozinha, mas não posso...

***

Faltando dois dias para a véspera de Natal foi complicado conseguir um vôo de última hora. Mas lá estava eu, apesar do gelo que o Rick estava me dando e das reclamações dos meus pais quando souberam que eu não iria mais comparecer à ceia.

Eu tentava me comunicar com Lia, mas o seu número estava caindo na caixa postal. O vento gélido lambeu meu rosto tão logo saí do táxi, fazendo o meu corpo estremecer. Maldizendo o frio eu corri em direção à portaria do prédio, e suspirei em alívio ao ser abrigado pelo ambiente aquecido.

Era tarde da madrugada e, quando Lia abriu a porta para eu entrar, levou-me pela mão até a cama e voltou a dormir. Deixando assim a conversa para depois. Na manhã seguinte, porém, ela saiu para um ensaio fotográfico junto com Asha e avisou que só voltaria de tarde.

Sozinho no apartamento eu preparei a pequena mesa e, no improviso, pedi entrega de um restaurante italiano para o jantar. Escolhi uma variedade de massas acompanhadas de uma boa garrafa de vinho. Seria nossa simplória ceia particular. Já que eu não sabia quais eram os seus planos para o Natal, decidi comemorar com Lia naquela noite.

Esperava que Asha nos deixasse a sós ao menos por algumas horas. Eu tinha certeza de que, seja lá o que Lia queria me dizer, Asha já sabia. Então, tirei vantagem da situação, e a enviei uma mensagem pedindo que nos desse um tempo.

Aguardei ansioso e, quando a vi atravessando a porta da sala, levantei-me da cadeira e a recebi com um beijo. Ela estava tensa em meus braços, por isso descolei nossos lábios e a fitei nos olhos, encontrando-os marejados.

— Lia, você está me deixando preocupado... — Segurei seu rosto com cuidado — O que está acontecendo?

Ela desviou o olhar, notando pela primeira vez o jantar à luz de velas.

— Átila — tapou a boca com uma mão, abafando a sua voz — Por que fez isso tudo?

— Porque eu quis um momento especial com a minha garota — disse em um sussurro, beijando o canto da sua boca.

Ela voltou sua atenção para mim com um sorriso triste, então se soltou.

— Você me ama, certo? — perguntou com lágrimas nos olhos — Ainda acredita nos meus sonhos e sabe o quanto são importantes para mim?

— Você sabe que sim, Lia. — franzi o cenho. Ela já havia me perguntado aquilo antes de eu vir para cá.

Lia se afastou, meneando a cabeça copiosamente. Como se estivesse pensando e organizando as próximas palavras a serem ditas.

— Átila, eu... — exalou pelos lábios trêmulos — estou grávida.

Meu coração deu uma guinada no peito, então meus olhos desceram do seu rosto até a barriga lisa.

— De verdade? — perguntei atônito, sentindo os músculos do das minhas bochechas se contraírem. Eu estava sorrindo.

— Sim — soltou em um suspiro longo.

— Lia, isso é... — Aproximei-me dela, circundando sua cintura e me ajoelhando — maravilhoso!

— O quê? — Segurou-me pelos ombros e me empurrou — Átila, não! Eu não posso...

— Como assim não pode? — perguntei confuso, sentindo o coração apertar com o seu tom de voz.

— Eu não posso ter isso — respondeu ao tocar a própria barriga — Não entende? Isso acabaria com minha carreira, Átila — choramingou, voltando a me empurrar até que eu a soltasse.

— Lia, por favor, não fale isso — pedi com lágrimas borrando minha visão e apalpando desesperado o meu bolso à procura da caixinha — Tudo vai dar certo, minha flor. A gente se casa, e eu cuido de você... Cuido do nosso bebê. Você pode voltar a trabalhar depois que ele nascer...

Tirei a caixinha do bolso e, ainda ajoelhado, revelei o anel.

Lia balançava a cabeça enquanto chorava, mas, ao ver o anel de diamante, arfou alto e cobriu a boca com ambas as mãos.

— Eu te amo, Lia — engoli o nó da garganta e continuei — Eu sempre apoiarei os seus sonhos, mas me permita realizar os meus também. Permita-me ter uma família com você, permita-me ser pai. Vamos realizar os nossos sonhos juntos, amor.

Ela soluçava em meio às lágrimas. Segurei na mão dela e depositei o anel na sua palma, aguardando por uma reação. Esperando por sua resposta.

E, quando ela o deslizou por seu dedo, pude respirar de novo.

— Eu te amo — eu disse sorrindo.

Ela desgrudou os olhos do anel ao ouvir a minha voz e me olhou.

— T-também — respondeu aos soluços.

Levantei-me num rompante e a ergui nos braços, distribuindo beijos por seu rosto molhado.

Capítulo 35



Eu não saí da ilha uma única vez durante um mês. Não gostava de mentir, mas precisei inventar um motivo para não retornar em casa nesse período. Minha mãe e meu irmão achavam que eu estava viajando a trabalho, cuidando da suposta casa alugada em Curitiba enquanto Átila cuidava dos negócios por lá. Era um absurdo, mas foi tudo o que consegui pensar em cima da hora.

Não me arrependi uma única vez, no entanto.

A crise de abstinência era pura agonia, e ela não só afligia a Átila como a mim também. Mas, se pudesse, eu iria pessoalmente ao inferno para salvar as pessoas que amo. E nossa, como eu o amava.

Átila parecia saudável nos últimos dias, entretanto eu não conseguia simplesmente parar de me preocupar. Não era fácil, mas eu precisava ter confiança na sua recuperação. E hoje, quando ele decidiu voltar a trabalhar e sair de casa pela primeira vez, guardei os receios dentro de mim. Era necessário demonstrar a minha fé nele, para então ele ter mais fé em si mesmo.

Depois de passar quase três semanas no desespero, sem poder fazer muita coisa além de assistir a sua aflição, era um alívio vê-lo bem. A partir da terceira semana o processo de desintoxicação deixou de ser tão doloroso.

Porém, Átila entrou em uma melancolia profunda e estava sempre cansado nesse período, a ponto de não querer sair da cama.

Por muitas vezes eu o flagrava chorando ou sem vontade de fazer nada. Nem se alimentar direito ele queria. E eu, por consequência, sofria da mesma exaustão. Às vezes eu derramava tantas lágrimas que me sentia desidratada, com a garganta tão seca que mal conseguia engolir.

Eu sabia que a ausência da droga no organismo seria devastadora para ele, mas era um mal necessário. E, com o passar do tempo, ele deixava de sofrer tanto. Estava se libertando. Voltando a viver.

Quando os episódios de alucinação deixaram de ocorrer, não pude mais me manter longe dele. Voltei a dormir ao seu lado em todas as noites, velando seu sono quando os pesadelos chegavam ou me aninhando em seus braços nas madrugadas serenas.

A quarta semana veio como um sopro de ar fresco e, enfim, senti que podia respirar novamente.

Sua fissura pela droga parou, ele não sentia a necessidade de usar. Foi um alívio rever o ânimo tremeluzindo naqueles olhos azuis cristalinos, ele havia recobrado as forças.

Átila finalmente era o homem que eu conhecia.

Por isso, quando ele me pediu para aproveitar o dia e descansar, rendi-me à sua vontade. Eu realmente precisava recuperar as energias.

Acomodei-me na espreguiçadeira, deixando a brisa salgada lamber minha pele e o sol aquecer meu corpo ainda molhado da piscina. Fechando os olhos eu suspirei, sentindo os lábios se abrirem em um sorriso preguiçoso.

Minha consciência foi flutuando para longe como uma pluma ao vento, mas fui arrancada do torpor por um barulho ensurdecedor.

— Quê? — murmurei desorientada. Abri os olhos e elevei a cabeça, esquadrinhando o horizonte por onde aquele som vinha.

Coloquei os pés descalços no chão quente e me levantei, aproximando-me do heliponto com o coração subitamente acelerado.

Ainda era cedo demais para o seu retorno. Algo de ruim devia ter acontecido.

Aquele breve momento de alegria há pouco experimentado foi tomado por um medo, e então me preparei para o pior.

— O que aconteceu? — tentei perguntar assim que o vi descendo do helicóptero, mas minhas palavras foram engolidas pelo barulho das hélices.

Lágrimas não paravam de escorrer por seus olhos, e reparei o quanto eles estavam vermelhos e vidrados.

Consegui alcançá-lo, segurando em seus braços que pediam inertes a cada lado de seu corpo minguado. Átila tinha por volta de dois metros de altura, mas ali ele parecia tão pequeno em sua dor.

Sentindo mais a minha presença do que de fato me vendo, virou-se para mim. Ele mirava meu rosto, mas seu olhar estava perdido como se estivesse preso dentro da própria cabeça.

Fiz a mesma pergunta de poucos segundos antes, e outra vez ela foi abafada pelo barulho. O piloto que trouxera Átila estava naquele instante conduzindo o helicóptero para o alto, e as hélices cortavam o ar estrondosamente.

Exalei um suspiro trêmulo e o guiei para dentro de casa, segurando-o firme pela mão por todo o caminho. Então, no silêncio, pude ouvir os seus pequenos lamentos e tentei decifrá-los.

— ...acontecendo de novo... — chorou — muito sangue... — Desvencilhou-se abruptamente, levando suas mãos na altura dos olhos angustiados.

— Átila... O que aconteceu? — Tentei tocá-lo, mas ele se afastou rapidamente e quase perdeu o equilíbio.

— Não me toque! Eu *tô* amaldiçoado, caralho! — urrou, tremendo-se todo enquanto lutava para preencher os pulmões. Ofegando ruidosamente, ele correu até as escadas. — Preciso de mais. Preciso de muito mais — murmurou como um louco ao subir dois lances por vez.

Arfei com a dor esmagadora em meu peito e fui atrás dele. Minhas lágrimas desfocavam minha visão e tropecei pelo caminho, machucando os joelhos e as palmas das mãos ao me chocar com força contra os degraus. Não tive tempo sequer de processar a dor, ergui-me em um impulso e voltei a correr.

— Átila, para! Por favor, fale comigo! — supliquei ao encontrá-lo debruçado na mesa do escritório. Montava carreirinhas do pó em sua superfície, separando com a régua.

Ele parecia não me ouvir, estava em transe.

Pulei em cima dele, e o empurrei com força o bastante para obter a sua atenção.

— Amor, você não precisa disso — implorei, com a voz cortada. Puxando os seus braços tensos, eu consegui levá-lo a um passo de distância da mesa — Olhe para mim, por favor — pedi aflita, tão logo seu olhar se voltou para as duas carreiras de cocaína.

— Eu preciso, desculpa, mas preciso dela — disse em meio à soluços de um choro compulsivo.

— O que aconteceu? Não vou te soltar até você falar, Átila! — Eu o apertei com mais força. Trepei em seu corpo como se ele fosse uma árvore, agarrando-me a ele com as pernas e os braços.

— A Carol... — choramingou — o bebê...

Ele parecia se afogar em suas lágrimas, e buscava por fôlego para continuar falando. Eu afundei o meu rosto na curvatura do seu pescoço, escondendo o meu próprio choro. Tinha medo de ouvir o resto da história. Medo do que teria acontecido com Carol.

— Porra, tinha muito sangue! Ela sangrou em meus braços, e eu a perdi! Não pude fazer nada. Era muito sangue — As suas palavras se repetiam cada vez mais fracas.

Então Átila pareceu ter entrado novamente em transe. Contorceu-se com brusquidão até se soltar e, em um grito de dor, afundou o rosto sobre a mesa e aspirou todo o pó que conseguiu.

— Não! — Berrei em pensamento, pois me sentia tão quebrada que mal conseguia respirar.

Caí de joelhos, as feridas de antes se rasgaram ainda mais com o impacto, mas elas não doíam tanto quanto o meu coração.

Assisti atônita aquela cena degradante, sentindo-me uma fracassada ao ver o homem que eu amava se render ao vício. Se render à cocaína.

Não fui o suficiente para ele.

E então, como um estalo, lembrei-me das palavras da mãe dele.

E eu soube que o momento havia chegado.

Apoiei as mãos no chão e, sem conseguir sentir o meu corpo, me forcei a levantar.

Eu estava dormente.

Por isso, quando Átila ergueu o rosto e me lançou um olhar arrependido por sobre o ombro, eu não senti nada.

Quando ele caiu em prantos aos meus pés pedindo perdão, também não senti nada.

Eu não podia sentir, precisava estar dormente para fazer o que deveria ser feito. Ou então a angústia me tomaria por inteira, ela me tomaria de tal forma que eu não resistiria.

— Me perdoa, bela. Eu não queria que visse isso, por favor, me perdoa.

Ele ainda jazia aos meus pés, abraçando minha cintura e chorando contra meu ventre.

Toquei sua cabeça, deslizando os dedos por seus cabelos em movimentos suaves.

— Shiu... — sussurrei, deixando as lágrimas escorrerem silenciosas em minha face.

As carícias que eu fazia nele serviam tanto para acalmá-lo quanto para me acalmar. E, aos poucos, senti os tremores que o afligiam se dissiparem.

— Você entende, Nora? — sussurrou — Não vou voltar a usar como antes, mas eu preciso dela para aplacar minha dor. Por favor, me desculpe, mas eu preciso muito dela.

Continuei murmurando enquanto o acalentava, até que por fim estava calmo o suficiente.

— Átila, vou ligar para o Rick. Temos que saber como a Carol está.

Ele se inclinou para trás, ficando de cócoras, e me soltou.

Afastei-me dele, dando as costas. Desci as escadas e busquei por meu celular que eu havia deixado perto da piscina. Átila me seguiu em silêncio e me observou enquanto eu fazia a ligação.

No quarto toque fui atendida pela voz rouca e contida do Rick. Disparei perguntas e, a cada resposta, eu respirava mais aliviada.

Carol estava internada. A partir de agora a sua gestação seria acompanhada pelo médico e ela precisaria permanecer em absoluto repouso. Mas, felizmente, ela e Victoria estavam bem.

Rick me explicou que o diagnóstico foi Hematoma Intra-Uterino. Que basicamente era quando uma bolsa de sangue se formava no útero por causa de um deslocamento da placenta.

Ao encerrar a ligação, virei-me para o Átila. Vigiava-me atento, agarrando seus cabelos com uma expressão atormentada.

— Elas estão bem, Átila. Foi só um susto...

Ele soltou o ar dos pulmões de forma audível, e relaxou o corpo visivelmente.

— Mas... Tinha sangue. Eu vi. Eu vi o sangue saindo dela — murmurou confuso.

— Foi só um pouco de sangue, o bebê está bem — respondi, alternando a atenção do celular em minhas mãos para o Átila.

Minutos se passaram e continuávamos ali fora. Átila, perplexo, assentia levemente a cabeça. Estava perdido em pensamentos.

Enquanto eu...

Bem, eu continuava dormente. Por enquanto.

— Átila... — suspirei, desgrudando os olhos da tela do meu celular —

Por que não tira essa roupa e toma um banho?

— Hã? — Piscou algumas vezes, saindo do transe.

Reprimi as lágrimas e disse em uma calma fingida.

— Tome um banho, amor. Vai se sentir melhor.

— Você não vem? — perguntou como se fosse uma criança carente de afeto. O medo de me perder chispava em seus olhos injetados.

— Depois. Vá na frente, quero dar um último mergulho — Acenei com a cabeça em direção à piscina.

Ele uniu as sobrancelhas, mas assentiu. Antes de ir, entretanto, eu o chamei de volta. E, assim que se virou, colei minha boa à sua e o beijei suavemente. Átila correspondeu com intensidade, acelerando o ritmo de forma provocante e me puxando forte contra seu corpo. Parecia que queria me sorver, tornar-me parte de si.

Coloquei distância entre nossos lábios, e forcei um sorriso.

— Vá... — sussurrei ao que ele deu um passo hesitante para trás e, em um suspiro, se foi.

Esperei até que ele sumisse dentro de casa para expurgar os sentimentos que estavam me sufocando.

Caminhei até a borda e pulei. Afundando-me simultaneamente na piscina e na dor, eu soltei um grito catártico. Gritei em silêncio, totalmente submersa.

E então, emergi.

Não tinha muito tempo.

Corri até a casa e, entrando silenciosamente no quarto, peguei minha bolsa e algumas mudas de roupa. Não me preocupei em me vestir, ainda era

cedo e eu não seria a única pessoa de biquíni na Ilha.

Desci às pressas e percorri em prantos o caminho até o cais.

Brando já estava lá a minha espera.

Porém, antes que eu pusesse os pés dentro do barco, lancei um olhar para trás.

Naquele último segundo pensei em desistir e voltar correndo para os braços do Átila.

Mas então me lembrei de que era necessário. Eu teria de sacrificar o meu amor para que ele pudesse, no fim das contas, aprender a se amar.

Átila nunca se recuperaria de verdade por mim. Ele teria de querer mudar por conta própria.

— Me perdoa — sussurrei ao vento. Dando as costas para o lugar onde aprendi as melhores e as piores facetas do amor.

Capítulo 36



A dor me consumiu, e era grande demais para eu resistir. Quando percebi, já estava esticando as carreiras brancas e aspirando a sensação frabricada de prazer. Sentia a cocaína adormecer minhas dores enquanto eu me entregava à euforia. Ela me fazia sentir invencível, mas era por pouco tempo.

Logo eu sentia a vergonha.

Vergonha por não ter sido forte. De me perder cada vez mais. E de destruir o pouco que restara de mim.

Também sentia medo.

Medo de nunca conseguir recuperar os pedaços que me faltavam. De perder os meus cacos restantes para sempre. E de afastar de vez as pessoas que eu amava.

Mas o pior era a dor que voltava em dobro depois que o efeito passava. Arrastando-me para o abismo e me desafiando a pular cada vez mais alto. Até que um dia, eu receava, a queda não teria fim.

Deixei a água quente do chuveiro cair sobre mim e esfreguei o rosto com tanta força que eu me arranhava. Eu tentava me limpar de todas as formas, arrancando da pele a minha humilhação.

Mesmo de olhos fechados eu podia ver a expressão de desgosto que eu pusera no rosto de Nora. Eu estava arrependido. Não queria que ela me visse daquele jeito. Eu nunca mais a sujeitaria àquilo, esconderia bem o uso a partir de agora.

— Nora — chamei por seu nome ao ouvir um barulho baixinho vindo de fora.

Aguardei um pouco e, quando não obtive nenhuma resposta eu tentei novamente. Berrando alto o suficiente para ser ouvido lá debaixo, chamei por seu nome outra vez.

Ela disse que se juntaria a mim no banho, não foi?

Mas já havia se passado muito tempo e ela ainda não tinha aparecido.

Abri a porta do box e busquei por uma toalha, enrolando-a em volta dos meus quadris ao sair para o quarto.

— Nora? — Percorri os olhos rapidamente pelo cômodo, confirmando a sua ausência — Amor, onde você está? — perguntei, atravessando a porta e caminhando até o início das escadas.

Então eu ouvi ao longe o som do motor de um barco e eu soube.

Nora tinha ido embora.

Mas aquilo não era possível, ela prometeu ficar! Ela prometeu!

Corri escada abaixo, gritando por ela feito um homem louco. Vasculhei todos os cômodos da mansão, e por último fui para fora, esquadrinhando cada canto. A procurei como se por um milagre ela estaria à minha espera e tudo não passasse de uma brincadeira.

No entanto, a verdade era simples. Ela se foi.

Caí ao chão de quatro e, como um animal ferido, soltei um urro

agonizante.

A culpa era minha, eu quebrei minha promessa antes.

Eu desisti de tentar.

Mas, porra, eu precisava dela para seguir adiante!

Ela tinha de voltar. Tinha!

Não suportaria outra perda. Não quando finalmente os pedacinhos do meu coração estavam sendo remendados. Não quando eu descobri que era capaz de amar novamente. E, *damn it*, como eu a amava.

Corri de volta para dentro de casa. O movimento esticava a pele da perna que eu machucara ao cair no caminho do cais, mas eu gostava daquela dor. Ela me distraia da outra que se instalara no peito. Busquei por meu celular e liguei para Nora, seu número caía na caixa postal. Enviei mensagens dizendo que iria atrás dela, mas nunca foram visualizados.

Então, como última alternativa, liguei para o meu amigo. Eu precisava de sua ajuda para tê-la de volta, eu precisava de seus conselhos. Entretanto, as coisas que ele me disse não foram as que eu esperava.

“A deixe ir, Átila” foi o seu conselho de merda. E emendou com alguma outra besteira de que ela voltaria se eu fizesse por merecer, porque não existia dúvidas de que Nora me amava.

Se ela me amava, então por que foi embora?

Soquei a parede do meu quarto e gritei em revolta, sentindo a lava de dor se alastrando dos nós dos dedos até o braço. Chorando, fui cambaleante até o outro cômodo e, sem ter razão para lutar, inalei fundo a única que permanecera comigo. A única que não me largava, nem quando eu queria.

Minha odiada e amada cocaína.

A partir daquele momento eu me rendi completamente, já não existia mais nada a perder. Eu já havia perdido tudo e então, para completar, decidi perder a mim mesmo.

Cheirei tanto que também perdi a noção do tempo e espaço. Uma hora eu estava deitado na cama, sentindo como se meu peito fosse explodir e eu estivesse finalmente morrendo. Outra eu estava na rua, esmurrando a porta de Nora e pedindo para ela voltar. Mas, na maioria das vezes, eu estava na companhia da coca.

Tudo se passava em lapsos de lucidez. Minha consciência ia e vinha, mas de uma coisa eu tinha absoluta certeza. Por mais que tentassem, eu não ficaria com outra mulher. Não poderia nem se eu quisesse.

Eu ainda amava a Nora, de corpo e alma. Até ousava dizer que ela possuía o meu coração, mas então eu me lembrava de que eu não o tinha mais. Ele havia sido completamente destruído, enfim.

Afundei o nariz em mais uma carreira e abracei o esquecimento.

Era melhor não lembrar.

Era melhor não sentir.

Era melhor simplesmente me deixar levar.

Simplesmente deixar de existir.

Capítulo 37



Cada molécula do meu corpo gritava para eu voltar, mas eu não conseguiria viver com ele daquela forma. Vê-lo usar a droga foi uma das coisas mais horríveis que presenciei na vida. Átila se transformara de homem a um animal selvagem e faminto bem na frente dos meus olhos. Foi desesperador ver a pessoa que eu amava se destruir deliberadamente, perdendo a dignidade e a razão para a droga.

Por mais que eu tentasse, eu não entendia o motivo de ele ter entrado para aquele mundo sombrio. E eu queria entender!

Por que ele fazia aquilo? Por que ele sequer experimentou? O que o levou a se afundar na droga? O que o afligia tanto a ponto dele procurar a cocaína para aliviar a sua dor?

Mas, sempre que eu perguntava sobre os seus pesadelos ou tentava desvendar a dor por trás da lagoa azul em seus olhos, Átila se fechava ainda mais. Parecia querer fugir das lembranças que o atormentavam, ainda que eu achasse o quanto seria bom para ele colocar seus tormentos para fora.

Há dois dias eu fizera do confortável sofá bege de *suede* na sala de Lari a minha morada. Ainda não tinha coragem de explicar minha situação para a

minha mãe. E eu não queria que ela me visse daquele jeito, tão deprimida que mal conseguia me alimentar. Mal conseguia respirar sem sentir a dor esmagando o peito. Mal conseguia abrir os olhos inchados de tanto chorar.

Na verdade eu mal sabia o que de fato estava fazendo. Eu o amava muito, tanto que eu estava sofrendo por ele. Sofrendo demais.

Porém eu sabia que, apesar das minhas tentativas e de todo o amor que tinha para oferecer, eu não seria o suficiente para fazê-lo mudar de vida. E eu não poderia continuar com ele se não estivesse livre das drogas. Não viveria com alguém, por mais que eu o amasse, que se destruía diariamente sem pensar como aquilo afetaria as pessoas ao seu redor.

Estávamos sozinhas na casa de Lari, eu me escondia por lá enquanto não conseguia reprimir as minhas lágrimas. Naquele dia, porém, eu havia decidido parar. Aquele seria o último dia o qual eu me deixaria ser tomada pela tristeza.

Eu só precisava de um tempo para assimilar as coisas, sentir o que tinha para sentir. E então seguir em frente.

Não queria ficar sozinha imersa em meus pensamentos, era doloroso me lembrar dos nossos momentos juntos. Tanto os bons quanto os ruins. Lari me ajudava nesse ponto, mantinha-me distraída. Sempre tentando colocar um sorriso no meu rosto.

Entretanto, naquele instante, o silêncio predominava o lugar. Sendo interrompido ocasionalmente por minhas fungadas e pelo tilintar dos talheres na cozinha enquanto Lari trabalhava como boleira.

Só de saber que a minha amiga estava por perto me fazia me sentir melhor, a sua presença me passava confiança. E aquilo era o que eu mais precisava. Sentir-me confiante e forte para enfrentar minha situação. Até então

eu não tinha forças sequer para me levantar daquele sofá, quem dirá enfrentar o Átila.

Como eu explicaria o motivo de eu ter ido embora?

Como dizer para o homem que eu amava que a nossa separação era necessária?

Que, embora eu o amasse e ainda o quisesse em minha vida, eu não suportava o sofrimento que o seu vício causava?

Digam-me, como pôr em palavras algo tão complexo e delicado?

E, pelos deuses, como não me render à ele?

Se Átila me pedisse com jeito eu não resistiria. Seria errado, mas o coração quer o que ele quer, mesmo sabendo de sua destruição iminente.

Por esse motivo eu ainda não tinha retornado as dezenas de ligações perdidas, tampouco consegui enviar alguma mensagem. Ainda precisava de um tempo para colocar os pensamentos e sentimentos em seus devidos lugares.

Era de tardinha e minha mãe tinha acabado de sair para a sessão de fisioterapia enquanto Nico continuaria na escola por mais duas horas.

Foi quando eu o ouvi.

Pulei, assim como o meu coração, e por pouco não caí do sofá dando de cara no assoalho. Lari correu para fora da cozinha e, ao chegar na sala, trocamos olhares alarmados.

— Nora! Por favor, volte para mim! — os berros desolados de Átila que vinham do lado de fora eram acompanhados por batidas desenfreadas na porta da minha casa. — Bela, cadê você?! Por que não fala comigo?! — disse com a voz entrecortada e, a angústia nela, despedaçou ainda mais o órgão pulsante em meu peito.

— O que você vai fazer? — sussurrou Lari, prendendo as minhas mãos nas dela e me olhando no fundo dos olhos turvos.

— Eu não... — meneei a cabeça, fazendo com que as lágrimas caíssem em gotas ao chão — Eu não consigo, Lari — murmurei de volta. Manifestando pelo olhar aflito o quanto eu estava confusa e desesperada.

— Tudo bem, amiga. Tudo bem se não estiver pronta... — Ela me abraçou, deslizando carinhosamente os dedos por minhas longas mechas castanhas — Você quer que eu o mande embora?

Balbuciei algo incoerente, pois os meus soluços me impediam de responder com clareza.

— Hã? — Minha amiga se afastou, encarando-me com o cenho franzido.

Exalei por lábios trêmulos e inspirei fundo, preparando-me para falar novamente.

— Sim, mas... — arfei. O corpo já não seguia aos meus comandos e teimava em prosseguir em estado de pranto — Não seja má com ele, por favor. Eu só não posso falar com ele agora. Não nesse estado. — Gesticulei as mãos em frente ao meu rosto vermelho e inchado.

Ela suspirou, assentindo hesitante e me lançando um olhar desconfiado.

— Nora, uma hora ou outra você terá de falar com esse homem — Fez outro carinho na minha cabeça — Eu sei que é difícil, sei que dói, mas não é justo com ele você simplesmente sumir assim.

Meu choro só aumentava, assim como as súplicas desvairadas do Átila na rua.

— Eu sei — murmurei, sentindo as minhas forças se esvaírem a cada segundo — Só não agora, por favor. Eu estragaria tudo se o visse agora. Fale

com ele por mim, amiga. Diga... — Abracei minha cintura e fechei os olhos, inalando fundo para manter a calma — Diga a ele que não estou. Que voltarei no momento certo. Para ele não desistir. Não desistir de ser um homem melhor.

— Vou tentar, amiga. Mas acho que era você quem deveria dizer isso. — Levantou uma sobrancelha, fazendo-me sentir como uma criança — Senta aí e fique quietinha, não bisbilhote a janela ou então ele virá atrás de você. — Apontou para o sofá, então empertigou a coluna e rumou até a porta.

Nada aconteceu, porém. Átila foi embora, acelerando com o carro no instante em que Lari pôs os pés no lado de fora.

***

Voltei de vez para a minha casa, omitindo a verdadeira razão, no entanto. Tinha a absoluta certeza de que mamãe não entenderia, ela se voltaria contra Átila só por ele ser dependente químico. Eu conhecia bem a mãe que tinha. Devido a sua experiência com o meu pai, a mente dela havia se fechado completamente para qualquer argumento quanto ao assunto.

— Tem certeza de que não tem mais volta, filha? Está toda cabisbaixa, nem se alimenta direito! — Acenou com a cabeça para o meu prato ainda intacto sobre a mesa — Por que não tenta reatar? Eu vi com os meus próprios olhos como aquele menino te ama! Para tudo se tem jeito.

Eu já lutava diariamente para não cair no choro na frente da minha mãe e do Nico, agora lutava contra o enjôo, tamanha era a minha ansiedade.

Empurrei o prato para longe e forcei um sorriso pesaroso.

— Não se preocupe comigo, ok? — Levantei-me, recolhendo as louças sujas e as levando para a pia — Vou conseguir outro emprego logo, mas as minhas economias devem durar por mais dois meses.

O bom de ter vivido onde eu trabalhava foi a ausência dos gastos

pessoais, principalmente a de alimentação. E o salário era bom o bastante para pagar as contas de casa e ainda guardar um pouco na poupança.

Da cozinha eu flagrei minha mãe balançando a cabeça em negativa. Parecia mais desolada do que eu. Ao menos mais do que eu demonstrava estar, porque na verdade eu estava prestes a desabar novamente. E eu precisava sair dali antes que eu perdesse o controle das emoções.

— Mãe, vou passar na Lari e já volto — disse ao andar por ela, beijando brevemente a sua testa antes de fugir para a vizinha. — Não se esqueça do remédio, está quase na hora! — gritei da porta ao me lembrar abruptamente.

Tão logo escutei a sua confirmação, corri até o terreno ao lado.

— Amiga? — chamei ao entrar sem cerimônias na casa.

— Aqui! — a sua voz estridente veio do banheiro.

Segui pelo corredor e aguardei do lado de fora cômodo. Podia ouvir o som da torneira se fechando e, logo em seguida, Lari apareceu na fresta da porta.

— Nora, me ajuda! — a sua expressão aflita e a urgência em seu tom me deixaram preocupada.

— O que foi? — Aproximei o rosto do seu pela pequena abertura — Está passando mal?

Ela torceu o nariz, negando de leve.

— Não. Eu estava terminando que fazer o glacê do bolo quando fiquei com vontade de espirrar, daí me virei para longe e, quando espirrei, senti como se uma cachoeira tivesse brotado entre as minhas pernas! — choramingou dramática — Nora, foi um desastre! Minha menstruação veio

antes da hora, manchei as calças e, quando vim procurar por um absorvente... Advinha! Não tem! Nenhunzinho!

Comecei a rir.

Se eu não a conhecesse, diria que fez aquilo de propósito só para me ver sorrir.

— Calma que eu vou buscar. Devo ter um que sobrou da última vez... — Meu sorriso foi morrendo e meu sangue foi gelando enquanto eu fazia os cálculos na cabeça.

Não era possível.

Comecei a contar de novo e, por fim, espalmei o peito e arfei surpresa, exatamente como uma personagem de novela mexicana.

— Nora do céu, o que está acontecendo com você?! Está tendo um ataque?

— Carnaval — murmurei atônita.

— Quê? — Lari, deixando a discrição de lado, saiu pela porta enrolada em uma toalha tão minúscula que parecia de rosto. Segurou-me pelos ombros e me sacudiu — Nora, acho que você está dando *tilte*. O que tem o carnaval a ver com minha situação?

— Mais de um mês... — contei, ainda revirando a memória. Num estalo, levei os meus olhos esbugalhados para os da minha amiga — Lari, eu acho que estou grávida.

Minha amiga quase caiu para trás, mas agarrou-se em mim e, sem querer, deixou a toalha cair. Revelando assim sua nudez, tapada apenas por um chumaço de papel higiênico.

— Ai minha nossa senhora! Vamos para a farmácia agora mesmo! —

Voltou para dentro, correndo até o rolo de papel e enrolando uma quantidade absurda — Isso deve aguentar — disse, usando aquilo para forrar uma calcinha limpa.

Vestiu-se rapidamente e me agarrou pela mão, levando-me até a loja mais próxima.

O atendente nos observou curioso enquanto passava os itens, que consistiam em dois testes de gravidez e três pacotes de absorvente tamanho grande.

Minutos depois estávamos de volta ao banheiro.

Ela bem protegida.

Enquanto eu...

Eu estava bem grávida.

— O que você vai fazer, Nora? — Lari perguntou, tirando-me do meu modo catatônico. Eu não conseguia parar de olhar para os resultados positivo.

— Isso muda tudo — sussurrei ao tocar cuidadosamente o meu ventre.

— Como assim?

Levantei os olhos nublados, encontrando a mesma emoção refletida nos da minha melhor amiga.

— Eu não posso esperar tanto. Não podemos esperar tanto — Corrigi-me, pensando no bebê que crescia dentro de mim — Átila precisa mudar agora se quiser fazer parte de nossas vidas.

Enxuguei as lágrimas com dedos trêmulos e, logo em seguida, busquei por meu celular.

— Antes achei que eu pudesse esperar por ele. Eu esperaria o tempo

que fosse até ele encontrar o caminho de volta por conta própria. Mas isso não é mais uma opção — ofeguei, sentindo outra maré de lágrimas ondulando por meu rosto.

Lari me observou em silêncio enquanto eu conversava com a pessoa do outro lado da linha.

— Blenda? — soei cansada para os meus próprios ouvidos.

— Nora, meu amor. Chegou a hora.

— Sim... — funguei — Diga-me que ele vai melhorar. Por favor, Blenda. Eu preciso que ele melhore agora. — Debulhei-me em lágrimas.

— Fique calma, querida. Não faz bem para o seu estado ficar tão ansiosa.

Seu comentário me fez soltar um riso molhado.

— Você sabe, não é?

— Sei, sim. Sonhei faz dias... — suspirou alto — Estou indo para o Rio de Janeiro ainda hoje. Cuidarei do meu filho, ele querendo ou não. Não vai ser fácil, mas ele vai aceitar ser internado. Confie em mim.

— Eu confio — respondi mais calma. Realmente acreditava em suas palavras.

— E, Nora? — chamou minha atenção antes que eu encerrasse a chamada — Preocupe-se só com você e o bebê. Eu cuidarei do resto. Marque todas as consultas necessárias no médico. E não pense nas despesas, elas serão todas por minha conta.

Assenti atônita, como se ela pudesse me ver do outro lado.

Eu estava grávida!

Uma parte minha e do Átila crescia em meu ventre.

Até então eu não sabia que era possível, mas eu já amava tanto o nosso bebê!

Ele era fruto do nosso amor. E, apesar das circunstâncias, eu sabia que o seu papai o amaria também.

Átila só teria de aprender a amar da maneira certa.

Sem as amarras do vício.

Sem restrições.

Sem medo.

Não poderia haver nada entre nós que nos mantivesse afastados.

Nada.

A não ser, é claro, a minha barriga crescida.

Capítulo 38



Os dias se mesclavam uns aos outros. Eu só via o teto rodopiar e a escuridão me engolir e, quando o mundo entrava em foco novamente assim como a sensação do buraco sangrando em meu peito, inalava o esquecimento.

Obliterava-me cada vez mais. Fragmentando o que restava de mim.

Eu queria poder me abandonar com tanta facilidade com a qual as pessoas que eu amei na vida me abandonaram. A droga me ajudava com isso, aos poucos me sentia cada vez mais longe de mim.

— O que é isso? — Perguntei para ninguém em particular.

Nem lembrava mais o motivo da minha própria pergunta.

Até que eu ouvi novamente o barulho. Tinha alguém tentando entrar na minha casa.

Levantei-me com dificuldade do chão, e saí cambaleante do escritório enquanto apoiava as mãos pelas paredes.

— Quem é o filho da puta que está invadindo minha propriedade? — berrei, arranhando a garganta seca.

Eu havia trancado as entradas e ninguém, nem mesmo Marta ou Rick,

conseguiriam entrar na casa.

Queria permanecer sozinho na minha maldita escuridão, sem interrupções e perturbação. Eu não aguentava mais ouvir da boca de alguém que eu tinha de ser forte, que eu não podia desistir.

Entendo que falam com as melhores intenções e, por mais que tentassem de todas as maneiras me fazer mudar de ideia, eu estava cansado.

Já tinha aprendido minha lição, e é claro que eu sabia sobre as consequências.

No entanto, eu tinha perdido as esperanças. Tinha perdido a vontade de persistir.

Eu só queria que me deixassem ir para o abismo. Não queria mais ouvir o quanto aquilo me fazia mal, ou o quanto eu estava me destruindo.

Eu não tinha mais motivos para ficar bem.

Fui arrastando as pernas até chegar à porta de correr. Era dia, mas o ambiente permanecia obscurecido pelas cortinas fechadas. Levei uma mão para frente e agarrei o tecido que acobertava o vidro, levando-a ligeiramente para o lado, o suficiente para eu ver quem estava atrás da porta.

— O que você quer? — resmunguei trôpego — Já disse que não estou bem para trabalhar, faça o que quiser com a fábrica e me deixe em paz!

— Não vim aqui para isso — Rick retrucou cansado, coçando os olhos como se não dormisse há dias.

— Para que veio então? Vai gastar sua saliva se foi para me fazer parar. EU NÃO VOU PARAR! — gritei, sentindo-me subitamente possesso.

— Nós viemos conversar sobre algo urgente, Átila. Abra a porta, cara.

Ele disse “viemos”? No plural?

Varri os olhos ao seu redor, porém, só quando abri mais a cortina que finalmente a encontrei.

— *Mam?* — a chamei com a voz embargada. Toda a raiva de antes fora transformada em profunda tristeza e vergonha. — Mãe, é mesmo você? Não estou delirando?

— Filho, venha cá. Deixa eu te abraçar — pediu emocionada, e pela primeira vez notei o quanto o seu nariz e os seus olhos estavam vermelhos. Ela esteve chorando por minha causa.

Meus joelhos se dobraram no instante em que eu destranquei a porta. Rick conseguiu me segurar antes que eu caísse, levando-me até a cadeira mais próxima ali na varanda.

— *Mam*, não queria que você me visse assim — chorei, pendendo a cabeça para baixo e escondendo o rosto com as mãos.

Eu a sentir se aproximar até que seus braços envolveram meu corpo, puxando-me para um abraço. Mergulhei o rosto em seu colo, voltando a ser uma criança. A sensação acolhedora intensificou as minhas lágrimas e, quando dei por mim, estava soluçando e tremendo de tanto chorar.

— Ah, filho! Se eu soubesse antes o que se passava com você, teria vindo há muito tempo — murmurou angustiada — Isso, filho. Coloca tudo para fora — embalou-me, entoando uma canção que costumava cantar para me ninar. E, na melodia irlandesa de "Too Ra Loo Ra Loo Ral", ela me acalmou.

— Átila, está na hora de você ficar limpo, meu irmão — Rick, aproveitando da minha tranquilidade momentânea, tentou me convencer pela... sei lá, já havia perdido as contas.

— Não — eu disse, meneando freneticamente a cabeça e saindo de perto dos dois.

— Filho, escute o que temos para falar...

— Já disse que não! Mãe, você não entende o que sinto aqui — soquei o peito com tamanha força que senti um estalo na costela — Não tenho mais nada, estou oco. A única coisa que me preenche é dor.

— Não é verdade, filho. — Minha mãe tentou tocar meu rosto, mas afastei sua mão ao segurar seu pulso com uma delicadeza surpreendente.

— Estou falando sério! Eu não me importo mais, mãe, não vou largar a coca. Não há mais nada para mim nessa vida, nada que valha a pena para sentir isso aqui. — Voltei a chocar a mão no ponto acima do coração — Prefiro me manter dormente.

— Porra, Átila! Cala a boca! Cala essa maldita boca! — Rick explodiu em raiva, puxando-me pelos ombros de forma brusca.

— Me larga... — estava dizendo, mas as próximas palavras do meu amigo me fizeram congelar.

— Nora está grávida! Você tem tudo, cara! Você tem a porra toda que valha a pena!

Grávida.

Aquela simples palavra bateu com tanta violência na minha consciência que eu perdi o balanço. O meu coração perdeu uma batida e o meu estômago se embrulhou. Dobrei-me para frente e, tomado por espasmos, eu vomitei o pouco que restava dentro de mim.

— Ela... — tentei dizer entre as crises de ânsia, agarrando um dos braços do Rick enquanto forçava a frase pela garganta — está grávida?

Eu devia ter cheirado muito e estava delirando.

— Sim, meu querido. Nora está esperando um filho seu — minha mãe

respondeu por Rick. E eu senti suas mãos tocarem minha cabeça pesada em um carinho maternal.

— Eu tenho que ir atrás dela! Tenho que impedir! — empurrei os dois para longe, cego pelo desespero e totalmente aterrorizado.

— Calma, irmão! O que está fazendo?! — Rick me abraçou por trás, puxando-me de volta quando eu tentei correr em direção ao cais.

— Me solta, porra! Eu preciso correr enquanto ainda há tempo! — atormentado, puxei os meus cabelos com força. As lembranças do passado se misturando com os acontecimentos do presente. — Ela vai matar o nosso bebê! Preciso impedir, Rick!

— Filho, Nora nunca faria uma coisa dessas!

— Ela não é a Lia, Átila!

Os dois disseram ao mesmo tempo, trazendo-me de volta à realidade.

Pisquei algumas vezes, tentando encontrar sentido em tudo aquilo.

— Mas... — olhei de um para o outro com a vista turva pelas lágrimas — Ela também me abandonou — agachei-me, cansado demais para me manter de pé.

Minha mãe veio até mim e tornou a me abraçar, sentando ao meu lado no chão.

— Ela não te abandonou, querido. Só está esperando pelo homem escondido aí dentro — tocou a ponta do dedo em meu peito — Nora está esperando por você, filho. Mas você está correndo contra o tempo agora, tem um bebê à sua espera também.

— Eu não os mereço, não é? Olhe para mim, *mam*, eu sou um monstro — murmurei, exausto demais para falar. Exausto até para respirar — Eu não

mereço ser amado.

— O amor não existe para ser merecido, Átila, ele só precisa ser sentido. — Beijou o topo da minha cabeça — Você, meu filho, tem tanto amor à sua volta. Mas não importa o quanto seja amado por outras pessoas, você nunca sentirá que é merecedor desse sentimento se não amar a si próprio.

— Mas como? Como eu posso amar alguém o qual eu odeio?! Eu odeio quem eu me tornei — engasguei as palavras, afundando o rosto no colo materno.

— Primeiro, irmão, você precisa se livrar de tudo o que te faz mal. Você tem que ficar limpo, meu amigo — Rick soou distante, mas na verdade estava bem ao meu lado.

— Filho, nós encontramos um lugar maravilhoso para a sua reabilitação. Tudo o que você tem que fazer é querer ir.

Demorei alguns segundos para responder, o nó entalado nas cordas vocais não me deixava falar sem que eu afundasse no choro.

— Eu quero. Por favor, me levem. Mas eu preciso ter certeza de que meu bebê ficará bem. Que Nora estará bem enquanto eu estiver trancado naquele lugar. Não posso ir sem a certeza de que ficarão todos bem.

— Cuidaremos bem dela, meu amigo — Rick segurou meu braço, levantando-me em um impulso e me abraçando.

— Então me levem agora mesmo.

7 anos atrás.

Eu estava ansioso para espalhar aos quatro ventos que eu seria papai. Mas Lia pediu para guardamos a informação, ainda estava muito cedo e ela queria esperar mais um pouco. Contaríamos primeiro à nossa família quando voltássemos juntos para o Brasil.

Estávamos na semana que seguia o Natal, no dia vinte e nove de dezembro, e eu permaneceria em Nova York com a minha noiva até que as minhas férias acabassem.

Noiva. Como eu amava aquela palavra! Ela soava como música aos meus ouvidos, e eu a cantava sempre que podia, como em "replay". Essa felicidade, porém, eu não manteria em segredo. Logo eu avisaria aos meus pais e ao meu melhor amigo, eu só estava aguardando o momento certo.

Mal podia acreditar na minha sorte grande. Eu teria a minha própria família! Logo tomaria Lia como minha esposa e já tínhamos um bebê a caminho. Esse era o meu sonho, eu só não imaginava que ele se realizaria tão cedo.

Sentado no sofá de três lugares da pequena sala do apartamento, eu lia um livro enquanto esperava o tempo passar. Já era de noitinha e Lia ainda não voltara da rua com a Asha. Nevava muito naquela semana, e eu me preocupava com ela saindo naquele frio, mas Lia teimou em fazer algumas compras. Derreti-me todo quando soube que ela queria comprar artigos para o nosso bebê e cedi. Eu sempre cedia.

Ergui relutante o meu olhar da página — a história sobre as guerras dos tronos prendia minha atenção — mas quando pus os olhos nela

adentrando o lugar, pálida e trêmula, larguei o livro de qualquer jeito sobre a mesinha e fui até ela.

— Oi — disse para Lia. E então olhei de relance para Asha que ainda tinha seu braço enroscado na minha noiva — O que aconteceu?

— Nada, só estou cansada e com muito frio. Preciso me deitar. — Até a voz de Lia fraquejava.

Ela segurava uma bolsa de compra na frente do corpo e, assim que se desvencilhou de sua amiga, entregou-me o objeto com um pequeno sorriso molhado. Reprimia as lágrimas, mas eu podia vê-las inundando seus olhos. Suas íris estavam mais monocromáticas hoje, tendendo para o cinza escuro.

Asha suspirou baixinho e eu notei o leve balançar de sua cabeça enquanto ela olhava com pesar para a bolsa na minha mão. Deixei aquele gesto dela passar batido, e me virei para Lia que parecia com dificuldades para caminhar.

Franzi o cenho e a envolvi com o meu braço livre, sentindo a textura arrepiada de sua pele gelada.

— Você está congelando, flor. Venha, vou te aquecer na cama.

Circundei a cintura dela com a minha mão livre, andando devagar até o quarto. Assim que a depositei no colchão macio, ela se encolheu de lado e cerrou as pálpebras enquanto batia o queixo.

Damn it! Ela estava tremendo muito!

Peguei a grossa coberta, puxando-a por seu corpo até a altura do pescoço. E me acomodei ao lado dela, mas fiquei sentado com as costas apoiadas na parede — a cama carecia de uma cabeceira.

Ao ver que Lia não estava muito a fim de conversar, eu a deixei quieta

no seu canto do colchão e abri a sacola de compras. Ela revelava um par de sapatinhos de camurça branca, o tamanho era tão pequeno que sobrava na palma da minha mão.

Um sorriso largo rasgou meus lábios enquanto eu imaginava nosso neném usando aquilo, ele ou ela teria muito estilo se dependesse da mamãe.

Lia soltou um gemido de dor que reverberou alto pelo cômodo, arrancando o sorriso bobo da minha cara.

— Amor? — perguntei aflito, tocando em suas costas de forma protetora e me debruçando sobre ela.

Outros gemidos foram seguidos por choro brotavam de sua garganta enquanto ela arquejava ao meu lado. Com o coração espancando minha caixa torácica e a pressão subindo aos ouvidos, eu percebi a mancha rubra se espalhando gradativamente na coberta envolvendo o corpo contraído de Lia.

— ASHA — gritei em desespero enquanto eu pegava delicadamente a minha noiva no colo. Lia estava perdendo a consciência e eu estava apavorado — Asha, chame por uma ambulância! AGORA! — berrei novamente, carregando Lia até a sala.

A mulher apareceu rapidamente e, com olhos negros arregalados e os lábios trêmulos, ela pressionou o celular à orelha. Eu embalava Lia, rezando baixinho para que ela e o nosso bebê ficassem bem. Eu me distraía com a quantidade de sangue fluindo para fora do seu corpo, e precisava voltar minhas orações para o início e pedir novamente por um milagre.

Asha estava falando com o atendente, e suas palavras voavam com pressa e angústia enquanto explicava a gravidade da situação e informava o nosso endereço.

— Diga que ela está grávida! Diz logo, Asha! — urrei, aninhando o corpo desfalecido de Lia ainda mais contra meu peito — Avisa que ela está perdendo muito sangue.

A mulher começou a chorar freneticamente e, ao balançar a cabeça disse para a pessoa do outro lado da linha:

— Ela fez um procedimento de aborto essa manhã, mas algo deve ter dado errado. Por favor, cheguem logo. Por favor! Ela está perdendo muito sangue.

Suas palavras me nocautearam, perdi o balanço e dei um passo em falso para o lado, caindo de joelhos ainda com Lia firme em meus braços.

Olhei desacreditado para as suas faces, elas estavam pálidas com os lábios já azulados e olheiras fundas abaixo dos olhos.

Ela não teria feito aquilo, certo? Eu devo ter escutado errado. Lia não mataria nosso bebê.

Eu tinha um par de sapatinhos para comprovar! Aquilo não fazia sentido algum.

— Eles estão a caminho, vamos... Vamos descer para a portaria, a ambulância deve chegar em vinte minutos — A voz de Asha me arrancou do torpor.

— Vinte minutos?! — murmurei incrédulo — Vinte minutos é tempo demais, ela precisa ir agora! — solucei, afundando o rosto no cangote de Lia e deixando minhas lágrimas banharem sua pele.

— Eu sei, tá bom, eu sei! Mas é o melhor que podem fazer, Átila. Se fossemos de táxi levaríamos o dobro de tempo!

Levantei a cabeça e me ergui com cuidado, com medo de machucar

ainda mais a minha noiva.

Lancei um olhar fulminante para Asha, sentindo o meu sangue correr fervendo nas veias e um calor colérico queimando meu peito.

— Por que você mentiu? — a minha voz sussurrada era ameaçadora — Por que mentiu, porra?!

Ela parou de morder as unhas e me encarou com as sobrancelhas unidas.

— Menti? Do que você está falando? — perguntou fraca, olhando angustiada de mim para a mulher desfalecida em meus braços.

— Você disse que Lia abortou. Ela não fez isso! Lia até comprou um presente para o nosso bebê! Ela não o matou — disse em meio às lágrimas, voltando a embalar a minha noiva.

Eu nem notava mais o líquido quente que escorria por meus braços e molhava minha camisa. Eu estava em choque.

— Ela que mentiu para você, Átila, não eu. O presente foi para te despistar — Aproximou-se, tentando tocar a cabeça de Lia. Mas eu nos afastei dela com um rosnado. — Ela... Ela ia esperar mais um pouco e te dizer que teve um aborto espontâneo.

— Não... — choraminguei, sentindo as suas palavras me rasgarem por dentro.

— Sim, Átila — disse com a voz embargada — Eu não entendo como você não sabia! Ela te contou, mas você não quis escutar...

Aquilo parecia inconcebível para mim. Continuei em negação até chegarmos ao hospital. E, depois de horas à espera de alguma notícia, veio a confirmação que me destruiu por inteiro. Deixando um espaço vazio e

negro no meu coração.

— Sinto muito, mas ela não resistiu... — O cirurgião me olhou com pesar enquanto eu balançava a cabeça e derramava lágrimas sem fim — Ela já chegou por um fio de vida, com hemorragia entre outras complicações.

— Que complicações? — a pergunta saiu robótica da minha boca. A verdade era que eu estava morto por dentro, a dor era tanta que eu não conseguiria passar nenhuma outra emoção.

— A cérvice estava lacerada, também encontramos uma perfuração na parede uterina e a artéria comprometida. Sinto muito, fizemos tudo ao nosso alcance, mas era tarde demais.

As palavras dele penetraram em mim, ecoando no cérebro e encravando no que restara do meu coração.

— Mas... como? — murmurei atônito.

— Se eu fosse você, entraria em contato com a clínica onde foi feita a interrupção da gravidez. O procedimento foi mal feito...

Eu estava sendo engolido vivo pela dor, ela era lancinante. Tão forte que, se eu pudesse, arrancaria o órgão pulsante de dentro do peito só para não sentir.

Não queria sentir mais nada.

Não lembrava ao certo do caminho de volta ao prédio naquele dia, tudo passava por mim num borrão.

No entanto, a cena que vi tão logo adentrei o apartamento ficaria marcada para sempre na minha memória. E, logo saberia, mudaria para sempre o rumo da minha vida.

Asha estava agachada em frente à mesinha de centro. Parecia um

animal selvagem enquanto montava, com movimentos urgentes e usando um cartão de crédito, três carreiras de cocaína.

E, em um breve momento, quando os seus olhos vermelhos encontraram os meus, reconheci o sofrimento que chispavam deles.

Então ela mergulhou o rosto e inalou fundo uma carreira atrás da outra, jogando a cabeça para trás logo em seguida em um gemido de prazer.

— Funciona? — Cheguei mais perto, deixando o desespero falar por mim.

— Sim — sibilou, parecia estar em êxtase — Ela me faz me esquecer da dor.

Espalmei o peito, pressionando a mão com força na tentativa de arrancar aquela dor que me perfurava cada vez mais fundo.

— Eu também quero.

Capítulo 39



Assim que descobri sobre a minha gravidez eu decidi contar toda a verdade para a minha mãe. Ela tinha o direito de saber, ainda que eu não fosse levar o seu julgamento a sério. Quando tomei coragem e falei para ela, a sua reação, entretanto, me surpreendeu.

— Ele está mesmo na reabilitação? — perguntou esperançosa, roçando os nós dos dedos levemente tortos no lábio inferior.

— Sim, mãe. Ele se internou faz quatro semanas — disse aquela informação pela segunda vez.

Ela assentiu pensativa, com o seu olhar negro distante.

— Bom. Muito bom...

— É? — indaguei pasma.

— É, Nora. Ele buscou por ajuda. Ele quis mudar. — Voltou seus olhos de jabuticaba cintilando em lágrimas contidas para mim — Seu pai sequer pensou nisso... Nunca quis parar com as drogas.

— Sinto muito, mãe — sussurrei com a voz embargada — Agora posso imaginar o quanto isso deve ter te machucado. — Levei a palma da mão até o vale entre os meus seios inchados, pressionando o ponto acima do coração.

Seria doloroso ter de esperar todos aqueles meses de internação sem poder ter contato algum com Átila. Eu não tinha o costume de orar, mas estive fazendo isso todas as noites antes de dormir.

Eu pedia para que Átila encontrasse a força de vontade necessária para responder bem ao tratamento. Pedia para que ele não sofresse tanto quanto sofreu em casa. Implorava aos seres celestiais para que o protegesse e o livrasse de todas as tentações e recaídas. Suplicava por seus pensamentos, que ele continuasse me amando e que amasse o nosso bebê.

Mas, principalmente, que Átila voltasse um homem inteiro para mim, para que eu pudesse, enfim, amá-lo sem ressalvas.

Átila estava internado em um instituto em São Paulo, um lugar maravilhoso o qual eu pude estudar o site e conhecer melhor os seus métodos de tratamento. Fiquei impressionada com a beleza do local, parecia mais um recanto em meio à natureza em vez de um estabelecimento que tratava dependentes químicos.

Lá ele não tinha acesso à celular ou internet, seus únicos meios de comunicação com a família eram por meio de ligações semanais e uma visita mensal. Hoje completava um mês de sua internação e Rick acabara de voltar de viagem. Além dos pais de Átila, o Rick fazia parte da lista dos visitantes autorizados. E era através dele que eu conseguia as notícias e acompanhava melhor o progresso.

Eu estava indo até a casa dele naquele momento, o coração batia apertadinho com a expectativa de boas novas misturado pelo medo de receber más notícias.

Mal consegui suportar a angústia que o afligiu durante as duas primeiras semanas, a abstinência foi tão dura com seu organismo que ele chegou a ter convulsões.

Eu agradeci aos deuses pela ótima equipe médica que monitorava cada etapa do tratamento. Cuidavam não só do seu corpo, como também de sua mente por acompanhamentos psicológicos através de terapias.

Tranquilizava-me saber que Átila estava em boas mãos, desse modo eu não me preocupava tanto a ponto de passar mal de ansiedade. Meus hormônios estavam à flor da pele, e cada emoção era sentida com maior intensidade. Tudo era motivo para eu chorar, até mesmo comercial de margarina me deixava em prantos.

Agradeci o motorista ao descer do táxi, e caminhei a passos vagarosos até a entrada da casa. Toquei o interfone e não demorou muito para eu ser bem recebida por braços enormes e acolhedores.

Rick me envolveu em um abraço apertado, transmitindo através do contato a sua vulnerabilidade. Ele também precisava do conforto. Também era muito afetado emocionalmente pelas circunstâncias. As vezes tudo o que se era preciso para apaziguar os tormentos era um abraço amigo. Alguém que compartilhava da mesma dor e das mesmas preocupações.

— Como ele estava? — murmurei ao me afastar.

O homem moreno deixou um leve sorriso brotar em seus lábios e, acenando com a cabeça, disse:

— Venha, vamos conversar lá dentro. Também tenho uma coisa para te mostrar.

Assenti, serpenteando os meus braços ao redor da minha cintura e o seguindo até sua casa.

Aquele seria o início de um ritual nosso. Todas as semanas eu retornava lá para conversar e compartilhar expectativas e receios. Minha amizade com Carol foi se fortalecendo enquanto trocávamos figurinhas sobre assuntos de

gravidez e partilhávamos de sonhos e preocupações.

No entanto, o que eu mais ansiava nessas visitas, eram as cartas que Átila enviava através do Rick para mim. Todo fim do mês eu aguardava ansiosa para ler uma e, a durante a gestação, nosso bebê crescia sabendo o quanto seu papai nos amava.

A primeira mensagem era um compêndio de seus pensamentos e relatos do período de abstinência. Foi muito doloroso ler o seu sofrimento expresso em cada palavra, em cada frase desconexa de seus delírios, e em cada poesia, fruto dos breves momentos de lucidez nos quais manifestava a promessa de se tornar um homem melhor.

Reli um pedaço daquela primeira carta, segurando com as mãos trepidantes uma das folhas. Elas já chegaram para mim amassadas, rabiscadas e manchadas por gotas de lágrimas. Mas as lágrimas eram tanto de Átila quanto minhas.

Bela, perdoe esse ser aprisionado em sua própria cela de sofrimento

Perdoe esse homem que

Apesar de amá-la de forma arrebatadora

Ainda precisa aprender a amar a si mesmo

Perdoe meus erros

Minhas falhas

Minha falta de alento

A carência

O sustento da alma

Os cacos de mim que me fazem falta

Desfaço-me aos poucos

Reconstruo-me em dobro

Aprendo o valor

Do que vale o amor

Espere por mim, não desista, não abandone a fé

Eu voltarei um homem novo

Merecedor

Espere por mim, não me abandone

Não me abandone, meu amor

Espere

Por favor

***

Aos poucos eu percebia as mudanças tênues em meu corpo. Os seios pressionavam abundantes contra o tecido do sutiã. E o meu ventre se acentuara, quase imperceptível aos olhos desatentos, mas bastante notável para mim.

Eu tinha uma consulta marcada em menos de trinta minutos e, sendo minha melhor amiga e a madrinha do meu neném, Lari me acompanhava.

Logo descobriríamos o período exato da minha gestação através da *ecografia*.

Estávamos na primeira semana de junho e, pelo desenvolvimento do meu bebê, eu estava com treze semanas de gestação. E, após cada consulta, eu respirava aliviada ao saber que não havia nada de errado com ele.

— Para onde? — O taxista nos perguntou assim que entramos no carro.

Minha amiga entrelaçou seus dedos nos meus e me lançou um sorriso de orelha a orelha, ainda em êxtase por descobrir a data em que finalmente conheceria seu afilhado ou sua afilhada.

— Vamos para casa — respondi feliz, dizendo em seguida o nosso endereço.

***

A saudade maltratava meu coração sobrecarregado pelos hormônios. Eu só conseguia lidar com toda aquela angústia ao mergulhar de cabeça nos livros. Navegando pelo mar de histórias que lia por dia, eu mantinha a minha mente distraída. Flutuava entre o suspense e fantasia, desbravava distopias futurísticas e me encantava por romances históricos. Apaixonava-me por romances contemporâneos e perdia o fôlego com as cenas eróticas.

Eu lia de tudo!

E, pesquisando por acaso na internet, descobri um site onde se podia ler livros disponibilizados gratuitamente pelos autores.

E foi assim que eu caí de amores por uma história. Os meus olhos, já cansados por eu ter virado a madrugada lendo, não conseguiam se desprender das páginas. Nem mesmo quando estavam turvos pelas tantas lágrimas que as inundavam.

— Nora do céu! O que foi, amiga? Está passando mal? É o bebê?

Lari correu até mim assim que me viu atravessar a sua porta em meio à

soluços histéricos.

Eu balancei a cabeça e tentei falar, mas o choro não deixava.

Levantei o celular na altura dos seus olhos e o balancei de forma dramática no ar.

— É a história... — arfei alto — estou chorando por causa do livro.

— Minha nossa senhora! Então pare de ler isso, está quase se desfalecendo toda, Nora!

Ela tentou tirar o aparelho de minhas mãos, mas eu recolhi o braço e apertei contra o peito de forma protetora.

— Você — outro soluço escapou pelos meus lábios — Você não entende! Esse livro é bom demais, Lari! — Inspirei fundo e tomei fôlego — Pelos deuses, eu *tô* passando mal de tão bom que é!

— Sua louca! — estalou a língua e tocou no meu braço, fazendo-me mostrar a tela do celular para ela ler o título — "A linguagem do amor" — pronunciou pausadamente.

— Você tem que ler, amiga. Baixe agora o aplicativo do site no seu celular e leia! Vai! Preciso conversar com alguém sobre esse livro ou então vou passar mal.

— Nora...

— Tem certeza de que vai negar algo à uma mulher grávida? — A interrompi, levantando uma sobrancelha em desafio — Terá de sofrer as consequências.

— Deus me livre, Nora! — Juntou os dedos e sinal da cruz e revirou os olhos — *Tá* bom, eu vou ler.

No dia seguinte Lari entrou no meu quarto de supetão, com lágrimas

deslizando pelo rosto e um sorriso aguado nos lábios.

— Você estava certa, amiga. Foi tão bom que passei mal!

— Isso se chama ressaca literária, amiga. Junte-se a mim e me abrace.

***

Estávamos em meados de julho, e aquele dia era o *mêsaniversário* de Victoria.

Minha felicidade era quase palpável. Eu tinha em meus braços os quase quatro quilos de fofura e gostosura que eu chamava de Vick. Mas a verdadeira razão do meu sorriso era a carta bem guardadinha na minha bolsa, só esperando o momento oportuno para eu a ler.

Aquela era a quarta mensagem recebida, o que significava que Átila estava internado há quatro meses.

O que também figurava a imensa falta que ele nos fazia.

Nosso filho, sim era um menino, chutava ansioso toda vez que eu pensava em seu pai. Ele sabia o quanto nós o amávamos e aguardávamos pelo seu retorno.

Devolvi a bebê para a sua mãe, beijando brevemente a sua cabecinha coberta de pelugem negra.

— Se precisarem de ajuda com a Victoria é só me chamar, ok? — disse sincera, tocando distraída o meu ventre proeminente — Preciso treinar antes do meu filhote chegar.

— Ah, Nora! — suspirou num misto de alegria e cansaço — Obrigada, minha linda. Mas você tem suas próprias preocupações, não pediria tanto de você — Balançou a cabeça de leve.

— Imagina, Carol. Seria um prazer, você sabe disso — Aproximei

nossos rostos por cima do corpinho adormecido da neném e beijei sua bochecha — Não deixe de me ligar — sussurrei para não acordar a Vick e fui embora para casa.

A primeira coisa que fiz ao deitar na minha cama e pôr os pés inchados para o alto foi ler a mensagem saudosa do Átila.

Eu tive um sonho bom

Deleitava-me com risos de criança

E toda a minha escuridão se desvanecia

Quando ouvia aquela melodia

Meu amor, meu refúgio

Minha cura para tudo

Quanta nostalgia eu sinto

A cada dia persisto

Existo

Morro de saudades

Vivo em miríades

As batidas ritmadas

Já não rasgam, elas anseiam

Pulsam desejos

Nossa! E como eu desejo

Voltar

Só para ti

Não fujas enquanto eu estiver aqui

Eu amo você e nosso pequeno Davi

— Davi? Mas como ele soube que era um... — tapei a boca com a mão, abafando um riso engasgado. Ele sonhou com nosso filho! Ele sonhou com o pequeno Davi.

***

As duas semanas que seguiram foram corridas, eu tinha várias consultas para ir. A minhas e as da minha mãe. Quando possível, aproveitávamos para marcar tudo no mesmo dia, assim íamos juntas.

Tínhamos acabado de voltar do hospital, minhas pernas latejavam e eu não via a hora de tomar um banho frio e me deitar. E foi exatamente o que eu fiz assim que chegamos em casa.

Nico, que tinha acabado de voltar da escola, estava fazendo massagem nos meus pés. Ele era todo carinhoso comigo, beijava minha barriga e cochichava com o sobrinho dizendo que estava cuidando bem de mim. Eu não conseguia conter as lágrimas de emoção.

Era tão bom me sentir querida e amada. Era melhor ainda saber que meu irmãozinho já amava aquele ser dentro de mim.

Suspirei em alívio e me aconcheguei ainda mais contra os travesseiros, deixando o torpor envolver minha consciência e me levar para o primeiro estágio do sono.

— Nora! — fui acordava por Nico, que me cutucava de leve no braço.

— O que foi, meu amor? — Forcei os olhos a se abrirem, encontrando um sorriso travesso no rosto do menino.

— Chegou uma carta para você! — Ele estava agitado, as perninhas balançando contra o chão enquanto me entregava um envelope branco — Abre logo, vai!

Lancei um olhar desconfiado para Nico, e então voltei minha atenção para o objeto em minhas mãos.

Com o coração acelerando esperançoso no peito eu o abri, encontrando uma folha dobrada ao meio.

Reconhecendo a letra rebuscada de Átila, mal contive um grito de puro arrebatamento e senti, no mesmo instante, o Davi se remexendo em minha barriga.

Se ainda quiser, bela

Receba-me nu

De tudo o que já me comprometeu

Estou livre, finalmente

Completamente seu

Se ainda quiser, meu amor

Receba-me despido

De todo o medo

De todo o dissabor

Caminhe comigo

Ao futuro ainda incerto

Mas avassalador

Promissor

Se ainda me quiser, Nora

Abra a porta

Receba-me

Por inteiro

Agora amo sem medo

Sem ressalvas

Sem amarras

Se ainda me quiser, Nora

Abra a porta

Não dei tempo para as minhas pernas se firmarem ao chão, corri cambaleante até a sala.

Com o coração cantando e a alma vibrando, abri a porta.

E lá estava ele. E aqui estava eu.

Nossos olhos se encontraram e eu mergulhei em sua lagoa cristalina, banhando-me na ternura que a inundava.

Em suas mãos trêmulas ele trazia um lindo buquê de rosas vermelhas, a minha flor favorita.

Em seus lábios bem desenhados brotava um sorriso calmo, sereno.

Seus cabelos dourados estavam ainda mais longos do que me lembrava. Não me contive por mais tempo, e deslizei meus dedos ávidos pelos fios lustrosos.

Soltamos um suspiro ao mesmo tempo e, como um ímã sendo atraído pelo metal, nossas bocas se uniram em um beijo suave.

— Eu te amo tanto — sussurrou, seu hálito quente acalentando minha pele carente por seu contato.

— Eu te amo, muito. Muito. Muito — devolvi com igual intensidade. Regendo o ritmo de nossas línguas e dos lábios, eu o beijei com mais desespero.

Estava faminta por seu gosto. Voraz, eu me nutria com cada toque, cada sabor, cada respiração contra o meu rosto, cada som proferido de sua garganta. Cada pedacinho do Átila.

Eu estava com saudades demais!

Enroscando os braços em sua nuca eu o puxei para um abraço urgente. As flores foram esquecidas pelo caminho, sendo esmagadas por nossos corpos nostálgicos.

— Você ainda me quer? Mesmo depois de tudo pelo que a fiz passar? — perguntou baixinho. Sua voz grave soando vulnerável aos meus ouvidos.

— Sim, meu amor. É claro que sim... — murmurei de volta, assentindo em meio aos beijos desferidos por toda a extensão de seu rosto lindo e anguloso.

Ele colocou distância entre nossas bocas e prendeu o meu olhar no seu.

— Eu sempre serei dependente químico, Nora. Todo dia será uma luta constante, o vício é para sempre — soltou um suspiro trêmulo e fechou as pálpebras, encostando a sua testa na minha — Mas agora eu aprendi a lidar com o desejo, aprendi a lidar com a tentação. Aprendi que posso sim ter controle das minhas ações. E eu prometo, Nora, prometo estar sempre pronto para o combate. Nãoserá fácil, mas, se ainda quiser ficar ao meu lado,

podemos lutar juntos.

Nosso Davi chutou forte, respondendo por mim.

Peguei as suas mãos nas minhas e as deslizei pelo meu ventre.

— Ficaremos ao seu lado e, juntos, conquistaremos o mundo.

Capítulo 40



— Amor, fique aqui. Eu espero na fila por você e, quando estiver chegando a vez, te ligo. — Átila me acomodou com todo o cuidado do mundo na cadeira. Estávamos em frente à uma lanchonete disponibilizada em um dos pavilhões que constituíam a Bienal do Livro.

Tentei não rir com a sua constante vigília. Ele achava que, por eu estar grávida, poderia me quebrar facilmente. Mas eu não era feita de porcelana. Eu podia muito bem andar e esperar na fila. Não reclamaria de toda aquela atenção carinhosa, porém.

Era a sessão de autógrafos do lançamento do livro da autora Rebecca Moraes, ela havia escrito o livro que me fez cair de amores e me interessar mais pela literatura nacional.

E é lógico que eu não perderia a oportunidade de ter o livro físico e autografado de "A linguagem do amor" na minha estante!

Átila alisou minha barriga protuberante escondida por baixo do vestido largo, e beijou o topo da minha cabeça antes de se afastar para me olhar sério.

— *Tá* bom! Eu espero aqui, vou aproveitar e comer alguma coisa. Davi já está com fome — Espalmei o ventre, sentindo nosso filho se movimentar

agitado dentro de mim.

Ele abriu um sorriso novo, o qual eu estava me acostumando a ver. Era despreocupado e tranquilo, refletindo o seu estado de espírito.

— Só o Davi que está com fome, *né*? — brincou, agachando-se rapidamente para depositar um beijo na minha barriga — Liga para mim se acontecer alguma coisa, ou se precisar de algo...

— Átila! Pelo amor dos deuses, vá logo antes que a fila fique imensa! Estou bem, amor.

Suspirou, encolhendo os ombros e, com um último olhar demorado sobre mim, virou-se em direção ao local onde estava acontecendo o evento.

O assisti caminhando com uma altivez elegante. Ele carregava toda aquela altura e peso em músculos com uma leveza impressionante para um homem enorme como ele.

Átila era um espécime lindo em extinção, e ele era *todinho* meu.

Suspirei apaixonada, apoiando o queixo na mão enquanto o observava se embrenhando na multidão de leitores e pessoas do meio literário.

Eu estava rodeada pelas coisas que eu mais amava no mundo: Átila, nosso filho, e os livros. Não poderia conter o sorriso de contentamento estampado na minha cara nem se eu quisesse.

Despertei-me da letargia quando senti o bebê guloso se remexer em minhas entranhas, pedindo para ser alimentado.

— Calma, Davi — sussurrei, esfregando o ponto dolorido nas costelas onde ele havia me chutado — Mamãe já vai cuidar da nossa fome.

Eu já estava na minha segunda fatia de pizza quando o celular começou a vibrar e tocar.

— Bela, pode vir. Já estou pertinho da Rebecca — disse ele assim que atendi a sua chamada.

— Ai meus deuses! *Tô* indo! — Sequei rapidamente as mãos gordurosas nos guardanapos. Então peguei a minha bolsa e abracei o livro antes de praticamente correr em direção à fila.

Enxergando ao longe a cabeleira linda do Átila se sobressaindo no meio das pessoas, eu rumei em sua direção com o coração dando piruetas de alegria no peito.

Éramos os próximos e, tão logo a Rebecca pousou os olhos verdes no meu Átila, suas feições se abriram em surpresa. Piscando algumas vezes como se estivesse se permitindo acreditar no que via.

Eu a entendia. Átila também me impressionara na primeira vez que o vi.

Pus-me ao lado dele, ainda segurando o livro de encontro ao seio. Lancei um sorriso ansioso, sentindo-me subitamente apreensiva por estar de frente à mulher que eu admirava como escritora. Mas, quando Rebecca sorriu de volta, a minha estúpida timidez se dissipou dando lugar à euforia.

— Becca, estou tão feliz em conhecer você! — disse finalmente, com o coração saltando e sapateando dentro do peito. Aproximei-me dela, um sorriso deslumbrado rasgando ainda mais meus lábios — Te acompanho desde o Watppad... li seu livro em um único dia e, pelos deuses, eu amei!

Suas íris cintilaram ao ouvir minhas palavras e constatei pasma o quanto ela era humilde. Como se ainda não acreditasse no sucesso que fazia.

— Sério?! — perguntou surpresa, alargando o sorriso aberto e expondo ainda mais os dentes perolados.

— É sério! — retruquei, animada e nas nuvens por estar conversando com a minha autora favorita.

— Nossa... eu queria conseguir exprimir o quanto isso me deixa feliz, mas acho que dá para notar na minha cara, né? — disse ela, gesticulando com sutileza para o seu rosto bonito.

Rimos com a sua brincadeira e troquei um olhar feliz com o Átila, ele sabia o quanto aquele encontro seria inesquecível para mim. Eu havia contado para ele tudo sobre os meses que passamos longe um do outro. Dentre esses relatos o que mais me marcou, além das cartas e das pequenas descobertas sobre o desenvolvimento do nosso Davi, foi a linda história que li à sua espera.

Um pigarro se fez ouvir e logo a Rebecca pegou o livro das minhas mãos, abrindo-o sobre a mesa e pousando a caneta acima da folha de rosto.

— Eu assino no nome dos dois? — levantou rapidamente os olhos para nós ao perguntar.

— Isso! — Átila respondeu por mim, parecia tão entusiasmado quanto eu — Nora e Átila, por favor.

— Certo.

Rebecca assinou agilmente e, ao tentar me devolver o livro, eu fiquei com pena de já ter que ir embora. Por isso, em um ímpeto de emoção, contornei a mesa e a puxei para um abraço apertado. Ela retribuiu o abraço e, sentindo o volume da minha barriga pressionando o seu corpo, sorriu docemente ao se afastar.

Átila se pôs ao seu outro lado e então posamos para o fotógrafo do estande.

Abraçada ao meu amor, saí dali com um sorriso bobo tatuado no rosto. E, ao olhar para trás pela última vez antes de ir embora, vi uma cena que me arrancou um riso alto.

Rebecca olhou para cima, para o homem usando um chapéu preto e, o fogo que reluzia em seu olhar era de reconhecimento, era de amor. E eu soube quem era. Era o Adônis.

Ela se levantou num impulso e então os dois já estavam entregues ao beijo.

Voltei minha atenção para o homem ao meu lado, aquele o qual minha alma reconheceria aonde quer que eu fosse, o qual eu encontraria e amaria em todas as outras vidas ainda não vividas.

E, sem pensar duas vezes, coloquei-me na ponta dos pés e o beijei com todo o amor que tinha dentro de mim.

***

— O que é isso? — perguntei, curiosa. Tentando bisbilhotar o que ele tentava esconder de mim.

Átila havia me deixado no nosso ponto de encontro alguns minutos antes, e agora ele reapareceu com uma sacola enorme em mãos e um sorriso cheio de malícia nos lábios.

— Livros, meu amor — respondeu arteiro.

— São meus? Deixa eu ver! — Estiquei as mãos, e por pouco peguei a bolsa de compras de suas garras, mas ele a afastou.

— Calma, bela. Eu preciso que você saiba de uma coisa antes... murmurou, parecendo apreensivo.

— O quê? — Levantei uma sobrancelha, achando o seu comportamento um tanto estranho.

— Cada livro, cada título, tem sua importância — soltou um suspiro trêmulo — Eu vou mostrar um a um, e você terá de ler em voz alta. Tudo bem?

Assenti, sentindo a ansiedade exalar de meus poros.

Ele se pôs bem à minha frente e, com os lábios comprimidos, entregou o primeiro livro. Era um que eu já conhecia e tinha lido.

— Como eu era antes de você — li o título da forma como ele pediu, pronunciando cada palavra. Então ele apontou para o próprio peito, e eu entendi. Os títulos contariam uma história.

Retirou logo em seguida o segundo livro da sacola.

— Um caso perdido — falei em alto e bom tom, contendo um sorriso ao ver a expressão forçada de tristeza nas faces de Átila. Ele estava interpretando, abaixando os ombros e balançando cabeça de forma desolada.

— Isto acaba aqui — pronunciei o terceiro título. Era da mesma autora que o anterior, minha diva Colleen Hoover.

Fez um gesto com a mão ao interpretar aquela frase, como se estivesse decidido.

— O lado feio da amor — socou o peito com as minhas palavras, fazendo uma careta de pesar.

— Nunca Jamais — negou firmemente com a cabeça.

Eu estava adorando aquilo, Átila brincava com os livros. Ele me dizia o que sentia através dos títulos, montando frases com eles.

— Encontrada — Tão logo eu falei o nome do livro nacional, ele me lançou um olhar penetrante.

Precisei engolir em seco para continuar, sentindo-me inesperadamente nervosa.

— A garota perfeita — Abriu um lindo sorriso, encantando-me com o amor transbordando nele.

— Talvez um dia... — continuei hesitante, o coração escolhendo aquele segundo para batucar loucamente dentro de mim. Tão alto que pensei se não seria impossível de Átila ouvir.

— Para sempre minha? — O título não era uma pergunta. Mas eu falei daquele modo ao ver a expressão de dúvida em seu rosto. Com as sobrancelhas elevadas em uma questão esperançosa, ele se pôs de joelhos revelando uma caixinha de veludo preto de dentro do seu bolso.

Espalmei o peito, deixando as lágrimas de felicidade salpicarem meu rosto corado e controlando um grito de euforia que tentava escapulir da minha boca.

— Meu amor, não sou o homem perfeito, e estou longe de ser um príncipe encantado. Eu sou um homem real, assim como o meu sentimento por você. E, se me der uma chance, prometo te amar com todo o meu ser. Prometo... — engoliu as lágrimas de emoção e voltou a falar — Prometo te amar de um jeito que nem os melhores livros de romance conseguiriam traduzir, porque a intensidade do que eu sinto não pode ser medida por palavras. Prometo estimar cada momento ao seu lado, cada segundo, cada palavra e cada olhar.

Eu já não conseguia respirar de tanto que chorava e, por mais que eu já estivesse assentindo copiosamente, Átila continuava falando.

Ai, homem, é lógico que eu aceitava!

Então, enfim, ele concluiu da melhor maneira possível.

— Nora, mãe do meu filho, mulher da minha vida. Aceita ser o meu final feliz?

Pulei em cima dele, agarrando-me ao seu pescoço e devorando a sua boca em um beijo molhado e cheio de dentes. Eu não conseguia parar de

sorrir.

— Pelos deuses, Átila, é claro que aceito!

Epílogo



Dois anos depois.

Eu estava atrasadíssima, mas era humanamente impossível ir embora com o Davi entoando risos pela casa inteira e chamando pela “mama” dele.

Aquele meu filho era irresistível demais!

Afundei o rosto em seu cangote, sorvendo o seu cheiro delicioso que me dava vontade de mordiscar ele todo. Beijei seu rostinho que era a cópia fiel do pai, e o entreguei aos braços fortes e acolhedores de Átila.

— Vai com papai, filho. Mamãe tem que ir para faculdade.

Átila o pegou no colo com um cuidado paternal tão lindo de se ver. Chegava a ser emocionante aquele homem enorme e bruto segurando um bebê com tanta delicadeza e esmero.

Os dois eram um contraste perfeito. Eram as peças que me completavam. Que me faziam absoluta. Inteiramente afortunada. Realizada.

Davi soltou um gritinho estridente emendado por um riso tão logo meu

marido assoprou cócegas em sua barriga.

Quando nosso filho parecia ofegante demais, Átila parou de atiçá-lo e voltou sua atenção para mim. Lançando-me um sorriso doce e descontraído.

— Não quer mesmo que eu te busque depois da aula? — perguntou, aproximando-se e me beijando suavemente nos lábios.

Davi se revirou em seus braços, esticando os bracinhos para eu pegá-lo de volta em meu colo. Mas eu não podia, se eu fizesse aquilo não sairia dali tão cedo. Era de cortar o meu coração ter de deixá-lo por horas a fim de terminar meus estudos. Minhas prioridades mudaram um pouco depois de tê-lo. Eu ainda almejava me formar em medicina, mas o meu filho sempre viria em primeiro lugar.

No entanto, Átila me dava todo o apoio que uma mãe e esposa poderiam sonhar em ter. Agora ele trabalhava mais em casa, cuidando do nosso filho enquanto eu estava fora. Ele agora focava somente na parte burocrática dos negócios, a qual podia tranquilamente gerenciar de qualquer lugar através do seu computador. E, quando precisávamos de uma ajuda extra, contratávamos uma babá da empresa que Rick e Carol nos indicaram.

Retornando o sorriso e depositando outro beijo em sua boca eu neguei.

— Não precisa, amor. Vou sair tarde, é melhor eu ir direto para a festinha da Victoria. A gente se encontra lá.

— *Tá* bom, mas me ligue se mudar de ideia — Mergulhou o rosto em meu pescoço, depositando beijos quentes e úmidos.

Mas, assim que Davi se agitou entre a gente, nos afastamos.

— Deixe eu terminar de me arrumar, te amo! — disse, correndo até o fim do corredor e subindo as escadas até o nosso quarto.

Tínhamos nos mudado logo após nos casarmos. Eu não via a necessidade de morarmos tão isolados naquela ilha, e em uma mansão que era grande demais para nós dois e o nosso pequeno. Vivíamos em um condomínio em Angra dos Reis, a trinta minutos da casa da minha mãe.

Átila ofereceu uma residência melhor e mais próxima da gente para ela, mas dona Leide foi teimosa e não quis sair da casa onde estava acostumada a viver. Meu marido então pagou por uma obra, aprimorando a construção a fim de deixá-la mais segura. Ele sabia o quanto eu me preocupava com minha família debaixo das antigas telhas nos dias de chuva.

Adentrei nossa suíte, admirando como sempre a grande janela vítrea de correr que ia de uma ponta à outra da parede e subia do chão ao teto. As cortinas estavam abertas e pude contemplar o sol que despontava ao horizonte. Seus raios fúlgidos flamejavam tremeluzentes no oceano e marcavam o início de um novo dia.

E, assim como anunciado nos nossos votos de casamento, eu apreciei mais um dia de nossa vitória. Valorizava cada minuto ao seu lado, cada conquista, mas, principalmente, estimava a sua força e determinação em continuar livre. Átila continuava limpo e não teve nenhuma recaída desde que voltou da reabilitação.

No entanto, as coisas nem sempre eram fáceis. A dependência química não era algo que deixava de existir, ele tinha que trabalhar diariamente a sua força de vontade e controle. Ele até sacrificou as suas bebidas, algo que era primordial em seu negócio. Hoje em dia ele raramente bebia, somente em ocasiões especiais, e nunca ultrapassando o seu limite de dois copos.

Meu marido também ia semanalmente ao terapeuta e, quando precisava colocar algo para fora, usava um caderno pessoal. Traduzia os seus sentimentos, tanto os bons quanto os ruins, através de versos.

Terminei de calçar os sapatos e pesquei a minha bolsa do mancebo cabideiro branco.

Porém, antes de sair apressada pela porta, parei ao lado do criado mudo. Dedilhei despreocupada a capa de couro marrom do caderno que ali jazia, e então o abri na primeira página.

Ali, em letras meticulosamente desenhadas, se encontrava a primeira de muitas outras mensagens de amor. Aquele caderno era dedicado somente para mim e Davi, e transbordava os lindos sentimentos que abarcavam o coração do meu marido.

Aquele poema ele havia escrito no dia do nosso casamento.

Algo exclusivo para os meus olhos apenas. Suas palavras em reais demais, íntimas e vulneráveis.

Eram perfeitas, eram tão nós dois.

Suspirei a cada verso e, quando sussurrei a última frase, eu finalmente me sentia pronta para começar o dia bem. Livre de qualquer manta de dúvida e receio que me cobria.

Nosso reencontro

O que era distante agora tão perto

Calma a alma que antes perdia semblante

Além da fronte por onde passa certo

Nosso amor que despertou num instante

E sei que não mais perjuro e juro

Frases tão belas de amores eternos

Agora consistem palavras puras

Balbuciadas em sonoros ternos

Diante da chama que nos inunda

Tanta clareza pureza profunda

Noutrora noturna lascívia imunda

Solfejo sonetos desse encanto

Rimas sopranas de alegria e pranto

Na nova fase desse amor sem manto

Agradecimentos

Antes de qualquer coisa eu agradeço à Deus por toda benção, pelos sussurros de inspiração sopradas em meus ouvidos, pelas oportunidades que colocou em meu caminho e pelas pessoas maravilhosas que me apresentou nessa jornada.

Este livro, assim como tantos outros, foi pensado e euforicamente planejado a partir de uma das inúmeras conversas que tive com minha querida amiga Lola Salgado. E devo o meu primeiro muito obrigada à ela.

Lola, minha amiga gêmea linda, eu te amo! Obrigada pela linda amizade, por sempre estar ao meu lado nas minhas melhores inspirações, obrigada por ouvir minhas loucuras e por compartilhar dos meus sonhos. Obrigada por cada palavra de carinho, por cada brincadeira, cada riso partilhado, cada puxão de orelha quando merecido. OBRIGADA POR EXISTIR! Meus dias de trabalho são melhores com você. Obrigada pelas contagens de palavras dos capítulos, por todo incentivo e motivação. Enfim, agradeço muito à Deus por ter me apresentado uma pessoa tão maravilhosa.

Obrigada à minha querida amiga Cristiane Castro, nossa amizade começou primeiramente por compartilhamos da paixão pela dança e, quando descobrimos sobre o comum amor por livros, viramos unha e carne! Muito obrigada pelo infinito apoio e carinho. Obrigada por ser essa beta maravilhosa! Obrigada pelas trocas de palavras de incentivo e por entender minhas loucuras. Agradeço pela amizade linda! Muito, mas muito, obrigada por me aturar!

Jéssica Miguel, obrigada pela parceria maravilhosa! Obrigada pelas mensagens engraçadas com a voz risonha de Malu ao fundo. Obrigada por

trocar ideias comigo e por sempre me dar apoio quando mais preciso. Obrigada pelas lindas resenhas e pelas fotos *baphonicas*! Agradeço muito pela amizade e por todo o carinho!

Gilvana Rocha, muito obrigada por ser essa parceira tão querida! Só tenho a agradecer por todo cuidado e carinho! Obrigada por acreditar em mim e no meu trabalho. Obrigada pelas resenhas e por todo o apoio! Obrigada por cada comentário de incentivo nos capítulos! Enfim, muito obrigada por tudo!

Às Belas da Ruby, muito obrigada por participarem do grupo de leitores! Obrigada pelas conversas, por cada palavra de carinho, por estarem sempre dispostas e animadas! Vocês alegram os meus dias! Obrigada por serem essas leitoras tão queridas!

Aos meus leitores, nada disso teria sentido sem vocês! Obrigada por acompanharem meu trabalho e por acreditarem em mim! Amo muito vocês!

Ao meu marido, Taffarel, obrigada por me dar todo o apoio e suporte para eu seguir com os meus sonhos! Mas, principalmente, agradeço por todo o amor! Obrigada por sempre acreditar em mim e por nunca me deixar desistir.

Agradeço aos meus parceiros, amigos e à minha família por fazerem parte dessa minha trajetória.

Obrigada a todos!

De coração!

Sobre a autora

RUBY LACE é o pseudônimo de uma autora carioca de 27 anos. Sonhadora e romântica assumida, Ruby tem como seu único vício a leitura e, sua grande paixão, a escrita.

Ama ler e escrever histórias que fazem seu coração disparar, romances que mexem com seus sentimentos de diversas maneiras e de finais felizes.

Como toda boa carioca, gosta dos dias ensolarados, das belezas praianas e de usar havaianas.

Acompanhe o trabalho da autora pelo **Facebook** (https://www.facebook.com/AutoraRubyLace/), ou **Wattpad** (https://www.wattpad.com/user/RubyLace1).

Gostou? Deixe uma avaliação, ela é muito importante para mim!

---

[1] Palavrão da língua inglesa. Referente ao nosso "Maldição!"

[2] Expressão idiomática Irlandesa. Termo usado quando algo é bom.

[3] Palavrão da língua inglesa. Comparado ao nosso "Cacete!"

[4] Um dos primeiros passos da produção da cerveja onde há a mistura da água e do malte, filtração e fervura do “mosto” e adição do “lúpulo”.